

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DAIANA PEREIRA NETO

VIAGENS LITERÁRIAS DE UM FRANCO-ARGENTINO: PAUL GROUSSAC
ENTRE A AMÉRICA E A EUROPA (1866-1922)

JUIZ DE FORA

2019

DAIANA PEREIRA NETO

**VIAGENS LITERÁRIAS DE UM FRANCO-ARGENTINO: PAUL GROUSSAC
ENTRE A AMÉRICA E A EUROPA (1866-1922)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, na área de concentração Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de DOUTORA EM HISTÓRIA.

Orientadora: Prof.^a Dra. Beatriz Helena Domingues

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Neto, Daiana Pereira.

Viagens literárias de um franco-argentino : Paul Groussac entre a América e a Europa (1866-1922) / Daiana Pereira Neto. -- 2019.
251 f. : il.

Orientadora: Beatriz Helena Domingues

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Paul Groussac. 2. literatura de viagem. 3. América Latina . 4. Argentina. 5. Estados Unidos . I. Domingues, Beatriz Helena , orient.
II. Título.

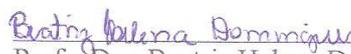
DAIANA PEREIRA NETO

**VIAGENS LITERÁRIAS DE UM FRANCO-ARGENTINO: PAUL GROUSSAC
ENTRE A AMÉRICA E A EUROPA (1866-1922)**

TESE apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial para obtenção do título de
DOUTORA EM HISTÓRIA.

Juiz de Fora, 28/06/2019.

Banca Examinadora



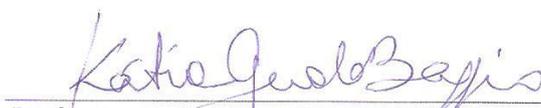
Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues- Orientadora



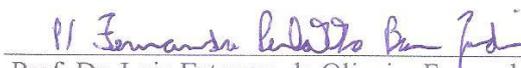
Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim (UFJF)



Profa. Dra. Silvana Liliana Carrizo (UFJF)



Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio (UEMG)



Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (UFOP)



Profa. Dra. Beatriz de Moraes Vieira (UERJ)

Para Antonio, Cleuza e Priscila, por todo amor.

AGRADECIMENTOS

Para a concretização deste trabalho, algumas pessoas foram fundamentais. É chegada a hora de agradecer-lhes.

Agradeço, primeiramente a Deus, fonte de inspiração.

A meu pai, Antonio, que, infelizmente, não pôde ver a concretização de mais este passo de minha vida profissional. Pai maravilhoso que esteve comigo em todos os meus primeiros dias de aula na universidade e no dia da prova de seleção para o doutorado. Foi uma alegria poder lhe dar esse orgulho. Foi um privilégio ter você como pai, nada seria possível sem seu apoio e amor.

À minha mãe, Cleuza, mulher forte e guerreira, exemplo de esforço e dedicação. Sem você, mãe, nada seria possível. Você é minha força para continuar, foi quem nos sustentou e amparou nesses últimos anos tão difíceis. Sem você, hoje eu não estaria aqui. Eu amo você de todo o meu coração.

À minha irmã, Priscila, a melhor amiga que tive a sorte de ganhar assim que nasci. Obrigada por ser minha força, por me abraçar nos nossos piores momentos, por não desistir de mim. Sem seu amor, nada seria possível. Em 2014, eu estava me sentindo muito desmotivada. Diante de minha dúvida, minha irmã me disse: “para conseguir o seu objetivo, é preciso cursar o doutorado, pare de enrolar! Vá fazer seu doutorado!”. Você, Priscila, não tem a ideia de sua importância em todas as minhas realizações. Obrigada por tudo, eu amo você.

À minha orientadora, Beatriz Helena Domingues, com quem eu tive a sorte de encontrar logo no quarto período do curso de História. Algum tempo depois tive a oportunidade de me tornar sua aluna de iniciação científica. Bia, você foi fundamental. Obrigada por sempre ouvir minhas ideias e apoiar meus temas de pesquisa, por me receber com carinho e amizade, por ser minha guru e amiga. Você é uma fonte de inspiração, um exemplo de educadora por quem tenho muita admiração. Obrigada por tudo. Sem você, minha caminhada na vida acadêmica não seria tão prazerosa.

Aos membros da minha banca de qualificação, prof.^a Dr.^a Maria Fernanda Vieira Martins, Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim, Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira

Fernandes, Prof. Dr. Peter Blasenheim, agradeço por todos os conselhos preciosos que busquei incorporar ao máximo no texto final.

Aos membros de minha banca: prof.^a Dr.^a Kátia Gerab Baggio, prof.^a Dr.^a Beatriz de Moraes Vieira, prof.^a Dr.^a Silvina Liliana Carrizo, prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim e prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, por aceitarem gentilmente participar de minha banca de defesa, oferecendo contribuições valiosas.

Bia foi também a responsável por juntar um grupo de amigos muito especiais. Agradeço aos ibéricos: Pedro Henrique Leite, Mariane Ambrósio, Daniel Eveling e Amanda Assis, que tornaram a caminhada mais fácil. Obrigada por estarem ao meu lado, por me apoiarem em meus momentos difíceis e pelas risadas em nossos encontros. Ao Pedro agradeço, especialmente, por toda ajuda técnica nesses últimos quatro anos, por encontrar livros de que eu precisava e por compreender minhas angústias, já que foi meu companheiro de turma nesses quatro anos.

À minha amiga, Juliana Lima, por estar ao meu lado, por todo o carinho de sempre. Você foi e é fundamental, Juju. Obrigada por tudo!

À minha família, por todo o carinho, por me apoiar nesta caminhada, muito obrigada.

A Alice, Yasmin e Júlia, que, em sua inocência de crianças, alegraram os meus dias, mesmo os mais difíceis.

A Cléo, meu presente.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, agradeço por todo o apoio. Especialmente às professoras Maria Fernanda Vieira Martins e Fernanda Thomaz, que ministraram disciplinas maravilhosas logo no início do curso de doutorado.

Agradeço à Adriana De Muro, responsável pelo arquivo histórico do Museo Histórico Sarmiento em Buenos Aires, por ter me recebido logo no início desta pesquisa com tanta amabilidade e cortesia.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pela concessão de uma bolsa de estudos, sem a qual tal pesquisa teria sido muito mais difícil.

- Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. E, escuto por intermédio de sua voz, as razões invisíveis pelas quais existiam as cidades e talvez pelas quais, após a morte, voltarão a existir.

Italo Calvino (As cidades invisíveis)

RESUMO

Esta tese tem como objetivo central analisar os relatos de viagem produzidos pelo autor franco-argentino Paul Groussac acerca de suas passagens pela América Latina e Estados Unidos, lado a lado com suas impressões sobre a Europa, principalmente de sua terra natal, a fim de compreender como tais experiências o influenciaram em sua produção literária, exprimindo-se em suas novelas e peças teatrais. O autor foi uma das principais personalidades do meio intelectual argentino no final do século XIX e início do XX, no qual atuou como periodista, professor e diretor da Biblioteca Nacional, de 1885 até sua morte em 1929. Groussac chegou à Argentina em 1866, quando completava 18 anos, e nunca deixou definitivamente o país, empreendendo, durante sua vida, algumas viagens de curta duração ao exterior. Sua formação se deu, assim, entre dois universos distintos, a França e a Argentina, o que foi um fator essencial para sua produção literária e para seu posicionamento como intelectual no país adotivo. Para realizar a interpretação proposta, parto de um conjunto variado de textos produzidos pelo autor, destacando os relatos de viagem reunidos em *Del Plata al Niágara* (1897) e em *El Viaje Intelectual* (1904 e 1920), bem como de estudos secundários que explorem relatos de viajantes pelo continente americano durante o século XIX. Este trabalho é, portanto, uma maneira de enriquecer os estudos acerca das interpretações de autores latino-americanos sobre seus países vizinhos.

Palavras-chave: Paul Groussac; Literatura de Viagem; Argentina, América Latina, Estados Unidos.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the travel reports produced by the Franco-Argentine author Paul Groussac, about his voyages in Latin America and the United States, likewise his impressions of Europe, especially his homeland, in order to understand how such experiences influenced him in his literary production, expressing it in his novels and theatrical plays. The author was one of the main personalities of the Argentine intellectual environment in the late nineteenth and early twentieth centuries, in which he acted as a journalist, teacher and director of the National Library from 1885 until his death in 1929. Groussac arrived in Argentina in 1866 when he was 18 years old and never definitively left the country, undertaking during his life some short journeys abroad. His education took place between two distinct environments, French and Argentinean, which was crucial for his literary production and for his standing as an intellectual in the adoptive country. To achieve the proposed interpretation, this thesis makes use of a varied set of texts produced by the author, highlighting the travel reports gathered in *Del Plata al Niágara* (1897) and *El Viaje Intelectual* (1904 and 1920), as well as secondary studies that explore reports of Travelers across the American continent during the nineteenth century. The aim is to increase the number of studies that deal with reports of travelers on the American continent, especially on Latin American intellectuals who are exploring the continent itself.

Keywords: Paul Groussac; Travel Literature; Argentina, Latin America, United States

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Revue des Deux Mondes/ La Biblioteca tomo 1.....	51
Figura 2 - Mapa: Viagem de Groussac pela América Latina – pontos de parada.....	72
Figura 3 - Mapa: Fronteiras antes e depois da Guerra do Pacífico.....	104
Figura 4 - Vista da Exposição Universal de Chicago de 1893.....	159
Figura 5 - Mapa: Terra do Fogo	202
Figura 6 - Mapa atual de Buenos Aires tendo em destaque a <i>Calle San Martín</i>	206

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. UM PLANO DE FUNDO: GROUSSAC E SUA ÉPOCA	31
1.1 Um breve itinerário intelectual	33
1.2 Debates públicos, o crítico implacável e suas obras.....	50
1.3 A viagem de 1883 à França e a influência na formação identitária do autor.....	59
2. UM “GALO ANTIGO” PERCORRENDO A AMÉRICA LATINA	70
2.1 Descobrindo o Chile: Santiago e o Norte em 1893 e o regresso em 1914	73
2.2 Descobrindo Lima	100
2.3 Descobrindo o Panamá: adentrando a esfera de influência estadunidense	117
2.4 México: percorrendo os vários “Méxicos”	127
3. A VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS EM 1893 E OS RETORNOS À FRANÇA EM 1894 E 1898: O FASCÍNIO E A DECEPÇÃO COM O MUNDO NORTE-AMERICANO E COM À TERRA NATAL	147
3.1 A viagem pelos Estados Unidos em 1893: democracia, materialismo, religião e natureza	148
3.1.1 Chicago.....	155
3.1.2 Democracia/Democracias	165
3.2 Os retornos à França em 1894 e 1898	175
4 A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA: REMINISCÊNCIAS DAS EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM E DO EXÍLIO NAS NOVELAS DE GROUSSAC	191
4.1 A sorte de um jovem francês: El número 9090	195
4.2 O lar deserto	214
4.3 La rueda loca	221
4.4 La Herencia	227
4.5 La Monja	232

CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
FONTES	243
REFERÊNCIAS	244
ANEXO 1	251

INTRODUÇÃO

Durante minha dissertação de mestrado, deparei-me com um dos autores que mais me chamou a atenção durante a vida acadêmica, Paul Groussac. Naquela época, meu objetivo era compreender e historiar o uso de três personagens shakespearianas – Próspero, Ariel e Caliban – na América Latina. Groussac despontava como o primeiro a utilizar essas personagens, no ano de 1898, no contexto da Guerra Hispano-Americana, período no qual a figura de Caliban, como uma criatura bestial e deformada, era associada à imagem dos Estados Unidos. A Guerra foi o primeiro conflito internacional no qual a potência do norte interferiu, mostrando seu poderio militar ao mundo. Foi também uma forma de consolidar a América Latina como sua área de influência.

Compreender as percepções de Groussac sobre aquelas personagens implicava o acesso ao seu livro de viagem *Del Plata al Niágara*, publicado pela primeira vez em 1897, no qual narrou sua viagem aos Estados Unidos em 1893. As notas de Groussac provocaram em mim estranhamento e curiosidade. O que mais me surpreendeu foi a escassez de estudos sobre suas viagens por países latino-americanos. A complexidade de seus apontamentos, misturada a uma dupla esfera de influência cultural – a francesa e a argentina –, fez com que eu buscasse compreender melhor o pensador, que foi um dos intelectuais mais influentes em Buenos Aires no final do século XIX, e que, por muito tempo, teve sua obra quase relegada ao completo esquecimento. Com exceção de seu estudo histórico sobre as Ilhas Malvinas¹, incorporado aos manuais de história argentinos, sua obra literária permaneceu, por muitas décadas, pouco explorada.

Hoje, mais pesquisadores se dedicam a estudar a obra de Groussac e seu papel na esfera intelectual argentina em finais do século XIX e início do século XX. Dentre eles, está a historiadora Paula Bruno, que vem estudando a atuação do autor no cenário intelectual argentino, compreendendo como ele atuou para se consolidar como referencial e figura de destaque naquele universo. Como resultado de seu mestrado, Bruno publicou o trabalho *Paul Groussac un estratega intelectual* (2005), no qual, a partir da biografia do autor, buscou compreender seu espaço de atuação, mapeando melhor o mundo letrado argentino no final do século XIX. A historiadora esbarrou em questões como o debate acerca da língua nacional e da consolidação da história como ciência na Argentina,

¹ GROUSSAC, Paul. *Las Islas Malvinas*. Buenos Aires: Comisión Protectora de Bibliotecas Populares, 1936.

utilizando, para isso, as obras históricas de Groussac. Como resultado de seu doutorado, Bruno publicou *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época* (2011), no qual analisou as trajetórias de quatro proeminentes figuras: Eduardo Wilde, José Manuel Estrada, Paul Groussac e Eduardo Holmberg. A ideia central da autora foi a de que, a partir da biografia desses intelectuais e da compreensão do seu espaço de atuação, seria possível uma análise mais aprofundada do meio intelectual argentino, fugindo das generalizações e das padronizações que, na realidade, não existiram².

David Viñas incorpora a obra de Groussac, em *De Sarmiento a Dios: viajeros argentinos a USA* (1998), inserindo o autor entre os viajantes argentinos. Viñas abarca nomes muito famosos nesse trabalho, como os autores da geração de 1837, Sarmiento e Alberdi, e indivíduos de renome no período de atuação de Groussac, como Eduardo Wilde, Miguel Cané, Vicente Gil Quesada, Carlos Pellegrini, García Merou e Manuel Ugarte. O autor faz uma compilação e uma análise dos textos de muitos viajantes argentinos, criando uma espécie de compêndio das diversas fases históricas nas quais esses intelectuais se deslocaram pelos Estados Unidos, por um período temporal considerável, que se estende da geração de 1837 às últimas décadas do século XX. No breve capítulo dedicado a Groussac e, posteriormente em um artigo publicado, Viñas definiu a viagem de Groussac da seguinte forma: “Mirar a través de una ventana o, con mayor precisión, desde la ventanilla de un tren en movimiento, se irá convirtiendo en el ademán definitorio de Groussac frente a los Estados Unidos de 1893. Un travelling en acecho”³. Discordo da percepção de Viñas e tentarei demonstrar o porquê no decorrer deste trabalho.

Beatriz Colombi também analisou muitos textos de Groussac em sua tese de doutorado: *Viaje Intelectual: Migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Colombi estava preocupada em discutir questões de viagem na América Latina, como a cultura, o discurso e as ficções que se apresentavam por meio dos relatos de diversos autores latino-americanos. Além de Groussac, ocupam suas análises o cubano José Martí, o nicaraguense Ruben Darío, o argentino Ricardo Rojas, o mexicano Alfonso Reyes, o argentino Manuel Ugarte e o guatemalteco Gómez Carillo. Para alguns autores, como foi o caso de Groussac, a autora utiliza a interessante definição de “escritor hóspede”:

² BRUNO, Paula. *Paul Groussac un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2005; BRUNO, Paula. *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2011.

³ VIÑAS, David. Groussac, las ironías y los privilegios. In: *Caravelle*, n. 70, 1998. pp. 288-298. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1998_num_70_1_2795>. Acesso em: 02 abr. 2017.

Para abarcar tan distintos roles y circunstancias así como tan variadas imágenes de escritor sólo unificadas por el desprendimiento territorial, adopto el concepto de *escritor huésped* que subsume tanto la idea del escritor extraterritorial -aquél que hace su hogar en otra lengua- como el de forastero o visitante. Veo al *escritor huésped* como un sujeto parcialmente ajeno al nuevo entorno y despojado de su origen, siempre entregado a la interacción entre estas dos fuerzas contrarias pero, al mismo tiempo, estimulantes y enriquecedoras. Mi hipótesis es que, dado su carácter de escindido de un universo familiar, esta figura siempre resulta un *agente modernizador*, un promotor de cambios. Martí, Groussac, Darío, Reyes o Gómez Carrillo, salvando las distancias y respectivas proyecciones responden a esta pauta común⁴.

Os trabalhos desses pesquisadores apontam para o fato de que, ao analisar o papel de viajantes pela América Latina ou pelos Estados Unidos, como é o caso de Groussac, eles devem se inserir na conjuntura histórica para que se possa melhor entender a construção de uma identidade latino-americana, ou argentina⁵. Como apontou Colombi, Groussac faz parte de um grupo de autores modernizadores e produtores de mudanças substanciais nas sociedades que os “hospedaram”.

Assim, esta tese tem, como objetivo principal, analisar os escritos de viagem de Paul Groussac. Literato de destaque no meio intelectual argentino, principalmente a partir da década de 1880, Groussac chegou ao país como um total desconhecido ao completar 18 anos, em 1866. Construiu sua carreira e galgou sua ascensão a partir de suas "estratégias para se projetar como intelectual", tal como pontuou Paula Bruno, sendo uma delas envolver-se em diversos debates públicos com seus pares. Ficou conhecido por suas ideias, por seu discurso, por suas polêmicas e por ocupar o cargo de diretor da Biblioteca Nacional Argentina, entre 1885 e 1929, o que lhe concedeu grande visibilidade.

Groussac produziu uma vasta obra, sendo que a grande maioria de seus trabalhos derivou das experiências de suas muitas viagens, de relatos que reuniu, principalmente, em *Del Plata al Niágara* (1897)⁶, em *El Viaje Intelectual Primera Serie* (1904) e em *El Viaje Intelectual Segunda Serie* (1920). Muitos de seus artigos também foram publicados em

⁴ COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin del siglo*. Tese de doutorado, 2002, 301 p. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2002, p.11.

⁵ COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin del siglo*. Tese de doutorado, 2002, 301 p. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; VIÑAS, David. *La Mirada a Europa: del viaje colonial al viaje estética*. Biblioteca Virtual Universal, 2010. Disponível em: www.biblioteca.org.ar/libros/155371.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017; BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005.

⁶ No decorrer deste trabalho, utilizarei mais a versão publicada em 1897. Algumas vezes, farei alusão à versão de 2006, o que será deixado claro nas notas de referência.

revistas e jornais, inclusive naqueles dirigidos por ele enquanto diretor da Biblioteca Nacional, *La Biblioteca* (1896-1898) e *Annales de la Biblioteca* (1900-1915)⁷.

A hipótese que defendo neste trabalho é que a literatura de viagem produzida por Groussac permite-nos observar e compreender melhor a conjuntura histórica não apenas dos países visitados, mas, principalmente, da Argentina de finais do século XIX. O autor fornece mais informações sobre si mesmo e seu país adotivo do que propriamente dos países que busca analisar em seus relatos. Ao mesmo tempo, ou precisamente por isso, Groussac oferece uma visão única dos países latino-americanos pelos quais passou, bem como sobre os Estados Unidos, contribuindo para eventuais análises da construção desses novos estados nacionais e sobre a incorporação do que Marshall Berman definiu como “timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX”⁸. Outra hipótese complementar é a de que, por ser um intelectual nascido na França e transplantado para a Argentina aos 18 anos, sua identidade foi formada entre essas duas esferas de pertencimento, sendo a tensão estabelecida entre elas a base fundamental para a percepção que ele ofereceu em suas obras de viagem.

Nesse sentido, Groussac parece ser um intelectual que transmite bem o espírito de sua época, sobretudo a partir de 1880, quando a Argentina e a América Latina passavam por um período de mudanças: elevada onda migratória, crescimento econômico e profissionalização dos meios intelectuais. Groussac atuou em meio às fronteiras pouco definidas das disciplinas, como era típico da época, sendo que, no caso argentino, isso se acentuava pela carência de cursos específicos nas universidades. A Faculdade de Filosofia e Letras da UBA⁹, por exemplo, somente, foi criada em 1896, tendo Groussac figurado como membro do conselho acadêmico¹⁰.

Entre as obras de Groussac, destaco seus relatos de viagem, nos quais é possível apreender muitos aspectos da sociedade da qual o autor fez parte. Sendo um homem que vivenciou a transição entre os séculos XIX e XX, suas obras certamente carregam elementos que evidenciam essa passagem que não se deu de forma abrupta, mas gradual. No último

⁷ Os exemplares das revistas editadas por Groussac estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional Argentina, que criou uma biblioteca virtual chamada *Trapalanda*.

⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986, p. 18. Utilizo tal conceito para me referir às inovações ocorridas no final do século XIX.

⁹ Universidad de Buenos Aires (UBA).

¹⁰ É interessante destacar que Groussac não entrou em nenhum curso superior após o fim dos primeiros estudos em Toulouse, sendo praticamente um autodidata. A mesma universidade em que foi conselheiro negou-lhe o título de *doutor honoris causa*.

capítulo me deterei na análise de suas novelas, tendo em vista compreender como as experiências do exílio e das viagens transparecem em suas obras ficcionais.

Como este trabalho versa sobre obras tidas como "literatura de viagem", parece-me importante definir o que compreendo por esse termo nessas primeiras linhas. A literatura em geral consiste em valiosa fonte historiográfica que possibilita o acesso a diferentes aspectos do passado, já que cada relato não é fruto somente da subjetividade de seus autores, mas também de um conjunto de fatores comuns à determinada conjuntura histórica. Como afirmou Lucien Febvre,

Na verdade, engana a monografia que é apenas retrato de meio corpo, sem segundo plano, nem cenário. Não há pensamento religioso (nem pensamento simplesmente), por mais puro e desinteressado que seja, que não seja colorido em sua massa pela atmosfera de uma época - ou se preferir, pela ação secreta das condições de vida que uma mesma época cria em todas as convenções, em todas as manifestações de que constitui o lugar comum¹¹.

Uma vez estabelecida a importância da literatura como fonte histórica, mostra-se necessário definir o que é uma viagem. Tendo a concordar com James Clifford para quem

El viaje es un término inclusivo que abarca un amplio rango de prácticas, más o menos voluntarias, de dejar la “casa” para ir a “otro” lugar. Este desplazamiento tiene el propósito de una ganancia – material, espiritual o científica - e involucra la obtención de un conocimiento o la vivencia de una experiencia (excitante, edificante, placentera, expansiva, de extrañamiento)¹².

Isso quer dizer que a viagem é uma experiência diversificada para os sujeitos. Duas pessoas podem viajar juntas e, mesmo assim, oferecer panoramas diferentes de suas experiências. Resta destacar, ainda, que a viagem não implica apenas deslocamentos físicos. Viajar pode ser uma experiência puramente imaginária e, mesmo assim, enquadrar-se no rótulo viagem. Groussac utiliza a expressão “viaje intelectual”, que dá título às suas últimas obras, para agrupar diferentes tipos de relatos que produziu durante sua vida, não necessariamente textos que foram resultantes de seus deslocamentos físicos pelo mundo.

Sendo assim, a literatura fruto dessas experiências é produzida em uma diversidade de formatos, como cartas, diários, artigos científicos e crônicas. Interpretar essas fontes implica

¹¹ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33.

¹² CLIFFORD, James. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Harvard: Harvard University Press, 1997 *apud* COLOMBI, Beatriz. El Viaje, de la práctica al género. In: MARINOTE, Mónica y TINEO, Gabriela (Editoras). *Viaje y relato en Latinoamérica*. Buenos Aires: Katatay, 2010, p. 287-308.

levar em conta uma variedade de questões, entre elas: a importância da conjuntura histórica do autor, sua formação educacional, experiências pessoais e expectativas. Buscarei detalhar essas questões ao longo deste trabalho.

Embora, atualmente, viajar seja uma prática corriqueira para muitas pessoas, é importante pensar nas características específicas dessa mesma atividade nos séculos passados. Na Antiguidade ou Idade Média, viajar implicava penosos traslados a cavalo ou barco, atravessando territórios difíceis e, por vezes, muito precários, sobretudo quando pensamos nas condições atuais das estradas e de outros tipos de transporte. No século XVI, atravessar o Atlântico demandava meses em alto-mar, o que trazia uma série de perigos. Por isso mesmo, não era uma atividade acessível a todos, o que levava à valorização da literatura de viagem, uma vez que a leitura era um meio de conhecer outros espaços e culturas.

O interesse por esses relatos se intensificou a partir do momento em que os europeus tiveram contato com o Novo Mundo. Mais do que distração, os relatos dos viajantes tornaram-se meios de controle, por parte da Coroa, de suas novas terras. Sendo assim, é muito mais comum encontrarmos relatos de europeus sobre o continente americano do que o contrário. No século XIX, porém, relatos de latino-americanos sobre o Velho Mundo tornaram-se mais numerosos. Sobre o uso desses relatos na historiografia recente, Stella Maris Scatena Franco afirmou:

No que concerne à produção hispano-americana recente, efetuada com base na literatura de viagem, as análises tendem igualmente a discutir as representações, as imagens e as projeções simbólicas presentes nos discursos, envolvendo ainda, fortemente, as questões de identidade. Esta última é explorada a partir de diferentes dimensões. As formas de configuração de identidades em meio às viagens podem se encontrar aliadas às representações do nacional em conexão com o universo europeu¹³ [grifos meus].

Os viajantes latino-americanos do século XIX estão, de certa maneira, muito envolvidos em questões identitárias por ocasião da consolidação dos Estados Nacionais, sendo suas experiências de viagem elementos importantes nesse processo. Vale também destacar que os relatos de viajantes foram, por muito tempo, tomados como fontes que retratavam fielmente a realidade, como se o historiador obtivesse, a partir do olhar do visitante, um testemunho fiel dos eventos presenciados.

¹³ FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 7, nov./dez. 2011, p. 157-172.

Hoje, mais do que aceitar esses relatos como fiéis retratos da realidade, os historiadores privilegiam o universo cultural no qual foram feitos, pois consideram que os textos fornecem mais informações sobre seus escritores do que propriamente sobre os lugares que buscaram descrever¹⁴. Trabalha-se, portanto, mais a construção de representações do real do que a suposta realidade. O viajante fornece sua percepção da realidade, que pode ser entendida de formas diferentes tanto por aquele que escreve quanto por aquele que lê. Cabe ao historiador questionar o passado, tentando compreender o porquê das diferenças, que abarcam, entre outras coisas, a bagagem de vida do viajante.

Um dos referenciais metodológicos desta tese é o trabalho de Mary Louise Pratt, que oferece, a quem busca trabalhar com relatos de viagem, parâmetros interessantes para se pensar textos de diferentes épocas. A autora teve como pretensão, com seu livro *Os olhos do Império*, realizar um estudo amplo, que tomou como base dois processos: “a emergência da história natural como uma estrutura de conhecimento e o impulso à exploração continental, por oposição à marítima”, processos que influenciaram na mudança de “consciência planetária”¹⁵. As análises da autora são iniciadas com relatos do século XVIII (a partir de 1750), estendendo-se ao século XX.

Tal como compreendo, Pratt buscou, de forma peculiar, pensar a relação entre os europeus e seus “outros”, fossem esses os americanos, os africanos, os asiáticos ou os próprios europeus. Nesse sentido, a autora buscou pensar essas relações não apenas como simples trocas unilaterais, mas como “práticas interligadas”, “entendimentos” e “interação”¹⁶. Sendo assim, a perspectiva adotada defende que os sujeitos se constituem a partir de suas relações com os outros.

Para pensar os relatos de viajantes, Pratt adotou uma série de conceitos. O primeiro deles é o de *transculturização*: “etnógrafos têm usado esse termos para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana”¹⁷. A transculturização é um fenômeno da *Zona de Contato*:

Uso para referir ao espaço de encontros coloniais, nos quais as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as

¹⁴ BAGGIO, Kátia Gerab. As viagens, seus relatos e os intercâmbios intelectuais entre brasileiros e hispano-americanos. In: FERNANDES, Luis Estevam de Oliveira. *História da América historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

¹⁵ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*: relatos de viagem e transculturização. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 35.

¹⁶ *Ibidem*, p.32.

¹⁷ *Ibidem*, p.30.

outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas às circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada¹⁸ [grifos meus].

Parece-me que o termo possa, também, ser utilizado em relações que vão além dos espaços coloniais, isto é, em situações nas quais as relações radicais de desigualdade entre os sujeitos possam ser menos evidentes. Portanto, penso que o termo se aplica a trabalhos como os de Paul Groussac. Sendo francês, o autor empreendeu sua primeira grande viagem quando abandonou a terra natal com destino à Argentina, em 1866, com apenas 17 anos. Suas intenção e situação diferiam dos autores analisados por Pratt na segunda metade do século XIX, que, segundo ela, ainda empreendiam viagens de exploração, vez que a descoberta só se tornava de fato real quando convertida em livro ou folhetim e, então, aceita pelos conterrâneos do autor como verdadeiras.

Não me parece que Groussac tenha empreendido uma viagem de exploração pela América Latina visando à autopromoção que seus relatos poderiam fornecer. Ele desembarcou no porto de Buenos Aires e logo se deslocou para o interior do país, pois sua má condição financeira fez com que se empregasse no campo como peão, em uma estância. Não me aprofundarei, neste momento, nessas questões. O que quero afirmar é que a viagem de Groussac para a América Latina não foi meramente exploratória ou de reconhecimento, ou um relato de viagem puro e simples (se é que isso existe).

Outros fatores fizeram com que o autor decidisse permanecer no país até o fim de sua vida. Nesse sentido, o termo “zona de contato” se aplica a Groussac, tanto no que se refere ao seu encontro com os latino-americanos aos 18 anos, em 1866, quanto ao reencontro com os próprios franceses, em seu breve regresso à Europa, em 1883, após uma longa e bem sucedida estadia na Argentina, país que adotou como pátria. Regressar a Paris, para ele, foi uma nova descoberta, um momento de estranhamento e consolidação de certezas também em relação ao país adotivo. Aprofundar-me-ei nessas questões mais adiante.

Pratt buscou analisar as inter-relações e compreender como os europeus construíram uma visão em relação ao Novo Mundo, bem como apreender como os então colonizados construíram as representações dos europeus. Os relatos de viagem, em seu entender, eram veículos para analisar essas inter-relações tão complexas, que também foram se transformando no decorrer dos séculos XVIII e XIX. Dessa maneira, os conceitos utilizados pela autora canadense são de grande valia para a interpretação das obras de viagem. Seu trabalho apresenta não só relatos dos colonizadores do século XVIII, tanto da África quanto

¹⁸ Ibidem, p.31.

da América Latina, mas também o que ela denomina como “reinvenção da América”, por Alexander Von Humboldt. Esse autor, segundo ela, influenciou nos relatos e nas visões apresentadas em obras de viagem do século XIX e XX sobre as Américas, inclusive nos relatos de autores latino-americanos – dentre os quais se destaca o argentino Domingo Faustino Sarmiento -, cuja obra serve de parâmetro para seus contemporâneos argentinos.

Um leque variado de alternativas pode ser utilizado para abordar esses documentos sob formato tão variado, uma vez que pensar a literatura de viagem implica, também, problematizar essa variedade de formas, um gênero híbrido, como o definiu Mary Ane Junqueira¹⁹. Em geral, os autores adotavam estratégias para alcançar o público ou inserir-se em tradições, tendo como meta uma melhor aceitação de seus textos, embora nem todos os trabalhos tenham sido produzidos com o objetivo de publicação. Devemos, portanto, considerar as peculiaridades de cada trabalho.

Tais relatos foram essenciais para moldar a visão sobre a América Latina na Europa. O “descobrimento” fez com que os europeus se deparassem com o novo, o inesperado, necessitando, assim, de criar chaves cognitivas para compreender esse novo universo, repleto de sociedades tão complexas. Os relatos europeus sobre o continente americano são muito numerosos e já foram muito estudados, o que não significa que todas as possibilidades de indagação se esgotaram, como Pratt demonstrou há algumas décadas. No que diz respeito aos relatos de latino-americanos sobre a Europa, os trabalhos historiográficos são menos numerosos, sendo ainda mais reduzidos, quando buscamos por projetos que discutam relatos de latino-americanos sobre os próprios latino-americanos. Kátia Baggio destacou essa carência que, muitas vezes, impossibilita compreender as expectativas intelectuais, culturais, econômicas e sociais desses homens em relação aos seus próprios vizinhos americanos²⁰.

A Argentina, por exemplo, tem uma longa tradição de viajantes, autores que escreveram vários relatos que, até hoje, foram pouco estudados. Esses textos tratam de viagens tanto à Europa quanto aos países americanos. Elena Elgueta, buscando pensar a viagem como oportunidade de autodescobrimento, afirma:

El viaje como fenómeno se produjo entre los intelectuales argentinos en distintas épocas. La primera generación del Romanticismo vivió en el exilio

¹⁹ JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa* [S.l: s.n.], 2011.

²⁰ BAGGIO, Kátia Gerab. As viagens, seus relatos e os intercâmbios intelectuais entre brasileiros e hispano-americanos. In: FERNANDES, Luis Estevam de Oliveira. *História da América historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

y produjo sus obras fuera de la patria en contacto con diferentes sociedades huéspedes. Es un buen ejemplo el libro *Viajes* (1849) de Domingo F. Sarmiento, fruto de sus viajes como enviado del gobierno chileno. La generación de 1880 estuvo integrada por asiduos viajeros (Lucio Mansilla, Miguel Cané (h.), Eduardo Wilde son algunos representantes), quienes por razones de su actividad política, profesional o diplomática salieron del país, en especial hacia Europa. A comienzos del siglo XX la tradición del viaje a Europa como constitutivo indispensable en la instrucción de la clase alta continuó viva. Así lo comprueba por ejemplo la etapa europea de J. L. Borges -Suiza, España, 1914/1921- o los reiterados viajes de R. Güiraldes, Victoria Ocampo, M. Mujica Láinez, entre otros²¹.

Concordo ser necessário um estudo mais sistemático de tantos autores latino-americanos e de suas obras de viagem, que podem fornecer novas perspectivas sobre nossa história. Espero, com meu trabalho, contribuir para demonstrar como ainda há o que ser pesquisado, que possa colaborar, de alguma forma, para o enriquecimento desse horizonte, através das obras de viagem do autor franco-argentino Paul Groussac, um “homem de fronteira”, tal como o caracterizou Alfonso Reyes,²² ou um “homem desenraizado”, na perspectiva de Tzvetan Todorov²³. Discutirei essas definições ao longo deste trabalho, demonstrando a complexidade da questão do pertencimento a duas sociedades por parte do autor franco-argentino, das quais incorporou diferentes códigos culturais.

A viagem foi um tema recorrente na obra de Groussac. Mesmo que o autor tenha afirmado que suas peregrinações ao exterior não foram tão numerosas, essas experiências foram fundamentais na sua formação intelectual, o que transparece em todo o conjunto de sua obra. Seu trabalho de maior destaque, *Del Plata al Niágara*, decorrente da viagem de 1893, é fruto dessas experiências de viagem e deu ao autor grande visibilidade em 1898, um ano após sua publicação, em decorrência da Guerra Hispano-Americana de 1898. Groussac foi convidado a discursar no Teatro de la Victoria como representante da “raça-latina”, tendo sido sua fala profundamente apoiadora da antiga metrópole espanhola em oposição à intervenção norte-americana no continente. A então recente viagem aos Estados Unidos, naquele momento, deu ao autor autoridade como um porta-voz em defesa do continente latino-americano e contra o gigante do norte que avançava “com sua democracia, com seu utilitarismo e com a massificação da sociedade”:

²¹ ELGUETA, Elena Duplancic de. Literatura argentina. El viaje como posibilidad de autodescubrimiento. *Revista de Literaturas Modernas*, Mendoza, n. 26, pp. 189-199, 1993. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcb9b5>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

²² REYES, Alfonso. Homenaje a Groussac. In: REYES, Alfonso. *Obras Completas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1956. p. 456-461.

²³ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¡Cuba tiene que ser norteamericana, porque la Habana queda más cerca de Washington que de Madrid! ¿Qué pesan ante aquellos mercaderes seminómades, la comunidad de lengua y raza, los vínculos de la tradición, los títulos sagrados del descubrimiento histórico y de la posesión secular?²⁴

A autoridade do discurso de Groussac, em 1898, devia-se à publicação de seu relato de viagem em 1897, um texto no qual retratava os Estados Unidos, muitas vezes de maneira bastante depreciativa. Em um contexto de guerra, no qual a intelectualidade argentina se voltou a favor da antiga metrópole colonizadora, seu relato de viagem deu-lhe autoridade para falar do inimigo comum, da ameaça a toda espiritualidade latino-americana:

Pero, desde la guerra de Secesión y la brutal invasión del Oeste, se há desprendido libremente el espíritu yankee del cuerpo informe y calibanesco», — y el viejo mundo ha contemplado con inquietud y terror la novísima civilización que veña á suplantar á la antigua. Esta civilización, embrionaria é incompleta en su deformidad, quiere sustituir la razón con la fuerza, la aspiración generosa con la satisfacción egoísta, la calidad con la cantidad, la honradez con la riqueza...²⁵ [grifos meus].

É importante, portanto, as observações que o viajante fez *in locu*, em decorrência de sua passagem pelos Estados Unidos em determinado momento.

É preciso deixar claro que existe uma diferença entre o relato de viagem e a literatura de viagem em geral, tal qual salientado por Luis Albuquerque-García: a diferença entre o relato, que denota um deslocamento do viajante em um espaço e tempo definidos, e o restante da literatura de viagem, que engloba a experiência da viagem em um texto ficcional:

Los ‘relatos de viajes’ responden a mi entender a tres rasgos fundamentales que se complementan con algunos más que luego veremos: (1) son relatos factuales, en los que (2) la modalidad descriptiva se impone a la narrativa y (3) en cuyo balance entre lo objetivo y lo subjetivo tienden a decantarse del lado del primero, más en consonancia, en principio, con su carácter testimonial. (1) Recordemos que la distinción de Genette (1993: 53-76) entre relatos factuales y ficcionales facilitaba la consideración de literarios a ciertos textos hasta entonces exiliados de aquel ámbito. Relatos historiográficos, biografías, diarios, memorias y, por supuesto, relatos de viaje (aunque no fueran expresamente citados en aquella relación), entre otros, componen un friso de textos cuyo denominador común es su factualidad²⁶.

²⁴ GROUSSAC, Paul. Discurso. In: *España y Estados Unidos*. Conferencias de los señores Dr. Roque Sáenz Peña, Paul Groussac y Dr. José Tarnassi. Compañía Sud-America de Billetes de Banco. Buenos Aires, 1898, p. 42.

²⁵ GROUSSAC, Paul. Discurso. In: *España y Estados Unidos*. Conferencias de los señores Dr. Roque Sáenz Peña, Paul Groussac y Dr. José Tarnassi. Compañía Sud-America de Billetes de Banco. Buenos Aires, 1898, p. 42.

²⁶ ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘Relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género. *Revista de Literatura*, Madrid, Instituto de Lengua, Literatura y Antropología, vol. LXXIII, n. 145, p. 15-34. jan./ jun. 2011.

Assim, os trabalhos produzidos por Groussac em decorrência de suas viagens, sobretudo visando à narração das experiências vividas, devem ser compreendidos como relatos de viagem, mas que também podem ser englobados em um gênero maior, i.e., literatura de viagem.

A produção de Groussac foi bastante diversificada, o que contribuiu para que relatos como *Del Plata al Niágara* fossem classificados como obra ensaística, como ensaio sociológico ou como relato de viagem. Porém, mesmo que o texto – produto das reflexões do franco-argentino em sua viagem de 1893 pelo continente americano – abarque aspectos sociológicos ou ensaísticos, gêneros muito populares na época de sua escrita, a obra não deixa de ser um relato de viagem.

Por outro lado, é possível ponderar que Groussac tenha se dedicado tanto a produzir relatos de viagem quanto literatura de viagem em geral, como fica demonstrado em suas novelas, algumas delas reunidas em *Relatos Argentinos* (1922): *El Número 9090* (1921); *El Hogar desierto* (1897); *La Rueda Loca* (1896); *La Herencia* (1893); *A Hero*, na versão em inglês, e *La Monja* (1886), que consiste em uma peça teatral. Todos os textos têm como cerne a experiência de viagem, que não acontece de forma apenas geográfica, mas também temporal, visto que as personagens rememoram experiências passadas a fim de justificar as circunstâncias do presente.

Cabe decir que, si bien todo libro de viajes se enmarca dentro del ámbito de la literatura de viajes, no toda literatura de viajes queda incluida dentro de los ‘relatos de viajes’. A la literatura de viajes se adscribirían obras en las que el viaje forma parte del tema o en las que actúa como motivo literario. Como ya he advertido en otras ocasiones, una epopeya, una comedia, una novela o un relato breve, por ejemplo, en cuyo esquema narrativo intervenga un viaje (en forma de peregrinación, de expedición, de travesía, etc.), tiende a clasificarse en la categoría general de libro o literatura de viajes. Pero, insisto, corremos el peligro de confundir el contenido de un marbete tan amplio con el de la literatura misma²⁷.

Segundo Albuquerque-García, os relatos de viagens do século XIX tendem a apresentar maior subjetivismo, se comparados às gerações de viajantes anteriores. Em função da mudança de paradigma do romantismo para o neoclassicismo,

El testimonio que, sin duda, apunta hacia la objetividad, en ocasiones se inclinará hacia lo subjetivo, como veremos en los ‘relatos de viajes’ del siglo

²⁷ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘Relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género. *Revista de Literatura*, Madrid, Instituto de Lengua, Literatura y Antropología, vol. LXXIII, n. 145, p. 15-34. jan./ jun. 2011. p. 18.

XIX, que supusieron un giro radical en la concepción del género como consecuencia del cambio de paradigma cultural: la lámpara, metáfora del romanticismo, sustituye al espejo (neoclasicismo), según la famosa acuñación de Abrams en su libro sobre teoría del romanticismo²⁸.

Os viajantes latino-americanos, na segunda metade do século XIX, em consonância com a obra *Viajes* (1849), de Domingo Faustino Sarmiento, colocam-se mais em seus textos. Sarmiento é o protagonista de seu livro, e sua viagem à Europa conta ainda com um elemento inédito: o autor separou o relato de caráter oficial que deveria preparar, uma vez que tinha sido enviado para observar os sistemas de ensino pelo governo chileno (apontamentos que publicou em *Educación Popular* [1849]), do de caráter mais informal, publicado em livro como uma junção de cartas enviadas a amigos pessoais, chamada de *Viajes* (1849). Assim sendo, o experienciado a partir do ponto de vista único do observador passa a ser o mais valorizado. Os relatos posteriores de muitos viajantes argentinos remetem quase sempre a essa obra de Sarmiento, mesmo que para discordar de seus apontamentos, como foi o caso de Groussac.

Para David Viñas, os viajantes argentinos, durante o século XIX, distanciaram-se dos relatos utilitaristas de homens como Alberdi, ou de utilitaristas com vertentes estéticas, como Sarmiento, para o relato puramente estético de homens como Lúcio Mansilla, militar, jornalista e diplomata argentino²⁹. Discordo, porém, que as viagens de Groussac à Europa, aos Estados Unidos e suas travessias latino-americanas tenham cumprido os moldes que as classificariam como viagens puramente estéticas.

A viagem à Europa aparece como elemento de distinção em quase todos os relatos do século XIX: a ida ao velho continente, sobretudo à França, funcionou como um elemento de diferenciação e *status*, quase como um rito de passagem no mundo letrado argentino. Em seu caso, entretanto, a peregrinação, diferentemente de seus muitos contemporâneos, não tinha como destino o desconhecido. O autor retornava à terra natal, o que, a meu ver, foi um fator essencial em sua formação identitária.

Este trabalho divide-se em três blocos principais. O primeiro trata das viagens de Groussac por países latino-americanos, entre eles, Chile, Peru, Panamá e México. O segundo tem como foco sua viagem pelos Estados Unidos e pela França, buscando compreender como o franco-argentino analisou o país norte-americano, chegando a conclusões tão díspares das de Sarmiento e de outros viajantes argentinos. No terceiro,

²⁸ Idem.

²⁹ VIÑAS, David. *La Mirada a Europa: del viaje colonial al viaje estético*. Biblioteca Virtual Universal, 2010. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

busco compreender como suas experiências de viagem refletiram-se em suas novelas e em uma de suas peças teatrais.

O capítulo 1 - “Um plano de fundo: Groussac e sua época” - busca traçar um panorama do cenário de atuação do autor, bem como oferecer uma biografia dele, tendo em vista apresentar o objeto central desta pesquisa. Nesse sentido, deve ser compreendido como um capítulo introdutório que considero importante para que o leitor compreenda de forma mais satisfatória o restante desta tese.

O capítulo 2 - “Um ‘galo antigo’ percorrendo a América Latina” - busca analisar os textos de Groussac que foram escritos como resultado de suas viagens por países latino-americanos. Sendo mais raros os textos de contemporâneos do autor que relatem travessias pelos países vizinhos, o texto de Groussac é, de muitas formas, singular e revelador. Enquanto atravessava a América Central, surpreendeu-se com a “efemeridade histórica” das jovens repúblicas, ou com o que ele entendia como história. O título desse capítulo se deve a uma de suas frases: “pelo menos meu nome me diz que sou um galo antigo”, uma vez que, mesmo que tenha vindo de uma família de poucas posses, a linhagem de seus antepassados lhe dava orgulho.

Sua principal viagem pela América Latina, atravessando todo o continente, foi empreendida em 1893, quando se dirigia aos Estados Unidos, e relatada no texto *Del Plata al Niágara*, publicado em 1897. Muitos historiadores, como Kátia Baggio, dizem que ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a pensar os textos de viagens de latino-americanos na própria América Latina. Há um número muito maior de pesquisadores estrangeiros analisando como as novas repúblicas latino-americanas foram vistas por pesquisadores em expedições científicas, como as de Alexander Von Humboldt, por exemplo. Compreendo a obra produzida por Groussac como ainda mais peculiar e rara devido ao fato de, embora tenha nascido na França, decidiu se estabelecer na Argentina desde a adolescência até a morte, aos 81 anos. Nesse sentido, Groussac oferece uma leitura única dos países pelos quais passou, uma vez que seus relatos não se destinam a leitores de sua pátria natal, mas sim à adotiva: é para a Argentina que seus trabalhos são dedicados; ela funciona como parâmetro de comparação.

Os textos de Groussac permitem-nos pensar muito mais sobre os anseios do próprio autor e da conjuntura do país adotivo do que propriamente dos países pelos quais viaja. Porém, ao mesmo tempo, o franco-argentino oferece uma leitura única dos países visitados – o que é uma hipótese central desta tese –, visto que mostra aspectos que fogem dos estereótipos que comumente vemos em textos escritos por europeus sobre a América

Latina, especialmente sobre países como o Peru, sobre o qual predominam textos sobre as ruínas das sociedades pré-colombianas. Groussac buscou conhecer, sobretudo, a Lima contemporânea.

De forma geral, nos textos de viagem do franco-argentino pela América Latina, é latente o embate entre tradição e modernidade, aqui compreendidas em um sentido mais amplo, que abrange as inovações tecnológicas no fim do século XIX, somadas à produção fabril cada vez mais intensa e à percepção da aceleração do tempo. De forma geral, a percepção de Marshall Berman é a que melhor se encaixa em minha própria perspectiva interpretativa: a modernidade é um sentimento que consiste basicamente em uma “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”³⁰, um conjunto de experiências que mergulham os homens em um constante turbilhão de contradições, desintegração e mudanças. Essas tensões parecem claras em diversas passagens de Groussac, em perspectivas que, por vezes, parecem paradoxais, uma vez que o autor, ao mesmo tempo em que almeja avanços tecnológicos e intelectuais, também se prende a valores aristocráticos do século XIX.

O capítulo 3 - “A viagem aos Estados Unidos em 1893 e os retornos à França em 1894 e 1898: o fascínio e a decepção com o mundo norte-americano e com a terra natal” - aborda sua viagem pelos Estados Unidos. No século XIX, uma gama de intelectuais argentinos viajou pelos Estados Unidos, empreitada iniciada com Sarmiento, em 1847. O rápido desenvolvimento econômico norte-americano e a suposta grandeza de suas cidades despertaram fascínio em muitos latino-americanos, não somente de forma positiva, mas também como críticos mordazes, como foi o caso de Groussac. O objetivo desse capítulo é analisar a forma como Groussac vivenciou sua viagem, oferecendo um panorama diferente de seus antecessores. Ele esteve no país para participar da Exposição Universal de Chicago, em 1893, como representante da Argentina, em um momento de demonstração de grandiosidade, vez que diversos edifícios foram construídos para esse evento, marcado também pela grande presença de estrangeiros.

A visita de Groussac se estendeu a outras cidades, das quais abordou diferentes aspectos em seus textos. Um exemplo é a religião. Os Mórmons de Salt Lake City ocuparam grande parte de seu relato, dos quais forneceu uma apresentação detalhada dos templos, ritos e livros. A viagem de Groussac pelos Estados Unidos englobou uma variedade de temas, mas seus textos permanecem ainda pouco analisados, mesmo na

³⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986, p.15.

Argentina – exceto pelos estudos de pesquisadores como Paula Bruno, *Paul Groussac un estratega intelectual*; de David Viñas, com o clássico livro *De Sarmiento a Dios: viajeros argentinos a USA*; e de Beatriz Colombi, com *El Viaje Intelectual*. Todavia, mesmo que Groussac seja continuamente inserido entre os viajantes argentinos aos Estados Unidos, o que por si demonstra o reconhecimento dessa suposta cidadania argentina por seus estudiosos, muitos aspectos de suas observações permanecem ainda pouco explorados.

A segunda parte do capítulo 3 tem como objetivo compreender como a viagem pelos Estados Unidos, somada às suas experiências pela América Latina, influenciaram suas percepções sobre a própria França, para onde viajou logo em seguida, em 1894, e, posteriormente, em 1898.

O capítulo 4 - “A vida imita a arte ou a arte imita a vida: reminiscências das experiências de viagem e do exílio nas novelas de Groussac” - tem como objetivo analisar como as experiências de viagem aparecem em suas novelas, contos e peças teatrais. Como visto, Luís Albuquerque-García estabelece uma separação entre relato de viagem e novela de viagem, ambos, porém, como partes do gênero literatura de viagem. Basicamente, o relato de viagem consiste na narrativa da viagem fisicamente realizada, preocupando-se com a “realidade” vivida pelo sujeito que narra. A novela de viagem, por sua vez, se constrói a partir de elementos ficcionais³¹;

Groussac transitou nas duas esferas, i.e., entre as obras nas quais narrou seus deslocamentos e em que se preocupou em registrar suas experiências pessoais, suas “verdades”, e as obras ficcionais, nas quais criou personagens, enredos e tramas. A experiência da viagem, como já mencionado, foi algo recorrente na vida do autor, que, em um meio intelectual argentino ainda sem profissionalização, transitou em diversos âmbitos: história, jornalismo, crítica literária e literatura. O autor escreveu peças teatrais, contos e novelas, alguns reunidos em *Relatos Argentinos*. Nesses trabalhos, as viagens são recorrentes, mas também está presente a questão do exílio e do abandono da terra natal para viver nos pampas. Em alguns desses trabalhos, é possível cruzar dados biográficos do autor e observar como ele vivenciou diversos momentos dentro da Argentina. Nesse capítulo, aprofundo-me no diálogo entre história e literatura, encarando seus contos como fontes históricas valiosas para compreender não só um autor, mas toda uma sociedade. Esses textos permitem observar o diálogo com textos clássicos da literatura argentina, como *Dom Segundo Sombra* ou *Martim Fierro*, nos quais a figura do gaúcho é central, bem como

³¹ ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘Relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género. *Revista de Literatura*, Madrid, Instituto de Lengua, Literatura y Antropología, vol. LXXIII, n. 145, p. 15-34. jan./ jun. 2011.

aspectos culturais e econômicos da sociedade argentina em finais do século XIX. Ao analisar as obras de Groussac, é possível observar, ainda, diversos aspectos antecipados por ele e, mais tarde, absorvidos pela literatura de autores que emergiram na década de 1920, como foi o caso de Jorge Luis Borges.

Borges permanece como um dos autores argentinos mais reconhecidos, tanto nacionalmente quanto no exterior. Seus estudiosos já apontaram diversas reminiscências e referências a Groussac em muitos de seus trabalhos, inclusive referências diretas, como foi o caso do *Poema dos Dons*, no qual ressalta as semelhanças sobre a atuação e a sorte de ambos enquanto diretores da Biblioteca Nacional Argentina, já que ambos ficaram cegos em sua velhice, terminando seus dias cercados de livros e, ao mesmo tempo, sem poder lê-los³². Não é meu objetivo analisar as influências de Groussac na obra de Borges, já que este seria material para extensos trabalhos. No entanto, ao analisar os contos e peças teatrais do franco-argentino, por vezes é impossível não fazer certas conexões.

O objetivo desse capítulo é outro. Ao contrário de Borges, os textos literários de Groussac não foram absorvidos e analisados continuamente. De certa forma, após sua morte, muito de sua obra ficou relegada a espaços “subalternos” da literatura argentina. Concordando com Paula Bruno, penso que este não reconhecimento de Groussac como parte essencial do panteão de autores argentinos deve-se essencialmente ao fato de não ter assumido a nacionalidade argentina, embora radicado no país durante toda a vida. A maioria de suas obras, com exceção talvez do trabalho historiográfico sobre as ilhas Malvinas, que foi incorporado aos livros didáticos, flutuou em uma espécie de limbo durante o século XX. Será que o nacionalismo, por si só, justifica o ostracismo no qual tal obra permaneceu por tanto tempo?

O objetivo desse último capítulo é, portanto, analisar alguns de seus trabalhos literários, entendendo-os como fontes para a compreensão da sociedade argentina de fins do século XIX e início do XX, mas, principalmente, as temáticas mais recorrentes do autor, tais como o exílio, a imigração, a incorporação do imigrante europeu ao seio da sociedade portenha, o regresso à metrópole francesa e seu estranhamento. É possível observar continuidades e rupturas na percepção do autor sobre certas temáticas que o acompanharam durante toda a sua vida. Nesses aspectos, a abordagem do historiador Peter Gay foi de grande valia, uma vez que ele privilegia aspectos psicanalíticos e de contextos históricos.

³² BORGES, Jorge Luis. El hacedor. In: *Jorge Luis Borges: obras completas*. v. 2. Barcelona: Emecé Editores S.A., 1989.

Gay trabalha os romances realistas, como *Represálias Selvagens*, no qual aborda obras de Gustave Flaubert, Charles Dickens e Thomas Mann, defendendo que existem

[...] três fontes principais de motivação: a sociedade, a arte e a psicologia individual. Não são compartimentos estanques; ao contrário, fluem um para dentro do outro, tornando o ato da criação literária um processo intrincado. É apenas em conjunto, em proporções únicas, não de todo previsíveis, que eles produzem um retrato, uma estátua, uma tragédia – um romance³³.

A abordagem de Gay foi de especial importância para minha análise dos contos de Groussac, obras ficcionais carregadas de elementos biográficos e fortemente marcados pela conjuntura histórica.

³³ GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 25.

1. UM PLANO DE FUNDO: GROUSSAC E SUA ÉPOCA

Quando a Argentina conquistou sua independência, uma ínfima parte de seu território era povoada. A grande concentração populacional estava em Buenos Aires, ainda hoje a região mais populosa, e que foi, durante grande parte do século XIX, foco de disputas e conflitos armados. Jorge Myers afirma que, no período de sua independência, a Argentina era o território menos povoado entre os futuros países, com cerca de 400 mil habitantes³⁴. Dessa maneira, o fator imigração sempre foi de fundamental importância para o país. No século XIX as campanhas militares que tinham como objetivo a conquista de territórios ocupados por indígenas se fizeram ainda mais fortes, a conquista da “fronteira interna”, por homens como Julio Argentino Roca, deixava clara as complexas relações entre criollos e indígenas.³⁵

Na segunda metade do século XIX, principalmente após a derrota de Juan Manuel de Rosas e o retorno dos exilados – os quais ocuparam em grande medida os espaços de poder –, uma nova campanha a favor da imigração se fez presente. A europeização da sociedade mostrava-se, então, como o principal caminho que levaria à civilização a Argentina. Em seu *Facundo*, Sarmiento salientava que a violência que prevalecia no campo em comparação com as cidades era também, mas não somente, decorrente da baixa densidade populacional. Essa desejada europeização, no entanto, não significava a destruição dos gaúchos, população com a qual grandes escritores se relacionaram de modo dúbio. Sarmiento, por exemplo, os encara com admiração em diversas passagens de *Facundo* (1845) e em outras de suas obras. Em períodos posteriores, o mesmo gaúcho é retratado, por outros autores, como um símbolo da cultura nacional, como em *Martín Fierro* (1872) e, já durante o século XX, em *Dom Segundo Sombra* (1926).

Groussac chegou à Argentina nesse período de onda imigratória, a qual ainda era muito inferior ao *boom* de imigrantes pós-1880 no país, que Luis Romero classificou como “um dilúvio”³⁶. O jovem francês desembarcou em Buenos Aires em 1866, com dezoito anos, em uma situação que ainda permanece um pouco nebulosa. Hoje, Groussac é um autor mais conhecido, principalmente devido à moderna historiografia argentina, porém, algumas passagens de sua vida não são de todo claras.

³⁴ MYERS, Jorge. Língua, história e política na identidade argentina, 1840-1880. In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (org.) *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.

³⁵ POMPEU, Ana Carolina Gutierrez. A Campanha do deserto de Julio A. Roca: entre a busca da civilização e a política eleitoral. In: *Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC*. Rio de Janeiro, Niterói, 2014. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Ana%20Carollina%20Gutierrez%20Pompeu.pdf> Acesso em 12 de agosto de 2019.

³⁶ ROMERO, José Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Editora A_Z, 1998.

A biografia de Groussac permite que compreendamos melhor um período extenso da história argentina e do meio intelectual, que naquele período não tinha características bem delimitadas³⁷. Os mesmos indivíduos poderiam transitar por diversos espaços e campos do saber, caracterizando o que Groussac chamou de “literatos de ocasião”. Essa falta de limites estabelecidos entre as disciplinas, e mesmo a não profissionalização do meio intelectual, permitia que personagens como Groussac atuassem em diversos assuntos e em debates públicos.

Pensar Paul Groussac constitui, então, uma atividade complexa, tão complexa quanto ele mesmo o foi durante sua vida. Foi peão em estância, jornalista, professor, inspetor de educação, historiador, literato, diretor da Biblioteca Nacional e interveio em assuntos polêmicos, tal como o debate acerca da língua nacional. No entanto, mesmo com tantas facetas e ainda que tenha convivido com políticos que foram seus amigos pessoais – como Roque Sáenz Peña, Carlos Pellegrini e Nicolás Avellaneda, que chegaram à presidência da Argentina –, a política institucional não o atraiu diretamente, não ocupando nenhum cargo fora das esferas educacionais, além do de diretor da Biblioteca Nacional.

Groussac considerou a política na América Latina, em seus escritos, como um meio difuso e conflituoso, do qual preferiu não tomar parte de forma mais efetiva, mantendo certa autonomia em relação a ela durante sua carreira. Um exemplo dessa autonomia foi a manutenção de seu cargo como diretor da Biblioteca Nacional por 44 anos, independentemente dos homens que ocupavam o poder. Logicamente, o fato de não assumir cargos políticos não significa que o autor não tenha se posicionado politicamente. Ao contrário do que transparecia em muitos trabalhos, estava imerso em uma sociedade na qual o meio intelectual, em muitos aspectos, fundia-se ao político. Um jogo de influências de políticos importantes, tais como Nicolás Avellaneda, foi chave fundamental para a abertura de diversas portas para o franco-argentino. Sem essa chave, a ascensão de Groussac como figura de destaque no meio intelectual bonaerense não teria sido viável.

O objetivo deste capítulo é apresentar ao leitor o objeto central desta pesquisa, Paul Groussac, bem como a conjuntura história na qual viveu e seus espaços de atuação. Primeiramente, traço uma breve biografia do autor, em seguida, apresento seus principais campos de ação.

³⁷ Uma excelente biografia foi traçada por Paula Bruna em: BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005. Outro trabalho biográfico interessante é o de Aberto Sibileau: SIBILEAU, Alberto. *El caso Groussac*. Buenos Aires: Hesiodo, 2013.

1.1 Uma breve itinerário intelectual

Vale questionar como um *self made man* como Groussac alcançou tão alto grau de importância no meio intelectual argentino, tendo saído da França com 17 anos, sem recursos, sem conhecidos e sem dominar o idioma. A historiadora Paula Bruno defendeu a tese de que Paul Groussac foi um estrategista intelectual. Isso quer dizer que, durante a sua vida, traçou planos para sua ascensão nos meios intelectuais, visando manter-se em evidência e ocupar cargos de destaque. Mesmo que o acaso tenha sido um fator importante, bem como a conjuntura histórica mais propícia à incorporação de jovens intelectuais franceses, a perspicácia de Groussac foi fator chave para a ascensão e a manutenção do franco-argentino como importante intelectual em sua época.

Considerando que a presente tese é destinada a pensar a obra de Paul Groussac, é fundamental que ele seja apresentado ao leitor, sendo esta a função deste primeiro capítulo. Traçar a biografia de alguém inevitavelmente incorre em escolher os aspectos que serão abordados, os acontecimentos a serem analisados, as fontes selecionadas, bem como o “jogo de escalas”³⁸ a ser adotado.

Há algumas décadas, a biografia retornou para a historiografia como um gênero importante. Não se trata de biografia meramente embasada em datas e fontes oficiais, tampouco os indivíduos alvo deste tipo de trabalho são, necessariamente, grandes personagens históricos, tais como pensadores, filósofos ou chefes políticos. Atualmente, existe um espaço para biografias de pessoas que fogem a todos os padrões tradicionalmente entendidos como “dignos de serem biografados”. As pessoas “comuns” ganharam espaço nessa nova abordagem da biografia pela história. Há trabalhos famosos nesse sentido, como o do historiador italiano Carlo Ginzburg, entre outros nomes da micro-história italiana³⁹.

Como base para o pequeno itinerário⁴⁰ intelectual que traço aqui, utilizo, entre outros, o único texto autobiográfico escrito por Groussac, em 1922, possivelmente tendo como

³⁸ Referência à obra organizada por Jacques Revel, *Jogos de Escala*: Jacques Revel (org.). *Jogos de Escala*: a experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. Os artigos agrupados nessa obra discutem, sobretudo, a questão da microanálise para a historiografia, no entanto, tal percepção não descarta a macroanálise ou a considera como algo obsoleto. O jogo de escalas, ou a aproximação do objeto de pesquisa, podem, entretanto, revelar aspectos não apreendidos pela macroanálise, cujo clássico exemplo é a obra de Fernand Braudel.

³⁹GINZBURG, Carlo. *Relações de força*: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴⁰ Expressão de Jean-François Sirinelli.

destinatário alguma enciclopédia europeia. Em 1973, foi publicada uma versão desse texto em espanhol no jornal *La Gaceta*, de São Miguel de Tucumán, que utilizo aqui⁴¹. Cabe também problematizar o uso da autobiografia e da escrita de si neste momento, já que, ao organizar sua vida em uma sucessão de acontecimentos bem definidos, podemos ter, por vezes, a impressão de que a vida do autor transcorreu de forma a compor um roteiro definido e preciso de seus dias. Como afirmou Pierre Bourdieu, temos a tendência de, ao contar nossa vida, organizá-la de maneira que ela se torne inteligível para nosso interlocutor⁴². Assim, temos a impressão de uma vida linearmente organizada, conquanto saibamos que nenhuma trajetória acontece escapando a imprevistos e imprecisões.

Como a questão identitária do personagem é um ponto muito importante para a minha tese, entender as origens do autor, bem como a maneira como se definiu durante sua vida, é muito importante. Nesse pequeno texto biográfico, Groussac escreveu de si em terceira pessoa, como alguém que busca se descrever para certo público. A primeira linha já chama a atenção: “Groussac, Francisco Pablo escritor francés e hispanoamericano, nascido en Toulouse (Haute Garonne), en 15 de Febrero de 1848”⁴³. O autor preocupou-se em destacar que era um escritor francês e hispano-americano, isto é, em suas primeiras linhas já se torna evidente o desejo de que o público leitor o reconheça como pertencente a essas duas esferas. Groussac não adotou a cidadania argentina, provavelmente, devido a dois fatores, como apontou Paula Bruno: primeiramente, o *status* que ser francês lhe conferia; em segundo, uma maneira de evitar uma inserção mais profunda na vida política argentina⁴⁴.

Após terminar a escola, o *liceo* de Toulouse⁴⁵, o jovem Groussac prestou exames para a escola de Belas Artes de Toulouse, com o objetivo de ingressar posteriormente na Escola Naval e Politécnica, sendo que chegou a fazer os exames de admissão para a Escola Politécnica de Brest aos 17 anos, na qual não chegou a entrar⁴⁶. Groussac recebeu uma quantia do pai para uma viagem, nessa mesma época. Na primeira parada em Paris, a viagem já estava irremediavelmente fadada ao fracasso, uma vez que o dinheiro tinha acabado. Para

⁴¹ BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998.

⁴² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

⁴³ GROUSSAC, Paul. Notícia biográfica (traducción). In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p. 31.

⁴⁴ BRUNO, Paula. *Paul Groussac un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

⁴⁵ Por cerca de um trimestre, frequentou o colégio dominicano de Sorèze, quando, por algum tempo, viveu com sua avó. Tais informações podem ser apreendidas em diversas obras de Groussac, nas quais, por vezes, revela algumas de suas memórias de infância.

⁴⁶ BRUNO, Paula. *Paul Groussac un estratega intelectual*. Op. Cit. p. 24.

não regressar ao lar paterno, o autor decidiu comprar uma passagem no primeiro navio que partisse e, assim, acabou embarcando para Buenos Aires. Não há como sabermos se o acaso foi o único fator que encaminhou Groussac para a América. Porém, antes de partir, o autor tomou certas precauções. Uma delas foi adquirir uma carta de recomendação – tendo em vista facilitar sua estadia –, que se destinava a Amadeo Jacques,⁴⁷ mas que se mostrou ineficaz, uma vez que o destinatário já havia falecido no momento de sua chegada. A ideia de que a escolha tinha sido um mero acaso caiu por terra, visto que o autor preocupara-se com os pormenores da viagem – como a carta de recomendação–, o que indica que não foi um acaso, mas a vontade pessoal que o levou ao país sul-americano.

O “humor aventureiro”⁴⁸ acompanhou-o durante sua vida, considerando que chegar à Argentina sem conhecer nada foi certamente uma aventura para aquele jovem. Groussac define da seguinte forma seus primeiros meses no país:

[...] se encontró pronto solo, desprovisto de recursos, sin profesión, sin apoyo, sin conocer a nadie en un país del que ignoraba todo, empezando por su lengua, lo que en los primeros tiempos le otorgaba casi una profesión de sordomudo. Soportó entonces horas sombrías; de las que no se olvidan y no se perdonan; se dice que la adversidad es beneficiosa para los seres jóvenes y fuertes, pero es necesario que no sea excesiva, ni prolongada, hasta dejar el alma curvada, marcando en los labios un rictus de amargura que no se borrará jamás. Digamos también que el carácter sombrío y orgulloso de este adolescente, debía contribuir a hacer aun más doloroso su aprendizaje de la vida.

Impregnado de los prejuicios burgueses que en Francia crean un abismo infranqueable entre las carreras llamadas liberales y las profesiones manuales y aun mercantiles, las tareas mas groseras le repugnaban menos que otras, menos penosas, pero que consideraba humillantes. Es por eso que antes de aceptar en la ciudad un pequeño puesto en un escritorio, prefirió sumergirse en el lejano Oeste, la Provincia, para cuidar ganado, como el Hijo Pródigo, considerando que esta ruda tarea le ennoblecía, puesto que lo hacía a caballo⁴⁹.

As recordações do autor não são datadas, porém, como tal biografia termina em 1922, podemos pressupor que Groussac as redigiu com mais de 74 anos. A preocupação dele, naquele momento já idoso, em detalhar acontecimentos de seus primeiros anos de estadia, em minha percepção, demonstra como esse período inicial foi importante para definir o curso de suas escolhas, as quais nem sempre foram conscientes e nas quais é possível notar certa

⁴⁷ Amédée Jacques, francês, foi um importante educador na Argentina, que viajou e viveu em diversas partes do país na década de 1860, como Tucumán, Córdoba e Buenos Aires, onde faleceu em 13 de outubro de 1865, poucos meses antes da chegada de Groussac.

⁴⁸ Expressão utilizada por Groussac.

⁴⁹ BRUNO, Paula. *Paul Groussac un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.p. 32.

romantização dos acontecimentos, no sentido de que, ao detalhar certos eventos, estes são marcados por certa nostalgia. Trabalhar nas fazendas do interior como peão, no convívio diário com o gaúcho, teria dado a Groussac, segundo ele mesmo, uma melhor compreensão do povo argentino e, conseqüentemente, de sua cultura. Viver no campo, exercendo tarefas braçais, como Groussac salientou, foi um traço importante de sua formação como pessoa e como pensador. Nesse sentido, a familiaridade com o campo é demonstrada em vários de seus textos como, por exemplo, na conferência proferida em Chicago em 1893, com o texto “O Gaúcho”⁵⁰.

Após seis meses no campo, por pedido de seu pai, Groussac voltou à vida na cidade, quando suas opções eram ir para Buenos Aires ou regressar à França. O autor decidiu permanecer em Buenos Aires com a justificativa de aprender a língua espanhola, o que poderia se mostrar útil no futuro, mesmo no país natal. Para permanecer na cidade, aceitou um cargo como professor de uma escola em frente à antiga Biblioteca Pública⁵¹. Estar próximo da Biblioteca deu a Groussac, como ele nos conta, a oportunidade de realizar muitas leituras em suas horas livres, dando início à sua formação letrada, praticamente autodidata.

Como entendo, mesmo que sua educação não tenha se dado em instituições de ensino superior, suas leituras e seus autores preferidos foram guias intelectuais para o autor. Em *Los que Pasaban*, o autor coloca, como um de seus principais mentores nesse período, Hippolyte Taine, importante pensador e historiador francês, um dos maiores expoentes do Positivismo na França. No entanto, aos termos contato com os diversos trabalhos de Groussac, concordo com Paula Bruno, ao afirmar que mais do que carregar uma doutrina específica, Groussac adotou um estilo difícil de enquadrar em uma única corrente de pensamento ou escola.

Ao me referir ao estilo de Groussac, quero afirmar que, embora tenha sofrido influências do positivismo de finais do século XIX, ele não foi, como também salienta Gabriela Tio Vallejo, um positivista clássico. Mesmo não frequentando cursos universitários, suas leituras, apontadas em diversas de suas memórias, apresentam-nos os autores mais famosos na metade do século, como os franceses Ernest Renan e o já mencionado Taine, autores positivistas. Porém, outros pensadores aparecem em diversos de seus trabalhos para corroborar com a tese que buscava defender naquele momento. Para Vallejo, o “positivismo argentino” possuiu fortes características racistas. Em suas palavras:

Los principios desarrollados por Auguste Comte y Herbert Spencer tuvieron una repercusión muy clara en Argentina, pero más allá de las citas o la

⁵⁰ GROUSSAC, Paul. O gaúcho. In: *El viaje intelectual*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904.

⁵¹ Biblioteca que deu origem à Biblioteca Nacional.

lectura de estos autores, el positivismo tuvo una penetración importante “ofreciéndose tanto como una filosofía de la historia que venía a servir de relevo a una religiosidad jaqueada, cuanto como organizador fundamental de la problemática político-social de la elite entre el 90 y el centenario”.

Una de las problemáticas del “positivismo argentino” sería la de la construcción de la nación en particular frente a los desafíos que planteaba a esta tarea la existencia de una masa que percibían como heterogénea, amenazante e incontrolable. El optimismo civilizador de un Sarmiento y su confianza en la educación contrasta con la visión biologicista y pesimista de Carlos Octavio Bunge (“Nuestra América. Ensayo de psicología social”.1918). El “positivismo argentino” tuvo así un fuerte carácter racista aunque creyó en el rol de la escuela, el trabajo y la inmigración. En los diagnósticos latinoamericanos de Groussac, sin embargo, predomina el determinismo racial aunque puede descubrirse esa tensión entre confianza y pesimismo⁵².

Nos textos de viagem de Groussac, principalmente os reunidos em *Del Plata al Niágara*, do qual tratarei a fundo no próximo capítulo, a influência da raça e da geografia estão presentes em diversas passagens, sendo compreendidas como duas características-chave para a condição dos países latino-americanos. Nesse aspecto, podemos apreender a influência de Taine que defendia que a psicologia social ou *psique*, era o fruto de três fatores, a raça, o meio e o momento⁵³. Nesse sentido, seus textos de viagem, principalmente os de viagens à França, dialogam com os de seus contemporâneos, como afirma Paula Bruno em sua tese de doutorado. Contudo, outros aspectos fazem com que o autor não dialogue com os cientistas sociais e ensaístas positivistas de final do século, como sua negação da história como narrativa identitária nacional. Seus variados temas de pesquisa, de certa forma, relacionavam-se diretamente com sua biografia: exílio, viagens, personagens que fizeram a si próprios (*self made man*). Por outro lado, também negou aos princípios do cientificismo positivista a forma ideal de compreender os fenômenos humanos, bem como sua incredulidade em relação aos métodos de psiquiatras de fim do século, como demonstrou no prólogo de *La locura en la Historia*, de José Maria Ramos Mejía⁵⁴.

No final de 1867, antes dos exames finais, cansado dos atritos com seu superior e com alunos indisciplinados, o autor se demitiu do cargo. Tal decisão demonstra, mais uma vez, seu caráter pouco afeito à obediência. Groussac, porém, não permaneceu muito tempo sem trabalho, graças a um evento que quase parece por inteiro fictício. Ressalto que essas

⁵² TIO VALLEJO, Gabriela. Entre la confianza en el progreso y el fantasma del determinismo: el viaje de Groussac y los diagnósticos sobre América Latina. In: *X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario, 2005.

⁵³ Idem.

⁵⁴ BRUNO, Paula. *Pioneros culturales de la Argentina: biografías de una época*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

informações foram retiradas de sua autobiografia, ou seja, o autor pode ter criado uma sequência de acontecimentos que tornasse sua narrativa inteligível, o que não necessariamente aconteceu, sendo a vida uma sucessão de acontecimentos imprevisíveis e desordenados⁵⁵.

Groussac narra que, no mesmo mês de outubro, em plena primavera, teve um encontro inesperado com uma jovem que comprava flores. Mais tarde, descobriu que a jovem que lhe provocara admiração era irmã de três ex-alunos, os quais, na mesma tarde, ofereceram-lhe o cargo de tutor, pois se distanciariam de Buenos Aires e gostariam de continuar os estudos com um professor que fosse de seu agrado. Ele se mostrou receoso e, antes de aceitar o trabalho, visitou a família e a casa onde iria morar, bem como avaliou o soldo que receberia. Veio, então, à sua mente, a história de *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, e as aventuras não muito bem sucedidas do jovem “Julien Sorel”:⁵⁶ “Había leído “El Rojo y el Negro” de Stendhal y se daba cuenta de los desagradables aspectos de una situación, en que, cualesquiera fuesen los tratos y las consideraciones de una parte y de la otra, el asalariado no se siente jamás cómodo con quienes le pagan”⁵⁷.

Groussac, no entanto, sensibilizado pela família e pelas boas condições que lhe foram oferecidas, acabou por aceitar o cargo:

Vivió allí tres años, que fueron quizá los más felices y ciertamente los más importantes de su vida, desde el punto de vista de su desarrollo intelectual y de su formación social. Se hizo hombre en el pleno sentido de la palabra. Sus dos o tres horas de clases y sus queridos muchachos, que le devolvían la afición, eran menos un trabajo que una diversión, útil a sus propios estudios que rehizo y complementó con infatigables lecturas, llevadas, es cierto, con más ardor que método⁵⁸.

Em *El Caso Groussac*, Alberto Sibleau argumenta que Groussac fora apaixonado pela tal jovem, mas que se decepcionara, uma vez que ela, não correspondendo aos seus sentimentos, casara-se com outro. Essa questão, porém, não é o foco aqui. As condições oferecidas ao jovem francês continuaram sendo muito favoráveis, após deixar a função de tutor:

En febrero de 1870 aceptó una cátedra de matemática en el Colegio Nacional de Buenos Aires, puesto cómodo y bastante bien retribuido, que pudo

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

⁵⁶ STENDHAL. *O vermelho e o negro*: Crônica do século XIX. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002; EVELING, Daniel. *Pelo prisma de Stendhal*: um olhar do literato sobre si, Napoleão, a Corte e a Aliança trono altar. 2016. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas.

⁵⁷ GROUSSAC, Paul. Notícia biográfica (traducción). In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p. 33.

⁵⁸ Idem, p. 34.

cumplir sin separarse de *su querida vida de familia*. Pero fue ella que lo abandonó por un viaje a Europa, donde fue sorprendida por la Guerra Franco Prusiana⁵⁹.

Nessa passagem, alguns pontos merecem destaque. Mesmo com a Guerra Franco-Prussiana, Groussac não retornou à terra natal. Foi dissuadido de tal empreitada por amigos e pelo próprio cônsul francês, que argumentaram que, dadas as dificuldades nas comunicações e ao atraso de um mês que as notícias sofriam para chegar a Buenos Aires, sua presença já não seria necessária quando o autor chegasse à França. Muito provavelmente, o autor se “deixou dissuadir”, ou nem mesmo ocorreram tais tentativas de persuadi-lo, imerso em um novo universo que se mostrava muito mais promissor do que retornar ao lar paterno. Sua mãe falecera, quando ele tinha 10 anos, e deixar seu país aos 17 anos fora sua primeira grande decisão⁶⁰. Não retornar na maioridade também foi uma escolha importante. Essas decisões indicam uma carência de familiaridade e, muito provavelmente, um sentimento de não pertencimento. A vida em família que experimentou na Argentina como tutor foi algo muito mais prazeroso para ele e, mesmo que essa fase de sua vida tivesse terminado, retornar à França não era algo realmente convidativo. Uma amostra disso são os anos seguintes da vida de Groussac.

Em 1871, Groussac publicou seu primeiro texto em espanhol, que tratava da obra de Espronceda⁶¹ e que tomou 50 páginas da *Revista Argentina*. O texto chegou às mãos do então ministro Nicolás Avellaneda⁶², que o encaminhou ao Ministério de Instrução pública, que convidou Groussac a conhecer Tucumán. Assim, ele assumiu um cargo de professor no Colégio Nacional, tendo permanecido no então “jardim da república” por longos 11 anos.

Sobre essa fase de sua vida, Groussac afirmou que se sentia tão atraído pela pátria francesa quanto por se tornar mulçumano: “se sumergió en la lectura cada vez más, pareciendo contentarse con los menudos éxitos literários que le valian sus artículos o folletos de circunstancias, en español naturalmente, y parecía tener tantos deseos de retornar el

⁵⁹ GROUSSAC, Paul. Noticia biográfica (traducción). In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p.34.

⁶⁰ Alberto Sibileau afirma, em *El caso Groussac*, que encontrara documentos na França que comprovavam que, quando Groussac decidiu mudar-se para a Argentina, sua mãe ainda estava viva. Não existe, no entanto, a explicação para que essa informação tenha sido ocultada pelo personagem ou, no caso, modificada, uma vez que o autor afirmava que sua mãe já havia falecido.

⁶¹ Foi um poeta espanhol, viveu entre os anos de 1808-1842, sendo considerado o poeta mais representativo do primeiro romantismo espanhol.

⁶² Foi ministro no governo de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874), sucedendo-o como presidente da República Argentina. Em *Los que Pasaban*, Groussac dedica um capítulo a Avellaneda, destacando como fora importante para sua formação e atuação profissional a interferência do então ministro, que dedicou especial atenção a um jovem francês na casa de seus vinte anos.

contacto francés como de hacerse musulmán”⁶³. Ficava longos períodos sem utilizar a língua francesa, sentindo-a como se fosse uma língua estrangeira.

Nesse período, assumiu o cargo de diretor de educação na província – o que lhe proporcionava longas viagens pelos municípios tucumanos – e, posteriormente, assumiu a direção da Escola Normal. Na vida pessoal, Groussac se casou com Cornelia Beltrán, uma jovem de Santiago de Estero. Penso ser importante um adentro nesse acontecimento, porque a realização do casamento, e mesmo a relação que o autor construiu com a família da noiva, foi de fundamental importância para a consolidação de sua relação com o país adotivo.

Sua filha, Cornelia Groussac, publicou “Paul Groussac íntimo”, que consiste em um artigo biográfico com cartas pessoais de seu pai enviadas à avó materna e à sua mãe durante a fase de cortejos. Nota-se, nas palavras de Groussac, um “joven muchacho” na época, um anseio por uma vida familiar. As cartas dirigidas à futura sogra eram destinadas a “mi querida madre”, a quem o autor confiava assuntos pessoais e de trabalho. O mesmo acontecia nas cartas destinadas à futura noiva, com a qual formalizou o noivado em setembro de 1876, quando ela celebrou seus 18 anos. Casaram-se em fevereiro de 1879⁶⁴.

É impossível tocar no tema da dupla cidadania de Groussac sem destacar o papel da família, porque os laços familiares foram elementos fundamentais para sua permanência definitiva no país adotivo. Um exemplo dessa questão é a epígrafe de *El Viaje Intelectual*, de 1904, dedicada ao seu primeiro filho, Carlos, que se inicia com “para mi hijo Carlos á quien dió patria mi destierro recojo estas espigas del campo que le toca por herencia”⁶⁵. Em outra passagem, Groussac aponta as dificuldades de ter se estabelecido na Argentina, mas também destaca aspectos favoráveis:

He sufrido, pues, la ley del medio; y acaso más intensamente que otros, habiendo nacido y educándome en Francia, para sufrir, en pleno desarrollo, tan brusco trasplante y cambio de atmósfera. A la operación siempre delicada de ingerir en un cerebro adulto un nuevo instrumento verbal, se agregaba en mi caso la permanencia en un ambiente exótico, que no es el del tronco ni propiamente el del injerto. La perturbación orgánica ha tenido que ser profunda [...]. Todo aquello pasó. Ahora, pacificada el alma por la experiencia y depuesta toda vana ambición, reconozco que *el aclimatamiento no ha sido por extremo doloroso*. Mis mayores aflicciones han nacido de mi mismo [...]. Pero el destierro tuvo también sus dulzuras y sonrisas; no podía darme la gloria exterior ni la fortuna, siendo así que no

⁶³ GROUSSAC, Paul. Noticia biográfica (traducción). In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p.36.

⁶⁴ GROUSSAC, Cornelia. Paul Groussac íntimo. In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998.

⁶⁵ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera Serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904.

dispone de la primer a ni yo le he pedido la segunda. Hágase la voluntad de Dios ⁶⁶.

Em 1883, alguns anos após seu casamento, Groussac empreendeu sua primeira viagem de retorno à França, a qual abriu um leque de interpretações das experiências do autor que ainda era um homem jovem, no auge de seus 35 anos de idade, que viajava sem a esposa e os filhos. O retorno à terra natal funcionou como uma baliza, como um marco divisório de águas, em minha percepção. Paula Bruno apontou que essa viagem se mostrou, de certa forma, uma decepção para o franco-argentino, uma vez que ele, não conseguindo se inserir nos círculos intelectuais franceses, preferiu retornar à pátria adotiva⁶⁷. Beatriz Colombi afirmou que retornar à pátria natal e dialogar com personalidades como Vitor Hugo, colocando o grande escritor em uma posição decrépita na narrativa, foi também uma maneira de criar autoridade em seu próprio relato de viagem⁶⁸. Ambas as interpretações são válidas. No entanto, podemos problematizar mais um pouco a presença de Groussac na França nesse primeiro grande retorno, já que permaneceu por lá quase todo aquele ano.

Viajar para a França retirou o autor do ninho de conforto que havia construído em Tucumán. Groussac retornava para uma pátria que se mostrava muito mais distante do que a realidade que o cercava. Por outro lado, era a oportunidade de ter contato com as personalidades que idealizava e que serviam como referenciais teóricos e, ao mesmo tempo, de tentar construir um nome dentro do círculo intelectual francês. Viajar para Paris era, também, uma maneira de consolidar sua posição no cenário argentino, já que era clara a predominância das influências francesas no país sul-americano, bem como as facilidades que ser francês traziam para o franco-argentino. De qualquer maneira, a viagem não era desvantajosa para quem se atrevia a realizá-la.

Os relatos sobre a viagem de 1883 foram enviados a periódicos argentinos daquela época e, posteriormente, reagrupados no livro *El Viaje Intelectual: segunda serie*, de 1920⁶⁹.

⁶⁶ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Primera Serie*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 9-10. Continua esta citação: “Por todo esto, hace tiempo que mi edad madura ha perdonado á mi juventud; y, á despecho del principio jurídico que prohíbe tener dos patrias, he hecho más las palabras del orador romano: **Sic nos et eam patriam dicimus, ubi nati, et illam, qua excepti sumus**”

⁶⁷ BRUNO, Paula. *Paul Groussac: un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005.

⁶⁸ COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin de siglo*. 2002. 301 p. Tese (Doutorado em letras). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires.

⁶⁹ A nota de rodapé, logo no início do texto, esclarece: “Me ha parecido que estas impresiones de visa, ante algunos aspectos del París literario y callejero de hace un largo tercio de siglo, podrían conservar algún interés para el lector, — no diré “a pesar”, sino “a causa” de su relativa antigüedad : va sea aquél meramente histórico, induciendo a exclamar : “ ¡Cómo han cambiado las cosas !” ; ya filosófico, si inclinan a pensar : “ ¡ Cuán poco se ha cambiado!”: ya, por fin, simplemente halagador para el que exhume estos recuerdos, si promovieran esta reflexión : “ ¡Cómo se ha cumplido lo que allí se anunciaba!” En general, me abstendré de señalar en nota los

Groussac se encontrou com personalidades como Ernest Renan e Vitor Hugo e se viu imerso em um universo que almejava conhecer e em cujo seio não conseguiu inserir-se plenamente, como podemos perceber em seus próprios relatos de tais experiências e como apontam seus estudiosos⁷⁰. Essa primeira viagem de retorno deu ao autor, de certa maneira, a certeza de que consolidaria sua carreira não na França, mas na Argentina, onde já havia alicerçado as bases de sua vida pessoal e profissional. Na França, Groussac foi um viajante sul-americano, não apenas do ponto de vista de quem o recebia em seus salões, mas a partir de seu próprio ponto de vista, o que pode ser confirmado a partir de alguns exemplos.

Después de 17 años—dos mas que el « gran espacio » de Tácito (i) — he vuelto hombre a la patria que dejé adolescente, y a quien prácticamente desconozco casi tanto como soy en ella desconocido. París, en especial, me es casi extraño; apenas guardaba recuerdo de los barrios centrales y sus más notables monumentos, nacido y educado en ciudad provincial, solo dos temporadas, en efecto, había pasado en la capital: la primera, de algunos meses, en la infancia; la segunda, de algunas semanas, antes de lanzarme a jugar — y perder — a la ventura mi porvenir (no sin haber dejado aquí, en mi primer vuelo libre, algunas plumas que luego me harían falta en América). En ese intervalo, también París — de la Ópera al barrio Latino — se ha transformado; y a la par de las cosas, las gentes y las costumbres. El día reciente — una triste mañana de abril — en que saltaba del tren a estas aceras resbaladizas, no conocía a nadie en el inmenso «desierto de hombres». Y aumenta mi sensación de extrañamiento el hecho de no haber pasado en una gran ciudad, como Buenos Aires, los años más largos de mi destierro, sino en aldeas de las provincias interiores. Con todo, si no es dudoso que dichas circunstancias agravan mi calidad de forastero, en cambio, mi relativo aislamiento social [...] ⁷¹.

Não compro o argumento de que a viagem tenha sido decepcionante para Groussac, muito pelo contrário. Estar em Paris, uma cidade quase totalmente desconhecida, foi, para ele, uma redescoberta da pátria nativa e de si próprio. Além disso, foi uma maneira de consolidar sua autoridade intelectual no país adotivo, ao mostrar-lhes que tinha escopo para dialogar com os autores que lhe foram caros durante toda a sua adolescência e a quem julgava como figuras insuperáveis. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade de contato com novas personalidades que alcançavam prestígio nos salões parisienses⁷². Retornarei a essa viagem mais à frente.

cambios ocurridos en los lugares públicos, usos, puntos de moda, y demás detalles que datan, como allá decimos, y que el lector moderno, parisiense o “aparisienado”, substituirá fácilmente. Y no sé si agregar que podría algún curioso de pequeneas comparar estas sensaciones de juventud con algunas de la edad madura en los mismos sítios, estampadas en la primera serie de esta obra.

⁷⁰ Ver Paula Bruno e Beatriz Colombi.

⁷¹ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p. 59.

⁷² Como Alphonse Daudet e Edmond de Goncourt.

Neste momento, ressaltou apenas como o primeiro retorno à França foi importante para os próximos anos de sua vida.

Já em 1884, o autor retornou à Argentina e instalou-se, com sua família, em Buenos Aires. Recém-chegado de Paris, optou por consolidar uma posição na maior cidade argentina e em uma das mais europeizadas da América Latina, como mostra na citação transcrita acima. Ao chegar a Paris, o fato de ter permanecido por mais de uma década no interior argentino, dificultara ainda mais a sua inserção na sociedade francesa, intensificando seu sentimento de estrangeiro.

Logo foi nomeado diretor geral de ensino secundário, o que atribuiu a não ter deixado de enviar suas impressões parisienses a alguns periódicos argentinos, mantendo seu prestígio mesmo distante. No mesmo ano, fundou, junto a dois amigos e futuros presidentes da república, Carlos Pellegrini e Roque Sáenz Peña, o periódico *Sud-América*, no qual atuou arduamente e do qual saiu devido a divergências entre sua opção presidencial e a dos demais acionistas. Este é um dos exemplos que demonstram como Groussac conseguia circular entre os homens de poder, mantendo certa autonomia. O autor não deixava de dar suas opiniões e, de certa maneira, saía ileso de atritos com autoridades políticas da época, como o demonstrou Paula Bruno.

Em algumas de suas memórias, narradas em *Los que Pasaban*, sobressaem observações acerca desse período de sua vida e de sua formação como literato. Dedicou a Pellegrini e Sáenz Peña um capítulo para cada um. Nesses textos afirmou que sua saída da revista se devera ao fato de que apoiava Hipólito Irigoyen, enquanto seus amigos estavam com Miguel Ángel Juárez Celman. Dessa maneira, como a conciliação de interesses se mostrara impossível, decidiu, por bem, abandonar o projeto. Irigoyen não foi eleito nesse momento, sendo que Pellegrini se elegeu como vice-presidente, assumindo a presidência após a renúncia de Juárez Celman, durante a quebra de 1890, à qual retornarei mais à frente nesta tese.

Ao narrar essas “aventuras” em *Los que pasaban*, Groussac delineia um panorama incluindo personalidades que ele considerava fundamentais para a Argentina de finais do século XIX. Fazem parte desses relatos José Manuel Estrada⁷³, Pedro Goyena⁷⁴, Nicolás

⁷³ José Manuel Estrada (1842-1894) foi um advogado e político argentino, atuante como representante do pensamento católico no país.

⁷⁴ Assim como Estrada, Pedro Goyena foi um representante do pensamento católico e defensor da continuação do ensino religioso nas escolas argentinas em um período de discussão da laicidade do Estado e da educação pública. Foi jurista, político e escritor.

Avellaneda⁷⁵, Carlos Pellegrini⁷⁶ e Roque Sáenz Peña⁷⁷. Personalidades que se destacaram nesses anos tanto como políticos quanto como intelectuais. O mais interessante, nesses relatos de Groussac, é que o autor quis biografar tais pensadores a partir principalmente das próprias memórias pessoais deles. Nesse sentido, mais do que um biógrafo, ele se torna espectador e ator em tais eventos narrados. *Los que pasaban*⁷⁸ foi publicado em 1919. Apenas o texto dedicado a Roque Sáenz Peña foi escrito como folheto político quando este se candidatou e venceu a presidência em 1912. Ao se colocar nesses relatos como ator, Groussac também assume o papel fundamental que considerou ocupar nesses mesmos anos, sendo ele também uma personalidade de destaque.

Mesmo com diferenças nítidas entre as posições dos personagens apresentados, Groussac conseguiu conservar a amizade com todos eles até o fim de suas vidas. De Estrada e Goyena divergia em relação à questão do ensino público argentino, defendendo a laicidade do ensino, do que ambos discordavam, afirmando que o ensino religioso católico não deveria ser, de forma alguma, abolido. Quanto aos demais, divergiu muitas vezes politicamente sem delinear um perfil político definido.

Groussac nunca se filiou a um partido, conquanto tenha agido politicamente em vários momentos. Por exemplo, ao publicar um texto que tinha por finalidade defender a honra de Sáenz Peña como candidato à presidência em um momento em que a figura do amigo era relacionada a escândalos, afirma ter se arrependido da escrita do texto. Todavia, ao republicá-lo em 1919, afirmou que muito do escrito poderia ser importante para o entendimento de como eram as políticas eleitorais, mesmo que os motivos que o levaram a redigi-lo se mostrassem caducos.

Todas essas biografias nos mostram um cenário de atuação de Groussac nesse meio intelectual de finais do século XIX, com espaços de atuação variados: as escolas onde era professor, as repartições de jornais e revistas, restaurantes, reuniões da alta sociedade, enfim, espaços que lhe permitiam entrar em contato e travar amizade com altas personalidades.

O cargo mais importante de sua vida veio a ocupar em 1885, quando deixou de ser diretor de ensino e foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, cargo que ocupou até sua morte. Tal nomeação provocou descontentamento de personalidades argentinas, como

⁷⁵ Ex-presidente argentino (1874-1880), foi advogado, jurista e político, tendo atuado como ministro da educação no governo Sarmiento (1868-1874).

⁷⁶ Ex-presidente argentino, tendo assumido a presidência entre 1892-1894. Foi advogado, jornalista e político argentino.

⁷⁷ Ex-presidente argentino, 1910-1914, também foi advogado e político.

⁷⁸ GROUSSAC, Paul. *Los que pasaban*. Buenos Aires: Jesús Menéndez Librero Editor, 1918.

Domingo Faustino Sarmiento, que afirmavam ser inadequada a nomeação de um estrangeiro para um cargo tão importante para o país. Apesar da oposição à nomeação, Groussac assumiu seu cargo tranquilamente. Sobre o cargo escreveu:

Groussac dijo algunas veces que el cargo de bibliotecario fue su morfina, para *justificar el abandono de toda actividad exterior que resultó para él*. Quizá fuese más cierto compararlo al queso de Holanda adonde se refugió, de acuerdo con la fábula, el ratón retirado del mundo, queso bastante magro, desde luego, pero repleto de algunos accesorios. Es ahí que escribió la mayoría de sus libros, aun aquellos fueron los viajes de ultramar, estos viajes desde luego, no fueron muy numerosos⁷⁹ [grifos meus].

Ao contrário do que a passagem anterior sugere, assumir a diretoria da Biblioteca não foi, de forma alguma, uma maneira de se afastar do meio que o circundava. A direção permitiu a Groussac criar uma aura em torno de si e atuar ainda mais vividamente no meio intelectual portenho. O franco-argentino trabalhou ativamente para fazer com que a biblioteca argentina se equiparasse às grandes bibliotecas europeias, o que acarretaria, em suas expectativas, que seu cargo na Argentina fosse tão importante quanto na Europa. Além disso, fundou duas revistas, *La Biblioteca* e *Anales de la Biblioteca*, que foram palco para numerosos debates intelectuais. Paula Bruno resume da seguinte forma sua atuação como bibliotecário:

Lanzó el sistema de catalogación formal de los volúmenes, de los materiales de hemeroteca y de los documentos inéditos; se encargó personalmente de confeccionar un fichero habilitado para la consulta del público; gestionó la recopilación de fuentes en archivos europeos y envió un copista al *Archivo General de Indias* de Sevilla, con el fin de relevar algunos documentos que consideraba importantes para la historia del país. También bajo su gestión, en diciembre de 1901, la biblioteca se mudó a la calle México –edificio construido originalmente para la Lotería Nacional– y en las dependencias de esta sede se instaló una pequeña imprenta tipográfica. A instancias suyas, por su parte, se dictó la Ley de Depósito Legal de ejemplares. Cada una de las acciones estuvo adecuadamente difundida y Groussac intentó que su cargo fuera reconocido y destacado como lo era en Europa⁸⁰.

Além disso, ser diretor da Biblioteca deu a Groussac a oportunidade de se dedicar inteiramente ao meio intelectual. Ao contrário da maioria de seus contemporâneos, para os quais o labor intelectual era praticado nas horas em que não estavam exercendo suas reais profissões e provendo o sustento familiar, Groussac conseguiu unir as duas esferas: viver do e

⁷⁹ BENARÓS, León. *Paul Groussac en el Archivo General de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación: Buenos Aires, 1998, p.37.

⁸⁰ BRUNO, Paula. Entre el ideal mundo letrado francés y la gran aldea argentina. Paul Groussac y su obra. In: *Los lugares del saber*. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno. Rosario, 2007, p. 382.

para o trabalho intelectual. É interessante ressaltar que a geração da qual Groussac fez parte viveu uma época em que as fronteiras entre as áreas de saber eram muito mais fluidas, de forma que era mais fácil aos homens se aventurar nos mais diversos assuntos e comprar “brigas” públicas nos diversos periódicos argentinos.

As décadas de 1860 e 1870 foram de mudanças substanciais no cenário intelectual argentino, mesmo que figuras da geração de 1837, como Sarmiento, Echeverría, Alberdi e Mitre, continuassem ocupando suas posições de destaque. Paula Bruno afirma que, entre 1810 e 1860, é possível delimitar muito mais facilmente os círculos intelectuais existentes e seus principais nomes e periódicos do que no período de atuação de Groussac:

Sin embargo, hacia la década del sesenta del mil ochocientos, identificar a un solo grupo o describir un único espacio de sociabilidad intelectual preponderante no es posible. De este modo, si se confrontan los años post-1860 con los decenios anteriores, salta a la vista que la novedad central de esta etapa es la apertura de una multiplicidad de zonas culturales en el ámbito porteño⁸¹.

Na Argentina, a década de 1880 iniciou-se com mudanças substanciais em relação aos períodos anteriores. Naquele momento, intensificou-se a grande onda imigratória, que se estenderia até as primeiras décadas do século XX. O interior do país já não era “deserto”. As vastas terras, as quais atraíam os novos e antigos habitantes, só foram efetivamente ocupadas após a grande operação militar liderada por Julio Argentino Roca, até então ministro da guerra, com o objetivo de controlar os indígenas. A ocupação de novas terras e o aumento de mão de obra fizeram com que o setor de produtos rurais se desenvolvesse, estimulado também pelas demandas do mercado internacional⁸².

A operação militar bem-sucedida deu a Roca uma grande visibilidade. O apoio à sua candidatura presidencial partiu das províncias do interior, que, graças às suas operações, já não eram “desertas” e ganhavam cada vez mais poder econômico e político em relação à província de Buenos Aires. A candidatura de Roca (Partido Autonomista Nacional) foi rebatida por Buenos Aires com a candidatura de Carlos Tejedor (centralista). Nessa disputa, estava em jogo a federalização da capital Buenos Aires, que, até 1880, destinava os lucros de

⁸¹ BRUNO, Paula. La vida letrada porteña entre 1860 y el fin-de-siglo. Coordinadas para un mapa de la elite intelectual. In: *Anuario IEHS* 24. 2009.p. 339-368. Disponível em: <<http://www.unicen.edu.ar/iehs/files/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁸² LOSADA, Leandro. La alta sociedad, el mundo de la cultura y la modernización en la Buenos Aires del cambio del siglo XIX al XX. *Anuario de Estudios Americanos*, n 63, vol. 2, Sevilla julio-diciembre, 2006. p.171-193.

sua alfândega apenas à província de mesmo nome. A disputa acabou em guerra civil, na qual Buenos Aires saiu derrotada, com sua consequente federalização. Roca foi eleito presidente, iniciando-se, assim, uma nova fase para a Argentina, em vários setores, tais como a política, a cultura e a economia.

A eleição de Julio A. Roca favoreceu também a ascensão de novas personalidades ao poder, i.e, de representantes de uma nova intelectualidade – como Eduardo Wilde e Carlos Pellegrini –, assim como o surgimento de uma nova geração de intelectuais, conhecida como “*la generación del 80*”⁸³, sobre a qual José Luis Romero afirma ter tido grande influência até 1910⁸⁴.

Essa geração de intelectuais levou adiante uma “tarefa civilizadora”, inegavelmente muito mais influenciados pelos autores franceses do que propriamente pelas tradições crioulas. Para Romero, civilizar o país tornou-se a bandeira e o objetivo central. Assim, buscavam se afastar das tradições coloniais, tendo como grandes influências, além dos autores franceses⁸⁵, o positivismo e as teorias evolucionistas de Darwin e Spencer. O desenvolvimento econômico também favoreceu que a classe abastada de Buenos Aires tomasse, como parâmetro de distinção social, a moda francesa, o que não impedia a influência inglesa – como no caso da criação de cavalos de raça como fator de distinção e riqueza e a consequente fundação do *Jockey Club*⁸⁶.

Este foi o período de surgimento de numerosos periódicos e revistas, tais como: *La Nación*, que continuou sendo um jornal de destaque, do qual emergiram várias influências culturais e muitas polêmicas políticas; *Sud-América*, dirigido por Carlos Pellegrini, Paul Groussac, Roque Saénz Peña e Lúcio Lopez, personalidades que se destacaram na política ou na literatura; *El Nacional*, *El Argentino*, *La Tribuna* e *La Unión*, periódicos diversificados que tiveram em suas fileiras personagens de destaque, como José Manuel Estrada.

⁸³ Sobre o conceito de geração, compartilho da definição de Fábio Wasserman, que afirma: “Consideramos que la pertenencia a una generación excede la edad, la formación teórica, la amistad, las trayectorias en comun y los ámbitos de sociabilidad. Una generación acontece, más bien, cuando sus miembros experimentan una conjuntura y se la representan como un problema compartido de índole política y/o intelectual. En este caso, el transfondo que animaba las representaciones y las prácticas de la Generación de 1837- y que creemos la constituyó como tal- era la creación de una nación, entendiéndola a ésta como el nombre del proyecto con el cual buscaban desarrollar lazos sociales y políticos modernos en el territorio rioplatense.” In: WASSERMAN, Fábio. La generación de 1837 y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina “Dr. Emilio Ravignani”*. n. 15, 1º semestre de 1997. Disponível em: http://ravignanidigital.com.ar/_bol_ravig/n15/n15a01.pdf Acesso em: 18 ago.2015.

⁸⁴ ROMERO, José Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Editora A_Z, 1998.

⁸⁵ Os intelectuais franceses já eram muito estimados pelas gerações intelectuais precedentes e continuaram a ser pelos intelectuais da década de 1880.

⁸⁶ ROMERO, José Luis. *Op. Cit.*

O campo cultural argentino, como observamos, não escapou às grandes mudanças sociais e econômicas que ocorreram ao final do século XIX. Leandro Losada afirmou que uma das principais modificações ocorridas no final do século XIX foi a profissionalização do campo intelectual, favorecida também pela criação do Curso de Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires (UBA). Porém, anteriormente à criação do curso, em 1896, um novo movimento de intelectuais já contribuía para a criação de novos espaços de sociabilidade em Buenos Aires. Leandro Losada destaca, entre os mais relevantes, o *El Ateneo* e a revista criada por Paul Groussac, em 1896, *La Biblioteca*⁸⁷.

Ambos os espaços de sociabilidade contribuíram para que ocorresse uma maior delimitação do campo intelectual, favorecendo sua profissionalização. Embora, já na década de 1870, tivessem surgido espaços como o Círculo Científico e Literário, o *El Ateneo*, de 1892, influenciou na profissionalização do meio literário, das artes plásticas e da área musical, reunindo intelectuais representantes dessas esferas e, ainda, exigindo que os veículos de imprensa pagassem por suas colaborações.

Sobre *La Biblioteca*, Paula Bruno afirma:

Fue considerada por sus contemporáneos una empresa europeizante y civilizadora. Rubén Darío se refirió a la misma como la “revista más seria y aristocrática que hoy tenga la lengua castellana. *La Biblioteca*, es [...] nuestra *Revue des Deux Mondes*”. [...] Desde *La Biblioteca*, Groussac impuso políticas editoriales que tuvieron impacto cultural. Él mismo eligió las producciones que conformaron cada número y operó como un articulador cultural propiciando la circulación de novedades europeas, latinoamericanas y nacionales, aunque siempre manteniendo el tono ejemplificador y moralizante⁸⁸.

Nesses espaços, a condição de intelectual era uma maneira de construir uma identidade social que se baseava na noção de superioridade das inclinações espirituais e intelectuais. Os *gentlemen* escritores traçaram os caminhos para a profissionalização da esfera intelectual por meio das instituições que criaram, fazendo uma distinção entre eles e os demais *gentlemen* que frequentavam os clubes tradicionais de Buenos Aires, como o *Jockey Club* ou o *Club del Progreso*⁸⁹.

⁸⁷ LOSADA, Leandro. La alta sociedad, el mundo de la cultura y la modernización en la Buenos Aires del cambio del siglo XIX al XX. *Anuario de Estudios Americanos*, n 63, vol. 2, Sevilla julio-diciembre, 2006. p.171-193.

⁸⁸ BRUNO, Paula. La vida letrada porteña entre 1860 y el fin-de-siglo. coordenadas para un mapa de la elite intelectual. In: *Anuario IEHS* 24. 2009.p. 339-368. Disponível em: <http://www.unicen.edu.ar/iehs/files/> Acesso em: 10 ago. 2015.

⁸⁹ Idem.

A atuação desses intelectuais da elite tradicional não se esgotou dentro desses clubes. Implicou, também, a criação de novos espaços dedicados exclusivamente às atividades intelectuais, permitindo que se contatassem indivíduos de diferentes setores sociais, o que se intensificou com o aumento do número de imigrantes. A esfera intelectual foi, assim, um expoente para a percepção das mudanças pelas quais passava a sociedade, permitindo um maior diálogo entre a elite tradicional e os “homens novos”. Os clubes tradicionais da alta sociedade também começaram a concorrer com os demais espaços sociais de caráter mais boêmio que despontavam na vida portenha.

Mesmo que, em fins do século XIX, o apadrinhamento por parte de homens da elite tradicional portenha ou por aqueles que adentraram essas esferas anteriormente a 1880 ainda fosse uma moeda importante para se alcançar reconhecimento, no decorrer das primeiras décadas do século XX, o protagonismo deles foi diminuindo, graças a diversos aspectos, tais como: a profissionalização da esfera intelectual; o sucesso editorial como forma de reconhecimento, uma vez que o analfabetismo diminuía no país; o surgimento das vanguardas⁹⁰. Era um outro caminho para se alcançar sucesso, além de estar vinculado à elite tradicional.

A moderna historiografia argentina questiona mesmo a noção de “geração de 1880”, vez que não existiria uma suposta homogeneidade entre os intelectuais nesse período, pois, em sua maior parte, eram vistos como homens do Estado ou profundamente imersos na modernização do país, influenciados pela escola positivista ou científicista. O termo “*gentleman* escritores”, que serviria como meio de distinção, passou a ser colocado em xeque, visto que poderia indicar que a não profissionalização se equipararia às tarefas intelectuais de um *gentleman* sócio do *Jockey Club*⁹¹.

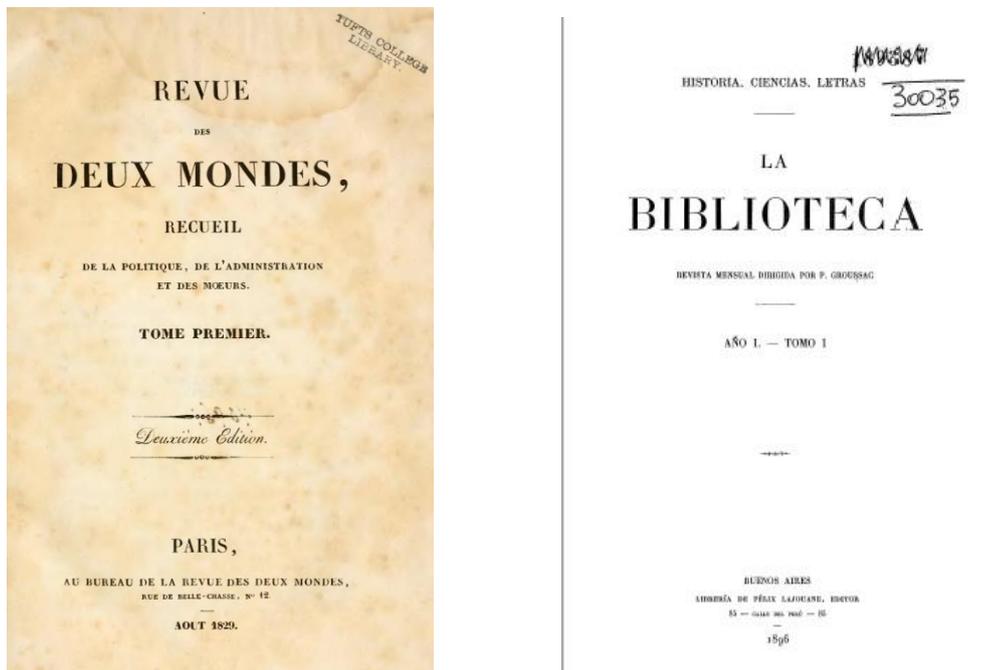
⁹⁰ LOSADA, Leandro. La alta sociedad, el mundo de la cultura y la modernización en la Buenos Aires del cambio del siglo XIX al XX. *Anuario de Estudios Americanos*, n 63, vol. 2, Sevilla julio-diciembre, 2006, p.171-193.

⁹¹ BRUNO, Paula. Biografía e historia de los intelectuales. Balance y reflexiones sobre la vida cultural argentina entre 1860 y 1910. In: *Literatura y lingüística* [online]. 2017, n.36, pp.19-36. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58112017000200019&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 03 jan. 2018; LOSADA, Leandro. *Historia de las elites en la Argentina: Desde la conquista hasta el surgimiento del peronismo*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009; BRUNO, Paula, *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época 1860-1910*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

1.2 Debates públicos, o crítico implacável e suas obras

Retornando a Groussac, *La Biblioteca* (1896-1898) foi um espaço importante para a atuação do franco-argentino. Ele editou a revista, selecionou seus autores e resgatou textos de autores clássicos argentinos, em uma grande variedade de assuntos e estilos. Nas páginas de sua revista, figuraram textos de personalidades como Domingo F. Sarmiento, Bartolomé Mitre, Vicente Fidel Lopez, José Ramos Mejía, Miguel Cané, Rubén Darío, Martín García Merou, Nicolás Avellaneda, além de muitos outros autores e de textos do próprio Groussac. Foi considerada por Rubén Darío como uma das principais revistas americanas, comparada à *Revue des Deux Mondes* francesa. Até mesmo a diagramação de ambas se assemelhava, pois Groussac buscava equiparar sua revista com as melhores revistas europeias, sendo a *Revue des Deux Mondes* uma das mais prestigiadas.

Figura 1: *Revue des Deux Mondes* (tomo 1, 1829) / *La Biblioteca*



Fonte: Domínio público. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Revue_des_deux_Mondes#/media/File:Revue_des_Deux_Mondes_-_1829_-_tome_1.jpg> Acesso em: 18 set. 2017. / *La Biblioteca*, tomo 1, 1896. Disponível em: <<http://trapalanda.bn.gov.ar/jspui/handle/123456789/6535>> Acesso em: 18 set. 2017.

A revista *La Biblioteca* está disponível *on-line* na *Biblioteca Digital Trapalanda*, empreendimento da Biblioteca Nacional Argentina que permite o acesso a todos os exemplares de todas as fases da publicação. Groussac foi o responsável por duas fases: a primeira, entre 1896-1898, e, posteriormente, com *Los Annales de La Biblioteca*, entre 1900-1916. A primeira fase da revista dirigida por Groussac foi encerrada em seu oitavo exemplar, em decorrência de um debate público travado pelo autor e da ação que ele considerou como censura.

Groussac se tornou célebre por seus debates públicos. Como afirma León Benarós, seu perfil mais intransigente foi o de polemista:

El perfil más duro, áspero e intransigente de Paul Groussac es, sin duda el de polemista. Firme en sus trece, jamás da su brazo a torcer. Analiza con minucia los argumentos del contrincante de turno. Aparentemente los pulveriza, aunque con frecuencia no está a su lado la razón⁹².

Paula Bruno entende que assumir tais debates e polêmicas publicamente foi uma das formas de se manter em evidência no cenário intelectual e de construir sua autoridade nesse

⁹² BENARÓS, León. *Paul Groussac en el Archivo General de la Nación*. Buenos Aires: Archivo general de la Nación, 1998, p.61.

meio. As evidências corroboram tal percepção, porém, em alguns desses embates, é possível perceber muito do gênio pessoal do autor, o que sugere que nem todos esses eventos que o caracterizaram como um grande polemista tenham sido pensados por ele como oportunidades de autopromoção. Para a exemplificação do humor do personagem, um comentário de sua filha mostra-se interessante:

Esos extraños y súbitos cambios de humor le ocurrían casi siempre (es una observación que la he hecho después) cuando debía hacer algo que le costaba, por ejemplo, dar fin a su temporada de descanso. Creo que jamás lo he visto partir del campo tranquilamente, digamos, despidiéndose de su familia, tomar el coche, el tren, etc. Infaliblemente, ese día bebía producirse algo violento... apenas reincorporado a su trabajo venía la carta de “desagravio”. Después de uno de esos intempestivos viajes termina así una carta a mi madre: ‘Te quiero, mi Cornelia, y te pido que no te acuerdes sino de una das personas que hay en mí’. No recuerdo ya de nuestra temporada agreste sino las horas de felicidad, las horas deliciosas que he sabido saborear el encanto supremo del amor y de la familia en esa paz inmensa de los campos⁹³.

Tal observação corrobora o entendimento de que Groussac era pessoalmente mais inclinado às mudanças de humor, o que se revela também em sua produção literária e nos debates públicos. Entretanto, ao contrário do que ocorria na vida privada, na vida pública, como assinalou Benarós, Groussac era pouco afeito a se retratar ou a se desfazer de suas opiniões, o que geralmente se dava a partir do desmantelamento do trabalho de alguns de seus pares. Por exemplo, Groussac travou um debate público com Bartolomé Mitre sobre como deveria ser escrita a história nacional, apontando diversas falhas no trabalho do ex-presidente argentino. Outra vez, debateu com Menéndez y Pelayo sobre a identidade do autor do falso Don Quixote de la Mancha. Pelayo escreveu um artigo contestando as diversas críticas feitas por Groussac, o qual jamais respondeu.

Um de seus debates mais polêmicos, que resultou no fim de *La Biblioteca*, foi com o advogado e diplomata Norberto Piñero (1858-1938). Discutiram a compilação da obra de Mariano Moreno que Piñero havia publicado, intitulada *Escritos políticos y económicos de Mariano Moreno* (1896). Groussac criticou o trabalho partindo do argumento de que o *Plano de Gobierno Revolucionario*, incluído na publicação, não era de autoria de Moreno, mas sim apócrifo. Considerava, portanto, que o plano erroneamente atribuído a ele era um desrespeito à memória e ao trabalho realizado durante a Revolução de 1810.

⁹³ GROUSSAC, Cornelia. Paul Groussac: el escritor, el hombre, por Cornelia Groussac. In: BENARÓS, León. *Paul Groussac en el Archivo General de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p.43.

A questão que culminou no fechamento da revista de Groussac foi a intervenção do ministro de instrução pública, Luis Beláustegui, que considerou as críticas feitas a Piñero, na época representante argentino no Chile, por demasia severas, que injuriavam o autor excedendo a mera crítica literária. Isso porque Groussac o caracterizou como um “abogado estrecho”, que manuseara a documentação em ganho próprio. Groussac entendeu a intervenção ministerial como censura e respondeu a carta de Beláustegui da seguinte forma:

Acatando la autoridad del señor ministro e conformándome con el espíritu de la mencionada comunicación, tengo el honor de avisar a V. E. que, desde el próximo mes de mayo, la revista La Biblioteca dejará de parecer.
Saludo a V. E. con respeto.
P. Groussac⁹⁴ [grifos meus]

La Biblioteca foi um empreendimento bem-sucedido de Groussac e, embora custeada pelo poder público, já que era produção de um órgão estatal, não cumpriu as pautas decorrentes do Estado e, sim, as ditadas por seu editor. Nesse sentido, tal empreendimento buscava ditar uma agenda cultural para o país, afastando-se do meio político propriamente dito, sendo que podemos interpretar a ação de Groussac ao encerrar tal empreitada como uma forma de reafirmar a separação entre o campo político e o cultural:

en estas repúblicas, es imposible que cualquiera superioridad intelectual no remate en la política, como en la encrucijada central a la que conducen todas las avenidas. No vivirían aquí impunemente Pasteur o Darwin, sin habérselas con algún ministerio o presidencia de cámara; como el poeta Mármol que era estatista como un zorzal. Nuestra máquina política es tan perfecta, que contiene en si misma su principio y su fin: toda la fuerza del generador se emplea en mover los complicados mecanismo de quince constituciones que dan vueltas en el vacío [...]⁹⁵

Groussac fez da revista um espaço para propagar ideias, estilos e novidades que ele acreditava serem necessárias para o desenvolvimento cultural do país. Teve ampla aceitação nos círculos intelectuais argentinos e foi conhecida em outros países latino-americanos, como o Brasil, sendo elogiada, como já mencionei, por homens como Rubén Darío, Miguel Cané e Carlos Pellegrini, que lamentou o desaparecimento em carta pessoal ao amigo franco-argentino, apoiando a decisão de não se curvar perante a intervenção ministerial insinuando que haveria, além desse, outros aspectos que favoreciam a resolução pelo fim da empreitada:

⁹⁴ BENARÓS, León. *Paul Groussac en el Archivo General de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p.63.

⁹⁵ GROUSSAC, Paul. *La Biblioteca de Buenos Aires. La Biblioteca*. Tomo I. Buenos Aires, 1896, p.173.

[...] llegó con ella el último número de “La Biblioteca”, su resolución la esperaba. Era la única solución elevada después de la gran necesidad oficial. Pierde el país, pero Ud. gana. Pelo camino que se seguía no podría continuar y le han ofrecido una brillante ocasión de resolver el problema que Vd. ha hecho bien en aprovechar [...] ⁹⁶ [grifos meus].

Sua revista foi um empreendimento de destaque no meio intelectual argentino entre 1896 e 1898. Mesmo circulando por apenas dois anos, seus exemplares nos permitem formular uma série de perguntas sobre a sociedade que a produziu, mas, em especial, sobre seu editor. Em uma recente dissertação de mestrado, Mauro Franco Neto conseguiu pensar a noção de temporalidade e história na Argentina de finais do século XIX utilizando a revista como referencial e principal objeto de pesquisa⁹⁷. Nas páginas da revista, diferentes gerações e estilos se encontravam, sendo um espaço interessante para observar o posicionamento e a compreensão de homens como Sarmiento, já atuante na chamada Geração de 1837 e já falecido em 1896, e personagens mais contemporâneos a Groussac, como Pelegrini. A revista foi, então, também um espaço de encontro entre gerações diferentes, nas quais se discutiam diferentes propostas de nação.

Paula Bruno compara o papel de Groussac na revista com a de um difusor cultural e, por vezes, com a função de um censor. Ele selecionava os trabalhos a serem publicados e ditava as pautas a serem abordadas em cada edição. Sendo assim, o empreendimento se transformou em uma maneira de o autor difundir “seu programa”, o que era garantido por sua clara participação na publicação. Ele selecionava quem publicaria e, ao mesmo tempo, reservava-se um grande espaço: escrevia o prefácio, as notas biográficas – apelidadas de “los medallones” –, e ainda inseriu diversos de seus próprios textos. Nesse sentido, Groussac teve a oportunidade de impulsionar diversos autores e de desacreditar outros, ditando quem seria digno de participar dessa cultura que ele desejava difundir⁹⁸.

Um dos tópicos constantemente retomados por Groussac em diversos de seus trabalhos é o caráter imaturo dos setores intelectuais latino-americanos, um assunto também presente em diversos de seus textos de viagem. O autor afirmou que, no país que o adotara, todos eram literatos de ocasião, ou seja, não se dedicavam exclusivamente ao trabalho intelectual, o que gerava um resultado fragmentário e sem método, sem a crítica dos

⁹⁶ BENARÓS, León. *Paul Groussac en el Archivo General de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998, p. 144.

⁹⁷ NETO, Mauro Franco. *Ciência, evolução e experiência do tempo no fim de siècle: estudos e revisões sobre letrados brasileiros e argentinos*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2015.

⁹⁸ BRUNO, Paula. *Paul Groussac: un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2005.

documentos. Claro que, em outros países, existiam médicos e advogados que intervinham no espaço intelectual, porém, na Argentina e em outros países sul-americanos, não existia a especialização, a separação das esferas de atuação. Tal “imaturidade” dava ao franco-argentino mais autoridade, especialmente por ser representante da cultura francesa.

Apesar dessas críticas ao estado do mundo intelectual argentino, Groussac se inseria entre esses autores, como ele próprio, em diversos textos, reconhece. Ser diretor permitiu-lhe uma dedicação muito maior aos seus trabalhos de cunho exclusivamente intelectual: a produção de seus livros; o contato com um grande número de escritores de várias partes do mundo, principalmente da Europa; o acesso às novidades que chegavam a Buenos Aires antes de seus pares; o acesso irrestrito a documentos do acervo que administrava. Enfim, havia condições propícias para o desenvolvimento de seus projetos⁹⁹. No entanto, paradoxalmente, a carência de especialização do meio intelectual foi também a condição primordial para sua ascensão em finais do século XIX, aspecto que facilitava sua influência nos mais diversificados campos do saber.

Conquanto as críticas à falta de separação entre as áreas de conhecimento, bem como à carência de método científico e de crítica documental fossem de suma importância para o franco-argentino, ele não produziu diretrizes precisas para a consolidação desse projeto. As pistas para sua execução, contudo, ecoam em diversos de seus numerosos trabalhos. Somente dois anos após o fim de *La Biblioteca*, Groussac se dedicou aos *Anales de la Biblioteca*, que, em grande medida, foi um projeto semelhante. A proposta geral do segundo empreendimento consistia principalmente na divulgação de documentos inéditos visando à difusão de originais e de estudos que, de alguma maneira, pudessem favorecer o melhor conhecimento da história argentina ou mesmo o enriquecimento da história oficial do país.

Los Anales de la Biblioteca, cuyo primer tomo sale hoy à luz bajo los auspicios del Exmo. Gobierno de la Nación, tienen por objeto principal la publicación de obras y documentos inéditos, existentes en la Biblioteca de Buenos Aires y relativos a la historia y geografía del Río de la Plata¹⁰⁰.

Entre 1900 e 1916, foram publicadas 10 edições dos *Anales de la Biblioteca*, sendo que essas foram surgindo sem datas pré-estabelecidas, ao longo dos anos. Não houve divulgação dos motivos de seu encerramento, o que permanece ainda hoje sem uma explicação. Essa última empreitada de Groussac demonstra sua preocupação com a crítica de

⁹⁹ Cabe salientar que Groussac foi também responsável pela organização do acervo da Biblioteca Nacional e pela aquisição de novas obras, tendo buscado equiparar a instituição que administrava às melhores bibliotecas europeias.

¹⁰⁰ GROUSSAC, Paul. *Anales de la Biblioteca*. Tomo 1. 1900, p. 5.

documentos, uma vez que, para ele, era de fundamental importância que os documentos ligados à história nacional argentina estivessem disponíveis a quem desejasse estudá-los. Para tal acessibilidade, era indispensável que tais escritos saíssem da esfera do privado e fossem para a guarda de órgãos públicos, como a Biblioteca Nacional. Dessa maneira, seria possível, verdadeiramente, construir uma história nacional, vez que os documentos utilizados por seus escritores poderiam ser verificados, ou seja, submetidos à crítica documental.

Fundada esperanza tiene, pues, el editor de los Anales, de estimular con esta publicación el celo patriótico de los poseedores de manuscritos originales e interesantes, consiguiendo que éstos vengan, como á su natural destino, á juntarse en el depósito común, en lugar de andar ó yacer inertes en gavetas, donde, sin provecho mayor para los propietarios, quedan substraídos á la pública investigación. El concepto científico que ha transformado la historia moderna se apoya, como es bien sabido, en el empleo del documento original [...]. De esta noción reciente se originan las vastas publicaciones de documentos inéditos que se han hecho y sigue haciéndose en Europa y los Estados Unidos, bajo los auspicios de gobiernos y corporaciones sabias, con el objeto á la circulación todos los materiales de la historia política, social, científica y literaria de las naciones¹⁰¹.

O trecho supracitado demonstra a preocupação de Groussac com a crítica documental e com uma maior profissionalização do campo intelectual argentino, que pode ser observada em vários de seus trabalhos, inclusive nos relatos de viagem da juventude. Ao mesmo tempo em que o autor criticou o que denominou de “literatos de ocasião”, também se inseriu nesse rótulo. Não assumiu uma única área de atuação, o que pode ser comprovado com sua obra fragmentada em diversos periódicos – alguns dos quais nem mesmo se recordava, como afirma em sua autobiografia. Podemos dizer, ainda, que sua obra também possui diversos vieses.

Groussac foi crítico literário, escritor, editor, historiador, jornalista, bibliotecário, tendo sua produção transitado por todos esses meios. Sua contribuição para a historiografia argentina passa, sobretudo, pela valorização da crítica documental, como já mencionado. No entanto, o autor não formulou uma teoria definitiva de como se deve escrever a história. Para ele, a produção historiográfica era marcada pelo somatório do conhecimento científico e da arte, diferenciando-se da ficção pela busca da “verdade”. Essa ideia de verdade era marcada, em sua percepção, pela efemeridade. Em *Del Plata al Niágara*, ele escreveu: “la historia es una tela de Penélope: todo es sustentable porque todo es incierto”¹⁰². Nesse sentido, não

¹⁰¹ Ibidem. p.7-8.

¹⁰² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 9.

existia, para ele, a ideia de verdade absoluta, sendo a história uma ciência em constante renovação.

Sendo assim, como afirma Paula Bruno, os aspectos científicos da história, para Groussac, relacionam-se ao método, ou seja, noções prévias à escrita de um relato histórico. Essa crítica documental, no entanto, estaria relacionada a uma sagacidade pessoal do historiador, “que não pode ser ensinado e carrega um pouco de adivinhação”¹⁰³. Nessa medida, escrever a história também carregaria um aspecto artístico.

Em relação às temáticas escolhidas para seus trabalhos históricos, Groussac se opôs às eleições feitas por seus antecessores, sendo um de seus mais famosos embates o que teve com Bartolomé Mitre em relação a sua *Galeria de celebridades argentinas*, de 1847. Para Groussac, Mitre errara, ao eleger personalidades secundárias na história da independência para sustentar seu relato, referindo-se a Manuel Belgrano¹⁰⁴. Além disso, referia-se à crítica documental falha, empreendida pelo já ancião Mitre, que, aliada à paixão nacionalista excessiva, prejudicaram sua escrita e seu julgamento dos acontecimentos.

Para Groussac, as personalidades argentinas importantes na construção da história excediam o universo político, já que esse meio era, em sua percepção, algo muito efêmero na América do Sul e, em especial, na pátria adotiva. Nesse sentido, em seus trabalhos, elegeu personalidades diferentes para serem seus protagonistas: Santiago de Liniers, Pedro de Mendoza, Juan de Garay e Cristóvão Colombo, e, entre os argentinos, dedicou textos a Mariano Moreno, Echeverria e Diego Alcorta¹⁰⁵, dentre outros¹⁰⁶. Por muito tempo, os trabalhos históricos de Groussac foram destinados a um ostracismo em relação aos escritores da história argentina. Para homens como Ricardo Rojas, a Groussac escapava a paixão nacionalista necessária para escrever a história nacional. Em seus volumes destinados a discutir os homens que escreveram a história do país, o franco-argentino não é sequer mencionado e, quando o é, aparece comumente como diretor da Biblioteca Nacional.

Suas obras, como já mencionado, foram além dos trabalhos dedicados à história argentina. Nas últimas décadas da vida de Groussac, uma de suas principais preocupações foi

¹⁰³ BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005, p. 193.

¹⁰⁴ Manuel José Joaquín del Sagrado Corazón de Jesús Belgrano (1870-1820), foi um político, advogado e militar argentino que atuou durante os conflitos que antecederam a independência argentina.

¹⁰⁵ GROUSSAC, Paul. *Ensayo Crítico sobre Cristóbal Colón*. Historia y leyenda. Buenos Aires: s/e, 1882; GROUSSAC, Paul. *Santiago de Liniers, conde de Buenos Aires 1753-1810*. Buenos Aires: Arnoldo Moen y Hermano editores, 1907; GROUSSAC, Paul. *Mendoza y Garay: Las dos fundaciones de Buenos Aires 1536-1580*. Buenos Aires: Jesús Menéndez Editor, 1916.

¹⁰⁶ BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005, p. 200.

a compilação de vários de seus textos em formato de livro. O autor entendia que essas compilações seriam muito importantes para que sua obra permanecesse. Muitos de seus artigos foram agrupados em coletâneas – *El Viaje Intelectual, primera serie* (1904), *El Viaje Intelectual, segunda serie* (1920), *Los que Pasaban* (1919), *Relatos Argentinos* (1922) e *Critica Literária* (1924) –, todas contendo trabalhos de diferentes épocas. Também é interessante observar que é possível ter acesso a diferentes fases de sua produção literária nessas obras, e até mesmo a notas do autor, já idoso, explicando seus apontamentos do passado – a “autoexplicação de si” –, o que, de certa maneira, também ocorreu no texto autobiográfico. Além das coletâneas publicadas nos últimos anos de sua vida, o autor escreveu uma peça teatral intitulada *La Diviza punzó*,¹⁰⁷ drama histórico e a única de suas obras a tratar do Rosismo, já em seus últimos dias.

Nesse sentido, as memórias resgatadas por Groussac nessas passagens devem ser compreendidas como um processo de lembrar e esquecer, no qual o autor assinala aspectos que deseja recuperar de sua vida. Ao mesmo tempo, constrói uma narrativa que contribui para a consolidação da forma como gostaria de ser visto por seus pares, por seus contemporâneos e pelas gerações futuras. É interessante notar que o texto autobiográfico foi escrito com o objetivo de publicação. Mesmo que Groussac tenha assinalado a necessidade de que tais apontamentos fossem revistos, tendo em vista a retirada de trechos que recordassem aspectos muito pessoais de sua vida e de outros personagens envolvidos, ele se preocupou em escrever sua trajetória de forma a assegurar que muitos capítulos desta, antes não explorados, fossem lidos por alguém.

No fim de suas notas biográficas, Groussac deu especial atenção às suas viagens ao exterior, com destaque à França. Destacou especialmente a viagem de 1911, na qual ministrou uma conferência na Sorbonne sobre o vice-rei Santiago de Liniers¹⁰⁸, que foi publicada na *Revue des Deux Mondes*. Sem nenhuma modéstia, o autor afirmou que a conferência ficara interessante, tanto na forma escrita quanto na falada. As notas dessas memórias destacam, entre outras coisas, a ativa atuação em diversas revistas renomadas, como a *Revue Bleue*; o fluxo contínuo de textos enviados a Buenos Aires; a amizade que George Clemenceau¹⁰⁹

¹⁰⁷ Referência à faixa vermelha que os cidadãos argentinos deveriam portar para mostrar sua adesão ao caudilho de Rosas.

¹⁰⁸ Militar francês que atuou como Vice-rei para o império espanhol no Vice-reino do Prata, entre 1807 e 1809.

¹⁰⁹ George Clemenceau visitou a Argentina em 1910, em decorrência das comemorações do centenário da Revolução de 1810. Groussac foi uma das personalidades responsáveis por recebê-lo, o que também foi favorecido por ser francês. Nessa medida, Clemenceau o retratou como um cidadão francês que buscou levar para a Argentina elementos para seu desenvolvimento, atuando ativamente na Biblioteca Nacional, equiparando-a a seus pares europeus.

demonstrou ao citá-lo em suas memórias e ao enviá-lo a *roseta* de *Oficial de la Legión de Honor*.

O autor destacava, assim, seus louros franceses, reafirmando que não acreditava que tinha se tornado um perfeito escritor castelhano e deixado de ser um verdadeiro escritor francês. Ele ainda negou as mesmas qualidades do “produto natural” ao “produto da hibridação”, já que existia um constante embate entre as faculdades adquiridas em sua adolescência e as adquiridas como “escritor transplantado”¹¹⁰. Tais colocações de suas notas autobiográficas dialogam bastante com suas observações em algumas partes de seus relatos de viagem, em especial sobre os imigrantes em países latino-americanos, como discuto no próximo capítulo.

O espaço de atuação de Groussac foi amplo e consolidou-se, sobretudo, nos últimos anos do século XIX. Suas obras nos permitem observar características que evidenciam as mudanças pelas quais passava o país nesse período. Ao produzir obras muito diversificadas, evidencia essa conjuntura de atuação, pois, mesmo nos trabalhos históricos, Groussac se preocupa em consolidar um modelo, uma visão sobre a história argentina que deve ser considerado o ideal. Muitas vezes, o autor cai em seus próprios paradoxos, sendo ele também fruto do meio no qual atuou e dos acontecimentos históricos nos quais esteve imerso e dos quais também foi personagem.

1.3 A viagem de 1883 à França e a influência na construção identitária do autor

Durante sua vida, Groussac retornou algumas vezes ao país natal: a primeira em 1883, posteriormente em 1894, 1898, 1911 e 1925, quando, já muito idoso e quase inteiramente cego, rumou para Paris a fim de operar o olho direito. Pensar as experiências de retorno à Europa permite acompanhar o desenvolvimento de Groussac, bem como as mudanças de perspectiva na observação da cidade que o cercava.

Em cada uma das viagens, Groussac observou uma Paris diferente, que nunca se apresentou em suas páginas como a mesma. Em cada fase, o autor viveu uma Paris; em cada uma de suas viagens, vivenciou novas experiências, imprimiu novas opiniões que, somadas à conjuntura histórica, imprimiram uma posição distinta em cada um de seus relatos.

¹¹⁰ Os termos entre aspas são de autoria de Groussac.

Me ha parecido que estas impresiones de visa, ante algunos aspectos del París literario y callejero de hace un largo tercio de siglo, podrían conservar algún interés para el lector, — no diré “a pesar”, sino “a causa” de su relativa antigüedad: va sea aquél meramente histórico, induciendo a exclamar: “¡Cómo han cambiado las cosas !”; ya filosófico, si inclinan a pensar: “¡ Cuán poco se ha cambiado!”: ya, por fin, simplemente halagador para el que exhume estos recuerdos, si promovieran esta reflexión: “ ¡Cómo se ha cumplido lo que allí se anunciaba!” En general, me abstendré de señalar en nota los cambios ocurridos en los lugares públicos, usos, puntos de moda, y demás detalles que datan, como allá decimos, y que el lector moderno, parisiense o “aparisienado”, substituirá fácilmente. Y no sé si agregar que podría algún curioso de pequeneces comparar estas sensaciones de juventud con algunas de la edad madura en los mismos sitios, estampadas en la primera serie de esta obra¹¹¹ [grifos meus].

A série *El Viaje Intelectual* reúne relatos de três dessas viagens, datadas de 1883, 1894 e 1898. A viagem de 1911 conta apenas com algumas referências em alguns trabalhos do autor; a de 1925, em decorrência de seus resultados – uma vez que foi quando o autor perdeu em definitivo a visão após uma cirurgia malsucedida –, foi pouco evocada, tanto pelo personagem quanto por quem o acompanhava. Seguindo a sugestão do próprio Groussac, o objetivo, neste momento, é “comparar estas sensaciones de juventud con algunas de la edad madura en los mismos sitios”, comprendendo que tais relatos são importantes para melhor compreendermos a relação de Groussac com o país adotivo e as formas como ele se relacionou com outros países americanos durante suas viagens.

Sea como fuere, me permitiré, sin que esto importe invadir la libre apreciación del lector, apuntar aquí dos reflexiones, la una relativa al fondo, la otra a la forma de estas páginas, que su repetida y minuciosa lectura en pruebas me ha sugerido. La de fondo — que nada me costaría calificar de “filosófica” — atañe especialmente a los capítulos parisienses, esquiados ha más de un tercio de siglo, y que, no habiéndolos vuelto a ver, por cierto, desde que los escribí, me toman casi tan de nuevo como si de otro fueran y los leyera por primera vez. Compruebo allí, no sin asombro, cómo, a raíz de la ya perfecta adaptación al medio sudamericano, de que dan testimonio las páginas anteriores, se produce, a las pocas semanas (le la vuelta a París y con el solo contacto de su pueblo y respiro del medio ambiente, tan inmediato e íntegro el recobro de la real idiosincrasia, a la vez que el retoñar de los hábitos y sentimientos nativos, cual si nunca se hubieran interrumpido. No, decididamente, no hay tiempo ni distancia que altere en las almas bien nacidas la esencia íntima con que se transmite indeleble el sello de la raza; y los cinco años trágicos que los franceses acabamos de vivir¹¹²: esta terrible crisis de eretismo patriótico al aire libre y goteando sangre — a que tantos han sucumbido fuera del campo de batalla, — no han hecho sino corroborar con mil pruebas diarias y solemnes, que, aun en aquellos de nosotros que parecemos y somos los más hondamente trasplantados en tierra americana,

¹¹¹ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920.

¹¹² Primeira Guerra Mundial.

*el incomparable vigor de las raíces primitivas se sobrepone invenciblemente al de las adventicias*¹¹³[grifos meus].

Essa observação feita por Groussac no prefácio de 1920 de *El Viaje Intelectual* deixa claros alguns pontos. Primeiramente, a questão do “ser francês”. Já nas linhas que abrem seu livro, Groussac afirma que, embora tenha sido profundamente transplantado em solo sul-americano, esse enraizamento não apagou nele as raíces francesas, que permaneciam mais fortes do que as adquiridas no país adotivo. Assim, é possível perceber que, mesmo idoso, o autor se reconhece como um francês, e que tal origem, de certa maneira, confere autoridade no meio para o qual o texto é dedicado. Ao mesmo tempo, Groussac destacou que as linhas escritas em 1883 não foram revisitadas por ele durante as décadas que separaram o momento de sua escrita do prefácio de *El Viaje Intelectual*. Ainda assim, reforçam a tese de que, após os quase 40 anos de permanência na Argentina, a percepção do autor sobre tal viagem continuou sendo a mesma: a oportunidade de regressar à pátria fez com que sua cultura retornasse para ele de maneira quase instantânea, não importando o tempo em que o autor permaneceu distante.

A viagem de retorno à França, em 1883, iniciou-se em Toulouse, onde o autor visitou a família após 17 anos de separação. A mãe de Groussac falecera quando ele ainda era uma criança, e o pai já havia se casado novamente e formado uma família a partir de um novo casamento. A visita de Groussac, então, foi breve. Assim, o relato de sua viagem a Paris se divide em cinco partes: *Renan en el ‘Collège de France’*, *Histrionismo*, *Edmond de Goncourt*, *Louise Michel- anarquistas y obreros*, *Una visita a Victor Hugo*.

O relato de Groussac se estrutura de forma a oferecer uma visão da cidade que ele considerava a “verdadeira Paris”, ou seja, a Paris cotidiana, aquela que escapava da visão dos milhares de turistas que geralmente se dirigiam ao local objetivando prazer:

Ahora bien: interrogad a uno de esos ociosos despilfarradores, que conocen al dedillo el elenco de la “fiesta”, desde el cuerpo de baile de la Opera hasta los mozos del café Riche; y descubriréis que nada saben del verdadero París que trabaja, lucha, estudia, vive honrada y valientemente en la obscuridad o en la gloria ¡Ignoran en absoluto a la mayoría activa de la colmena parisiense, como si ésta sólo se compusiera de zánganos!

Ese París está en los laboratorios y los talleres, en los anfiteatros y las fábricas. Los millares de obras de ciencia y arte que anualmente salen a luz; los incomparables productos de esta industria parisiense, que duplica el valor de la materia con la fina solidez de la concepción y su gusto exquisito, no representan, por cierto, la florecencia espontánea de un privilegiado vergel, sino la cosecha opima de un inteligente e infatigable cultivo. Fuera del largo

¹¹³ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p.15.

período de preparación, que desarrolla y robustece las aptitudes, la composición de una comedia de Dumas (hijo) o de una novela de Daudet, apenas importa un esfuerzo menos intenso que un descubrimiento de Pasteur o un volumen de Taine: unos y otros resultados significan meses o años de trabajo, de soledad y absorción, lejos del mundo y sus debilitantes diversiones¹¹⁴ [grifos meus].

No entanto, cabe destacar que Groussac também foi um desses turistas. Na introdução de seu relato, ele afirmou que só havia estado na cidade brevemente, antes de sua ida à Argentina, de forma que Paris era, para ele, quase uma cidade desconhecida. A experiência de ter passado os 11 anos anteriores em Tucumán, e não em uma cidade grande, tal como Buenos Aires, contribuía também para seu estranhamento em relação à capital francesa. O autor, no entanto, necessitava passar ao leitor americano a sensação de que ele vira melhor a capital francesa do que seus antecessores, sendo necessário que traçasse um itinerário diferente dos demais.

Antes de transcribir, para el lector americano, algunas de las muchas páginas del cuaderno en que apuntaba diariamente mis observaciones parisienses, creo que no estará de más una brevísima referencia a las circunstancias personales del observador. Después de 17 años—dos mas que el “gran espacio” de Tácito — he vuelto hombre a la patria que dejé adolescente, y a quien prácticamente desconozco casi tanto como soy en ella desconocido. París, en especial, me es casi extraño; apenas guardaba recuerdo de los barrios centrales y sus más notables monumentos, nacido y educado en ciudad provincial, solo dos temporadas, en efecto, había pasado en la capital.

[...] aumenta mi sensación de extrañamiento el hecho de no haber pasado en una gran ciudad, como Buenos Aires, los años más largos de mi destierro, sino en aldeas de las provincias interiores. Con todo, si no es dudoso que dichas circunstancias agravan mi calidad de forastero, en cambio, mi relativo aislamiento social, durante la juventud, y casi siempre, el intelectual; la necesidad del roce continuo y forzoso con gente de otra raza, indiferente u hostil, han desarrollado en mí el hábito de la “introspección”, al par que el de la atención exterior¹¹⁵ [grifos meus].

Estar em Paris é, então, uma experiência de redescoberta. Ao contrário de seus contemporâneos argentinos que se dirigiam à Europa pela primeira vez, Groussac retornava a ela. Esse retorno é descrito como uma oportunidade de circular dentro de um ambiente e de uma comunidade de intelectuais que sempre almejava conhecer. Em que pese o fato de não ter estudado em instituições de ensino superior, tendo terminado os anos escolares e partido

¹¹⁴ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p. 56.

¹¹⁵ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p. 56.

para a Argentina, Groussac fora “aluno” de uma geração de intelectuais franceses que devorava em suas leituras. As fotografias de Ernest Renan e Hippolyte Taine, por exemplo, adornavam seu escritório na Biblioteca Nacional.

Paula Bruno afirma que, em muitos aspectos, a viagem foi uma experiência definitiva, uma vez que Groussac não encontrou o Ernest Renan que admirava, nem mesmo o jovem Victor Hugo dos romances de sua juventude. Nos textos de Groussac, percebo uma experiência muito distante da decepção, embora concorde com a noção de que esta foi um divisor de águas em sua vida. Mesmo que o franco-argentino não tenha adentrado esse teatro de grandes intelectuais em condições de igualdade, ele conseguiu transparecer certo reconhecimento dentro dos limites de um jovem intelectual. Se alcançou realmente tal reconhecimento ou se optou por transparecer tal condição nos escritos publicados na Argentina, é outra questão. Talvez mais importante que realmente ter alcançado o reconhecimento que almejava, fosse que seus pares argentinos pensassem que o tivesse. Mas isso é apenas uma suposição, uma vez que não possuo respostas de seus contemporâneos a esse primeiro relato de viagem.

Encarando a publicação de Groussac em um nível macro, não parecia interessante para ele transparecer insucesso, mesmo que, ao longo do texto, deixasse mostras das dificuldades que tivera que enfrentar. Sarmiento, por exemplo, quando em Paris, no ano de 1845, utilizou-se das mesmas estratégias que Groussac: cartas de apresentação, visitas a personalidades, com a diferença de não ter escrito nenhum texto em francês; seu *Facundo*, no entanto, foi traduzido, visando ao reconhecimento que também desejava. Sarmiento traçou uma forma de epopeia, na qual figura como protagonista. É impressionante a articulação que o jovem argentino exilado alcançou com personalidades políticas, literárias ou mesmo religiosas, como o papa católico. Mesmo em *Viajes*, a preocupação com a deposição de Juan Manuel de Rosas é um ponto de destaque, sendo que sua voz continua como um manifesto antirosista. Assim como Groussac, Sarmiento buscou uma atmosfera no relato que lhe fornecesse notoriedade. Estar na Europa é moeda de distinção. Em minha opinião, para Groussac, tal empreitada é ainda mais notória pela questão do regresso. Sendo um literato francês na Argentina e argentino na França, suas percepções são marcadas por esse contínuo conflito.

Um dos pontos do relato de Groussac, que pode transparecer nos apontamentos feitos, tem por objetivo narrar sua experiência em uma classe de Ernest Renan (1823-1892). Renan foi um importante literato, historiador, filósofo, teólogo e filólogo francês. Sua obra é marcada pelo racionalismo. De forma geral, Renan foi um historiador das religiões, sendo um de seus livros mais importantes *Vida de Jesus*, obra que o colocou em debate com o teólogo

alemão David Friedrich Strauss. Tal obra foi traduzida para quase todos os idiomas ainda no período de sua publicação, em 1863. Sua produção é muito vasta, sobretudo, a que trata de teologia. Renan possuía um estilo de escrita muito elegante, bem como de oratória, elementos que causavam admiração em Groussac. Embora admirador de Renan, a quem fez contínuas referências, Groussac não foi um discípulo. Seu estilo, conquanto dialogue muito com o de Renan, mais que racionalista ou positivista, poderia ser definido como eclético.

La semana pasada, el día de mi llegada a París (después de una breve estada en Toulouse), me di para estrenar un verdadero atracción de parisianismo literario y artístico, asistiendo por la tarde al curso de Renán en el Colegio de Francia.

[...]Al subir por el bulevar Saint-Germain, he comprado en la librería de Hachette los Ensayos sobre la literatura inglesa, de Montégut, que acaban de aparecer. Con mi libro bajo el brazo represento suficientemente a un estudiante de décimo año, sin que nada — o muy poco — se revele del viajero sudamericano recién desembarcado por el último vapor¹¹⁶ [grifos meus].

Renan foi um dos intelectuais mais influentes da França no século XIX, sendo constantes as referências feitas à sua obra por autores americanos, sobretudo voltadas para a discussão sobre o nacionalismo. Um exemplo é Joaquim Nabuco, no Brasil, que dedicou um capítulo de *Minha formação* para demonstrar como o pensamento de Renan influenciou-o na juventude. Dessa maneira, Groussac desejar assistir à sua “atração de parisianismo literário e artístico”, algo a ser esperado dessa sua primeira viagem de retorno a Paris. Renan é uma atração, uma celebridade a ser reverenciada. Groussac, porém, ao tomar um livro, colocá-lo embaixo do braço e caminhar como um jovem universitário para a classe ministrada por Renan, não alimentava esperanças de se tornar um discípulo do mestre ou seguir os passos dos muitos alunos que o rodeavam naquela sala. Ele vê o aluno, ele vê o orientando que seguirá como sucessor de Renan em sua cátedra e se contenta em ser um espectador passivo, um admirador silencioso.

Tengo fija la mirada en aquella puertita rinconera por donde, en unos segundos más, entrará el profesor que, además y muy por encima de todos sus cargos universitarios o administrativos, *asume la representación más culminante e indiscutible del pensamiento contemporáneo*. Me imagino al ilustre sabio bajo un aspecto imponente y majestuoso, con su gravedad u sulpiciano, apenas mitigada de ironía socrática; y parece que ya oigo perorar al personaje solemne que, sin duda, en el salón contiguo está preparando la lección de exégesis bíblica, que luego pronunciará con voz pausada y cadencioso acento... *Así lo han descrito algunos de sus antiguos*

¹¹⁶ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p.60.

*adversarios; así lo muestran los retratos de su edad madura: un sacerdote vestido de laico, con largos cabellos lacios y grises sobre el cuello del levitón; la mirada apagada y la boca fruncida del antiguo seminarista; algo así como un ministro presbiteriano, que pasa toda la semana fabricando el sermón del domingo próximo. Dan las dos en el reloj del patio; junto con la segunda campanada se abre la puerta por un ujier y aparece, pasando por sobre su introductor, un viejecito rechoncho, con un libróte bajo el corto brazo izquierdo. Renán saluda con una vaga inclinación de cabeza al auditorio, que aplaude, y empieza a hablar — a lo Luis de León — antes de llegar a la mesa, abriendo sin sentarse la enorme biblia políglota que ha traído, llena de papelitos y apuntes [...]*¹¹⁷.

Embora Renan supostamente não corresponda à expectativa das representações imaginárias que Groussac criou para ele – a de um “sacerdote laico” (uma vez que Renan, na juventude, tinha sido seminarista, abandonando tal carreira após mudar de perspectivas em relação às crenças, voltando-se essencialmente para o racionalismo) –, nem por isso tal experiência foi descrita como decepcionante. Groussac se impressiona com a oratória do velho pensador e vê nele o homem pelo qual nutria tanta admiração durante sua vida. Pode-se perceber que, de forma geral, o autor descreveu seu comportamento como de um jovem intelectual encantado com a oportunidade de ver um de seus mestres.

Su elocución a flor de labio es, como lo tengo indicado, más expresiva y pintoresca que académica; desdeña la compostura y hasta la contextura correcta de la frase, no vacilando en interpolar la palabra popular y, si se ofrece, “argótica”, siempre que exprese mejor o ilumine la idea. Nada de aparato ni énfasis. A propósito de un detalle del sacrificio, cita un término usual entre los carniceros de París. [...] Nadie se parece menos a un polemista. Su fuerza está en su serenidad: ha vencido sin esbozar una refutación ni devolver una injuria. De ahí el aspecto de hedonismo o epicureísmo desiluso, que la leyenda presta a la filosofía de nuestro moderno Platón, siendo así que su risueña y plácida moral merecería más que la de muchos fariseos con careta austera, aproximarse a la del estoico Zenón [...]

¹¹⁸

E termina seu texto com as seguintes notas de admiração:

[...] y es el don sublime de condensar la síntesis de una civilización, o un período de la historia, en una página, en una imagen, en una fórmula breve que irradia suprema claridad: tal un rayo de sol que bruscamente rasga las brumas de un valle alpino, revelando en un segundo, al viajero de la cumbre, las magnificencias del paisaje con todo su relieve y color [...]

¹¹⁹

¹¹⁷ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p. 56.p. 63.

¹¹⁸ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p. 56.

¹¹⁹ Ibidem. p.68-69.

Groussac, no cerne do cosmopolitismo francês, ao invés de se reconhecer (ou ser reconhecido) como nativo, foi mais um estrangeiro. Assim como seus antecessores, para adentrar o universo intelectual francês, foi necessário pensar certas estratégias. Após “saciar seus anseios por passeios e espetáculos”, ou seja, conhecer a cidade como turista, foi munido de dois artifícios à casa de Alphonse Daudet: uma carta de recomendação de Lúcio Lopes e um artigo.

En mi deseo natural de conocer de cerca a algunas notabilidades literarias, y sabiendo que aquí, como en cualquier parte, basta una primera puerta abierta, si es buena, para que se abran las demás, no llevaba a Paris sino dos recomendaciones: una carta de Lucio López para Sarcey, corresponsal de *El Nacional*, y un artículo mío sobre Daudet, publicado en francés, tres meses antes, en *El Diario*. No recuerdo a cuál de los dos instrumentos mi robusta ingenuidad atribuía mayor virtud; en todo caso no podía errar, pues se va a ver cómo uno y otro resultaron igualmente eficaces¹²⁰.

Groussac deixou na casa de Alphonse Daudet (sobre o qual tinha escrito, em uma nítida tentativa de reconhecimento) suas duas cartas-chave, que somente receberam um frio agradecimento por parte do famoso literato, em suas próprias palavras¹²¹. Após uma longa espera, o autor almejava sair do papel de espectador passivo para o papel de ator no cenário parisiense:

No tardaba en recobrase mi elástica juventud; y con el deseo, volvía la esperanza de intentar algo — *anch'io sonó pillare!* — que me sacara bruscamente de este aislamiento y absoluta obscuridad, permitiéndome dejar alguna vez, en el gran teatro parisiense, el asiento del espectador pasivo, para ensayar el de actor en el escenario, por corto y secundario que fuese mi papel...¹²².

Cansado de seu papel subalterno e da falta de uma resposta, Groussac escreveu outro texto que enviou ao Fígaro, *L'Évangéliste a Buenos-Ayres*, que acabou por ser publicado. Segundo Groussac, sua entrada no restrito círculo se dera, mesmo que de maneira modesta: Daudet o convidara para comparecer à sua casa, no dia em que recebia as suas relações sociais; Sarcey¹²³ chamou-o para almoçar; o ministro argentino lhe mandou congratulações. Em suma, ser recebido por Daudet abriria outra porta, a de Edmond de Goncourt. Edmond e seu irmão Jules Goncourt foram dois importantes escritores franceses, famosos

¹²⁰ Ibidem. p. 80.

¹²¹ Alphonse Daudet (1840-1897) foi um importante romancista francês que se filiou à escola naturalista.

¹²² GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920. p. 81.

¹²³ Crítico de teatro e jornalista francês.

principalmente pelas obras que escreveram a quatro mãos. Após a morte do irmão, em 1870, Edmond continuou produzindo numerosos romances. Assim como seu amigo Daudet, era uma figura importante no meio intelectual parisiense em finais do século XIX.

Groussac afirmou que, em um primeiro momento, sentira-se lisonjeado pelo convite, que se mostrou, após um curto período de tempo, muito maçante. A visita a Goncourt abria um leque de perspectivas sobre o papel de Groussac no “teatro parisiense”, no qual ele criou uma “peça” que ele mesmo dirigiu. O franco-argentino usou de todas as suas artimanhas para adentrar um círculo restrito de personalidades. Mesmo sendo francês, sua nacionalidade não lhe permitiu galgar qualquer degrau, diferentemente do que ocorria na Argentina. Na França, ser um sul-americano concedia-lhe certa aura exótica que, se não conferia autoridade, pelo menos despertava alguma curiosidade. Uma vez dentro da tênue linha que o separava desses grandes homens, Groussac tentava desconstruir essas figuras renomadas apontando falhas. Ao mesmo tempo em que estar ao lado desses homens conferia prestígio, também demonstrava que não era tão importante para um grande literato francês ser assíduo membro daquele seleto grupo. Alguns pontos da visita merecem ser resgatados, porque trazem à tona a opinião de Groussac em consonância com a da geração de intelectuais na qual atuou na Argentina: a primeira delas, a de que é fundamental para a autoridade do intelectual que alguma vez na sua vida tenha saído de seu espaço de conforto e viajado pelo mundo:

Nunca me había imaginado que pudiera residir en París, durante cuarenta años, y figurar en su elite intelectual, quien consumiera su existencia mirándose el ombligo, como un faquir hindú (para no decir al modo de la caballería que, provista de anteojeiras: gira eternamente por el mismo lendel de noria), con ignorancia casi completa de lo que, fuera de ella, constituye la actividad universal¹²⁴.

Dessa forma, o franco-argentino colocava em xeque a sabedoria daquele que o recebia e que fora famoso por suas coleções de artigos orientais, entre outras coisas, criando uma espécie de museu particular. Somente acumular esses objetos, sem conhecer o local *in locu*, tornaria aquela experiência monótona e de simples acumulação, na perspectiva groussaquiana. Esta também fora uma forma de se conceder autoridade diante de uma personalidade literária reconhecida. Pensar que essas notas, por vezes, desabonadoras das pessoas que o recebiam em suas casas e através das quais o autor procurava alcançar certa notoriedade, tenham sido publicadas, gera incômodo. Teria sido por que, de certa forma, interessava mais ao franco-argentino as possibilidades que tais experiências lhe proporcionariam na Argentina do que a

¹²⁴ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Segunda serie*. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920, p.87.

possibilidade de ser lido na França? Escrever tais opiniões públicas sobre esse literato demonstra, a meu ver, que a possibilidade de ser lido no país natal era tão remota, que o autor não a considerara verdadeiramente. No texto em homenagem a Alphonse Daudet, escreveu: “Goncourt no me deslumbró, ni entonces ni después; pero Daudet tomó posesión inmediata de mi ser intelectual, con una suerte de violencia simpática que más de una vez me trajo á la memoria el dicho del gran Flaubert”¹²⁵.

A última visita de Groussac em Paris foi feita a Victor Hugo. É sintomático que toda a estadia de Groussac tenha sido organizada por meio de visitas. Tal termo é utilizado pelo próprio autor. O ato de visitar e ser recebido, por si só, é uma maneira de reconhecimento. As portas daquele espaço lhe foram abertas, mesmo que momentaneamente.

Groussac esteve na casa de Victor Hugo por duas vezes. Na primeira, buscava um momento para conhecer o grande romancista, chegando sem convite e apresentando-se. Foi encaminhado a um salão, no qual deveria aguardar. Nesse curto momento de espera, revela ter deixado a imaginação livre, idealizando como aqueles objetos estiveram presentes durante as árduas horas de trabalho de Victor Hugo. Para sua surpresa, quando a porta se abriu, adentrou a sala a filha da grande celebridade, revelando que, na realidade, aquela sala lhe pertencia. De certa forma, tal revelação justifica, nas palavras de Groussac, a pouca emoção que sentira em estar ali. Com toda cortesia, a senhora o convidou a regressar à noite, quando seu pai receberia outros convidados. Mesmo que oferecesse para apresentar o pai naquele momento, tal gesto se apresentaria como mera cortesia, ficando implícito, naquela circunstância, que o franco-argentino deveria regressar junto aos demais “peregrinos”.

A experiência foi, contudo, em minha opinião, um pouco carnavalesca. Groussac chegou cedo à casa de seu anfitrião, após atravessar um temporal, e, mal-humorado, aguardou em uma sala, ao lado da sala de jantar, que a chuva terminasse. O rapaz que lhe fazia companhia era como ele, um “não-iniciado”. Victor Hugo, já muito velho, mal cumprimentou seus convidados. Groussac foi apresentado como “monsieur Grousset du Brésil”, ou seja, nem mesmo suas credenciais foram memorizadas por quem o recebia, sendo cumprimentado pelo ótimo imperador de seu país. Com isso, ficou claro o descaso em relação à sua presença naquele ambiente.

Beatriz Colombi afirma que:

Para completar la desazón de la visita en lugar del dios tutelar de su adolescencia literaria, encuentra en Victor Hugo achacoso y sonoliento, con

¹²⁵ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 188.

una corte de los milagros literaria donde no figura ningún escritor de primera línea. No digamos una charla –ni siquiera en la media voz de la causerie– Groussac no obtiene ni una palabra, ni una mirada de aprobación del gran vate, que muchos ya estiman muerto, como dice a pasar. O el gran poeta es demasiado viejo o el discípulo no tan joven, la visita parisina termina con esta inapelable comprobación¹²⁶.

A participação de Groussac foi, sobretudo, a de um observador passivo. Não houve grandes discussões naquele espaço, que mais se parecia com um lugar de culto. Em suma, o que aflora da narrativa dessa viagem é que, em meio a tantas personalidades parisienses, Groussac foi apenas mais um espectador, um viajante estrangeiro em sua própria terra, embora tenha buscado, em diversos momentos, enaltecer-se perante seus pares americanos. Como ele mesmo afirmou, Victor Hugo estava muito velho para ensinar e ele para ser seu aluno.

Paula Bruno afirma que essa viagem foi uma experiência definitiva para Groussac, uma vez que reforçou a ideia de que era muito mais fácil se tornar um intelectual francês na Argentina do que assumir uma posição de destaque na França. Groussac retornou à Argentina no início de 1884, mudando-se para Buenos Aires e ingressando, de forma incontestável, no meio intelectual, com a criação do periódico *Sud-América*¹²⁷ e com sua inserção como diretor, em 1885, na Biblioteca Nacional, cargo que ocupou até sua morte¹²⁸. A experiência parisiense, foi, assim, um momento decisivo para o restante de sua vida, já que sua carreira na Argentina, bem como sua mudança para a capital, fora consequência de tal estadia.

¹²⁶ COLOMBI, Beatriz. *viajes y desplazamientos en el fin de siglo*. 2002. 301 p. Tese (Doutorado em Letras). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2002. p. 81.

¹²⁷ Para mais informações, ver: DUNCAN, Tim. La Prensa Política: Sud-América, 1884-1892. In: FERRARI, Gustavo y GALLO, Ezequiel (org.). *La Argentina del Ochenta al Centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980, p. 761-783.

¹²⁸ BRUNO, Paula. *Paul Groussac: un estrategia intelectual*. Fondo de Cultura Económica de Argentina: Buenos Aires, 2005. p. 41.

2. UM “GALO ANTIGO” PERCORRENDO A AMÉRICA LATINA

Toda producción artística, buena o mala, es una combinación de la realidad con la fantasía; y sin duda, cuando de impresiones de viaje se trata, lo que ante todo resulta parecido, es un retrato del viajero.

(Paul Groussac)

Paul Groussac foi um intelectual de complexa concepção identitária, como analisei no capítulo inicial desta tese, por dois motivos principais: o primeiro, o fato de ser francês, pois, mesmo que tenha se mudado para a Argentina aos 17 anos, não é possível negar que, nessa idade, os traços principais da personalidade do sujeito já não estivessem consolidados. Em segundo, pelo fato de ter vivido na Argentina as demais décadas de sua longa vida. Sendo assim, compreendo o autor como um homem entre dois mundos, ou um homem de fronteira, como o definiu Afonso Reyes. Em minha percepção e de acordo com minha interpretação das fontes deste trabalho – os escritos do próprio Groussac –, ele transitou entre assumir-se como francês ou como argentino. Essa condição de sua formação e o papel que assumiu junto à elite intelectual argentina no final do século XIX são aspectos importantes para analisarmos o quadro que o autor pintou dos países latino-americanos por onde passou.

Este segundo capítulo tem como objetivo analisar relatos do franco-argentino em sua primeira viagem pela América Latina, em 1893. Para uma melhor estruturação deste capítulo, para que se tornasse mais claro, optei por organizar o texto como um roteiro de viagem. Dessa forma, as páginas que se seguem foram estruturadas de acordo com a viagem do autor pelo continente em 1893, percurso que ele relata em *Del Plata al Niágara* (1897). Groussac partiu de Buenos Aires, viajou pelo Chile – onde permaneceu por mais tempo em Santiago –, dirigiu-se posteriormente para Lima – visitando, no percurso, diversas localidades do norte chileno –, depois permaneceu algum tempo em Guaiaquil, no Equador, de onde partiu para o Panamá, fez parada em Santo Domingo, na América Central e, por fim, visitou o México, fazendo paradas em Mérida, Veracruz, Cidade do México e El Paso.

Ao analisar esses textos de Groussac, podemos nos deparar com alguns pontos comuns a viajantes europeus do século XIX que percorreram países latino-americanos, especialmente a noção do atraso americano no que se refere a uma melhor utilização dos recursos e à ocupação dos territórios, um dos aspectos caros à modernidade. Groussac, porém, devido principalmente à sua escolha de permanecer em definitivo na Argentina, construiu uma leitura diferenciada desses países latino-americanos, uma vez que seu referencial fora o país adotivo,

sendo seu público alvo os argentinos e não leitores europeus. Essa peculiaridade da percepção de Groussac vem, a meu ver, precisamente da condição de “fronteira” na qual viveu. Seu referencial não foi a França, mas a Argentina, o que diferencia seu relato dos de autores europeus.

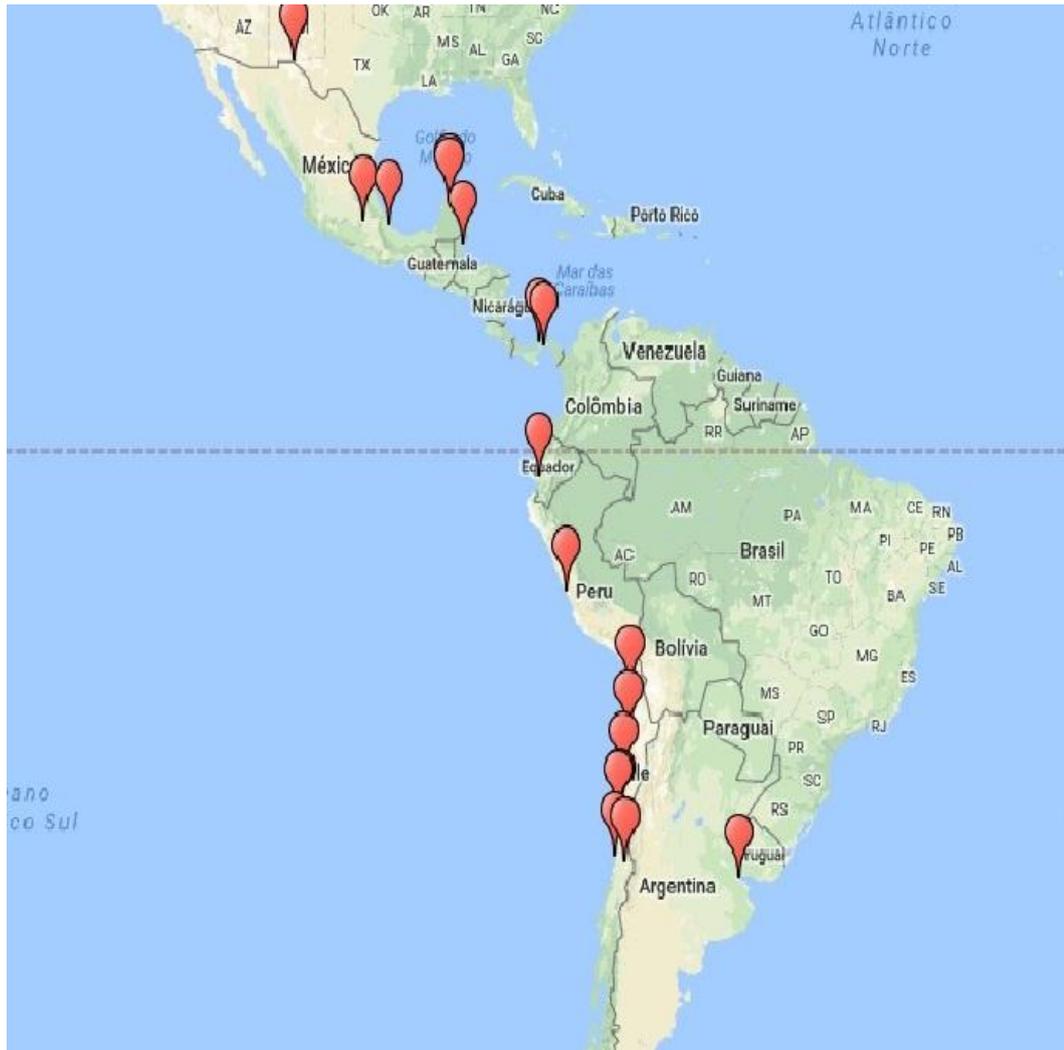
As páginas de Groussac sobre suas passagens por países latino-americanos permanecem ainda pouco analisadas, o que, como penso, acontece pelo fato de terem sido publicadas em 1897. Devido à Guerra Hispano-Americana de 1898, suas linhas sobre a passagem pelos Estados Unidos receberam muito mais notoriedade, principalmente devido à relutância de Groussac em aceitar o país como padrão a ser seguido para o desenvolvimento argentino. Seguir o roteiro de sua viagem de 1893 não impedirá, no entanto, que outros textos de viagem do autor sejam utilizados, muitos reunidos em *El Viaje Intelectual* (1904 e 1920).

Groussac descreveu, em grande parte de sua narrativa, suas experiências nas cidades que o receberam. Sendo assim, analisarei seus textos valendo-me, em muitos momentos, da metodologia do autor norte-americano Richard Morse, que, em diversos trabalhos, buscou compreender as cidades como pessoas, a partir, sobretudo, de seus intelectuais¹²⁹. Aqui, buscarei compreender um pouco mais da história dessas cidades a partir de seu observador, Groussac, que, com uma visita, pintou um quadro rico em detalhes e comparações. Tendo em

¹²⁹ MORSE, Richard. Latin American Intellectuals and the City, 1860-1940, *Journal of Latin American Studies* 10, 2 (1978): 219-238; MORSE, Richard. Cities as Peoples. In: MORSE, Richard M. & HARDOY, Jorge E. (ed.). *Rethinking Latin American City*. Washington DC/Baltimore and London: The Wilson Center Press/The John Hopkins University Press, 1992, pp. 3-19. MORSE, Richard M. *Cidades e cultura política nas Américas*. Organização Beatriz Helena Domingues. Trad. Maria Bitarello. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017.

vista enriquecer a análise, busquei incorporar comparativamente outros autores e suas percepções sobre as cidades visitadas pelo franco-argentino no mesmo período e, quando possível, textos de viagens posteriores do próprio Groussac aos mesmos destinos, tendo em vista observar rupturas e continuidades em suas obras.

Figura 2 – Mapa: Viagem de Groussac pela América Latina - pontos de parada



Fonte: Mapa elaborado por meio do aplicativo <<http://www.gmapgis.com>>, em 14 de dezembro de 2017.

2.1 Descobrimos o Chile: Santiago e o Norte em 1893 e o regresso em 1914

A primeira parada da longa viagem de Groussac pela América Latina foi no Chile¹³⁰. Argentina e Chile são nações vizinhas, que possuem uma das fronteiras mais largas entre países no mundo, somando 5302 quilômetros de extensão. A história de ambos, além dos aspectos geográficos, compartilha conexões que remontam ao período pré-colombiano, intensificadas durante o período colonial. Sendo assim, as trocas econômicas e culturais acontecem entre os dois territórios há séculos¹³¹.

No século XIX, as histórias de ambos os países, Argentina e Chile, continuaram a caminhar juntas. Lembremos que as independências dos dois países ocorreram, em grande medida, motivadas pela ocupação napoleônica na Espanha e pelo conseqüente vácuo de poder nas colônias. As tentativas de invasões estrangeiras, como a inglesa na Argentina, deram aos *criollos* a noção de seu próprio poderio militar¹³².

Durante o período rosista (1828-1852), diversos intelectuais argentinos exilaram-se no Chile, de onde lançavam manifestos contra o governo, sendo o mais famoso deles o de Domingo Faustino Sarmiento, que lançou sua mais famosa obra, *Facundo* ou *Civilização e Barbárie* (1845), quando no exílio. *Facundo* consiste em um poderoso manifesto político contrário ao caudilho de Rosas que, por sua vez, manifestou-se contra a publicação e exigiu do governo do Chile a deportação de Sarmiento, que foi diplomaticamente contornada.

Mais tarde, no mesmo ano, evitando maiores complicações, Sarmiento partiu em viagem para o exterior como enviado chileno, empreendendo, assim, sua primeira grande viagem internacional com destino à Europa, aos Estados Unidos e ao Norte da África. A presença desses intelectuais argentinos no Chile, em grande medida, acentuou o diálogo entre intelectuais de ambos os países, em um período de consolidação das identidades nacionais. Da mesma maneira, a experiência do exílio, como afirmou Sarmiento, contribuiu decisivamente

¹³⁰ Quando iniciei o projeto que culminou nesta tese, a principal hipótese de trabalho era o diálogo estabelecido entre as obras de Groussac e Domingo Faustino Sarmiento. Tendo em vista o grande volume de obras de Sarmiento, em vez de analisar cada um de seus trabalhos separadamente, tentarei demonstrar, ao longo da análise dos textos de Groussac, as influências do clássico autor argentino. Claramente, a literatura argentina do século XIX dialoga com a obra de Sarmiento, um de seus principais intelectuais, notoriamente reconhecido como um de seus precursores. Os textos de Groussac sobre o Chile mostram familiaridade com a obra sarmientiana. Sarmiento, durante muitos anos, morou no país como exilado e produziu um número considerável de textos.

¹³¹ CLASES, Manuel de. *Argentina e Chile: 200 años de relaciones bilaterales: actores estatales y no estatales*. Versión preliminar, Santiago de Chile, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/4083336/Argentina_y_Chile_200_a%C3%B1os_de_relaciones_bilaterales._Actores_estatales_y_no_estatales. Acesso em: 13 mar.2017.

¹³² BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência a 1870*. v. 3. Tradução de Maria Clara Cescato. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

para que a identidade argentina se consolidasse nesses homens, uma vez que as diferenças culturais foram sentidas nessa convivência. As dessemelhanças entre ambos os povos se tornaram claras para esses sujeitos, que intensificaram seu desejo de libertar seu país natal do governo opressor¹³³.

Sendo assim, ao adentrar o território chileno, em 1893, muito sobre o país que visitava já era familiar para Paul Groussac, pois informações vinham de numerosos relatos. Sobre essa sensação, o autor escreveu:

Además de este concepto fortuito, el viajero penetra en Chile con un conjunto de nociones más o menos exactas, desprendidas de sus lecturas e informaciones anteriores.¹³⁴ Al pronto, todo ello se aglomera para constituir un juicio a priori, provisional y fluctuante en los detalles¹³⁵.

As noções prévias, como sugere a supracitada citação, devem permanecer como provisórias. Porém, ao analisar o país estrangeiro, o autor necessariamente dialoga com autores que o precederam, o que, segundo Luis Albuquerque-García, acontece para se inserir no gênero de literatura de viagem, como discuti na introdução¹³⁶. Além das noções prévias acerca do país visitado, é importante para o autor criar legitimidade para escrever sobre ele. Groussac afirma só ser possível um estrangeiro escrever sobre um país após residir nele durante muito tempo. Sendo assim, ele estaria apto a discutir a história argentina, como já havia feito. Essa legitimidade de escrever sobre determinado país após um longo tempo de estadia, no entanto, em sua percepção, não invalida o olhar do viajante. O viajante conserva, em sua observação, o choque, a percepção instantânea do contraste, o que pode oferecer uma visão teoricamente mais realista. Não se pode desconsiderar que tal afirmação também legitima o próprio texto do franco-argentino, livrando-o de possíveis críticas acerca da objetividade de suas observações, já que

¹³³ ROJAS, Ricardo. *El profeta de la pampa: vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Editora Guillermo Kraft Limitada, 1962.

¹³⁴ Uma série de viajantes produziu notas sobre o Chile. Nas *Obras Completas* de Sarmiento, há uma numerosa gama de textos que trata do país vizinho, inclusive um texto de sua primeira viagem a Valparaíso. As notas de autores como Sarmiento circularam pela Argentina, assumindo, inclusive, o papel de modelos a serem seguidos. Autores estrangeiros, entre eles viajantes de expedições científicas, cruzaram o Chile, como Charles Darwin, que, além de trabalhos científicos, publicou um livro de viagens intitulado *Viagem de um naturalista a América do Sul*, que narra sua viagem de 1835.

¹³⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Estudio preliminar de Hebe Clementi. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p. 68.

¹³⁶ ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. El relato de Viajes: hitos y formas en la evolución del género. IN: *Revista de Literatura*. Vol.73, n.145, pag. 15-34, 2011. Disponível em <http://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/viewArticle/250> Acesso em: 13 jan. 2017.

El método del viajero es casi fatalmente incompleto y superficial. Puede, sin embargo, no carecer de utilidad; y hasta suele contener un elemento precioso, que casi siempre se debilita con la estancia prolongada: es el choque vivo y directo do contraste. Esta impresión instantánea y sincera, en que se procede por comparación explícita o sobrentendida, logra adquirir un valor inapreciable, si es analizada inmediata y escrupulosamente por un espíritu reflexivo¹³⁷.

A estadia de Groussac no Chile rendeu, em minha percepção, um dos relatos de viagem mais ricos do autor. Isso porque, nesse relato, ele, claramente, procede a uma comparação entre a Argentina e o país vizinho, mesmo que, por vezes, afirme em diversas passagens não estar realizando tais comparações. Quando no Chile, o autor já estabelece o estilo que adotaria nas demais paradas da viagem, um estilo que basicamente se dedicaria a analisar as cidades, a estrutura educacional, jornalística e econômica. Groussac tem, como uma de suas prerrogativas, priorizar a análise das “pessoas” e não das coisas, nos países cujo familiaridade com a Argentina é maior, bem como o autor está cercado por amigos e conhecidos. Essa prerrogativa tendeu a se manter, vez que, à medida que o autor se afasta de sua área de influência tende a priorizar a análise das “coisas” do que, especificamente, as pessoas. No decorrer do capítulo 2, será uma de minhas preocupações demonstrar tal conclusão.

Ao iniciar seu relato sobre a viagem, prevaleceu a descrição da natureza a ser vencida para que o destino fosse alcançado. É comum, em relatos de viagem, a descrição da natureza como grandiosa e intransponível, mesmo naqueles de viajantes do século XIX¹³⁸. Quando se trata de viagens ao continente americano, é um tema recorrente, o que, em muitos autores, faz com que as populações locais não sejam realmente analisadas, pois muitos desses aspectos se devem à noção de exotismo que essas terras inspiravam nos europeus, na vastidão do território e no desconhecido. Mary Louise Pratt afirma que, no século XIX, era comum viajantes europeus dedicarem muito dos seus relatos às penúrias das travessias entre territórios na América, à carência de estradas e ferrovias, por exemplo.

Groussac realizou a transposição da cordilheira em lombo de mula, o que pode ter sido um detalhe que o fez analisar a paisagem atravessada com certo mal-humor. Assim, em vez de exaltar uma natureza grandiosa, como muitos viajantes anteriores, como o naturalista

¹³⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Estudio preliminar de Hebe Clementi. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p. 68.

¹³⁸ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Charles Darwin¹³⁹, o autor manifestou uma declarada monotonia frente a uma paisagem pouco diversificada e hostil:

El paso de la Iglesia y la cumbre del Bermejo, á pesar de su altitud absoluta, son dos boquetes ó portillos, dos depresiones entre alturas mayores: es mediocre el horizonte contemplado. [...]El hombre no se siente aquí pequeño, como suele decirse: tiene la vaga conciencia de ser un punto extraño, un detalle chocante en un medio hostil. Es este un paisaje lunar, reino inviolado del silencio y de la muerte, en cuya atmósfera esterilizada y glacial nuestra vida terrestre procura en vano el más efímero asiento¹⁴⁰.

Lembremos que essa natureza, a qual julga pouco diversificada, está na fronteira entre Argentina e Chile, paisagem que não se modifica bruscamente. No entanto, lentamente vão sendo constatadas por Groussac mudanças, sobretudo, na correnteza dos rios. Essa paisagem só passa a encantar o autor, em minha percepção, graças ao contraste encontrado entre duas regiões do mesmo país, em um intervalo de tempo muito curto. Quando adentra Santa Rosa de los Andes, hoje chamada apenas de Los Andes, a fertilidade natural do Vale do Aconcágua é comparada à francesa, com seu clima europeu temperado.

A partir desse ponto, o autor inicia uma comparação entre a Argentina e o Chile, considerando-os como os únicos países sul-americanos aptos a se desenvolverem, principalmente graças ao clima próximo ao temperado, típico da Europa Ocidental. Groussac, embora não possa ser inserido em uma escola específica de finais do XIX, como a positivista, construindo um estilo que podemos definir como eclético¹⁴¹, dialogou profundamente com o cientificismo do século XIX e, principalmente, com a noção de que o meio ambiente influencia decisivamente na formação e no desenvolvimento de uma população, até mesmo em aspectos econômicos e culturais. Gabriela Tío Vallejo afirma que o positivismo argentino de finais do século XIX foi marcado por uma vertente mais racista, embora, assim como outros pesquisadores, não classifique Groussac como um positivista típico:

Una de las problemáticas del positivismo argentino sería la construcción de la nación en articular frente a los desafíos que planteaba a esta tarea la existencia de una masa que percibían como heteronéa, amenazante e incontrolable. El optimismo civilizador de un Sarmiento y su confianza en la educación contrasta con la visión biologicista y pesimista de Carlos Octavio Bunge[...]. El positivismo argentino tuvo así un fuerte carácter racista aunque creyó en el rol de la escuela, el trabajo y la inmigración. En los diagnósticos

¹³⁹ DARWIN, Charles. *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*. Trad. J. Hubert. Buenos Aires: Librería el Ateneo, 1942.

¹⁴⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.33.

¹⁴¹ Paula Bruno em seu “*Paul Groussac: un estratega intelectual*”, também caracteriza seu estilo como eclético.

latinoamericanos de Groussac, sin embargo, predomina el determinismo racial aunque pueda descubrirse esa tensión entre confianza y pesimismo¹⁴².

Este foi apenas um dos aspectos da viagem de Groussac. Assim, o pensamento de que o fator racial influencia de forma determinante no desenvolvimento das sociedades é importante para compreendermos sua percepção acerca da América Latina. Dessa maneira, Groussac inicia seu texto realizando uma comparação entre Argentina e Chile, sendo que ambos seriam definidos pelas ideias de expansão e circunscrição, respectivamente. Para o Chile, os aspectos territoriais de limitação do território, por um lado, pela cordilheira e, do outro, pelo Pacífico, teriam contribuído para que a história do país caminhasse de maneira mais harmônica e linear. A concentração da população em um espaço mais circunscrito teria contribuído para a manutenção das estruturas coloniais e para que o país caminhasse de forma mais homogênea no período pós-independência. No mesmo período, a República Argentina se viu imersa em um longo período de caudilhos e conflitos bélicos.

Para alcançar a civilização, não apenas como um importador da Europa, a Argentina necessitava organizar-se nacionalmente, o que, para ele, equivalia à ocupação demográfica, econômica e política do território. Dessa maneira, Groussac, da mesma forma que Sarmiento, acreditava ser necessário povoar, reduzir os “desertos”, diminuir as distâncias entre os agrupamentos urbanos, núcleos responsáveis por transmitir a civilização.

Nesse sentido, afirma que o Chile saíra na frente da Argentina, uma vez que, não existindo mistério ou vastidão na paisagem, não existiria também a liberdade tão cara ao gaúcho argentino, sendo que o indivíduo já nasceria ciente de sua posição no organismo social. Acredito ser esta a passagem mais científicista de Groussac, que considerava que o meio, de forma determinista, teria influenciado decisivamente na história de ambos os países. Sendo assim, a necessidade e a carência de imigração europeia, com exceção dos poucos espanhóis que formavam parte das elites locais, fizeram com que o Chile mantivesse sua população quase inteiramente indígena.

Cabe destacar que tais percepções acerca da ocupação dos desertos e do uso adequado de terras e demais recursos naturais já estavam presentes em viajantes estrangeiros anteriores

¹⁴² TIO, Gabriela Vallejo. Entre la confianza en el progreso y el fantasma del determinismo: el viaje de Groussac y los diagnósticos sobre América Latina. In: *X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario. 2005. Disponível em: <http://www.aacademica.org> Acesso em: 21 fev. 2017.

à década de 1850. Como salientou Mary Louise Pratt, muitos viajantes acusaram a má utilização dos recursos naturais como o principal motivo para o atraso americano¹⁴³.

Isso nos leva a um dos aspectos mais caros aos intelectuais argentinos do século XIX, tema que mereceu especial atenção de Groussac: a imigração. Ele chegou a afirmar que, no Chile, a quase total ausência de imigrantes no século XIX fez com que o sangue europeu estivesse quase totalmente ausente no povo chileno. Na percepção do autor, como o Chile não pôde aguardar a presença europeia, teve de contar com o próprio nativo para se desenvolver, ocupar o solo, realizar a mineração, voltar-se para a exploração dos recursos marítimos, o que fez com que, como Robinson Crusóé, eles se fechassem em uma espécie de ilha autossuficiente.

Crusóé retorna frequentemente como metáfora no texto de Groussac. O personagem de Daniel Defoe também é figura constante em textos de Sarmiento, inclusive em seu *Viajes* (1849). A constante referência ao personagem demonstra que ele atravessou o imaginário americano, tornando-se uma espécie de metáfora do europeu, que sozinho, ilhado, consegue dominar a natureza selvagem por meio da racionalização dos recursos. “Agricultor, marino, industrial: sin influencias externas o mezclas exóticas ascendió rápidamente a una situación sociológica superior a la de otros pueblos más ricos, casi exclusivamente pastores o expendedores de productos preciosos”¹⁴⁴. Dessa forma, o povo chileno, para se desenvolver, teve de se adaptar.

Conviene insistir en este consorcio armónico de la raza y la estructura originaria con las circunstancias y las instituciones políticas, en esta feliz apropiación del pueblo chileno al medio ambiente, porque ello da la clave de esa evolución ulterior, que, con la colonia más lejana y pobre del dominio español, ha hecho al pueblo más civilizado y fuerte del Pacífico¹⁴⁵.

Os números de imigrantes citados por Groussac, de forma comparativa entre Argentina e Chile, basearam-se no censo de 1885¹⁴⁶, que forneceu base documental para seu argumento. Esse consiste em afirmar que a carência de imigrantes europeus fez com que o povo chileno tivesse que se organizar para se desenvolver e ocupar o próprio território, o que foi, de certa maneira, facilitado pela própria geografia do país, que consiste em uma longa e estreita faixa de terra. A Argentina, por outro lado, precisou de mão de obra europeia e

¹⁴³ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

¹⁴⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Estudio preliminar de Hebe Clementi. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p.73.

¹⁴⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.15.

¹⁴⁶ Os censos chilenos estão disponíveis no site do departamento de estatística do Chile e no site da Biblioteca Nacional Chilena, podendo ser consultados em <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-31530.html#documentos>> Acesso em: 18 dez. 2017.

recebeu um número muito mais volumoso de imigrantes no mesmo período. Por isso, estaria em uma posição mais favorável do que o Chile, uma vez que Groussac compreendia a imigração europeia como um aspecto que, em longo prazo, alçaria o país a um patamar mais avançado¹⁴⁷.

Groussac dedica boa parte de seu relato a pensar as cidades que o hospedam. Existe, no autor, uma preocupação com a descrição desses espaços, o que é particularmente claro em relação a Santiago. Não basta apenas relatar o vivido, mas também o que foi visto¹⁴⁸. Lembremos que, no século XIX, a máquina fotográfica já se consolidara como um veículo de informação, bem como os guias de viagens, vendidos em todo o mundo para sinalizarem os principais destinos a serem visitados. Sarmiento, em *Viajes*, já apontava que não faria árduas descrições dos lugares visitados, uma vez que as litografias, largamente divulgadas, cumpriam esse papel na descrição dos monumentos e cidades¹⁴⁹. Fugindo a essa lógica da modernização, surpreende em Groussac a descrição quase fotográfica da cidade de Santiago; uma descrição feita a partir do Cerro Santa Lucía, o que significa que foi um olhar que abrangeu a cidade do alto, assumindo certo distanciamento¹⁵⁰.

O olhar de Groussac, embora crítico da arquitetura local, transita entre certo desdém e admiração comedida. Essa dubiedade em relação à América Latina e, em especial, em relação à Argentina e ao Chile, acompanha-o. Já no prefácio, ele afirma serem apenas dois os países para os quais vislumbra certo desenvolvimento:

No ser más que civilizado, es un estado pasivo y precario que debe ser transitorio: lo único que vale e importa, es vivir, en parte al menos, de la propia substancia é irradiar luz propia, siquiera sea débil y trémula. Al paso que se va conquistando el planeta, se dilatan más y más los territorios de colonización y adaptación europea, que se tornan mercados útiles ó débouchés de la productora exuberante. Son países civilizados — por ella — que fácilmente llegan á poseer, en cambio de su suelo virgen, todos los instrumentos de la civilización, desde el buque de acero hasta el libro de luz, en un todo iguales á los de allá: la única diferencia, más profunda aún para el libro que para el buque, está en que los civilizados compran lo que los civilizadores elaboran... Creo que nuestro en las páginas siguientes cómo el

¹⁴⁷ Vale ressaltar que, no final do século XIX e início do século XX, a Argentina sofreu um *boom* no número de imigrantes europeus a se instalarem no país. O *boom* imigratório e o desenvolvimento econômico foram fundamentais para mudanças culturais que atingiram também o meio intelectual argentino.

¹⁴⁸ Ver Anexo I: Plano de Santiago, 1895, del “Álbum de planos de la principales ciudades y puertos de Chile” publicados por Nicanor Boloña. [Santiago]: Dir. General de Obras Públicas, Of. de Geografía y Minas, 1896, p.94.

¹⁴⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes por Europa, Africa i América*. In: _____. *Obras de Domingo F. Sarmiento*. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1886.

¹⁵⁰ Fiodor Dostoiévski, em *Notas de Inverno sobre impressões de Verão*, segue um caminho semelhante, uma vez que se afasta das descrições de monumentos e espaços já consagrados turisticamente.

grupo inerte o violento de muchas nacionalidades hispano-americanas está condenado á vegetar indefinidamente en ese estado subalterno. Acaso las regiones tropicales no sean por ahora asimilables, y sí únicamente explotables para la civilización europea; puede que constituyan depósitos en reserva para el período futuro, cuando el planeta, enfriado en sus extremos, reconcentre hacia el ecuador la fecundidad y la vida. En todo caso, entre todos ellos, hay por lo menos dos pueblos que escapan á la ley fatal y tienen en su mano un porvenir divisible de independencia y grandeza. Sólo para con uno de ellos tengo que llenar una misión y cumplir un deber¹⁵¹.

Após uma estadia de 20 dias e de visitas aos seus arredores, a partir do observatório do Cerro Santa Lucía, o autor descreve a cidade de Santiago. Antes de iniciar sua narrativa, esclarece que suas observações sobre o Chile se basearam em uma pequena amostragem do território, considerando o estudo sobre a capital um ponto fundamental para se compreender o todo. Falar a partir do Cerro Santa Lucía também consiste em uma posição simbólica, dada a importância de tal lugar para a capital chilena.

Santiago foi fundada por Pedro de Valdívía, em 12 de fevereiro de 1541, sendo posteriormente reconstruída após um ataque indígena ocorrido em setembro do mesmo ano. O Cerro Santa Lucía foi a base para essa fundação. A cidade se desenvolveu ao seu redor, o que o converteu em lugar simbólico e sagrado da capital, como podemos ver no quadro de Pero de Lira, *A Fundação de Santiago por Pedro de Valdívía* (1889). Porém, o significado de tal lugar para a população foi se modificando com o decorrer dos séculos: na segunda metade do século XIX, era um problema ao pleno desenvolvimento da cidade, um espaço baldio. Na década de 1870, iniciou-se, então, em consonância com o movimento higienista internacional, uma remodelação de Santiago, que tenta inserir-se nessa modernidade. Tal remodelação, como mencionado por Groussac, foi encabeçada por Vicuña Mackenna:

Como un islote en una laguna, el cerro de Santa Lucía levanta en el corazón de Santiago su cono basáltico, frenéticamente adornado, tallado, acicalado, compuesto y descompuesto por el ilustre intendente Vicuña Mackenna, cuyo mayor defecto, así edilicio como literario, no fué precisamente la sobriedad. Esta giba municipal es el orgullo de los santiaguinos; todas las descripciones del país celebran la octava maravilla; no hay compendio escolar que omita su mención; y si os toca, al apearnos del tren de los Andes, la fortuna de caer en brazos de un amigo chileno, tened por cierto que allí será la primera estación¹⁵².

Groussac visitou o país, portanto, em um período de prosperidade financeira, propiciada principalmente pela exportação do salitre, que teve como uma de suas consequências o crescimento e a remodelação da capital. O autor, ao falar do Cerro, destacou

¹⁵¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

¹⁵² Ibidem. p.23.

que fora “obrigado” a realizar várias visitas ao local, o que foi motivo de orgulho para todos com os quais conviveu em sua estadia. O espaço, que serviu de palco para a observação e que, ao mesmo tempo, se inseriu nela, faz parte do coração daquela cidade, na qual figura irremediavelmente.

Fazer comparações é próprio do ser humano para explicar o que é novo a partir do que já é conhecido: o referencial de Groussac é a Argentina, sendo recorrente em seu texto a comparação entre Buenos Aires e Santiago. Groussac, por vezes, tão crítico da Buenos Aires na qual vivia, viu-a como o maior esforço civilizacional da Ibero-América em comparação com a capital chilena.

Não existe em Groussac um texto específico sobre a capital argentina. No entanto, como nos trabalhos de vários intelectuais argentinos, a cidade emerge como um parâmetro, como lugar de fala, como “milagre” civilizacional. O que me parece distinguir Groussac de autores como Ezequiel Martínez Estrada ou Alberdi é o fato de não compartilhar com eles o sentimento de Buenos Aires como uma parte separada do restante do país¹⁵³. Todavia, em minha percepção, Groussac endossa a opinião sobre a capital argentina como uma espécie de modelo a ser seguido pelas demais cidades; um modelo que, logicamente, sofre críticas mordazes e que necessita de melhorias.

Quando em Santiago, Groussac fez constantes comparações com Buenos Aires, como já mencionado, sendo que a base dessa comparação é o próprio lugar de onde observa o todo. O Cerro Santa Lucía, naquele momento, também era um documento. Groussac, que consolidou sua carreira em um período de não profissionalização do fazer intelectual na Argentina – sendo, portanto, inexistente a figura do historiador profissional –, já oferecia a noção de “monumento documento”. Isso quer dizer que não somente as fontes oficiais carregam uma história. O objeto, a arquitetura e a arte pictórica também transmitem ao observador a história do povo que se deseja conhecer. Descrever a capital chilena a partir de tal espaço é, antes de tudo, uma escolha simbólica.

Do alto do observatório, é possível ver e descrever toda a capital. E o que Groussac observa? É inegável constatar que, mesmo que certos aportes permaneçam os mesmos em

¹⁵³ Buenos Aires é, para Martínez Estrada, uma cidade única no mundo, que, embora tenha sua característica cosmopolita, é muito diferente de Paris ou Nova Iorque, devido à sua população, que se assemelha muito mais aos povos do interior de San Juan ou Salta. É, no entanto, uma cidade sem segredos, onde tudo está à vista e, uma vez vista, perde o interesse: “Es hermosa porque ha surgido venciendo enormes dificultades, las peores debidas al trazado, al área, a la ubicación y al habitante.[...] Para el que ve Buenos Aires como ciudad y no como esfuerzo, es fea.” In: ESTRADA, Ezequiel Martínez. *Radiografía de la Pampa*. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA, 1996, p. 149.

diferentes narradores, a cidade que se delineia é única para cada observador, envolto em sua própria subjetividade. Antes de iniciar sua descrição, o autor adverte que muitos de seus leitores argentinos e chilenos veriam que, em suas palavras, faltava entusiasmo. Groussac a estava descrevendo em uma tarde de outono, de ventania e pouca nitidez, o que, em sua opinião, fora uma lástima, já que os demais dias tinham sido claros e agradáveis. É, portanto, uma opção do personagem eternizar a imagem desse último dia de visitas, um dia no qual “el aspecto de la ciudad es monótono y triste”. Após uma descrição do Cerro, que foi retratado como uma orgia arquitetônica, resta ao narrador afirmar que buscava retratar a realidade da forma mais verdadeira, da forma como a enxergava:

Desde la rampa en espiral de su base hasta el mirador de su vértice, el cerro primitivo desaparece bajo una granulación postiza de piletas y rocallas, acueductos romanos con almenas medievales, grutas basálticas alumbradas con gas, precipicios de juguete con escaleras bien niveladas y molduras en las barandillas: un hacinamiento pretencioso al par que ingenuo de todas la cursilerías de cualquier estilo y edad, cuyo conflicto se continúa hasta en el contraste de la vegetación¹⁵⁴.

Essas análises de Groussac são seguidas por uma descrição quase fotográfica da cidade:

El aspecto de la ciudad es monótono y triste. Como un vetusto damero divisado al soslayo, extiende sus manzanas sucesivas, regulares y descoloridas, sus azoteas de balaustradas alternando con el punteado de los tejados y las canaletas del zinc. Casi todas las casas, aun en los barrios centrales, tienen amplitud colonial; los follajes de los patios y jardines rebosan de los techos rectangulares, remedando los ribetes de musgo entre las losas de un patio secular. Desde aquí las habitaciones apiñadas recuerdan, bajo su capa blanquecina, un rebaño de ovejas apretadas en un corral; de trecho en trecho, como un pastor de pie dominando los vellones grises, un campanario de iglesia se yergue en el espacio¹⁵⁵.

Entre essas observações, sobressai uma afirmação, deixada ao “acaso” em meio a um parágrafo: “Ninguna originalidad, ni siquiera la copia correcta de estilo alguno”. Não é claro se o autor se refere a toda a cidade de Santiago, ou apenas à arquitetura das igrejas. No entanto, tal sentença consiste em um dos pontos debatidos pelo autor, no final do século XIX, principalmente quando na emergência do movimento modernista na Argentina, encabeçado por personagens emblemáticos como Ruben Darío. Sobre uma das obras de Darío, Groussac chegou a afirmar que não encontrava originalidade em seu autor, mas apenas ressonâncias de autores franceses. A tal afirmação, Darío respondeu:

¹⁵⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 25.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 27.

Qui pourrais-je imiter pour être original? me decía yo. Pues a todos. A cada cual le aprendía lo que me agradaba, lo que cuadraba a mi sed de novedad y a mi delirio de arte; los elementos que constituirían después un medio de manifestación individual. Y el caso es que resulté original¹⁵⁶.

Não me estendo nesse debate acerca da originalidade literária do movimento modernista. No entanto, quanto à arquitetura da cidade, Groussac também acreditava ser a junção de vários estilos, na verdade, a presença de estilo nenhum, talvez inferior a uma cópia bem feita.

A originalidade americana, em geral, e a chilena, especificamente, parece-me ser, na perspectiva de Groussac, algo muito difícil de ser alcançado, uma vez que não são claros para o autor os meios para alcançá-la¹⁵⁷. O franco-argentino vive e viaja por jovens nações que buscam parâmetros de modernização na Europa e nos Estados Unidos, mas que, ao mesmo tempo, convivem com uma herança colonial e indígena muito forte. Uma tensão entre essas duas características se faz presente também na obra do autor. Groussac é, em minha percepção, um pensador que transmite bem o espírito de sua época, marcado por transição e modernização, em que os países latino-americanos se consolidavam como estados nacionais e, ao mesmo tempo, buscavam diálogo e reconhecimento por parte da Europa.

Dessa tensão, emergiu também o que Groussac entendeu como falta de originalidade, principal crítica feita à arte chilena. Segundo ele, faltava um gênio criador, uma personalidade única nacional.

Sin duda han le faltado, no sólo el genio creador, la llama sagrada, la originalidad soberana – como a los otros pueblos americanos – sino también la gracia elegante y el mismo gusto artístico: el numen de Bello, descolorido y frío como el agua, ha presidido sus inspiraciones. [...] su modesta escuela de pintura y escultura revela cualidades y actitudes de disciplina poco comunes en América¹⁵⁸.

Groussac é elogioso aos esforços dos artistas. O que o incomoda é a falta de uma escola propriamente nacional, com estilo próprio. Para ele, o longo período em que os artistas permaneciam em escolas europeias aperfeiçoando-se, fazia deles, em grande medida, copistas. Faltava-lhes, portanto, originalidade, sendo que estava longe de ser alcançada, uma vez que ainda importavam a civilização europeia. No entanto, como acredito, mesmo na arquitetura europeia religiosa moderna, já não havia originalidade:

¹⁵⁶ DARÍO, Rubén. Los colores del estandarte. In: MAPES, E. K. (org). *Escritos inéditos de Rubén Darío, recogidos de periódicos de Buenos Aires*. New York: Instituto de las Españas en los Estados Unidos, 1938.

¹⁵⁷ A questão da originalidade o acompanharia mesmo durante a sua passagem pelos Estados Unidos, onde funciona como uma questão fundamental.

¹⁵⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.78.

He visitado las iglesias, y su vista lejana me trae reminiscencias de su interior. La mezquina y moderna linterna de la Catedral acentúa aún las desproporciones de la pesada nave jesuítica. Las torres italianas de Santo Domingo son tan destituidas de carácter como las españolas de San Francisco, ó las góticas de tal ó cual otro templo de confección. Hacia el norte, cerca del cerro Blanco, la Recoleta Dominica evoca sus suntuosidades advenedizas: innumerables columnas y revestimientos de mármol blanco, pinturas murales de belleza oleográfica, arañas y candelabros, vidrieras y bóvedas de lujo flamante, dorado en todas las costuras, de una «banalidad») insuperable... Por lo demás, esta decadencia de la arquitectura religiosa no es achaque especial de Chile, ni de América; reina en el mundo entero y hace cumplir su ley fatal. Hace más de dos siglos que las iglesias nuevas no son sino postizos de cal y canto— cuando no de adobe embadurnado. El templo levantado sin creencia es una copia inanimada que ni á la belleza externa logra alcanzar. Nace viejo y prolonga su existencia ficticia; se asemeja a una coraza de gliptodon: está intacta la envoltura, pero no es más que una piedra lo que fue un organismo vivo¹⁵⁹ [grifos meus].

Existe, portanto, uma dubiedade em Groussac. A civilização almejada para os países americanos era a europeia. Porém, ainda era necessário que eles incorporassem essa arte europeia e a transformassem em algo puramente nacional, quando nem mesmo os europeus estavam conseguindo¹⁶⁰. O autor, no entanto, não fornecia fórmulas para que a arte local fosse mais valorizada que a europeia, uma vez que, encarando a civilização indígena como uma das responsáveis pelo atraso do país, sua arte não seria a mais adequada para a consolidação de uma estética nacional, nem mesmo uma mistura de ambas.

Ao mesmo tempo, a Santiago que se delineia a seus pés é um caso particular em meio ao processo que Groussac define como a “labor moderna”: a capital do país permanece com pequeno movimento de pessoas em suas ruas, carece da insalubridade da indústria manufatureira, da fumaça das chaminés, do barulho do maquinário...

Aun á la distancia, se nota la escasez del movimiento urbano, la casi nulidad de la labor moderna. No hienden el aire las chimeneas de las fábricas, no desgarran el silencio los agudos silbidos de las máquinas, ni llegan, por fin, á esta altura los potentes rumores de las colmenas manufactureras que, en otras partes, roncan de día y de noche y semejan la vasta respiración del monstruo industrial. — Pasa al pie del cerro la magnífica Alameda, llena de follajes y estatuas, bordada de mansiones señoriales, prolongándose desde el Mapocho hasta la Estación central de los ferrocarriles: no es mucho más concurrida y bulliciosa que la principal arteria de Mendoza¹⁶¹.

¹⁵⁹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.78.

¹⁶⁰ Groussac foi um profundo crítico do modernismo literário, liderado por figuras como Ruben Darío, com quem, aliás, travou um debate público sobre a originalidade do trabalho do autor nicaraguense.

¹⁶¹ GROUSSAC. Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 28.

É necessário ressaltar que essa carência não é vista como falha por parte de Groussac, pelo contrário¹⁶². Em sua opinião, Santiago consiste em uma das cidades com edifícios mais notáveis da América do Sul. Outras cidades chilenas não se comparariam, nesse aspecto, a muitas das cidades argentinas. Nesse sentido, Groussac reconhece em Santiago a presença de construções e também a organização das alamedas e ruas, muito superiores às de Buenos Aires, mesmo que essa, em sua percepção, tivesse largado na frente devido a uma maior presença de imigrantes europeus. Incomoda-o, em Buenos Aires, principalmente, a carência de monumentos públicos que rememorem a história nacional:

Pero si, para los porteños inteligentes, es materia entendida que Buenos Aires es una gran ciudad sin monumentos ¿cómo queréis que reservemos nuestra admiración para edificios como la Moneda, la Universidad, los bancos y teatros, las bibliotecas y colegios, los hospicios y prisiones, las iglesias y cuarteles — seguramente no superiores en general á los similares de allá, que reputamos insuficientes y provisionales? Algunas casas particulares son célebres por su lujo de construcción y amueblado ¡que las disfruten sus dueños y las admiren los snobs!¹⁶³

Portanto, para o autor, em Buenos Aires, existiria uma carência de monumentos e prédios públicos que impedia que a cidade fosse reconhecida como uma grande capital. O que Groussac visualizava era a presença de cópias europeias, principalmente no que se refere às mansões das grandes famílias, já que, em finais do século XIX, as elites, em especial as de Buenos Aires, buscavam, na França, na Inglaterra e, em alguns casos, nos Estados Unidos, os modelos de distinção social que almejavam. Assim sendo, essas pessoas de poderio econômico e social construíram várias cópias de prédios estrangeiros na cidade, principalmente franceses. A essas cópias, Groussac reage com desdém: “Mientras existan los originales europeos, no tendré que celebrar sus copias americanas más ó menos correctas”¹⁶⁴. Os grandes monumentos estavam, portanto, no Velho Mundo, onde, no decorrer dos séculos, civilizações mais avançadas dedicaram-se a erguê-los. Os novos países se destacariam apenas por suas belezas naturais e não pelo desenvolvimento e grandiosidade de suas cidades.

Como apêndice à edição de 1925, Groussac inseriu em *Del Plata al Niágara* um texto em francês que comporia também o capítulo sobre o Chile. No entanto, o autor afirmou que tal texto, publicado como correspondência em *Le Courrier de la Plata*, um periódico

¹⁶² Vale ressaltar que, nesse período, a dispersão industrial chilena era mais evidente, graças principalmente a uma maior exploração do salitre. Com a crise da exportação do salitre, entre as décadas de 1920-1930, ocorreu novamente uma maior concentração espacial da indústria. Para mais informações, ver: BADIA-MIRÓ, Marc. El crecimiento industrial y concentración de la actividad económica en Chile, 1894 - 1967. Disponível em: <www.um.es/.../El%20crecimiento%20industrial%20chile.pdf> Acesso em: 22 fev. 2017.

¹⁶³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 31.

¹⁶⁴ Idem.

destinado principalmente aos imigrantes franceses radicados na Argentina e no Uruguai¹⁶⁵, perderia muito de sua essência se fosse traduzido para o espanhol. A variação não seria apenas de estilo, mas também, de certa maneira, de conteúdo.

Em uma edição recente organizada pela Biblioteca Nacional Argentina, prefaciada por Hebe Clementi, essa afirma ser esse texto uma “contracara” do publicado inicialmente sobre o Chile em espanhol, e um escrito que nos leva a enxergar no autor muitas contradições. Não acredito que Groussac faça um texto que destoe profundamente do publicado em espanhol, mas tendo a concordar que ele fale mais abertamente suas opiniões críticas acerca do país vizinho e da própria Argentina no texto em francês. Além disso, fica muito mais evidente a importância dada à imigração europeia na Argentina como principal fator de distinção em relação ao país vizinho e aos demais países americanos.

Essa maior liberdade de fala no idioma francês pode ter se dado, em minha opinião, principalmente por causa do público alvo. Certamente, sentia-se mais confortável no francês por se tratar de sua língua natal, embora fosse bastante fluente no espanhol após quase trinta anos de estadia na Argentina, a ponto de se envolver em debates acerca da língua nacional e de ter criado seu próprio estilo na língua. Ruben Darío chegara a afirmar que admirava Groussac porque era impossível perceber, lendo um de seus textos em espanhol, que o autor era francês.

Portanto, a maior liberdade percebida no texto em francês se deveria muito mais ao público para o qual o texto se destinava: um público europeu que vivia em Buenos Aires e Montevideu, emigrado, como Groussac, mas ainda francês. Em menor escala, o periódico no qual o texto fora originalmente publicado também alcançava a França. No prefácio de *Del Plata al Niágara*, Groussac afirmou que, se seu livro fosse destinado ao público europeu, sua abordagem seria outra. Nesse texto publicado como apêndice, tal afirmação se comprova.

Tzvetan Todorov, em *O Homem Desenraizado*, faz observações semelhantes sobre sua experiência em traduzir uma apresentação escrita em francês para o búlgaro, sua língua materna, enquanto visitava o país depois de uma longa ausência, pois não sabia bem como adaptar os contextos, como falar a seus conterrâneos. Não era uma mera questão de tradução do texto pensado em francês para a língua natal, também não era somente pela estilística do texto, mas, sobretudo, pelo conteúdo dele. Em seu entender, aquelas palavras não fariam

¹⁶⁵ Ver: GRUS, Viviane Inés Oteiza. *Le Courier de la Plata: Un diario republicano francés en el Río de la Plata*. Buenos Aires: Editorial Académica Española, 2012.

sentido em seu país natal. Tal observação fez com que ele encarasse a situação, permanecendo em silêncio¹⁶⁶.

Isso, em minha concepção, é notável nesse pequeno texto de Groussac em francês sobre o Chile, não apenas pela língua adotada, mas principalmente pelo público ao qual se destinava. Dessa maneira, é mais evidente nessas páginas uma maior importância dada à imigração europeia para a superioridade civilizacional da Argentina. Groussac, logo no início, afirma:

Se é viajando no Uruguai, no Brasil, na Bolívia, que se aprecia a superioridade real da República Argentina sobre seus países limítrofes da vertente oriental, é preciso passar uma temporada no Chile para se fazer uma avaliação exata da obra europeia no Prata.¹⁶⁷ Quero dizer que é aqui, e por comparação, que podemos medir e pesar, melhor do que em qualquer outro lugar, o que representou para a Argentina, durante meio século, o aluvião incessante e a contribuição contínua do estrangeiro. Neste sentido, poderíamos dizer, segundo a fórmula conhecida de Heródoto, que Buenos Aires é um presente do Atlântico. Não se trata apenas das condições materiais da vida – podemos facilmente adivinhar como elas são no resto da América espanhola; mas de costumes sociais, das necessidades e tendências da numerosa classe média, que compõe metade da população. E somos muito rapidamente convencidos de que o que falta à vida chilena de facilidade e conforto urbanos, de finesse e verdadeira elegância no seu trato diário – como também de independência intelectual e amplitude crítica nas ideias, – fomos nós¹⁶⁸, decididamente, que para lá importamos e impusemos¹⁶⁹ [grifos meus].

No relato em francês, de forma destoante de alguns pontos do texto em espanhol, Groussac afirma que Buenos Aires incorporara melhor a civilização para os confortos da vida urbana em comparação a Santiago ou Valparaíso. O conceito de civilização é em si complexo,

¹⁶⁶ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad, Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁶⁷ Esta superioridade Argentina é melhor observada, portanto, quando em contraste com as demais repúblicas sul-americanas. Menções ao Brasil são frequentes em seus relatos, porém, não localizei um texto específico sobre o país. Quanto ao Uruguai, um dos textos que mais destaca o país é *Sarmiento*, de 1883, relato inserido em *El Viaje Intelectual*. Quanto ao Brasil, os aspectos destacados são, sobretudo, a natureza do Rio de Janeiro. No que tange a Montevideú, seu foco é seu “vizinho” de quarto, Sarmiento.

¹⁶⁸ Os europeus.

¹⁶⁹ Tradução livre de Paul Groussac. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.453. Texto original em francês: “Si c'est en voyageant dans l'Uruguay, au Brésil, en Bolivie, qu'on apprécie la supériorité réelle de la République Argentine sur ces contrées limitrophes du versant oriental, il faut séjourner au Chili pour se rendre un compte exact de l'oeuvre européenne dans la Plata. Je veux dire que c'est ici, et par comparaison, qu'on peut mesurer et peser, mieux que partout ailleurs, ce qu'a représenté pour l'Argentine, durant un demi-siècle, l'alluvion incessante et l'apport continu de l'étranger. En ce sens, on pourrait dire, suivant la formule connue d'Hérodote, que Buenos Aires est bien un don de l'Atlantique. Il ne s'agit pas seulement des conditions matérielles de la vie — on devine assez ce qu'elles sont dans le reste de l'Amérique espagnole; mais des moeurs sociales, des besoins et des tendances de la nombreuse classe moyenne, qui compose la moitié de la population. Et l'on est très vite convaincu que ce qui manque à la vie chilienne d'aisance et de confortable urbains, de finesse et de véritable élégance dans son train journalier, — aussi bien que d'indépendance intellectuelle et de largeur critique dans les idées, — c'est nous, décidément, qui l'avons là-bas importé et imposé.”

e regressarei a ele em outros momentos deste trabalho. Sarmiento o relacionava com civilidade, que, em seu *Facundo*, está mais relacionado à vida urbana. Quando Groussac fala em civilização na América, está relacionando isso com a incorporação da civilização europeia e a absorção de seus progressos. Um país desenvolvido na América seria, portanto, aquele que melhor incorporou e digeriu esse desenvolvimento, avanços não somente materiais, mas também de esfera intelectual. O conceito de civilização, caro aos pensadores do século XIX, acompanharia Groussac durante toda a sua viagem e, quando nos Estados Unidos, ele o continuaria definindo de forma bastante imprecisa.

Do México ao Estreito de Magalhães, o que denominamos progresso, civilização nacional, é a absorção e a digestão mais ou menos perfeita da civilização e do progresso europeu. Há então aqui, imediatamente, um primeiro termo de comparação de um alcance considerável e de uma precisão suficiente¹⁷⁰.

Buenos Aires é ainda vista como um centro urbano que incorporara, de forma muito mais satisfatória do que Santiago ou Valparaíso, essa civilização europeia:

No paralelo estabelecido entre os dois países, pode-se admitir que os elementos nacionais primitivos seriam bastante inferiores entre os Argentinos – deduzi a partir de outros lugares as causas principais disso: – ora, resulta-se, sem nenhuma dúvida, que a vida civilizada ou, se preferirem, a adaptação urbana é em Buenos Aires bem mais completa do que em Santiago ou Valparaíso. A emigração europeia, enorme entre nós, insignificante aqui, é o fator imprevisto que transformou a face e o fundo das coisas¹⁷¹.

Seria esta uma opinião tão polêmica na Argentina do século XIX? Tudo indica que a resposta seja negativa. A Argentina recebeu mais imigrantes europeus que qualquer país sul-americano em fins do século XIX e início do século XX. Viajar para a Europa era um elemento de distinção dentro das classes abastadas do país, como afirma David Viñas, em *La Mirada a Europa: del viaje colonial al viaje estética*. Em seu ensaio, Viñas fez uma categorização dos viajantes argentinos à Europa; da viagem utilitária de Belgrano e Alberdi à

¹⁷⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 455. Texto original em francês: “Du Mexique au détroit de Magellan, ce qu'on appelle progrès, civilisation nationale, c'est l'absorption et la digestion plus ou moins parfaite de la civilisation et des progrès européens. Il y a donc là, tout de suite, un premier terme de comparaison d'une portée considérable et d'une justesse suffisante”.

¹⁷¹ Tradução livre de GROUSSAC. Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 454. Texto original em francês: “Dans le parallèle institué entre les deux pays, on peut admettre que les éléments nationaux primitifs seraient plutôt inférieurs chez les Argentins—j'en ai déduit ailleurs les causes principales: —or, il résulte, a n'en pas douter, que la vie civilisée ou, si vous préférez, l'adaptation urbaine est à Buenos Aires bien plus complète qu'à Santiago ou Valparaiso. L'émigration européenne, énorme chez nous, insignifiante ici, est le facteur imprévu qui a transformé la face et le fond des choses”.

viagem puramente estética dos *gentlemen del 80*, precedidos por Lucio Mansilla¹⁷². Viajar à Europa era elemento de distinção; conhecer autores franceses, frequentar os salões, museus, restaurantes, enfim, a sociedade europeia e, em especial a francesa, era, sim, um meio de se diferenciar¹⁷³.

O que dobra o valor desses dados demográficos é que a presença de uma forte colônia europeia, em uma região americana, não é apenas uma garantia de prosperidade e uma causa de desenvolvimento social: é também, e antes de mais nada, um índice muito seguro de riqueza presente¹⁷⁴.

Estar aberta a essas inovações estrangeiras era, sim, uma chave de distinção argentina. Nesse sentido, Groussac considera que os incentivos dados às artes e aos intelectuais eram menos voltados ao simples patriotismo do que a um maior arrojo criativo. Essa colocação, no entanto, não ignora os esforços feitos pelos intelectuais chilenos, que são colocados em seu texto como um grupo dedicado, conhecedor das grandes correntes de pensamento do final do século XIX, como a positivista.

Groussac deixa claro que, durante sua viagem, não foi possível absorver tudo o que estava sendo produzido pelos literatos e médicos chilenos, mas que baseara seu raciocínio principalmente nos debates que pudera acompanhar nos periódicos ou em conversas com literatos e outras personalidades. Um exemplo é o caso do funcionário público que recitou para ele Comte, Spencer, Littré... A simples citação das obras desses autores e não o questionamento delas fez com que Groussac concluísse que a superioridade argentina viria da capacidade de questionar e não meramente de copiar esses pensadores.

Para Groussac, os chilenos aceitavam o que lhes era imposto como verdade e não questionavam suas escolas, seus salões e literatos, o que atravancava seu crescimento e despontava em um patriotismo exagerado. No texto em espanhol, Groussac também afirma que esse patriotismo era notável nos livros didáticos e mesmo nos passeios públicos. Cabe ressaltar que a superioridade argentina se restringia, em seu ponto de vista, a um grupo seletivo, principalmente em Buenos Aires, que seria menos entusiasta das produções nacionais. Ou

¹⁷² VIÑAS, David. *La Mirada a Europa: del viaje colonial al viaje estética*. Biblioteca Virtual Universal, 2010. Disponível em: www.biblioteca.org.ar/libros/155371.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹⁷³ É muito arraigada, entre nós, brasileiros, a noção da Argentina como um país mais esteticamente próximo da Europa, existindo até mesmo um certo preconceito em relação a isso. Quando da saída do Reino Unido da União Europeia, em 2016, o jornal humorístico *Sensacionalista* publicou um texto intitulado: “Argentina quer pegar a vaga na UE: ‘No fundo somos europeus’”. Trata-se de uma brincadeira na qual é possível ver, como é comum entre nós, brasileiros, essa cognição Argentina / Europa. Para ler o texto, acessar: <https://www.sensacionalista.com.br/2016/06/24/argentina-quer-pegar-a-vaga-na-ue-no-fundo-somos-europeus/>.

¹⁷⁴ GROUSSAC, Paul, *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 454. Texto original em francês: “Ce qui double la valeur de cette donnée démographique, c'est que la présence d'une forte colonie européenne, dans une région américaine, n'est pas seulement un gage de prospérité et une cause de développement social: c'est aussi, et tout d'abord, un indice très sûr de richesse actuelle”.

seja, o autor não engloba a grande massa da população em suas observações, mas uma pequena elite.

Soma-se a essa situação a falta de originalidade das escolas chilenas e, mais do que isso, a falta de espontaneidade, o que, por sua vez, impediria o aparecimento dos grandes talentos. Essa ausência não é um empecilho para o crescimento econômico de um país, o que o autor exemplifica pela grandeza dos Estados Unidos, mas, sim, para o desenvolvimento intelectual.

Para o leitor do texto groussacquiano, pode parecer que Groussac se comporta de forma paradoxal ao exaltar o patriotismo chileno que pouco antes condenara. Se, nas questões de cunho estético e intelectual, condenou o que considerara como uma barreira ao pleno desenvolvimento, em se tratando da guerra, o mesmo patriotismo foi o que teria permitido ao Chile vencer. Discutirei, de forma mais detalhada adiante, a Guerra do Pacífico, que ocupa lugar de destaque na passagem de Groussac por esses países. No momento, porém, o que quero ressaltar é que, nesse texto, o que pode parecer algo puramente contraditório, na verdade é apenas uma constatação em relação a outro aspecto observado sobre o país.

Quanto aos indivíduos da sociedade chilena, o autor afirma não serem, à primeira vista, “amigáveis”: “eles são duros”. Essa rigidez observada na sociedade não impediu que Groussac os considerasse como um povo de fibra, tendo feito bons amigos. O comportamento da sociedade chilena, que, segundo ele, vinha de tempos imemoriais, fora agravado pelos períodos de guerra.

É, naturalmente, uma impressão geral que deixa a porta aberta às numerosas exceções, e que é especialmente notável no povo trabalhador das camadas mais baixas ou rurais. É aí, precisamente, que se acusa a verdadeira natureza de um povo. O verniz uniforme da educação, o hábito adquirido de se dominar, que é o resultado da vida social, torna o aspecto das classes superiores mais ou menos semelhante em todos os países¹⁷⁵.

O homem comum, ao qual dedicou poucas linhas, considerou como um ser simples, porém, envolto em um turbilhão. Em comparação ao gaúcho argentino, o chileno comporta características mais agressivas:

O homem do povo é muito simples, seu mais profundo sobe todo instante à superfície em um redemoinho perpétuo. Sob esse ponto de vista, a observação do *roto* chileno é muito instrutiva. Viajando, no trabalho, especialmente em seus prazeres barulhentos do baile campestre ou da

¹⁷⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 460. Texto original em francês: “C'est, naturellement, une impression générale qui laisse la porte large ouverte aux nombreuses exceptions, et qui est surtout sensible dans le bas peuple ouvrier ou rural. C'est là, précisément, que s'accuse la vraie nature d'un peuple. Le vernis uniforme de l'éducation, l'habitude prise de se dominer, qui est le fait de la vie sociale, rend l'aspect des classes supérieures à peu près semblable dans tous les pays”.

taberna, sua rude brutalidade expõe-se ao primeiro instante. Ele tem a embriaguez sombria e ruim. Eu os vi batendo-se um contra o outro, sustentando-se com dificuldade, como feias bestas ferozes, e acabarem rolando no mesmo fosso. Sabemos muito bem como eles são na guerra: de uma crueldade animal, na pilhagem e no *repaso* dos feridos, o que ainda faz os peruanos empalidecerem. Que diferença dos nossos netos de *gauchos* argentinos, tão ingênuos, tão alegres, tão francos, tão esquecidos de qualquer rancor, mesmo depois da *desgracia* de um mau momento! E além disso, o *gaucho* é fino, elegante, com frequência muito bonito; é louco por música: uma faca e uma guitarra, esta é a base de seu equipamento¹⁷⁶.

É comum o autor definir, a partir de sua observação, um tipo para caracterizar o todo. Em relação à mulher, existe uma linguagem, talvez mais delicada do que em relação aos homens: Groussac não vê na mulher toda a dureza masculina. Como ele salientou, “a lealdade um pouco rude, mas inegável, do homem tornou-se nas mulheres, uma abertura de alma, uma sinceridade de atração irresistível”¹⁷⁷. A mulher era, ainda, pouco vista nas ruas, mesmo nas grandes lojas de conveniência, devido à carência de *soirées*, ou mesmo no teatro. Elas não eram vistas, salvo algumas exceções na igreja, no parque público ou em *Viña del Mar*, que algumas frequentavam, lugar que Groussac classifica como menos *snoibe* que “nuestro Mar del Plata”:

As festas são raras, os teatros ficam vazios na maior parte do ano; elas vão à igreja, de preto e encapuzadas com sua manta monástica. Podemos vê-las em grupos no parque Cousiño, que é o seu bosque, ou, no verão, em *Viña del Mar*, que é um *Mar del Plata* muito mais divertido e menos esnobe do que o *nosso*. Mas é dentro de casa que a chilena vive: ela cuida da casa, como a matrona romana; é lá que se deve vê-la e apreciá-la¹⁷⁸ [grifos meus].

O papel ocupado pela figura feminina era, sobretudo, o espaço doméstico, numa posição de submissão à figura masculina, atuando como a guardiã da casa. Após uma visita a

¹⁷⁶GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 461. Texto original em francês: “L' homme du peuple est tout simple, son fond remonte à toute minute à la surface en un perpétuel remous. A ce point de vue, l'observation du *roto* chilien est très instructive. En voyage, au travail, surtout dans ses plaisirs bruyants du bal champêtre ou de la taverne, sa rude brutalité s'étale au premier instant. Il a l'ivresse sombre et mauvaise. Je les ai vus s'acharner l'un sur l'autre, se soutenant à peine, comme de vilaines bêtes féroces, et finissant par rouler au même fossé. On sait trop ce qu'ils sont à la guerre: d'une cruauté animale, dans le pillage et le *repaso* des blessés, qui fait encoré pâlir le Péruviens. Quelle différence avec nos grands enfants de *gauchos* argentins, si naïfs, si gais, si francs, si oublieux de toute rancune, même après la *desgracia* d'un mauvais moment! Et puis, le gaucho est élançé, élégant, souvent très beau; il est fou de musique: un couteau et une guitare, voilà la base de son équipement”.

¹⁷⁷GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 463. Texto original em francês: “La loyauté un peu rude, mais indéniable, de l'homme est devenue, chez la femme, une ouverture d'âme, une sincérité cordiale d'un attrait irresistible”.

¹⁷⁸Ibidem, p. 464. Texto original em francês: “Les soirées sont rares, les théâtres chôment la plus grande partie del'année; elles vont á Féglise, en noir et encapuchonnées de leur manta monacale. On les entrevoit par groupes au pare Gousiño, qui est leur Bois, ou, en été, a *Viña del Mar*, qui est un *Mar del Plata* beaucoup plus amusant et moins snob que le *notre*. Mais c'est chez elle que la Chilienne vit: elle garde la maison, comme la matrone romaine; c'est la qu'il faut la voir et l'apprécier”.

um orfanato, Groussac destacou também a figura de uma irmã de caridade, ressaltando sua delicadeza e timidez, enfim, a ocupação de um espaço que era, sob a ótica masculina, o único possível. Não é de se estranhar que, no próximo país visitado, a posição dominante da mulher peruana na sociedade o incomodaria ao ponto de considerar isso um elemento de deterioração social.

Dessa maneira, o texto escrito em sua língua natal carregou considerações mais duras em relação ao país vizinho. Minha hipótese é a de que a proximidade e a familiaridade com o Chile fizeram com que certos elementos fossem mais destacados. Tanto que o Chile é o único país acerca do qual o autor elabora textos em francês, tanto na viagem de 1893 quanto na de 1914.

Groussac visitou o Chile novamente em fevereiro de 1914, aproveitando férias de verão. É interessante observar como, aos 66 anos, o autor observou coisas diferentes, embora seu estilo e a base da argumentação tenham permanecido os mesmos. Baseio-me, principalmente, em suas notas de regresso da Terra do Fogo, redigidas em espanhol. O relato se divide em dois textos: o primeiro, *A La Terre de Feu*, e o segundo, *De Punta Arenas a Mendonza*, ambos republicados em *El Viaje Intelectual Primera Serie*, em 1920.

Vale também ressaltar que, diferentemente da estrutura adotada em *Del Plata al Niágara*, esses textos seguem a estrutura de notas diárias¹⁷⁹. Em *La Terre de Feu*, o autor relatou sua expedição ao Canal de Beagle, para o qual viajou, saindo de Montevideu e passando por Punta Arenas. O outro texto consiste no relato do regresso a Buenos Aires. Esse último será o mais analisado neste trabalho. O texto se torna mais interessante precisamente porque o autor estabeleceu, como partes importantes de seu roteiro de regresso, Santiago e Viña del Mar. Esse desejo de retornar a esses locais é essencial para observarmos percepções destoantes das anteriores, escritas em 1893. Durante a travessia, uma paisagem, outrora encarada como monótona, é descrita como deslumbrante, bem como há uma percepção mais amigável da sociedade chilena.

O autor inicia o texto afirmando que, mais que o cenário observado, quem se modificara muito mais fora o observador. Ao longo dos 20 anos que separavam as duas viagens de Groussac ao Chile, muito do cenário intelectual argentino havia se transformado. Embora o autor tenha mantido sua fama de polemista e crítico mordaz, o Groussac presente

¹⁷⁹ É curioso observar que também Domingo Faustino Sarmiento adotou em *Viajes* um estilo inovador para a época que lhe permitia colocar-se mais como personagem principal em seus relatos, adotando a forma de escrita de cartas para amigos. Em seus relatos da velhice também predominaram o estilo de diário, o que pode ser observado, por exemplo, em *Un Viaje de Nueva York a Buenos Aires* (1868).

nessas páginas parece muito mais ameno em relação às suas apreciações, traçando um quadro que o mostra muito mais velho e experiente, o que lhe concedeu uma aura de maior sabedoria.

Já na introdução de seu texto, ele adverte ao leitor:

Sea como fuere, he aquí algunas de mis notas de viaje por el sur de Chile, en los primeros meses de 1914: vale decir, en vísperas de la guerra, a través de una pintoresca región que, si bien intensamente germanizada, me dejó entonces (*gracias quizá a una situación menos excepcional que la vez anterior, o a elección más feliz de mis puntos de vista*) la gratísima impresión de una armonía casi perfecta — esto es, de idéntica sanidad — *entre el temple natural y el sociológico*¹⁸⁰ [grifos meus].

Após descrever suas acomodações náuticas, bem como seus companheiros de viagem, o autor retrata uma paisagem muito bela que, aliada aos aspectos sociais, ocupou sua atenção. A primeira coisa que estranhou nos portos de Valdivia foi a imigração alemã, que o surpreendeu com a ausência de modos rudes entre esse povo, os quais ele tanto ressaltou em “Notas sur le Chili”, e que lhe provocaram tamanho estranhamento 20 anos antes:

Hoy, por ser domingo, faltan los penachos de humo en las altas chimeneas: y la muchedumbre, de huelga, hormiguea en las pulperías y las estaciones del ferrocarril. No encuentro en la robusta plebe trabajadora — tal vez por estar ya visiblemente muy entreverada de placidez sajona — la rudeza de voces y bruteza de ademanes que, años atrás, me chocaban en los “rotos” arrabaleros. Por cierto que la embriaguez reñidora ha de ser siempre el vicio popular; y, aunque de pasada, entreveo las conocidas escenas de “remolienda” en los boliches; con todo, paréceme ahora menos crapulosas y violentas que antes [...] ¹⁸¹.

A essência chilena, como o autor ressalta, continuou a mesma. O que mudou fora o personagem que observava. Cabe salientar que a conjuntura histórica do país era outra, bem como os objetivos do viajante, que, em vez de estar ingressando em uma longa viagem, como em 1893, estava desfrutando de férias de verão. Em sua primeira viagem ao Chile, o autor dedicara especial atenção a Santiago, Valparaíso e arredores, não se pronunciando sobre províncias do Sul. Sua surpresa perante o grande número de colonos alemães também se deveria a essa “falha” em sua primeira viagem. Muitos imigrantes alemães, convidados pelo governo chileno, chegaram ao país em 1848, num esforço de povoar essas regiões antes quase inabitadas. As colônias alemãs do sul do Chile são comparáveis às colônias estabelecidas no sul do Brasil, onde a presença de tal cultura ainda é muito marcante e perceptível.

¹⁸⁰ GROUSSAC, Paul. De Punta Arenas a Mendonza. In: *El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p. 260.

¹⁸¹ Ibidem, p. 268.

Porém, alguns pontos mencionados por Groussac são importantes para notar como tais percepções se modificaram durante a vida e como algumas permaneceram inalteradas. Em sua primeira viagem, como mencionamos anteriormente, Groussac criticou o sistema educacional chileno por seu exagerado patriotismo. Nas linhas de 1914, o sistema educacional também não passou despercebido¹⁸². Groussac, no geral, a despeito de ter sido elogioso quanto à educação chilena, não deixou de tratar, mesmo que não diretamente, do patriotismo:

Me dio gusto, lo confieso, el éxito de la pequeña exhibición en esos andurriales y en presencia de mis compañeros chilenos. Estos, en efecto, según advertí, participaban de una creencia esparcida, no sólo en Chile, sino en el continente, acerca de la primacía educativa de aquel país en la América del Sur: tesis, al menos en lo tocante a la Argentina insostenible, por más que en su gran Geografía la avance el eminente, y de ordinario mejor informado, Elisée Reclus. La verdad es que, bajo este aspecto, Chile *nos* cede el primer puesto: recuerdo haber comprobado el año pasado que, a pesar de favorecerle una densidad de población dupla de la *nuestra*, las cifras comparativas del número de escuelas y de alumnos matriculados, referidas a las poblaciones respectivas, acusan una marcada superioridad de este país sobre aquél: *suum cuique*. Por otro lado es donde Chile toma su desquite¹⁸³ [grifos meus].

Essa passagem nos revela mais que o orgulho chileno; mostra o orgulho de Groussac acerca dos avanços da educação pública na Argentina. Vale também destacar que esse orgulho é pessoal, retomando o pronome “nuestro”, denotando seu pertencimento à sociedade argentina. Essa viagem em sua maturidade demonstra que, ao tratar de países latino-americanos, seu referencial permaneceu como a pátria adotiva, estando nela seu público destinatário¹⁸⁴.

O relato do retorno permite, ainda, que observemos elementos de continuidade em seu pensamento, sobretudo no que se refere à composição social chilena, considerando a miscigenação uma coisa positiva – mas somente a miscigenação com o europeu. Se, em 1893, os traços da população lhe revelaram maior presença indígena, em 1914, uma breve viagem de trem apontou-lhe outra realidade:

¹⁸² Groussac foi diretor do Colégio de Tucumán e inspetor de educação na Argentina. Sua fama nesse quesito também foi alcançada. Suas notas nos revelam que fora convidado pela diretora de uma escola, que organizou algumas de suas classes em pleno domingo, para a visita do franco-argentino.

¹⁸³ GROUSSAC, Paul. De Punta Arenas a Mendonza. In: *El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p.275.

¹⁸⁴ Jorge Luis Borges afirmou, em texto de 1929, logo após o falecimento de Groussac: “La sensación incómoda de que en las primeras naciones de Europa o en Norte América hubiera sido un escritor casi imperceptible, hará que muchos argentinos le nieguen primacía en nuestra desmantelada república. Ella, sin embargo, le pertenece”. In: BORGES, Jorge Luis. Paul Groussac. *OOCC Tomo I (1923-1949)*. Buenos Aires: Emecé, 1996. Disponível em: <<http://borgestodoelanio.blogspot.com.br/2016/03/jorge-luis-borges-paul-groussac.html>>. Acesso em: 8 set. 2016.

En Osorno, ha subido en el tren y, por estar lleno el salón, ocupa el asiento frontero al mío una muchacha endomingada, con un niño de siete o ocho años. Canta el origen araucano en su aguileño perfil y su bronceada tez, alumbrada por rasgados ojos de azabache. No es fea ni tosca, y hasta podría parecer bastante bonita si su enmarañada y rebelde cabellera negra no se desbordara tumultuosamente de un canasto multicolor que remeda el plumaje ancestral. Forma contraste la blancura y rubicundez del varoncito. El chico es hermano suyo; y ante mi sorpresa por la disparidad, ella agrega sencillamente: y no somos del mismo padre; el suyo era extranjero... No lo pongo en duda; y hasta me cuesta un poco creer que sean de la misma madre. Apunto el ejemplo ínfimo como una muestra más del trabajo de adaptación que incesantemente se cumple en el inmenso crisol elaborador de la raza americana, ya eliminando los elementos étnicos primitivos, ya combinándolos con los adventicios¹⁸⁵ [grifos meus].

Esses elementos étnicos adventícios são, portanto, europeus. Eliminar as características das populações originárias é, então, em sua percepção, um elemento positivo, o que demonstra que suas convicções permaneceram as mesmas após vinte anos.

Não falta a Groussac, na viagem de 1914, a vontade de rever paragens vistas anteriormente. Chegou a Santiago, então, em 19 de fevereiro, após uma agradável travessia pelo país, cruzando lagos majestosos, para uma estadia de três dias. Santiago, no entanto, estava em período de carnaval, quando grande parte da população viajava para as áreas litorâneas. Um exame minucioso tornou-se impossível para o viajante, que se viu impossibilitado de observar o movimento diário da urbe em dias normais. Brinda-nos, contudo, com explicações de suas observações anteriores:

A no faltarme ahora, por las razones apuntadas, los elementos de estudio, me hubiera interesado cotejar mis impresiones de hoy con las de hace veinte años, para someterlas al control de una nueva experiencia; y, comparando mi probable lenidad presente a mis severidades pasadas, tratar de discernir si, desde entonces, quien más ha cambiado es el espíritu del juez o la materia del juicio. Me inclino a lo segundo, sin dejar de reconocer una parte de realidad en lo primero¹⁸⁶ [grifos meus].

Groussac segue explicando as condições históricas pelas quais passava o Chile em 1893, que foram prioritariamente as razões para que suas notas apontassem para uma visão um tanto pessimista do país, que traduziu na frase “Chile está enfermo”. Como tal sentença provocou desconforto entre seus leitores chilenos, Groussac se retratou com a justificativa de uma conjuntura política ainda conturbada em 1893 – dada a Guerra Civil Chilena de 1891,

¹⁸⁵ GROUSSAC, PAUL. De Punta Arenas a Mendoza. In: El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p.269.

¹⁸⁶ Ibidem, p.281.

que durou seis meses –, e o mal-humor pessoal que o impedira de visualizar adequadamente o monumento natural mais valioso para os chilenos – o Cerro Santa Lucía. A seguinte passagem permite observar tal retratação:

Cuando “descubría” a Chile, a principios del 93, y al día siguiente, puede decirse, de la revolución y su sangrienta guerra intestina, la convulsa nación que se ofrecía a mi examen apenas tenía traza de volver a su quicio histórico. La sublevación armada contra el gobierno, quizá fundada en teología constitucional, no había concluido con el triunfo de los sublevados en el campo de batalla y su entronización en el poder: los vencedores consumaban sus tristes victorias civiles con la persecución de los vencidos. Y no era tan sólo la desenfrenada bestia popular, aquí más que en tierras vecinas ruda y bravia (cual si conservara aún todos los rasgos épicos y atroces de la estirpe araucana); no era únicamente, digo, la plebe cebada la que padecía ese delirio del triunfo, sino también la clase responsable encaramada en el poder, y que presenciaba, impotente o connivente, los excesos callejeros de los ilotas ebrios. [...] Aquella situación de extravío y violencia es la que resumí, hace veinte años, en esta corta proposición: Chile está enfermo, —de que todas mis críticas menudas no eran sino corolarios o rebotes, alguna vez exagerados, lo confieso, por el relieve de la expresión¹⁸⁷.

A Guerra Civil Chilena à qual se refere ocorreu durante o governo de José Manuel Balmaceda, em decorrência de discordância entre os interesses presidenciais e o Congresso Nacional, que ele mandou fechar em 11 de fevereiro de 1891, mergulhando o Chile em uma guerra civil que se estendeu por seis meses e custou a vida de cerca de 4 mil pessoas. O país se dividiu entre duas forças: os congressistas contaram com o apoio da Marinha e alguns setores do Exército, enquanto várias cidades, entre elas a capital, mantiveram-se ao lado do presidente. Após várias batalhas, sobretudo no norte do país, Balmaceda reconheceu a derrota e renunciou em 29 de agosto de 1891, fato que foi seguido de uma onda de saques e conflitos políticos acirrados¹⁸⁸.

Em *Del Plata al Niágara*, uma das preocupações de Groussac foi revelar as reminiscências desse conflito armado que dividiu o país em duas frentes. As colocações do autor se deveram, sobretudo, às observações que pôde fazer *in locu* no norte do país. Groussac fez paradas por todo o litoral, empreendendo visitas a diversas cidades mineiras, principalmente às exploradoras de salitre, já que, nessa época, a exploração do guano já vinha

¹⁸⁷ GROUSSAC, PAUL. De Punta Arenas a Mendoza. In: *El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p. 282.

¹⁸⁸ A Guerra Civil Chilena de 1891 foi alvo de numerosos estudos, sendo um ponto crítico da história do país. Para maiores informações, recomendo as seguintes obras: ORTEGA, Luis (org). *La Guerra Civil de 1891: Cien años hoy*. Santiago: Universidad de Santiago, 1991. OLIVOS BORNE, Jorge. *La matanza de los cañas*. Santiago: Imp. Barcelona, 1892. Salas Edwars, Ricardo. *Balmaceda e o parlamentarismo en Chile: un estudio de psicología política chilena*. Santiago: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1914.

declinando¹⁸⁹. São belas as linhas de Groussac que descrevem uma natureza árida, na qual as cidades sobrevivem principalmente devido à importação de alimentos, bem como ao desvio de cursos de água que as abastecem. Em La Serena, Groussac foi apresentado a algumas personalidades da cidade: “Todos ellos son balmacedistas hasta el cerro de enfrente. Por lo demás, la provincia entera ha permanecido fiel á su antiguo senador que la enriqueció: es la razón de casi todas las convicciones políticas y el secreto de todas las popularidades [...]”¹⁹⁰.

Como já mencionado anteriormente, Groussac não ocupou cargos políticos argentinos, já que esse meio lhe parecia confuso demais. Dedicou-se, então, como poucos de sua geração, apenas ao seu trabalho intelectual. De certa maneira, tal passagem indica esse desprezo pelas “artes” políticas, sobretudo das jovens repúblicas sul-americanas. Tal questão, no entanto, não impediu que Groussac emitisse opiniões políticas, apoiando, em diversas ocasiões, a candidatura de amigos. Porém, a fama de intelectual renomado superou o viés político.

Ainda na viagem de 1893, seguiu-se a essas observações uma visita a La Caldera, localidade que ficava no caminho para Lima. Como Groussac apontou, durante quase todo o trajeto, era comum que os nativos locais fossem em pequenas embarcações oferecer frutas ou peixes para a tripulação dos navios. Nessa ocasião, alguns vendedores ofereciam sardinhas. Um dos colegas a bordo esclareceu ao autor que, ainda mais perto da costa, seria possível encontrá-las mais frescas, até mesmo pescadas na hora. Para sua surpresa, ao se aproximar da costa, vira o naufrágio da fragata *El Blanco*, abatido pelo buque lançador de torpedos Lynch¹⁹¹. Após narrar sua admiração pela Marinha, inclusive pela tripulação do navio derrotado, Groussac se deu conta de que as sardinhas vendidas eram numerosas devido à presença do naufrágio – no qual cerca de 180 homens morreram –, visível a olho nu da superfície graças às águas cristalinas. A reação de Groussac se traduz na seguinte passagem:

“Elija usted las más aceitosas” ¡Aceitosas! ... Procuero reaccionar en obsequio del positivismo: repetirme que, según las doctrinas más flamantes, tal es el *cicutus* de la vida universal, en que se nutre el hombre con lo que vive del hombre, y que, diariamente, trago sin verlas otras y peores combinaciones... Me hallaréis melindroso y repulgado: pues bien, decididamente, á pesar de Darwin y su escuela, no probaré las sardinhas “aceitosas” de esta nueva Bahía de los Difuntos¹⁹².

¹⁸⁹ Nome dado ao acúmulo de fezes de aves utilizado como fertilizante agrícola. Na segunda metade do século XIX foi um produto de exportação muito valorizado na Europa, que rendeu largas somas ao governo peruano que, por décadas, baseou sua economia na exportação de tal produto.

¹⁹⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897. p.62.

¹⁹¹ A fragata Blanco Encalada, conhecido simplesmente como El Blanco, lutou ao lado das forças congressistas durante a Guerra Civil, em 1891, sendo que também foi utilizado como importante veículo na Guerra do Pacífico (1879-1883).

¹⁹² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Op. Cit. p. 65

As linhas que buscou justificar em sua segunda viagem não apreenderam apenas esses traços mais gerais da Guerra Civil Chilena. Esse traslado pelo norte do Chile, de forma mais poética, descreveu a costa repleta de *guerreros recuerdos*, mas também houve colocações políticas. Groussac compreendeu a Guerra Civil como uma das situações enfrentadas por países jovens, situações que beiram a anarquia social. Em seu texto de 1914, atribuiu a eloquência de suas observações, principalmente a liberdade da arte, ao exagero que muitas vezes essa apreende. Embora sem posições políticas claras, nota-se que Groussac, por vezes, tende a ser mais solícito ao presidente Balmaceda, alertando ao leitor, por exemplo, sobre a idoneidade dele, uma vez que nunca foram encontradas provas de desvios em sua administração. Tal observação talvez remeta a uma visão mais aristocrática dessa sociedade, cujos homens não poderiam, graças à sua imaturidade política, escolher os caminhos do país. A ditadura balmacedista, nesse sentido, apresenta-se a ele como uma alternativa viável à manutenção da ordem e do desenvolvimento chileno. Essa posição, como veremos, se modificará no decorrer de sua viagem, graças ao encontro com situações diferenciadas nos países visitados. Não assumir cargos políticos, como é possível perceber em suas obras, não o impediu de tecer opiniões sobre a vida política dos países que visitava.

Balmaceda no habrá muerto en vano si su partido vive ó debe renacer. La inestabilidad del gobierno se acentúa, y la anarquía empieza á manifestarse en las formas terribles del bandolerismo asesino é incendiario. Si es inevitable que los países nuevos sufran una vez en su vida esta viruela epidémica y febril: la anarquía social, quién sabe si no ha sido mejor conocerla en los años juveniles de fácil curación y pronto restablecimiento?¹⁹³

A conjuntura na qual Groussac retorna é mais amena e, embora tenha dedicado especial atenção para justificar suas observações de caráter político, termina seu exame sobre Santiago referindo-se ao famoso Cerro Santa Lucía, o qual criticou arquitetonicamente de forma bastante eloquente nas notas que já mencionei. Mais do que um tom de desculpas em sua fala, percebe-se um tom de brincadeira, de quem se reconhece em meio a colegas:

Después de pesarlo todo, y esbozando sinceramente, como veis, mi examen de conciencia, me inclino por momentos a creer cierto lo que me afirmaba, entre las bromas y veras, un chileno culto, y bondadoso amigo mío, que fué mi compañero de viaje a Chicago: « lo único que no le perdonarán, es haberles tocado a la madre ». La «madre» era el cerro de Santa Lucía. — Si así fuere, canto espontáneamente la palinodia. Anoche, en efecto, comí en un restaurante de aquella excelsa terraza con mi apreciable colega de la Biblioteca Nacional y otros distinguidos chilenos; y declaro que, ya fuese efecto de la temperatura deliciosa, ya de la amable compañía, ya, por fin, de

¹⁹³ GROUSSAC. Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897. p. 46.

las mejoras introducidas en los adornos y plantaciones de la joya santiaguina (probablemente por todo ello junto), el sitio me pareció encantador. ¡Gloria, pues, en las alturas (70 metros) al cerro de Santa Lucía, y paz en la tierra a los hombres de buena voluntad!¹⁹⁴

Groussac encerrou sua viagem ao Chile com uma breve estadia em Viña del Mar, região de Valparaíso. O local, que julgou, em 1893, como uma cidade portuária comum, renasceu em 1914 como um lugar agradável, onde se podia observar o povo chileno em seus hábitos e comportamentos, ou pelo menos da “mitad” interessante da população. Essas linhas revelam que prevalece, em Groussac, o viés aristocrático da sociedade como fator importante para que o país realmente sobressaísse em relação aos demais, como uma forma de distinção e uma prova de desenvolvimento. Viña del Mar, ao final do século XIX, passou também por certas reformulações. Um exemplo foi a construção do Castillo Wulff, entre 1905 e 1906, uma edificação grandiosa para a época e que ainda hoje chama a atenção dos turistas.

Em 1893, ao visitar Valparaíso, Groussac afirmou que o verdadeiro Chile não estava ali e, sim, em Santiago ou nos ricos vales do sul do país. Uma conclusão bem diferente encerrou a viagem de 1914, na qual afirmou que o turista raramente conhece toda Valparaíso, e que comumente se conhecem apenas a praia ou as casas de banho, ignorando uma vida social enriquecedora pela conversação e agradável ao ar livre, situação tão diferente das observadas em festas ou saraus. Naqueles dias, a sociedade de Viña del Mar causou no viajante especial boa impressão: “y admirar, a más de la general belleza y finura del tipo, la discreta elegancia en el vestir y la agraciada llaneza en el trato, que verdaderamente la “distingue”, como que tal ausencia de afectación y étalage es el sello de la verdadera distinción”¹⁹⁵;

Antes de partir para a Argentina, o autor compareceu a um baile, do qual afirma ter se retirado em torno de duas horas da manhã devido à sua idade. Ao sair, escreveu de forma nostálgica: “Sentou-se em um banco a caminho de seu hotel, escutando a música longínqua, imerso em suas recordações”. Se suas notas anteriores, de 1893, fizeram com que alguns lhe considerassem inimigo chileno, retirou-se de maneira mais harmoniosa nesta segunda visita, sobre a qual concluiu:

A la media hora de este solitario revolver de recuerdos ya tan lejanos, pasa el doctor Quirno Costa¹⁹⁶, también de retirada, y con quien me junto hasta nuestro común alojamiento. El ex diplomático, tan querido aquí, me felicita

¹⁹⁴ GROUSSAC, Paul. De Punta Arenas a Mendonza. In: *El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p. 283.

¹⁹⁵ Ibidem. p. 285.

¹⁹⁶ Norberto Quirno Costa foi vice-presidente argentino entre os anos de 1898 e 1904. Além disso, foi diplomata, advogado e periodista.

afectuosamente por el buen recibimiento que en general se me ha hecho; aunque, me dice, no ha faltado esta noche quien protestara en un grupo por estos agasajos a un “enemigo de Chile”. Pero, agrega Quirno, tampoco ha faltado allí mismo una astilla del propio palo para tomar mi defensa y poner las cosas en su lugar. ¡Enemigo de Chile, el que no tuvo, fuera de la familia, afectos más hondos y entrañables que los inspirados por algunos seres chilenos!¹⁹⁷

A proximidade com a Argentina, o clima temperado e as influências europeias nas principais cidades do país podem ter influenciado nessa percepção, de forma geral, mais positiva. Groussac elencou nesses relatos sobre o Chile muitos quesitos típicos aos viajantes, principalmente na transição entre os séculos XIX e XX, tais como apontou Paula Bruno:

[...] sobre las configuraciones sociales de los países latinoamericanos y sus efectos, el ascenso del socialismo y el anarquismo y la presencia de estas corrientes políticas en la vida cotidiana europea, la grandeza material *yankee* y sus limitaciones, la decadencia de los centros urbanos europeos, las derivaciones de la igualdad social en Estados Unidos, la función de la prensa en las sociedades modernas y un variado abanico de tópicos característicos del fin de siglo¹⁹⁸.

Isso não faz com que seu relato tenha sido apenas mais um em meio a muitos, embora reconheçamos que dialogue com seus contemporâneos de forma a corroborar um discurso ou destoar dele. Em minha percepção, esse diálogo muito maior com viajantes argentinos contribuiu para que sua visão do continente fosse diferente dos conterrâneos franceses, colaborando, de forma decisiva, para suas percepções sobre seu papel junto à intelectualidade argentina. Nesse sentido, sua viagem não foi puramente de cunho estético, como salientou David Viñas em relação às suas viagens à Europa. Viajar foi fundamental para a consolidação de sua identidade como intelectual e, de forma geral, a viagem em si foi um fator de especial importância para a consolidação de uma identidade argentina entre seus contemporâneos.

2.2 Descobrindo Lima

O segundo país visitado por Groussac em sua viagem de 1893 foi o Peru. Embora, durante as travessias, outras localidades peruanas ganhem atenção, Lima se destaca como a principal cidade em que permaneceu por poucas semanas.

¹⁹⁷ GROUSSAC, Paul. De Punta Arenas a Mendonza. In: *El Viaje Intelectual: Impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero editor, 1920, p. 286.

¹⁹⁸ BRUNO, Paula. Estados Unidos como caleidoscópio. Ensayo sobre las observaciones de viajeros y diplomáticos argentinos del fin de siglo. IN: *Revista Complutense de Historia de América*. vol. 39, p. 23-38, 2013.

A cidade de Lima foi fundada na costa do Pacífico por Francisco Pizarro, em 1535, assumindo a posição de capital do Vice-reinado do Peru em 1543. Foi vista por Groussac como um caso único entre as cidades hispano-americanas, uma vez que foi fundada para ser, no Peru, uma cópia crioula da metrópole, a menina dos olhos da Espanha, a *Ciudad de los Reyes*. O autor ressalta esse caráter nobre de Lima. Porém, posteriormente, viu na Cidade do México um grande exemplo de justaposição dos elementos indígenas e espanhóis no espaço. Ao contrário da Cidade do México ou de Cusco, não existia, em Lima, uma grande cidade indígena a ser “aterrada” por uma nova cidade espanhola¹⁹⁹.

Para o historiador norte-americano Richard Morse, a opção por locais para a fundação de cidades na América Hispânica não foi de forma alguma arbitrária, mas fruto de uma cuidadosa escolha:

O local para Lima foi escolhido por suas boas terras, pelo abastecimento de água e de lenha e pelas vantagens comerciais e militares de sua proximidade com o oceano. A região tinha uma população indígena próspera e era, naturalmente, um centro missionário. Finalmente, o clima ameno e a baixa altitude permitiam a criação de gado europeu, praticamente impossível nas terras altas²⁰⁰.

Adentrar território peruano provocou em Groussac, em um primeiro momento, pouco entusiasmo, pois entrava em um lugar que considerava sem grandes ornamentos visuais. Lima, no entanto, foi, para ele, uma cidade surpreendente. A “cidade mulher”, expressão à qual recorre para definir a personalidade da cidade que visitava, não consistia em uma definição ofensiva ou desonrosa, mas se referia, sobretudo, aos ornamentos e à força da única cidade colonial destinada a ser, em sua opinião, a menina dos olhos da Espanha.

Lima es la ciudad mujer. (Oh! por favor: reprimid esa sonrisa intempestiva!) —Es una mujer, en su porte exterior, en sus primores y achaques arquitectónicos, en su índole toda política y social, en su alma, por fin, ó sea en su historia entera, femenina y felina, infantil y cruel. Como tal hay que verla, para juzgarla con equidad. Las joyas y adornos, los afeites y colores vistosos, la excesiva coquetería ornamental, la pasión del lujo y la preocupación permanente de agradar y seducir: todo lo que nos parece ridículo y displicente en el hombre²⁰¹.

Caracterizar Lima como uma cidade mulher, no entanto, não é uma proeza de Groussac. Paul Firbas, professor associado do Departamento de Língua e Literatura Hispânica da Universidade de Princeton, afirma que tal característica remonta a textos ainda coloniais, o

¹⁹⁹ RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. Montevideu: Arca, 1998.

²⁰⁰ MORSE, Richard M. *Cidades e cultura política nas Américas*. Organização Beatriz Helena Domingues. Trad. Maria Bitarello. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017, p. 113.

²⁰¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 82.

que demonstra que o autor franco-argentino era familiarizado com tais aspectos da fama do lugar que visitava:

Quizá la imagen de una ciudad como mujer, amante, reina o madre sea tan antigua y básica que trazar su genealogía resulte un ejercicio inútil o una empresa imposible. Pero Lima ha sido tantas veces y con tanta persistencia histórica imaginada bajo un signo femenino que representa un problema crítico, y una invitación a la interpretación cultural. La corte virreinal del Perú y la capital de la república, con sus aires de ciudad-estado, adquirieron la forma de una dama galana en su balcón, despreocupada, mirando al mar y dándole la espalda a los Andes. Esa Lima que fue siempre mujer, la ciudad *perricholesca* que acusó Sebastián Salazar Bondy en su *Lima La horrible* de 1964, hoy ya no tiene esa forma, ni la define su género²⁰².

Na época da visita de Groussac, a cidade conservava predominantemente os ares da antiga majestade colonial em meio à sensação de decadência, não escapando, porém, dos avanços tecnológicos modernos que invadiam as ruas como elementos estranhos à Lima que o visitante desejava ver: a cidade dos mosteiros, conventos e casarões coloniais e das grandes igrejas. Sendo assim, Groussac, conquanto reconheça os aspectos modernos da cidade – elementos provindos principalmente dos ingleses que dominaram a exploração do guano –, frutos das intervenções estrangeiras nas arquitetura e culturas locais, não os reconhece como assimilados à Lima de 1893.

Um dos quesitos mais apontados pelo franco-argentino foi a decadência que assolava o país. Tal situação não provinha apenas da derrota na Guerra do Pacífico, que se estendeu de 1879 a 1883, como um evento singular na história da América do Sul. Foi um conflito bélico entre Peru, Bolívia e Chile, em decorrência principalmente da disputa de fronteiras motivada pela exploração do guano e do salitre na região de Antofogasta. Para Groussac, a guerra apenas intensificou a decadência que já havia se instaurado.

Faço aqui um pequeno adendo para melhor explicar tal conflito bélico, tendo em vista sua importância para a narrativa de Groussac e sua consequente percepção sobre Lima e o Norte do Chile. Para tais explicações, baseio-me principalmente na tese de Laura Janina Hosiasson, intitulada *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*²⁰³. Groussac afirmava que, mesmo após dez anos do fim do conflito, a população comumente culpava a guerra por todos os problemas do país, sendo que, muito tempo antes, já havia sinais de decadência.

Pensar a Guerra do Pacífico requer que se regresse aos tempos de consolidação das fronteiras nacionais dos recém-independentes países latino-americanos nos anos de 1810.

²⁰² FIRBAS, Paul. “Gallardas damas”: Lima colonial como ciudad-mujer. In: *Hostos Review: An International Journal of culture*. n. 3. p. 255-266, 2005.

²⁰³ HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

Após a libertação do jugo espanhol, foi necessário que se estabelecessem limites entre os novos países que se formavam e decidiu-se, então, pela manutenção das fronteiras pré-estabelecidas dos vice-reinados espanhóis. As áreas que compreendiam o sul do Peru, a zona costeira boliviana e o norte do Chile permaneceram, por muitas décadas, negligenciadas devido ao clima desértico dessas regiões, que não favorecia seu povoamento. A situação começou a se modificar após a década de 1840 e do descobrimento do potencial mineral dessas áreas, principalmente após a descoberta do guano e do salitre.

Logo, diversas empresas internacionais se instalaram na região, dando início à exploração das riquezas do solo. A exploração do guano reacendeu a economia peruana, inclusive com a importação massiva de mão de obra chinesa, submetida a condições de trabalho desumanas. Os chamados *collies* se sujeitavam aos riscos de intoxicação, ao realizarem a exploração e o carregamento de fertilizante para os destinos europeus, onde era vendido a preços exorbitantes. A exploração do guano, conquanto tenha trazido muita riqueza ao Peru, como mostram as fortunas pessoais e a construção de palacetes na capital, não resolveu todos os problemas da população devido à má administração dos recursos e à concentração das rendas obtidas nas mãos de poucos e, sobretudo, nas mãos dos exploradores ingleses²⁰⁴.

Fato é que, na década de 1880, já se instaurara uma crise na exploração e na venda de tal mineral, e o guano já não fornecia ao país todos os recursos das décadas anteriores. Somadas a isso, estavam as volumosas dívidas externas, as quais não conseguia saldar, aliadas à crise econômica internacional, que fizeram com que, nas vésperas do conflito, o Peru se encontrasse em uma situação não favorável à sua entrada em uma guerra, o que só ocorreu devido a um pacto firmado com a Bolívia, no qual se comprometia a auxiliá-la.

Quando o Chile, que há muito tempo discordava da Bolívia quanto a determinar quais eram realmente os limites fronteiriços entre ambos, entrou em um embate definitivo sobre a exploração do salitre na região de Antofogasta, no Atacama, a Bolívia declarou guerra ao vizinho, o que implicou o pedido de cumprimento do acordo com o Peru, que se viu obrigado a intervir.

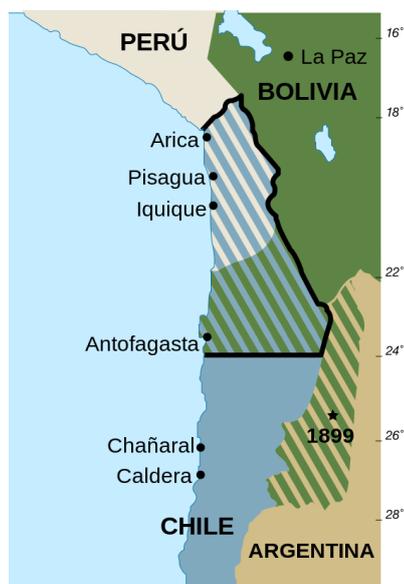
A Bolívia, assim como o Peru, não se encontrava em condições propícias para tal empreitada. Após a independência, o país se viu imerso em constantes conflitos internos e sucessivos golpes de estado, os quais não permitiram a conquista de estabilidade política e

²⁰⁴ HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

econômica. O Chile, no entanto, desde a década de 1860, vinha intervindo na região de Antofagasta, povoando-a e explorando os recursos. Vários tratados foram sendo firmados entre Chile e Bolívia, apenas interrompidos devido à tentativa espanhola de recuperar tais regiões, o que culminou na união de forças entre Peru, Bolívia, Chile e Equador para a expulsão do inimigo comum. Findado o Conflito del Callao, em 2 de maio de 1866, e com a antiga metrópole expulsa, as divergências continuaram e culminaram na entrada de tropas chilenas no porto de Antofagasta e a consequente declaração de guerra.

O conflito teve consequências desastrosas para o Peru e a Bolívia, que perderam regiões ricas em recursos minerais para o Chile, sendo que a Bolívia perdeu sua saída para o Pacífico, o que é, ainda nos dias atuais, ponto de conflito entre ambas as nações. O Peru sofreu grandes derrotas, tendo, inclusive, sua capital, Lima, invadida. Groussac destaca que o Chile, embora vencedor, também não foi tão favorecido pelo conflito, posto que boa parte dos recursos provenientes da exploração dos valiosos minerais foi para as mãos das empresas estrangeiras.

Figura 3 - Mapa: Fronteiras antes e depois da Guerra do Pacífico



Fonte: Domínio público. Versión vectorizada en español. Basado en Image:Borders-Bolivia-Chile-Peru-Before and after Pacific War of 1879 SP.png. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Pac%C3%ADfico_\(s%C3%A9culo_XIX\)#/media/File:Pacifico1879.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Pac%C3%ADfico_(s%C3%A9culo_XIX)#/media/File:Pacifico1879.svg)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Para o franco-argentino, como dito acima, a guerra apenas intensificou a decadência que já havia se instaurado. O declínio proveio principalmente da inabilidade peruana de se adaptar à independência da Espanha. Para Groussac, Lima consistia em um caso único na América Espanhola, uma vez que se reconhecia como uma cidade nobre, uma cópia da metrópole, sendo assim, diferente de Buenos Aires que, com a independência, começara a se

expandir em direção aos pampas. Lima fechou-se em sua identidade indígena e, mesmo que as riquezas do território tenham atraído exploradores estrangeiros, as inovações trazidas nesse período não foram incorporadas à cidade, permanecendo como corpos estranhos dentro da urbe. O autor afirma que as cidades possuem, em sua materialidade, traduzida principalmente em sua arquitetura, os elementos que demonstram seus costumes ou, em outras palavras, a cultura e a história locais:

[...] La estructura material de una ciudad es la cristalización de sus costumbres, y así la arquitectura viene a ser el comentario perpetuo de las evoluciones sociales, que constituyen, con sus capas sucesivas, la masa histórica nacional. Que el Perú, mucho más que la Argentina y el mismo Chile, resistió cuanto pudo a intrusión del espíritu moderno [...]²⁰⁵.

Essas influências estrangeiras, sobretudo inglesas, como os trens, os sindicatos fabris e agrícolas, as novas construções arquitetônicas, enfim, elementos que Groussac engloba no “espírito moderno”, não foram incorporados verdadeiramente por aquela Lima ainda colonial. Tal afirmação não significa, no entanto, que a cidade seja, para o autor, apenas um ponto de passagem de pouca importância. Lima provoca fascínio.

Em seu texto, em meio aos apontamentos que demonstram a inabilidade limenha para se inserir na modernidade, as descrições das catedrais e, em especial, da tumba de Pizarro, permitem perceber a importância que o viajante deu a tais monumentos. O destaque dado à figura do conquistador e, por conseguinte, ao seu sarcófago, mostram que a grandeza colonial, em alguma medida, ainda permanecia. Mais do que isso, as indagações feitas quando da descrição da tumba de Pizarro e a seu esqueleto embalsamado revelam também os questionamentos feitos pelo autor sobre a autenticidade e a importância de tais peças para a construção de uma história nacional. O perfil do valente conquistador envolto por um período de guerras, ouro e sangue, fez com que Groussac questionasse se, na realidade, a grandiosidade de tal personagem não teria sido inventada, uma ilusão.

Después de recorrer su riqueza ostensible y, si tenéis en ello interés, examinar sus relicarios, no abandonéis aún la ornamentada basílica: en una cripta de piedra, debajo del altar mayor, os mostrarán, en su féretro de cristal, el esqueleto momificado de Pizarro, con la puñalada aún visible que le rompió la clavícula derecha. Este espectáculo os deja pensativo: deseáis, queréis estar seguros de su autenticidad— á pesar de no haber sido demostrada oficialmente sino por arqueólogos de Ateneo— y, por un momento, la imaginación reviste de carne esa máscara agestada y chata para devolverle el duro perfil del conquistador. ¡Qué sueño espléndido, rutilante de oro y sangre, fué su destino! ¿Pero quién sabe si lo sintió y midió

²⁰⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p.142.

como nosotros, y si no es nuestra fantasía más bella que la realidad? —Lo que no era ilusión, en todo caso, era el temple de esas almas de acero en sus cuerpos de bronce. Pizarro, después de todo, ha sido aún más valiente que cruel, más ávido de batallas que de suplicios; — y el poeta historiador que él no ha tenido hasta ahora, vacilará tal vez en decidir si la púrpura que envuelve al imperial aventurero es la del verdugo ó la del triunfador [grifos meus]²⁰⁶.

Os relatos de viagem do século XIX revelam uma preocupação com a monumentalização dos grandes feitos e dos grandes homens. Tal preocupação é constante nos relatos de Domingo Faustino Sarmiento em seu *Viajes*, de 1849, e nos textos de Groussac, como nesse relato aqui analisado sobre Lima. Nesse sentido, a construção da história nacional, do sentimento de pertencimento a uma nação passa também pela construção de uma história comum a ser celebrada e identificada. Trata-se de fato comum a todas as ex-colônias americanas que, após as independências, necessitaram reconstruir-se, criar histórias nacionais, buscando, com isso, consolidarem-se como nações. A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Brasil, por exemplo, mostra essa necessidade, que não foi diferente entre nossos vizinhos latino-americanos. O Peru também construiu seus mitos fundadores, o que talvez tenha sido facilitado pela presença de grandes civilizações indígenas antes mesmo da presença europeia.

Essa questão foi muito debatida por Groussac e constantemente abordada em seus relatos, pois o autor acreditava na importância do reconhecimento dos grandes feitos e dos grandes homens expressos nos monumentos públicos. Mais que isso, ele acreditava na importância cultural de tais construções, o que abrange também o valor estético. Sobre Lima, escreveu: “hay un admirable monumento al Dos de Mayo, cuyo grupo inferior – creo que carrier belleuse, es probablemente la obra escultórica más bella de la América española: lo han relegado a una plaza lejana donde nadie lo ve...”²⁰⁷. Soma-se, ainda, o sentimento de que os novos monumentos não faziam parte da arquitetura da cidade, que não foram requisitados pelo povo, e que, portanto, o próprio povo não os aproveitava²⁰⁸.

Anteriormente, apontei que esta também foi uma de suas críticas ao Chile e, principalmente, à cidade de Buenos Aires, para ele, uma grande cidade sem monumentos. A presença de marcos que rememorem a história nacional, por vezes, são tão importantes quanto a história em si na visão de Groussac e de outros de sua geração. Muitos dos pontos apontados

²⁰⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 87.

²⁰⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p. 154.

²⁰⁸ O monumento ao Dos de Mayo, do qual nos fala Groussac, refere-se a uma escultura que celebra a derrota espanhola no Peru, em 1866, também chamada de Combate del Callao.

pelo autor acerca da civilização europeia repousam exatamente na ideia de que uma grande civilização requer elementos que rememorem seus feitos. A ausência de elementos físicos seria o mesmo que a ausência de história em si.

Se a população não se identifica com os novos aspectos da cidade, o sentimento de decadência se fortalece. Por isso, ele se surpreendia com o sentimento de marasmo geral que se infiltrava entre a população, concluindo que o declínio não se devia apenas à crise econômica, mas também à falta de vida social. Não havia, na cidade, os teatros e os salões tão comuns na Europa real ou imaginária desses intelectuais do século XIX. Durante a noite, o autor destaca ter participado de apresentações musicais na Plaza Mayor, espetáculos que, embora lotados, não contavam com a presença da “sociedade”, mas dos mais humildes. A sociedade à qual o autor se refere é a aristocracia local. Groussac fez duras críticas aos Estados Unidos, exatamente pela ausência desses valores aristocratizantes, os quais discutirei melhor posteriormente. Em Lima, Groussac destacou que muitos casarões se mantinham fechados, já que as famílias permaneciam nos Estados Unidos ou na Europa por longos períodos.

A ausência de vida social somava-se à da imprensa. O autor considerava a imprensa como valioso aspecto do desenvolvimento nacional, da vida política e cultural. Em Lima, a imprensa encontrava-se amordaçada não apenas pelo governo, mas por sua própria fraqueza. O autor julgou dois periódicos, sem mencionar seus nomes, os quais acreditava fazerem um bom trabalho, mas lamentava que fossem ignorados pela grande maioria da população, que preferia os que se rebaixariam a noticiar intrigas de ordem pessoal, ataques, elementos que comparava ao fazer jornalístico do padre argentino Francisco de Paula Castañeda²⁰⁹, que fundara diversos periódicos na Argentina do pós-independência²¹⁰.

Groussac concebia tais periódicos como espelhos da procrastinação da sociedade peruana, condição que também transparecia na vida política, que considerava sem organização, sem partidos definidos, nem eleições. Ou seja, tratava-se da descrição e da caracterização de uma sociedade pelo que lhe faltava, não pelo que era; uma adaptação da retórica do atraso. A imprensa era uma preocupação constante do franco-argentino e dos intelectuais argentinos que demonstraram sua força principalmente por meio da imprensa,

²⁰⁹ Francisco de Paula Castañeda (1776-1832) foi um religioso argentino e político. Teve grande atuação no processo de independência argentino. Destacou-se pela forte atuação na imprensa, pela fundação e pela edição de diversos periódicos, nos quais publicava seus textos de oposição, em tons visivelmente satíricos.

²¹⁰ Os periódicos peruanos deste período ainda são pouco estudados, mas compreendem um número considerável de publicações. Todavia, nos últimos anos, muitos vêm recebendo uma atenção cada vez maior por parte dos historiadores.

mesmo no exílio, durante o rosismo. Para eles, assim como a educação pública, a imprensa era chave fundamental para a consolidação da nação.

Dois aspectos principais foram salientados por ele para justificar a decadência peruana. Primeiramente, a imigração chinesa. O Peru é, ainda hoje, o país latino-americano que possui a maior população de ascendência chinesa, havendo um grande número de trabalhos dedicados a pensar e a discutir o deslocamento desse grande grupo. O país começou a receber imigrantes chineses a partir de 1849, em decorrência, principalmente, da escassez de mão de obra nas plantações de cana-de-açúcar e de algodão. Carlos Aquino Rodríguez ressalta, ainda, que, durante a exploração do salitre, o trabalho chinês foi fundamental. A imigração foi decorrente da abolição da escravatura no Peru, que ocorreu em 1845, quando os negros escravizados foram libertos e se deslocaram para as cidades. A Guerra do Ópio foi outro fator que incentivou muitos chineses a deixarem seu país com destino ao distante país latino-americano para realizarem trabalhos de difícil execução em terríveis condições²¹¹.

Laura Hosiasson assinala outro ponto relacionado à participação dos imigrantes chineses na Guerra do Pacífico, o que pode ter desfavorecido tal população aos olhos do franco-argentino. A autora afirma que a guerra, mesmo que simbolicamente, funcionou como um meio de integração do indígena, visto como símbolo nacional, enquanto os chineses, por outro lado, permaneceram como estrangeiros em relação aos dois países em conflito. A participação dos sino-peruanos na guerra, ao lado dos chilenos, foi uma forma de vingança, uma redenção coletiva em relação aos maus tratos e abusos pelos quais passaram, principalmente por parte do branco e do mestiço peruano. Foi uma maneira de tentar alcançar uma forma de justiça²¹². Muito da percepção de Groussac sobre a população chinesa demonstra, a meu ver, o estranhamento e a influência das teorias evolucionistas do século XIX. Groussac percebe-os como uma raça inferior, seres bestiais. Afirma ter visitado, por duas vezes, o bairro chinês de Lima, percorrendo suas ruas e visitando restaurantes e comércios.

He visitado por dos veces el barrio chino de Lima; y *acaso después de conocer su colonia de San Francisco con sus teatros y bazares, vuelva sobre este tema curioso y pintoresco*. Aquí sus tiendas especiales y puestos de cosmetibles ocupan un barrio entero, alrededor del mercado, de donde casi han desterrado a los indígenas²¹³ [grifos meus].

²¹¹ RODRÍGUEZ, Carlos Aquino. Acerca de los estudios sobre China en el Peru. *Pensamiento Crítico*. Vol.18, n. 2, 2013, p. 7-18. Disponível em: <revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/econo/.../7579> Acesso em: 10 out. 2016.

²¹² HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

²¹³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p. 155.

Groussac, nessa passagem, ainda estabelece uma comparação que indica que o autor retornou às suas anotações iniciais após a viagem para os Estados Unidos, que incluiu São Francisco. Isso quer dizer que o autor revisou suas impressões iniciais durante a redação do texto publicado, inclusive na versão de 1920. No entanto, é relevante destacar o estranhamento que a cultura chinesa causou no autor, um estranhamento que chega a repugnância. Ao ver os chineses alimentando-se, o autor afirmou considerar tais alimentos como sujos, não propriamente por estarem em más condições de armazenamento, mas por quem os manuseava.

As características físicas asiáticas faziam com que o autor considerasse os sino-peruanos como bestiais, uma vez que, mesmo vivendo em condições difíceis, estavam sempre sorrindo, inclusive pelo uso excessivo do ópio. Groussac ainda vai além, afirmando que, como as mulheres peruanas indígenas aceitaram facilmente o casamento com os imigrantes chineses, um novo mestiço teria surgido, ainda mais inferior do que a mistura entre os indígenas e os negros. No entanto, o que o surpreendeu mais fora o fato de que as crianças, frutos dessas uniões transraciais, pareciam-lhe muito mais inteligentes que as demais: “se casan con mestizas y procrean abundantemente una nueva variedad de peruanos que me han parecido—¡cosa terrible!— más agraciados é inteligentes que los nativos de su condición”²¹⁴.

Nenhum outro povo foi alvo de uma análise tão negativa por parte de Groussac, cabendo ressaltar, também, que os trabalhos que tratam da “diáspora” chinesa na América Latina ainda são poucos, sobretudo os que abarcam as perspectivas culturais de tal imigração. O processo de integração entre sociedades de características tão distintas, tal como a peruana e a asiática, abre uma série de questionamentos sobre os aspectos conflitantes de tal adaptação dos indivíduos. A sociedade que recebe tais pessoas não é uma folha em branco que se possa rapidamente moldar. O indivíduo que chega, por sua vez, também traz consigo códigos sociais estranhos ao novo meio que o recebe. Como já mencionado na introdução, Groussac sofreu, em um primeiro momento, com a adaptação a uma sociedade que não era a sua, o que ainda foi dificultado pela falta de domínio da língua espanhola. Suas observações acerca do povo sino-peruano, contudo, ignoram essas questões de adaptação, fazendo com que o interlocutor suponha que tenha sido uma fácil assimilação. O que chama mais atenção é, porém, esse caráter bárbaro extremamente negativo infligido na observação de tal povo, situação que chega ao limite do asco. Por que os sino-peruanos causam tamanha má impressão no franco-argentino?

²¹⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 99.

Muchos son católicos, visten á la chola, se casan con mestizas y procrean abundantemente una nueva variedad de peruanos que me han parecido— ¡cosa terrible!— más agraciados é inteligentes que los nativos de su condición. Son buenos padres, excelentes maridos, laboriosos, económicos —y sus mujeres viven felices. Ante esta adaptación perfecta, me siento inclinado á creer que han dado con hermanos de raza, y me aproximo á la teoría etnográfica que atribuye á una emigración asiática el poblamiento de esta vertiente del continente americano. Así se explicaría lo de ahora y lo de antes, y lo de más allá. En todo caso, esta fácil amalgamación es profunda y tristemente significativa. Para que pueda realizarse y ser fecunda esta nueva hibridación asiática, es necesario que las anteriores hayan rebajado la raza indígena casi á su nivel. Ahora bien, fuera de su destreza simiesca que sólo justificaría su colaboración provisional en los países nuevos, el elemento chino representa la parálisis evolutiva, la muerte de todo progreso, el opio difundido en el organismo nacional. — Y ante todo, es un tipo deforme y feo, no relativa sino absolutamente ¡la efigie divina se ha borrado de su máscara bestial!²¹⁵

Beatriz Colombi afirma que Groussac utiliza oxímoros em seu texto, como pode ser facilmente confirmado na passagem transcrita acima. Ao iniciar seu argumento, tal imigrante é visto como trabalhador, econômico e ainda capaz de fazer sua família feliz; ao terminar, no entanto, o mesmo indivíduo é a causa da “morte do progresso nacional”. Todo o estranhamento perante o povo chinês provém, a meu ver, do desconhecimento cultural: o novo imigrante carrega um código cultural muito diferente, inclusive a linguagem falada e escrita. Verificável em seus relatos e demais trabalhos é o fato de que foi nessa viagem seu primeiro contato com o povo chinês²¹⁶. Considerando que, na percepção de homens como Groussac, o elemento europeu era o veículo para alcançar a civilização, o povo chinês se distanciava bastante disso. Tal assimilação do povo asiático faria com que o país se tornasse ainda mais decadente. Seria necessária a imigração de “povos mais evoluídos” para um país de predominância indígena, como no caso peruano.

Outro aspecto que se destacou como um dos maiores responsáveis pela degeneração do povo peruano foi a superioridade da mulher perante seu companheiro. Para Groussac, tal comportamento social era típico das raças envelhecidas: embora não informe quais raças envelhecidas eram essas, podemos conjecturar a referência às sociedades indígenas de bases matriarcais. No Peru, recentemente, foram encontrados, em escavações, diversos indícios do papel feminino na sociedade, revelando que as mulheres, mesmo no período pré-hispânico,

²¹⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897. p. 98-99.

²¹⁶ Buenos Aires conta, hoje, com um Bairro Chinês. *El Bairro Chino* se insere dentro do Bairro de Belgrano. Tal população começou a se assentar na cidade na década de 1980, i.e., muitas décadas após a morte de Groussac. Atualmente, o local é considerado um ponto turístico.

ocupavam posições de destaque na sociedade – como sacerdotisas de importantes templos –, sendo que ainda há indícios de sociedades puramente matriarcais²¹⁷.

Quanto ao papel da mulher na sociedade peruana, o relato de Flora Tristán revela preciosos aspectos. Tristán foi uma escritora francesa de ascendência peruana, que nasceu em 7 de abril de 1803, na cidade de Bordéus, onde também faleceu em 1844. É considerada uma das fundadoras do feminismo moderno. Sua principal obra é o relato de sua viagem ao Peru entre 1833 e 1834, *Peregrinações de Uma Pária*²¹⁸, escrito em 1838. A autora, a partir de sua posição, mostra os cenários nos quais circulou e como sua condição feminina, por muitas vezes, prejudicou-a. Logicamente, Tristán esteve no Peru com um objetivo diferente de Groussac. Além disso, suas percepções partiram do âmbito feminino no qual pôde circular, favorecendo-se por sua condição de dupla nacionalidade. A autora era filha de um peruano, membro de uma família rica. Após a morte do pai e um casamento falido, partiu para o Peru com o objetivo de receber sua parte da herança, que nunca conseguiu, tendo em vista o não reconhecimento da paternidade.

No texto de Flora, chama a atenção o posicionamento em relação à afirmação de sua nacionalidade: quando era de seu interesse, afirmava-se peruana. No entanto, na perspectiva de sua família e em sua própria, ser francesa reservou-lhe certo prestígio, assim como aconteceu com Groussac. No entanto, Groussac fez seu relato sob uma perspectiva masculina, e podemos dizer, ainda, aristocratizante e de um universo intelectual marcado principalmente pelas vozes de homens, no qual as mulheres assumiam papéis quase sempre subalternos à figura masculina, como claramente apontou em seus textos sobre o Chile e o Peru.

O discurso do franco-argentino não foi um discurso isolado, dialogando com muitos de seus contemporâneos. A leitura que fez de Lima, mesmo que breve, carrega em si aspectos que a relacionam com a leitura de alguns contemporâneos peruanos, como Joaquín Capelo, autor de *Sociologia de Lima*, obra publicada em 1895.

Para o historiador norte-americano Richard Morse, o livro de Joaquín Capelo constitui um dos mais inteligentes escritos sobre uma cidade latino-americana no final do século XIX. Capelo dividiu a obra em três livros: a vida orgânica de Lima, a vida nutritiva, a vida relacional e a educação. Uma obra extensa que, minuciosamente, analisou condições geográficas da cidade, plantas, obras, instituições, opinião pública, profissões, distribuição de renda, produção e distribuição de alimentos e, por fim, o sistema educacional e intelectual da

²¹⁷ Para mais informações, consultar: *Matriarcado en el Perú Prehispánico*. Disponível em: <<https://despiertacordoba.wordpress.com/2014/03/23/matriarcado-en-el-peru-prehispánico/>>. Acesso em: 16 out. 2016.

²¹⁸ TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

cidade. A viagem de Groussac, embora breve, dialoga, em muitos aspectos, com a volumosa obra de Capelo, com a qual não tenho evidências de que o franco-argentino tenha tido contato²¹⁹.

É interessante observar que, mesmo que tenha permanecido poucos dias na cidade, muitos dos pontos apontados por Capelo se encontram entre as descrições feitas por Groussac. Isso faz com que nos questionemos sobre as críticas feitas ao franco-argentino sobre ter apenas se referido de forma negativa, em sua obra, aos países americanos que visitava, considerando que autores do próprio país também fizeram análises semelhantes. Capelo e Groussac foram escritores bastante ecléticos e, ainda que suas obras sejam diferentes, isso não impede que ambas dialoguem.

Capelo escreveu três volumes sobre a cidade na qual Groussac permaneceu por poucas semanas. O olhar instantâneo do viajante revela apreensões sobre a cidade que o peruano analisou longamente em sua obra, demonstrando certo esforço por não apresentar ao leitor argentino um olhar superficial, mesmo que subjetivo. Destaco, a seguir, alguns pontos de convergência entre ambos os trabalhos, buscando, de forma comparativa, demonstrar alguns pontos de diálogo.

O tomo 1 de *Sociologia de Lima* discorre longamente sobre a estrutura física da cidade, assim como boa parte dos relatos de Groussac, considerando que, para ambos, a estrutura da sociedade, bem como o desenvolvimento nacional, eram visivelmente influenciados pelo meio. Há também constantes apelos a metáforas que indiquem elementos que remetam às ciências naturais, como um meio de legitimação do que se descreve²²⁰. Apresento, a seguir, um exemplo em Capelo:

La población es el elemento *sanguíneo* del *cuerpo superorgánico* y de allí que la vitalidad y riqueza de un pueblo, no sea sino el resultado de la integración de los vicios y virtudes de sus habitantes, y de allí también que sea siempre posible mejorar la condición social²²¹ [grifos meus].

Nesse mesmo sentido, para Groussac:

La causa primera es más profunda. Los accidentes terciarios y ya constitucionales de la *infección* nacen en lo más hondo del *organismo*. El *tejido celular* de una nación, es el mismo pueblo; pues bien, este *tejido* esencial es el que está envejecido y *enfermo* en el Perú²²² [grifos meus].

²¹⁹ O livro de Groussac, como já mencionado, embora resulte da viagem de 1893, só foi publicado em 1897.

²²⁰ Também dialoga com a obra de Manuel Bonfim.

²²¹ CAPELO, Joaquín. *Sociologia de Lima*. Vol 1. Lima: Imprenta Masias, 1895, p.143.

²²² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897. p. 92.

Outro ponto de convergência entre ambos é a conclusão de que o Peru não estava plenamente apto a assumir o controle de si próprio quando ocorreu a proclamação da independência. Ao poderio da metrópole espanhola seguiu-se o poder das elites chefiadas pelos militares, facilitado pela obediência da população acostumada ao domínio. Nas palavras de Capelo:

Con los fulgores de la gran revolución francesa, llegaron al Perú las primeras chispas, que debían inflamar los animos sedientos de libertad, de verdad y de justicia; y una vez conseguida la independencia, á favor de hechos de armas que terminaron con las batallas de Junín y Ayacucho, y la capitulación de Rodil en el Castillo de Callao, principió Lima á vivir la vida de pueblo independiente á que tantos aspirara; desgraciadamente esto se inició sin haber antes dado muerte absoluta al elemento militar; que atribuyéndose la exclusiva del triunfo, se hizo dueño y señor del país, y lo trató como tierra conquistada, abusando sin duda: ya de la impotencia para resistirlo, en el elemento puramente civil; ya también del estado de enervación á que necesariamente había llegado el espíritu ciudadano, sujeto como había estado durante tres siglos al sistema de obediencia ciega, que los españoles siempre establecieron en sus colonias, para extinguir en el individuo toda iniciativa individual, elementos sin los cuales no hay pueblo alguno que pueda prosperar o ser grande²²³.

Dessa forma, a obediência e a falta de iniciativa individual herdadas do período colonial impediam o pleno desenvolvimento do país, não apenas na esfera material, mas, conseqüentemente, também na intelectual. O sentimento de decadência, tão salientado por Groussac, é apontado também por Capelo, mesmo que o coloque de forma mais amena, preferindo algo mais perto do comodismo para justificar os entraves ao crescimento de Lima, como podemos observar na citação anterior. Nas palavras de Groussac:

Otras ciudades son fuertes, heroicas, grandes por el pensamiento ó la acción: Lima ha sido encantadora; era su función y su excelencia — hasta el rayo terrible que la fulminó. Escribamos de ella, entonces, sin rigorismo austero. Al levantar el velo de su dolorosa *decadencia*, no olvidemos que él envuelve á una herida: hablemos de la pobre viuda que fue reina, con reverencia, con ternura, con piedad... [...] Así en lo material como en lo político, se ha mostrado inhábil y torpe para ese “progreso” tangible que Montevideo y Valparaíso se asimilaban maravillosamente. Muy al contrario de Buenos Aires, que renacía en verdad con la Independencia y comenzaba á dilatarse en la tabla rasa de su Pampa, indefinida como su ambición y su destino, barriendo desdeñosamente todo vestigio colonial: Lima ha vivido y permanecido como el injerto más floreciente del tronco indígena²²⁴.

É perceptível, no texto de Capelo, uma maior familiaridade e preocupação com a cidade do que no texto de Groussac, fato que pode ser reforçado pela afetividade em relação à

²²³ CAPELO, Joaquín. *Sociología de Lima*. Vol 1. Lima: Imprenta Masias, 1895, p.40.

²²⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

mesma, e também por um maior conhecimento, favorecido pela vivência cotidiana. Sendo assim, Groussac apontou muito mais as patologias, enquanto Capelo buscou diagnósticos e suas soluções. O olhar mais próximo de Capelo, bem como sua maior intimidade com as questões da cidade, não impede, contudo, que alguns pontos de crítica coincidam. Em relação ao desenvolvimento artístico de Lima, Capelo afirmou:

En Lima el arte vive aislado, y no tiene como en Europa, esos poderosos estímulos de escuelas, talleres, conservatorios, etc; ni hay esos concursos, premios y recompensas que tienden á desarrollar las facultades del artista, dándole elementos poderosos para facilitar su desenvolvimiento. Por lo demás es evidente que en todo el Perú hay mucho en materia de facultades artísticas, particularmente en la música y en la pintura, pero el medio social no ha llegado todavía al punto de preocuparse de la necesidad de cultivar esas facultades²²⁵.

Sobre a mesma questão, Groussac observou:

No hay teatros. He ido á la Plaza de Toros—inmensa, pintoresca, con sus capeadores criollos á caballo: — habría mil personas en los “tendidos” más baratos, entrando en cuenta un batallón de línea con bayoneta calada.[...] De noche suelen tocar en dicha plaza dos ó tres bandas de música, juntas ó alternando: la “sociedad” no concurre, y el bajo pueblo, humilde y dócil, se sienta en la inmensa gradería de la catedral, que llena la mitad de la cuadra. (¿Cómo no recordar los bancos de mármol que allí faltan y adornan innoblemente la plaza de Santiago?) La Exposición, con sus jardines y sus salas de artes y antigüedades, es un paseo espléndido pero desierto. Allí he admirado huacos de trabajo finísimo, jarrones y ánforas dignos de la civilización asiría o etrusca; las telas de Merino y de Montero sorprenden al que conoce las producciones pictóricas de Chile y la Argentina.²²⁶ La vida social es casi nula [...]²²⁷

Groussac apontou, como um dos sintomas da decadência peruana, a já mencionada Guerra do Pacífico ou, como ele também a chamava, a Guerra Chilena. Quando questionava o porquê da decadência e da desmotivação de um povo outrora grandioso, a resposta padrão que lhe davam era a guerra. O argumento central, a seu ver, era que perder as minas na área de Taparacá não era elemento suficiente para justificar a decadência de um país inteiro, uma vez que muitas nações passaram por processos de readaptação após perdas de territórios e conflitos bélicos sem, no entanto, caírem em tal prostração.

Pareceu-lhe lógico, então, julgar que tal situação provinha de uma soma de fatores anteriores, que remontavam ao período pós-independência e a não adaptação à libertação do julgo colonial, bem como à carência de uma vida política consolidada, de uma

²²⁵ CAPELO, Joaquín. *Sociología de Lima*. Vol.2 Lima: Imprenta Masias, 1895, p. 212.

²²⁶ Segue a essas observações, uma descrição do autor sobre *Los Funerales de Atahualpa*, de Luis Montero, uma obra importante da história peruana, retratada entre 1865-1867.

²²⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 93-94.

intelectualidade independente e de uma imprensa livre. Como já mencionado, na percepção do franco-argentino, a decadência da imprensa não se devia apenas à intervenção estatal, mas sim à prostração do próprio meio jornalístico. Esse não se interessava em se consolidar como um meio de crescimento intelectual do país, já que não a imprensa não era compreendida como fundamental para a real integração nacional. No entanto, essa pode ser um meio de informação, de promoção de questionamentos e debates ou de desestabilização, ao investir em uma “verdade” única ou aderir indiscriminadamente a um lado dos interesses, escapando à imparcialidade e militando em interesse próprio, visando moldar as percepções da população.

Outros pontos de diálogo podem ser observados na opinião de ambos sobre a vida política, sua desorganização e a falta de partidos e eleições realmente idôneas. De acordo com Capelo,

No se crea sin embargo que en Lima y en todo el Perú no haya obras que hacer. No solo las hay, sino que para su ejecución sería poco el personal que se axficia en Lima; pero el desgobierno absoluto á que ha estado condena la República ha paralizado todos los resortes de la vida nacional; y los caminos y las obras públicas el Perú tanto necesita para seu adelanto, debieron ceder el paso á los rifles y cañones y a los gastos en Europa, de representaciones sólo destinadas al pago de servicios de camarilla [...] ²²⁸
[grifos meus]

As percepções de Capelo foram escritas em um período importante da história peruana, em finais do XIX, vez que, entre 1894-1895, o país foi palco de uma guerra civil que almejou a queda do presidente Andrés Avelino Cáceres. O movimento alegava a eleição fraudulenta do presidente, que seguia a linha militarista iniciada desde a independência e, com sua derrocada, em 1895, e novas eleições, Nicolás de Piérola foi eleito presidente, iniciando um período de domínio de caudilhos civis. Groussac, já em 1893, apontava para esse clima desfavorável, ao apresentar as opções políticas peruanas naquele momento:

En la actualidad, la suerte del Perú está fluctuando entre el ex-dictador Piérola, que entregó á Lima y enriqueció á Dreyfus, y el general Cáceres que perdió la última batalla y cedió á Grace los ferrocarriles y las minas del Cerro de Pasco. Este candidato es impopular en Lima y tiene en contra suya al Congreso; pero será elegido porque no existen en el Perú ni partidos organizados, ni elecciones, ni convenciones, ni cosa alguna que se parezca á vida política: nada que no sea la vegetabilidad inconsciente é inerte de las grandes postraciones ²²⁹.

²²⁸ CAPELO, Joaquín. *Sociologia de Lima*. v. 2. Lima: Imprenta Masias, 1895, p. 272.

²²⁹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.95.

Quanto a essa questão, torna-se evidente a percepção política de Groussac da sociedade que visitava, “prevendo” acontecimentos, o que também ocorreu no México. Capelo, no entanto, de maneira mais otimista, encarava a vitória de Piérola no pós-guerra civil como um elemento de despertar e esperança para a nação. Groussac, a despeito de entender suas notas como um elemento de motivação aos peruanos, tem uma visão menos otimista devido às características de ambos os candidatos.

Por fim, gostaria de destacar as percepções comuns sobre o meio intelectual peruano. Em relação à intelectualidade peruana, diferentemente do Chile, Groussac não salientou sequer o esforço ao desenvolvimento, ainda que houvesse uma dedicação, em grande medida, a incorporar ideias estrangeiras de forma acrítica. No Peru, o franco-argentino frisou a decadência desse meio, a inanição, mesmo com a Universidade de Lima fundada ainda no período colonial. Capelo explicou essa alienação das elites intelectuais, afirmando que, no Peru, os sujeitos dedicavam-se ao estudo apenas de forma restrita, almejando a conquista de um título que favorecesse sua entrada em um escalão social que possibilitasse sua vida profissional e o crescimento financeiro. Não haveria, portanto, um interesse no real desenvolvimento das ciências no país ou no que define como uma busca da verdade científica. Seus conterrâneos se contentariam apenas com o que era necessário ao ingresso no meio burocrático peruano e com o que “facilitaria” suas vidas profissionais.

El sentimiento de la verdad, es pobre, pobrísimo, entre nosotros. Se cultivan los estudios no para adquirir conocimientos, sin para lograr diplomas de competencia, con los que sea posible tener acceso á colocaciones ventajosas. Saber poco importa; parecer sabio es lo esencial²³⁰.

Essa aproximação em relação às percepções do autor peruano, a meu ver, demonstra que Groussac não forneceu uma perspectiva tão superficial da cidade, nem mesmo a viu como simples metrópole decadente. Muitos dos pontos apontados como problemáticos por Capelo também o foram por Groussac, sem que a crítica signifique apenas elemento depreciativo. Logicamente, como homem de seu tempo, o autor foi limitado por elementos racistas ou sexistas, como no caso da percepção da miscigenação chinesa, quesito no qual Capelo preferiu não se aprofundar, mas que também optou por não defender. Ele sequer dedicou mais de uma linha a analisar tal aspecto, preocupando-se em destacar as injustiças contra os indígenas, encarando a diminuição dessa população entre os limenhos como fator negativo, que acarretava também perda de identidade. Groussac, por sua vez, ignorou a questão da população indígena, sobre a qual não fez tão contundentes relatos.

²³⁰ CAPELO, Joaquín. *Sociología de Lima*. Vol.3. Lima: Imprenta Masias, 1895, p.24.

Esses pontos de diálogo com a obra dos contemporâneos e, no caso, de nativos da cidade visitada, como foi o caso de Capelo, demonstra que Groussac não foi um viajante alienado em relação às questões que o cercavam. Beatriz Colombi escreveu: “particularmente en *Del Plata al Niágara* las sociedades se le ofrecen como un gran desierto o un confuso bazar donde deposita una mirada orientalista defasada en el espacio y en el tiempo”²³¹. Embora suas percepções sobre a América Latina sejam marcadas por noções eurocêntricas de inferioridade, encarando esses novos países como importadores da civilização europeia, seu texto carrega aspectos que demonstram sua preocupação em relação ao desenvolvimento dessas regiões e, em especial, de seu país adotivo. Dessa maneira, encarar as obras de viagem de Groussac como meros manifestos antiamericanistas²³² ou como textos defasados ou simplificadores das sociedades visitadas é uma forma de simplificar uma fonte rica para compreender conjunturas históricas particulares das novas repúblicas latino-americanas, sob a ótica de um indivíduo de influências culturais ímpares.

2.3 Descobrimo o Panamá: adentrando a esfera de influência estadunidense

Como salientamos, certa tensão entre modernidade e tradição se estabelece em Groussac: o elogio aos avanços técnicos, inclusive nos meios de transporte e de comunicação, coexiste com o apego aos valores de uma aristocracia intelectual em vias de desaparecer. No Panamá, são latentes os choques com a grandeza das construções gigantescas – o canal – paradas, naquele momento, devido à crise da empreitada francesa.

A viagem que se inicia com a saída de Lima com destino ao Panamá marca também o distanciamento dos elementos familiares e dos amigos que o recebiam gentilmente. Em suas palavras, "se tornavam mais fracos os fios que o atavam a Buenos Aires".

Hasta Lima había llegado, adelgazándose más y más al estirarse, el hilo invisible que me ata á Buenos Aires: no sólo encontraba donde quiera, en Chile y el Perú, una propagación de afectos ó relaciones fáciles, sino que comprobaba personalmente la irradiación directa de la tierra adoptiva. El hilo está roto. ¿Qué individualidad puedo yo esperar, allí donde la Argentina parece mucho más desconocida y distante que en París ó Londres? Tengo de ello una percepción inmediata, desde que piso la cubierta del vapor Imperial que me lleva á Panamá²³³ [grifos meus].

²³¹ COLOMBI, Beatriz. *Viaje Intelectual: migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2004, p. 72.

²³² Contra a influência norte-americana no continente.

²³³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 104-105.

Há uma maior consciência de estar entrando na órbita onde a influência norte-americana era cada vez mais forte. É interessante observar que, nessa passagem, tornou-se mais fácil para o autor assumir-se como francês do que nos países visitados anteriormente, onde se relacionava diretamente com amigos argentinos que o acolhiam. É maior, também, a familiaridade com o Chile e o Peru, países fronteiriços com a Argentina e com os quais o país adotivo compartilhava muito mais elementos, tanto econômicos quanto culturais e históricos. A falta de conhecimento sobre a Argentina, no Panamá, a meu ver, demonstrava um distanciamento entre os próprios países latino-americanos, que conheciam melhor as metrópoles europeias do que os novos países que se consolidavam como estados nacionais. Esse desconhecimento mútuo se tornou mais evidente nos países visitados na América Central do que no interior da América do Sul, expressando-se, de forma marcante, quando o autor escreveu sobre a intelectualidade mexicana²³⁴.

Suas observações no e sobre o Panamá transitavam entre um patriotismo em relação à pátria francesa e seu empreendimento fracassado na construção do canal, e a nova empreitada liderada pelos norte-americanos para a conclusão das obras. Sendo assim, na visita ao Panamá, foi possível apreender sentimentos em relação à pátria mãe que saíra derrotada. Beatriz Colombi chegou a afirmar que suas observações em relação à construção de um canal ligando o Atlântico ao Pacífico foram profundamente marcadas por esse desdém de francês derrotado.

A passagem pelo Panamá deixou mais evidente o contraste entre a natureza exuberante e a intervenção humana no espaço. Ao adentrar solo panamenho, após sair de Quayaquil, no Equador – lugar marcado pela ação de um forte caudilho –, Groussac cruzou uma baía que ele comparou, em beleza, à Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. O clima tropical ameno fez com que o autor comparasse o espaço ao paraíso terrestre. É interessante salientar que, em fins do século XIX, a metáfora do paraíso ainda se aplicava a espaços americanos, considerados, na época dos grandes descobrimentos europeus, como o paraíso primal. Esse paraíso, no entanto, já não era o mesmo. Se, séculos antes, a presença de indígenas e da natureza intocada gerava a impressão de um éden, o paraíso almejado por Groussac passava pela vertente da civilização moderna. Isso quer dizer que, embora a grandeza natural continuasse sendo um elemento importante, a intervenção humana, que deveria vir de sociedades mais avançadas era também fundamental. .

²³⁴ Se este desconhecimento mútuo é marcante nos países ibero-americanos em fins do século XIX, em relação à América portuguesa, esse distanciamento dos países vizinhos é ainda mais perceptível. No entanto, a intelectualidade francesa é um referencial comum.

La entrada de Panamá por el Pacífico es un encanto parece una reducción de la de Río de Janeiro; sólo que aquí conviene llegar al alba, en tanto que la portentosa bahía brasileña necesita del sol declinante para resplandecer en toda su gloria magnífica y teatral²³⁵.

No Panamá, o embate entre franceses e norte-americanos tornou-se evidente. Se formos mais fundo, aproximando-nos do discurso calibanesco, do qual Groussac foi um dos precursores, era mais claro o embate entre os latinos e os norte-americanos. Nas páginas de Groussac, é possível observar certa decepção em relação ao fracasso francês na execução do projeto, mas uma decepção comedida, uma vez que, em 1893, não se tinha a certeza de que os norte-americanos efetivamente construiriam o canal. Em suas notas de rodapé, na edição de 1925, um Groussac idoso relembra o leitor de tal cronologia e justificava suas observações feitas na viagem de 1893: “No es necesario decir hoy (1925) cómo ha sido resuelto, práctica y políticamente, el problema de Panamá, completándose la toma de posesión yanqui que se esboza o anuncia en las líneas que siguen”²³⁶.

Quando Groussac chegou a essas paragens, os norte-americanos já haviam assumido a área e a reprojecção do canal. O primeiro sinal dessa ocupação foi essencialmente a língua: nos letreiros das placas, o francês tinha sido substituído pelo inglês, e os norte-americanos pululavam em todas as direções. O autor percebeu, então, uma tensão muito clara entre os franceses e os estadunidenses. Essa baliza comparativa França / Estados Unidos guiou, em certa medida, seus apontamentos sobre o Panamá, um país cuja consolidação da identidade nacional era ainda mais complexa devido à noção de “transitismo”²³⁷, ou seja, um país de trânsito, onde a maior parte das pessoas se estabelecia de forma passageira. O Panamá pertenceu à Colômbia até 1903. Nesse período, sofreu forte influência francesa durante a primeira tentativa de construir o Canal (1880-1892), mas, logo em seguida, houve a intervenção norte-americana, que o acompanhou até 31 de dezembro de 1999, quando a administração do Canal foi passada às mãos do governo panamenho²³⁸.

Groussac afirmou ser evidente a presença das duas metrópoles como balizas de influência. O relato de sua passagem pelo Panamá demonstra bem a então recente ocupação norte-americana, partindo dos “escombros” da empreitada francesa fracassada. Existe, porém,

²³⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 116.

²³⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Colihue; Biblioteca Nacional de la República Argentina, 2006, p. 180.

²³⁷ RITTER, Luis Pulido. *Modernidad en movimiento: transitismo, cosmopolitismo y transnacionalidad en la ciudad letrada panameña*. s/e: s/d. Disponível em: <http://istmo.denison.edu/n21/articulos/4-pulido_ritter_luis_modernidad_form.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2017.

²³⁸ O Panamá conquistou sua independência da Colômbia em 1903. Os Estados Unidos iniciaram a construção do Canal em 1904. Dez anos depois, o grande empreendimento foi inaugurado.

como parte fundamental do relato do franco-argentino, uma dicotomia mais clássica: a estabelecida entre a natureza e a cidade, ou entre o natural, a intervenção humana e a importação da civilização. Esse aspecto, de certa forma, também foi abordado tanto no relato da viagem ao Chile quanto ao Peru. No Chile, por exemplo, Groussac escreveu que a América do Sul era muito mais marcada pelas grandezas naturais do que pelo desenvolvimento urbano. Portanto, os aspectos naturais, mesmo que não fossem o cerne do relato, estavam sempre presentes, porque chamaram a atenção do autor em muitos momentos.

Sobre a cidade do Panamá, Groussac escreveu:

Por su aspecto exterior, la ciudad no difiere mucho de las antiguas poblaciones peruanas; pero, sobre el antiguo fondo colonial, se encuentra á cada paso el contacto de las dos influencias rivales, yankee y francesa, que se han combatido ó yuxtapuesto. Muchos avisos y muestras comerciales están en las *tres lenguas*. El tramway eléctrico, el pavimento y las aceras de las calles centrales, la bonita plaza de la Catedral – donde hacen buena vecindad el Grand Hotel, la Agencia del canal, el Banco del judío Ehrmann y el obispado; el alumbrado público y hasta los uniformes modernos de la policía: todos los adelantos materiales de la ciudad nueva son regalos más ó menos directos de la opulenta Compañía. *La era de las obras del canal ha sido la edad de oro de esta provincia de Colombia, y, por rechazo, de todas las otras.* —El *cochero negro* que me hace dar mi primer vuelta de Panamá me toma por un ingeniero, y me pregunta con vivo interés si los trabajos no volverán á seguir. Le afirmo que sí ¡palabra de ingeniero!²³⁹ [grifos meus]

Podemos perceber, então, que, mesmo que a empreitada francesa não tenha sido bem-sucedida, os avanços civilizacionais que Groussac observou foram frutos de sua intervenção. Isso quer dizer que o desenvolvimento panamenho se deu devido à civilização europeia, com destaque para sua terra natal. Em diversas passagens, dedica-se a visitar essas construções e, principalmente, as obras paradas do canal, descrevendo com assombro a grandiosidade da empreitada:

He permanecido cinco días en Panamá y sobre el istmo, recorriendo á caballo ó en bote las obras de la bahía de Limón, el río Grande arriba de la Boca, y el resto del canal al rededor de la bonita isla del Manglar hasta la Puerta Ebbé, — fuera de la parte análoga en la vertiente del Atlántico. La excursión por agua, sobre todo, me ha impresionado, en el silencio y la paz melancólica de esa gran esperanza perdida. El ancho canal cortado en talud se alargaba á nuestra vista, recto y profundo. Quería figurarme que se prolongaba así hasta muy lejos, sin interrupción, después de vencidos los obstáculos, tajado el cerro de Culebra, embozado el Ghagres brutal. Forjábame por instantes la ilusión de la empresa concluida, después de tanto dinero derrochado, llevada á feliz término por la ciencia aunada al patriotismo, é inaugurándose al fin en una universal y gloriosa aclamación... Dejemos los ensueños y volvamos á la realidad. En cuatro ó cinco horas, he recorrido la parte del canal definitivamente cavada; agregad un trecho doble

²³⁹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 118.

ó triple por la vertiente atlántica, y tendréis concluida una tercera parte del trayecto en longitud, entrando en la cuenta las bocas naturales utilizadas; pero en absoluto y como proporción de la obra por realizar, apenas una fracción centesimal²⁴⁰.

O que lhe causou maior comoção foram as mortes dos milhares de trabalhadores franceses que se aventuraram na construção. Estimava-se que mais de 17 mil franceses morreram durante essa etapa, o que também foi um dos pontos que justificou o abandono das obras.

Diríase el campo mortuorio de una población entera. Y de todos estos epitafios ingenuos y desconsolados, que ningún deudo lejano leerá jamás, de todos estos nombres humildes de seres jóvenes, heridos casi en la misma fecha, se alza un inmenso lamento sólo para mi alma perceptible, — sunt lacrymae rerum, — acusando el rigor del destino y el crimen de los hombres.—Bien se que no eran ciudadanos ejemplares, muchos de los terrajeros caídos en este *suelo envenenado*. Pero con todo, encuentro harto dura la oración fúnebre colectiva que les dedicaban algunos financistas repletos de París, al atribuir los estragos que ya no podían ocultar, únicamente á la incuria, al libertinaje, á los excesos de los trabajadores. Me ocurre —*y tengo datos para ello*— que todas las víctimas no fueron la espuma y escoria de nuestra población, y que más de un jornalero llegó con mujer é hijos, impelido por la honrada pobreza y el deseo de mejorar la suerte de los suyos. No son únicamente vagabundos y mujeres perdidas los que duermen aquí, lejos de la aldea nativa, bajo una humilde piedra de limosna, al lado del viejo de barba gris que primero sucumbió²⁴¹[grifos meus].

Um dos casos mais famosos, relatado de forma indireta por Groussac, foi o do engenheiro Jules Isidore Dingle. Groussac efetivamente não se debruçou sobre os aspectos que levaram ao abandono da mansão construída pelo então diretor geral da companhia francesa, mas visitou a construção grandiosa que comprovava lugubremente a derrota. O engenheiro nunca chegara a viver na casa com sua família, uma vez que seu casal de filhos e sua esposa faleceram em decorrência de febre amarela. Quando Groussac a visitou, tinha sido ocupada por freiras e órfãs francesas, o que também demonstrava a falha da empreitada. Porém, tinha sido uma derrota com ares de grande esforço pessoal e honra. Após perder sua família, Dingle retornou à França. Nunca viveu em sua casa, que foi utilizada por um curto período pela companhia, sendo, posteriormente vendida e demolida.

Os pântanos próximos nunca foram drenados, o que foi, para Groussac, um dos pontos que demonstraram a falha civilizacional, visto que tal medida teria evitado a contaminação de

²⁴⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897. p. 120-121.

²⁴¹ Ibidem, p. 120.

milhares de pessoas. A terra panamenha, até então retratada como um paraíso terreno devido às suas belezas naturais, nesse sentido, transformou-se em uma terra envenenada.

Ganham destaque em sua narrativa apenas os franceses mortos, mas não os milhares de negros jamaicanos soterrados de forma anônima nos túmulos improvisados do canal, nem os chineses mortos – dos quais visitou o cemitério, considerado cheio de “las chucherías” chinesas. A passagem pelo Panamá, aliás, é mais uma oportunidade de visualizar a presença do povo chinês em fins do século XIX nas Américas, que é tantas vezes relegada a um segundo plano, mas que vale ser explorada, uma vez que traz à tona tantos choques culturais.

Como não seria diferente, na cidade do Panamá, o que ocupou a maior parte do tempo do autor foram os passeios pelas obras do Canal. A grandeza da empreitada provocou estupefação, mas, ao mesmo tempo, o abandono geral e o regresso dos animais outrora desalojados demonstravam, para o franco-argentino, que a intervenção francesa tinha chegado ao fim no Panamá. A civilização fracassara. Groussac, que não mostrava ilusões sobre isso, assinalou que os erros já tinham começado no início das obras. Desde o início, não foram refeitos cálculos, medições e reavaliações do projeto, que tinham sido feitos antes da ida de Lesseps para o Panamá. Tentaram construir um canal sem eclusas, o que efetivamente se mostrou impossível. Tais falhas fizeram com que o empreendimento fosse um fracasso, abrindo espaço para a entrada norte-americana no jogo sucessório.

Las obras por el lago de Nicaragua han quedado interrumpidas, debido en parte á la presión de las grandes compañías ferrocarrileras. Con todo y contra todo, se hará el canal interoceánico, acaso en Nicaragua, más probablemente en Panamá. La influencia de la enorme república es invencible en esta parte del continente. Sin esfuerzo ni violencia, por la simple ley de la gravitación, se anexará á buen tiempo las regiones útiles del Centro y «protegerá» las del Sud. Cogerá á Guatemala, Costa-Rica, Cuba y el resto como peras maduras. El mutilado México se siente ya en la esfera de fascinación del pueblo constrictor: la era de anarquía, que infaliblemente sucederá á la dictadura actual [...] ²⁴² [grifos meus]

Groussac ressaltou a força norte-americana nas Américas Central e do Sul, em finais do século XIX, e a inevitabilidade da transferência da construção do Canal. Os Estados Unidos já haviam anexado parte do território mexicano e diplomaticamente interferiram na questão do Panamá, fundamental para seus interesses econômicos. Efetivamente, Groussac renunciou o discurso calibanesco que atingiria boa parte da intelectualidade latino-americana em finais do século XIX, sobretudo no sul do continente, no qual emergiu o arielismo,

²⁴² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 122.

derivado da obra do uruguaio José Enrique Rodó, *Ariel*²⁴³. Tal discurso foi moldado de forma definitiva pela guerra contra a Espanha, em 1898, e pela consequente tomada das últimas colônias espanholas – Cuba, Porto Rico e Filipinas –, o que marcou a primeira grande intervenção norte-americana em conflitos bélicos internacionais²⁴⁴.

A segunda parte da viagem de Groussac em solo panamenho se destinou à travessia de uma costa a outra: desde a cidade do Panamá até Colón, no outro extremo do território. David Viñas afirma que a viagem de Groussac de trem pelos Estados Unidos tinha como barreira o vidro, sendo obrigado a observar de longe. Nesse aspecto, concordo com Beatriz Colombi ao afirmar que, na realidade, o espaço do trem funcionaria muito mais como um espaço de interação²⁴⁵. No Panamá, o trem foi um espaço de conhecimento e sociabilidade: o autor não apenas observou, mas interagiu, descreveu o que viu, fez julgamentos.

Não somente o trem, mas também as embarcações, a meu ver, tornaram-se espaços de encontros e sociabilidade, nos quais Groussac construiu boa parte de sua narrativa e sem os quais teria se tornado superficial. Durante as longas travessias, o espaço de confinamento do trem ou do navio impulsionou o estabelecimento de laços de sociabilidade para suportar a longa travessia. As embarcações utilizadas por Groussac, em fins do século XIX, eram muito mais tecnologicamente avançadas do que as utilizadas na primeira metade do XIX. Ainda assim, uma viagem como a que ele realizou poderia levar meses²⁴⁶.

O traslado de trem no Panamá demonstrou alguns pontos de fundamental importância para se compreender sua visão sobre o continente americano de seu tempo. Essa viagem de trem apontou três pontos de especial atenção em seus diários de viagem: a natureza grandiosa, a intervenção europeia nesse espaço e, por fim, as populações indígenas e negras.

Sobre o primeiro aspecto, Groussac esbarrou na velha noção de natureza grandiosa que aflorava nos trópicos, na exuberância de belezas naturais que, como já havia afirmado, assemelhavam-se ao paraíso:

Es como una erupción frenética de árboles y lianas, de flores y follajes, que estalla por doquier, en las faldas de los cerros, en las riberas del Ghagres y

²⁴³ RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Trad. Denise Bottman. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

²⁴⁴ NETO, Daiana Pereira. *De Paul Groussac a Richard Morse: Apropriações e releituras de A Tempestade de Shakespeare*. Dissertação de mestrado (129 p.). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

²⁴⁵ COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin del siglo*. Tese de doutorado (301 p.). Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2002.

²⁴⁶ Sarmiento apresentou tal questão em *Un Viaje de Nueva York a Buenos Aires (1868)*, obra na qual apontou a modernização dos meios de transporte, afirmando que sua primeira viagem de regresso à Argentina, em 1847, a partir dos Estados Unidos, levava cerca de três meses. Em 1868, a mesma viagem tinha levado poucas semanas. O autor argentino viveu, assim, as duas fases desse desenvolvimento marítimo, entendendo que tal facilidade influenciava, também, na maneira como o ato de viajar era visto e experienciado.

sus arroyos tributarios, hasta en el balaste de la vía. Por momentos el tren se precipita por debajo de unos arcos triunfales de ramajes entrelazados, de bóvedas tupidas y sombreadas que despiden efluvios balsámicos, capitosos hasta dar vértigo. En el fondo de algunas quebradas estrechas, la marea vegetal revienta en oleadas y remolinos de verdura, evocando fantásticos aluviones de materia orgánica súbitamente germinada y frondesciente, como en la obra de los seis días[.]²⁴⁷

Um natureza estonteante que “¡tan imposible parece que esa flora exuberante haya brotado por entero del suelo tropical!”²⁴⁸. O deslumbre de Groussac perante uma natureza grandiosa remete também à tradicional "Disputa do Novo Mundo"²⁴⁹, versão ilustrada da tese da inferioridade americana (sendo a América um continente novo, sua natureza também se apresentaria de forma inferior):

Los cedros y caobas gigantes, los preciosos palisandros y palos de rosa, los guayacanes de tronco en ánfora, los rectos membrillos de flores purpurinas, los sándalos amarillos, los gutíferos chorreando savia, los bongos enormes en que se ahuecan piraguas de treinta toneladas: todos los colosos forestales, cubiertos de enredadas lianas y deslumbrantes orquídeas como un guerrero bárbaro de arambeles y pedrerías, atropellándose por alcanzar el aire y la luz, estiran el tronco y las ramas casi verticales fuera del ambiente estancado y perennemente tibio del humus negro en que bañan sus raíces. [...]

Criou-se, assim, um quadro que fazia com que se sentisse

[...] perturbado, sofocado, aturdido por los perfumes y fermentos de esa inmensa orgía de savia derramada; y, vagamente, sueño con las épocas primitivas del mundo joven: cuando el loco ímpetu de la vida elemental se desbordaba en la corteza blanda y humeante del planeta, abortando organismos colosales apenas desbastados que se enredaban en las selvas espesas, pobladas de árboles gigantes que sobreviven en nuestros desmedrados arbustos de hoy; cuando reptiles monstruosos surcaban los mares ó abrían en la atmósfera densa horribles alas membranosas, esbozando torpemente el vuelo del ave futura...²⁵⁰

Essa natureza elementar, que levava a imaginação por caminhos tortuosos, além de se relacionar com o paraíso, também remetia ao primitivo, ao bárbaro. A civilização era, dessa forma, um elemento só alcançado a partir dos avanços tecnológicos, da intervenção humana, ou mais propriamente da incorporação e da deglutição da civilização europeia.

²⁴⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; MARTINS, Luis Estevam & MARTINS, Maria Cristina Bohn. *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. Curitiba: Editora Prisma, 2017, p. 315-356. ISSN: 978-85-5507-655-8.

²⁵⁰ GROUSSAC, Paul. Op.Cit. p. 122

O segundo aspecto, a população nativa, ilustra as opiniões de Groussac sobre grupos populacionais numerosos na América. Durante a viagem de trem, seus olhos recaíram sobre os negros. Para nós, que vivemos um período histórico, no qual buscamos romper as barreiras dos preconceitos raciais, rememorar o pensamento racista de Groussac em fins do século XIX é importante. Existe, para ele, um espaço na sociedade que o negro pode ocupar, espaço diferente do dele: um branco, intelectual e francês. Qual é o negro que ele aceitará na sociedade? Não aquele que se considera um cidadão livre e comum, que transita por seus espaços de convivência e que fala e se porta como um igual. No Panamá, suas posições acerca do negro são claras: o negro aceito é o negro submisso e sorridente.

En la estación de Emperador, invade el único salón del tren una caravana de negras, vistosas y chillonas como una bandada de tucanes. Los hombres quedan en el balcón, haciendo muecas á través de los cristales. —El negro ríe siempre, con un encanto de bobería irresistible. Debajo de su tupida borra de betún, sus ojos de marfil viejo y sujeta simiesca se ríen provisionalmente, antes de causar risa. Con su media lengua tartajosa, estorbada por el bezo, y su perpetuo zarandeo, participa del niño y del cachorro. Para cobrarle horror, es menester encontrarle en los Estados Unidos, pretencioso, insolente i ciudadano! complicando su husmo natural con repugnante perfumería. *En cualquier otra parte nos divierte y le obramos simpatía como á una criatura inferior, grotesca y jovial*²⁵¹ [grifos meus].

Enquanto a pessoa negra se porta como uma criatura inferior, geralmente ligada a elementos agrícolas, como os panamenhos que vendem orquídeas, frutas e outros artigos tropicais, ela é vista como um ser que diverte, mas não como pessoa. Ao chegar a Colón, que passara recentemente por um incêndio, surpreende-o a falta de famílias pelas ruas, especialmente de mulheres: só as negras persistem trabalhando nas ruas, coloridas como tucanos. Isso quer dizer que, na perspectiva de Groussac, a mulher negra não seria a mesma que a mulher branca. Seu incômodo maior com os negros ocorreu nos Estados Unidos, onde percebeu uma maior “arrogância” por parte dos que lhe serviam. Groussac os considerou, em vários momentos, impertinentes, arrogantes, intrometidos... e, mesmo que nos Estados Unidos a Guerra de Secessão tenha posto fim à escravidão, na prática, as desigualdades continuaram tão acirradas quanto antes. Comparativamente, o negro seria ainda mais degradado que o índio:

No así el indio: éste es triste y taciturno, como que lleva el peso de su mortal decadencia, de su degeneración creciente é invencible. Éste representa la prueba malograda de un buen original; el negro es su caricatura. Por eso vive robusto, resistente, satisfecho de su condición, ahora lo mismo que antes. — Bajo el aparato melodramático del famoso y mediocre Únele Tom's Cahin

²⁵¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.130

hay mucha majadería. La pretendida sed de emancipación de los negros fue una merienda de blancos. La paradoja de que sean hoy menos útiles y felices que ayer es defendible. En cambio de las plantaciones del sud arruinadas, se tiene ahora á los libertos, sirvientes en Washington ó lustrando libremente, en todas las ciudades de la Unión, las botas democráticas de sus conciudadanos. Puro ó mestizo, el hombre de color untado de civilización adquiere un alma de mulato. C'est tout dire!²⁵² [grifos meus]

O posicionamento de Groussac acerca do papel do negro e da escravidão tornou-se mais claro quando, ao deixar o Panamá com destino ao México, embarcou em um cargueiro que levava a bordo mais de uma centena de negros jamaicanos destinados às plantações de cana no Caribe. O autor levou com certo bom humor a presença dos negros e até fez amizade com o “negreiro”/mercador. Todavia, deixou clara a informação de que, entre os negros, alguns iam à força para essas plantações, i.e., eram escravos. Ao mesmo tempo, não teve contato com essas pessoas, que eram transportadas como mão de obra durante sua travessia, até porque a condição desses indivíduos não o preocupava em momento algum. Como vimos na passagem transcrita, para Groussac, existia a possibilidade de que a realidade do cativo fosse menos hostil do que a condição de livre²⁵³.

El vapor Engineer, de Liverpool, en que he tomado pasaje para Veracruz, es como dije un viejo cargo-boat de excelentes condiciones marineras, con un itinerario seductor: tocará en Guatemala, Honduras, Yucatán... Lleva bastante carga y, accesoriamente, hasta ciento dos pasajeros de distinción: á saber, cien negros de buena tinta, el negrero (don Juan Baranda) y, por fin este pobre blanco vergonzante que sera el historiógrafo de la expedición. Por lo demás, nada falta á bordo²⁵⁴ [grifos meus].

Nesse espaço, ser branco funciona como elemento de distinção. Nessas passagens, é possível depararmo-nos com o típico racismo de finais do século XIX: o negro era visto como elemento exótico, que só é bem aceito quando em estado de submissão ao branco. Groussac se divertia com essas pessoas, entretanto, não aceitava que elas se portassem como iguais, que ocupassem o mesmo espaço que ele. Diferentemente de autores como Sarmiento que, quando em suas viagens, preferira não abordar a questão da escravidão no sul dos Estados Unidos, Groussac nos apresentou uma posição muito clara de rejeição ao negro como cidadão²⁵⁵.

²⁵² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.130.

²⁵³ Esta foi uma tese comum na América.

²⁵⁴ GROUSSAC, Paul. *Op. Cit.*, p. 133.

²⁵⁵ Ver: TIO VALLEJO, Gabriela. Entre la confianza en el progreso y el fantasma del determinismo: el viaje de Groussac y los diagnósticos sobre América Latina. In: *X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario, 2005.

O fator racial era, portanto, como já apontado no Chile e no Peru, elemento fundamental para o real desenvolvimento americano. As barreiras para esse desenvolvimento estariam exatamente na mestiçagem entre povos inferiores, o que conduziria à deterioração.

Sua percepção de Belize também destacou essa presença multirracial, na qual a supremacia branca lhe pareceu evidente. No entanto, Groussac foi um dos poucos autores argentinos de sua geração que se aventuraram por essas paragens e que produziram textos acerca desses países da América Central. Sarmiento, por exemplo, terminou o relato de suas viagens de 1847 no sul dos Estados Unidos e ofereceu poucas informações em seu diário sobre a viagem de 1868, na qual muitas ilhas aparecem de forma longínqua e pouca detalhista.

Groussac ofereceu poucas informações de Belize, pois permaneceu na ilha apenas por um dia. Seu vislumbre rápido daquela sociedade deixou evidente uma visão positiva da comunidade que se delineava ali. Algumas de suas colocações são emblemáticas, confirmando que sua visão da América Latina não era de todo negativa, como se estivesse fadada ao fracasso.

A las cuatro de la tarde todas las casas de comercio cierran sus puertas, y los empleados, blancos, negros, mulatos, se arrojan á la playa.— Si á la aptitud colonizadora y al prestigio autoritario juntase el pueblo inglés el sentimiento generoso y humano del latino, acaso lograría hacer hombres con estos negros jamaíqueños, quienes, por otra parte, son en todo sentido superiores á nuestros compatriotas» de la Martinica y Guadalupe²⁵⁶.

Dessa maneira, fazer uma leitura superficial de Groussac condenaria o texto a uma mera leitura do fator raça como principal influenciador da condição americana. Embora o autor não escape dos racismos de finais do século XIX, ou da influência científicista, sua base teórica e, de uma forma mais abrangente, sua formação, não se fechavam a esses vieses, mas a uma gama maior, que tinha, sobretudo, seus referenciais em autores franceses²⁵⁷.

2.4 México: percorrendo os vários “Méxicos”

O México, assim como o Peru, é um país de forte presença indígena, diferentemente da Argentina, na qual a população indígena foi dizimada. O país teve, então, que, necessariamente, construir sua identidade nacional a partir da herança pré-colombiana e

²⁵⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 139.

²⁵⁷ Clifford Geertz, em *Interpretação das Culturas* (1978), afirma que o antropólogo nunca fará uma interpretação de primeira mão de determinada cultura, mas sim de segunda ou terceira mão. É interessante perceber que o texto de Groussac dialoga muito com essa afirmação, uma vez que, mesmo almejando a objetividade na interpretação da sociedade que visitava, essa interpretação era marcada pelas chaves cognitivas do observador.

colonial (como Peru e Chile). O México conta, ainda, com a presença de diferentes povos em sua formação, um caldeirão de tradições e culturas diferentes. Não surpreende, portanto, que ao viajar pelo México, Paul Groussac tenha se deparado com, pelo menos, três Méxicos diferentes.

Outros apontamentos do autor dialogam com suas percepções depreciativas sobre os demais países latino-americanos visitados, tais como falhas na hospitalidade e atrasos no desenvolvimento econômico e cultural. No México, entretanto, o autor apreendeu outras questões na comparação entre México e Argentina, que abrem oportunidade para um leque de questionamentos que indicam que ambos os países se desconheciam mutuamente. Ao contrário do que poderíamos esperar, tendo em vista a opinião do autor acerca da predominância indígena, Groussac apontou a necessidade de diálogo entre o México e sua pátria adotiva, sobretudo no que concerne à esfera intelectual.

O autor também dedicou grande parte de seu texto a pensar o papel ditatorial de Porfírio Diaz, que, assim como Juan Manuel de Rosas, ocupou o poder por décadas. Groussac fez comparações entre a Argentina de Rosas e o México de Porfírio, deixando mais pistas do que acreditava ser o melhor caminho político para as novas repúblicas americanas. O melhor caminho não era a democracia estadunidense e muito menos os governos ditatoriais, que em muitos países se consolidavam a partir de caudilhos.

No México, o autor viveu os momentos mais inesperados de sua viagem, não apenas por medo de adquirir as doenças tropicais, mas, por, em determinado momento, temer ser deixado para trás em uma pequena cidade, sem amigos e sem recursos financeiros. Essa aventura, sem sombra de dúvidas, serve para dar ritmo à sua narrativa, que muitas vezes recorda as aventuras de Sarmiento vividas nos Estados Unidos onde, por falta de dinheiro e pelo sumiço do colega que o auxiliaria, temeu ficar sem recursos para o regresso à Argentina.

Groussac conheceu Mérida, que foi o primeiro porto de parada do *Enginner*, o navio no qual viajava. Depois conheceu Veracruz e, por fim, hospedou-se na Cidade do México, de onde partiu de trem para o sul dos Estados Unidos. Mérida, sua primeira parada no Iucatã, revelou a Groussac uma perspectiva diferenciada do país. A aridez do clima, a língua que remetia ao idioma maia e a simplicidade do povo levaram um Groussac mal-humorado a apresentar uma versão pouco otimista de tal sociedade. Essa versão, no entanto, não ignorou aspectos importantes da história da região, como o crescimento econômico, a tentativa de criação de um estado independente e a não assimilação total de Iucatã ao México. A estadia revelou ao autor um México muito diferente do imaginado por ele anteriormente.

Hablan una lengua gutural, azotada de consonantes desgarradoras y sibilantes, que recuerda un paseo por sus montes de pencas y abrojos, y en cuya áspera contextura los nombres más dulces parecen estridentes chasquidos de platillos y cobran un aspecto de ferocidad. Según el Arte del idioma maya, que he adquirido á peso de henequén: “amar” se dice *Ocobxhal*; la “querida” responde á este suave llamado *Ixkakatmatzucil*—también así será ella! —y esa a “Marina” de Cortés á quien antes aludí, se apellidaba correctamente *Malintzin*²⁵⁸.

A cidade de Mérida pareceu-lhe muito modesta. Não havia grandes construções, mas pouca infraestrutura, muito calor e mosquitos que faziam com que quisesse logo sair do local. Nesse ínterim, um temporal fez com que o trem descarrilasse, prendendo um Groussac desesperado e sem dinheiro a essa pequena localidade mexicana, sem meios de retornar ao navio que partiria para Veracruz.

Y veo, en un segundo de sombría perspectiva, el vapor en marcha para Veracruz; mi equipaje tirado en el resguardo, abierto, saqueado; y yo, esperando una semana en esta dichosa Mérida al vapor de Cuba, con dos ó tres libras en el bolsillo por todo capital, cual otro Judío errante... Dirijo una rápida mirada á mi acompañante; pero tiempo ha que le medí: como decimos allá, por el Salado, ha de ser “penca de poca grana”²⁵⁹.

Esse pequeno imprevisto foi rapidamente solucionado, tendo em vista que, após enviar um telegrama, o navio lhe comunicou que não partiria até a tarde do dia seguinte. Tal situação deu-lhe mais um dia em Mérida. Após uma breve visita aos principais pontos turísticos, Groussac se dedicou a analisar a geografia local em um livro que havia adquirido. Essa breve estadia permitiu questionar muito a realidade local, a começar pela não assimilação. O Iucatã, segundo Groussac, fora sempre conquistado, mas nunca assimilado. A manutenção da língua e da cultura tolteca foi, para o autor, um aspecto fundamental para isso. Octávio Paz²⁶⁰, um dos mais importantes pensadores mexicanos do século XX, fez o seguinte comentário 50 anos após as observações de Groussac:

Nem toda a população que habita o nosso país é objeto de minhas reflexões, mas apenas um grupo concreto, constituído pelos que, por razões diversas, tem consciência do seu ser, como mexicano. Ao contrário do que se pensa, esse grupo é bastante reduzido. Em nosso território convivem não só raças e línguas diferentes, mas também vários níveis históricos. Há os que vivem antes da história; outros, como os Otonis, deslocados por invasões sucessivas, vivem a sua margem. E, sem acudir a estes extremos, várias

²⁵⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.150.

²⁵⁹ *Ibidem*, p.153.

²⁶⁰ Octavio Paz escreve o *Labirinto da Solidão*, em 1950, criando um postfácio apenas em 1968.

épocas se defrontam, se ignoram ou se entre devoram, numa mesma terra ou separadas por apenas alguns quilômetros²⁶¹.

Esse percurso pelo México deixou claro, para Groussac, a diversidade étnica e cultural da qual nos fala Paz. Ao leitor argentino, restava a Groussac explicar o porquê da afirmação de que só se sentia verdadeiramente no México ao adentrar Veracruz. Além dos fatores apontados anteriormente – língua e cultura –, também se somavam questões históricas, econômicas, políticas e de logística.

O Iucatã se tornou o maior produtor de henequén, em finais do século XIX, e o principal exportador de tal matéria-prima²⁶². Era exportada em grande parte para os Estados Unidos. Porfírio Díaz não podia, portanto, permitir que o estado de Iucatã se desligasse do restante do país, como já havia acontecido anteriormente, outorgando um pesado imposto sobre a exportação do produto. Por fim, Groussac apontou a carência de conexões por terra entre o Iucatã e as demais partes do país, considerando que tal percurso tinha que ser feito por mar. Para ele, tal situação favorecia que o Estado mexicano fosse mais ligado à Guatemala do que ao próprio México, uma vez que, “em sociologia [...] a água não é boa condutora de calor”:

En hora prevista y acaso próxima, junto con el primer crujido del bastidor constitucional que disimula apenas la dictadura de Porfirio Díaz, bastará le al Yucatán condenar el paso estrecho que por Tabasco le sujeta á la fábrica federal: quedará suelto, á manera de un pabellón aislado— de arquitectura un tanto original. Más que á Méjico, es á Guatemala á quien se adhiere fuertemente, como el Río Grande al Uruguay. Entre Mérida y Veracruz no hay por ahora más vía de comunicación que la marítima. Ahora bien, como vínculo de nacionalidad tal conexión es en extremo laxa y deficiente. En sociología, lo mismo que en física, el agua es mala conductora del calórico²⁶³ [grifos meus].

Da mesma maneira, a distância de 10 horas entre Buenos Aires e Montevideú, ou entre Buenos Aires e o restante do país, fazia com que as diferenças entre as localidades fossem mais acentuadas. Os desertos argentinos, assim como o mar, eram entraves à conexão entre o território nacional, o que explicava a ausência de centros de civilização.

Pero, si la población yucateca estaba ya cansada con el yugo azteca, no parece que el nuevo impuesto tenga la virtud de hacerla descansar... Aztecas, toltecas, yucatecas: bien sospecho que para mis lectores toda esta micrografía ha de quedar algo confusa, fundiéndose los matices en la riqueza

²⁶¹ PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e posts scriptum*. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 15.

²⁶² Henequén é uma planta que produz a bebida alcoólica nacional e também pode servir como fibra para tecidos.

²⁶³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 157.

del consonante. Pero deben creerme bajo palabra: un abismo separa á unos y otros, —un abismo que he cruzado en dos días de navegación. Con este preámbulo sólo quise explicar por qué, al desembarcar en Veracruz, parecía me que, como mi predecesor Hernán Cortés, pisaba por vez primera el suelo mejicano²⁶⁴.

Seu predecessor é ninguém menos que Hernán Cortés, o conquistador espanhol do México. Estar em Veracruz reforçou muitos aspectos negativos que Groussac já vinha apontando pelo caminho, como a falta de originalidade nas construções que, embora não recorram aos modelos europeus ou franceses, conservam a arquitetura colonial, as balaustradas, as varandas e as cores fortes. Até mesmo o cheiro das flores nas alamedas incomodou o viajante, que o considerou com um perfume de morte. Um ar de decadência envolve o relato do autor: o cheiro de morte nas ruas, o calor que traz a doença, o porto pouco movimentado e mal guarnecido pela marinha de guerra.

El aspecto de la ciudad es miserable y decadente: ningún carácter “propio” —sobre todo en el sentido francés de la expresión; — evoca la parte más vulgar de otras conocidas poblaciones hispano americanas, *algo así como el arrabal de Malambo en Lima, ó el de Ultra-Mapocho, en Santiago*. Al llegar al hotel, situado en una pequeña plaza sombreada y enlosada, pregunto por el “centro” de Veracruz, el barrio elegante y concurrido: estoy en él ¡es esto!²⁶⁵
[grifos meus]

Estar em Veracruz tornou-se, então, uma espécie de sofrimento necessário. Foram horas de espera para chegar à Cidade do México. A passagem por Veracruz ressaltou o caráter subjetivo da observação do viajante. A zona de contato em que ele se encontrava era visivelmente marcada por códigos culturais díspares, ou seja, Groussac não compreendia, em sua totalidade, a comunidade que o cercava e, ao mesmo tempo, essa também não o compreendia. Groussac estabeleceu um ponto de vista de quem se distanciava, delineando um quadro de decadência. A carência da influência francesa em tal comunidade era, de certa maneira, um dos principais fatores que indicavam a deterioração apontada pelo franco-argentino. Ele chegou a comparar a cidade mexicana ao que ele considerava os piores bairros de Lima e Santiago, como nos permite ver a citação acima.

Por exemplo, o hotel espanhol era administrado por *criollos*, que não praticavam a higiene necessária. A banda local que se apresentava à noite, na praça, era observada por cavalheiros e damas que não se vestiam à moda francesa e, mesmo que as mulheres fossem, no geral, declaradas belas, lastimou não estarem vestidas adequadamente. Dessa maneira, é

²⁶⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 160.

²⁶⁵ *Ibidem*. p. 163.

claro o que Groussac apontava como decadência: a carência de elementos sociais que ele julgava fundamentais. Expressava tal ponto de vista por meio de recursos literários que construíam este cenário: as aves que se portavam como corvos que não sabiam cantar, as flores que não eram as mais belas, o cheiro desagradável que impregnava tudo e o medo da doença, elementos que nos remetem à Disputa do Novo Mundo.

Ao desembarcar, Groussac perguntou ao condutor de seu bote, que depois também foi seu guia, se a febre amarela já havia desaparecido. O “pobre diablo negro” respondeu que, naquele momento, “só havia vômito negro”. A preocupação do autor com a doença o perseguiu em sua estadia em Veracruz. Tal doença se devia, sobretudo, à umidade do ar que pesava o peito, fazendo com que os homens enfraquecessem e acabassem por adoecer. Isso, de certa forma, explicaria, segundo ele, as derrotas francesas na região, com a conseqüente perda de destacamentos no porto de Veracruz, principalmente devido à má adaptação ao clima, o que fez com que os invasores franceses recorressem aos “compatriotas”²⁶⁶ da Martinica para tal empreitada.

Devido à última intervenção francesa no México, Groussac tentou omitir sua origem, sendo mais interessante ser tomado como espanhol no decorrer da viagem pela região. Não era o fenótipo que o poderia denunciar, mas a língua. Fisicamente, poderia muito bem se passar por espanhol. Ao desembarcar em Veracruz, sua primeira medida foi disfarçar o acento argentino, sobretudo o “chê”, já que o purismo mexicano da língua espanhola já havia sido, há muito tempo, abolido na Argentina, chegando até mesmo a ser um debate no país a abolição do espanhol europeu. Groussac afirmou que a língua espanhola, por seu engessamento, prejudicava muito o avanço estético literário e que o fato de ser francês permitira a ele manuseá-la, concedendo-lhe diferentes matizes. Sua forma de escrita foi reconhecida por contemporâneos, como Rubén Darío e, posteriormente, pelo argentino Jorge Luis Borges e pelo mexicano Alfonso Reyes, dois famosos autores que declararam publicamente sua admiração por Groussac.

“La vía está admirablemente construída, y el camino hace olvidar todas las abstinencias: es propiamente una maravilla”²⁶⁷. Essa frase define a admiração de Groussac pela via férrea construída durante a intervenção francesa, no trem entre Veracruz e a Cidade do México. Em tal ambiente, não ter sotaque francês permitiu ao autor se passar facilmente por espanhol:

²⁶⁶ Coloco tal palavra entre aspas devido ao uso pelo autor, que ironicamente se refere a tais populações como falsos cidadãos franceses, ou se não, não como cidadãos de primeira categoria.

²⁶⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

Dirijo la palabra á mi vecino más apetitoso: resulta ser un viejo mejicano tartamudo, sordo á medias y “liberal” á enteras, que me toma por español y se deja caer á brazo partido sobre los franceses de la intervención. Me divierte infinitamente, y, por momentos, me temo que lo sospeche. Me enseña el antiguo camino real que ahora costeamos, donde un azteca de traje antecolonial camina descalzo tras de su asno, y, con sonrisa entre infernal é idiota, me explica cómo pasó por aquí de fuga el cuerpo de Lorencez, después de su derrota ante Puebla. — El rechazo fué muy real ; en cuanto á la fuga, es tan cierta que, después de descansar dos días en los Alamos, casi bajo el fuego del fuerte Guadalupe, esperando vanamente á los vencedores que no intentaron salir, el general Lorencez estuvo á punto de recomenzar el ataque. Pero ¿tiene razón el inválido, lo mismo que los otros : 5000 franceses llevando el asalto á una ciudad fortificada de 75.000 almas, defendida por los 12.000 hombres de Zaragoza, bien artillados y parapetados tras de sus murallas: era partida igual y debíamos vencer.²⁶⁸

A empreitada fracassada de Maximiliano, que se autodeclarou imperador mexicano em 1864, sendo posteriormente derrotado e executado em 1867, toma grande parte da narrativa da viagem entre Veracruz e a Cidade do México, porém, não integralmente. O trem funciona, no relato, mais como espaço de sociabilidade do que como janela, que permitiria ver, mas que ao mesmo tempo isola. A conversa com seu vizinho no trem é uma oportunidade de discutir a segunda intervenção francesa no México. É também espaço para observar os avanços tecnológicos ferroviários e se surpreender com eles, bem como lugar de observar os costumes mexicanos, suas vestimentas, seus tipos físicos e tecer críticas.

Esos tristes recuerdos de historia, y otros más trágicos aún, me persiguen hasta la estación de Apizaco, donde arranca el ramal para Puebla. La lluvia sigue cayendo; el tren se ha *llenado de mejicanos*. Muchos jóvenes “decentes” visten el traje nacional: la corta chaqueta de torero que deja ver el cañón del revólver, largo como un tabuco; el ajustado calzón con su hilera de botones metálicos y el enorme sombrero cónico con su grueso cordón plateado. *Se disfrazan de “charros”, al modo que los porteños cuando volvían de la estancia con el poncho y la bota, hace medio siglo. Instintivamente, me siento ante un anacronismo.* ¿Será por ello que, al punto, me desagradan tanto esos falsos “piratas de la sabana”, de aspecto melodramático y aire de fachenda, que soportan tan dócilmente á su don Porfirio?²⁶⁹ [grifos meus]

O ser mexicano enchia o trem com sua presença. Na perspectiva de Groussac, esses homens, com suas roupas típicas e com a virilidade à mostra nos trejeitos e na vestimenta, esse mexicano de figura tão forte, era também o mesmo que aceitava se calar perante a dominação da ditadura. Foi marcante, na viagem de Groussac, o incômodo gerado pela opressão política, mas o incomodava muito mais o silêncio da oposição, uma vez que

²⁶⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

²⁶⁹ Ibidem, p. 176.

ninguém se colocava contra o sistema. A paz que reinava era, então, a paz sepulcral, que não era a paz a ser almejada por um povo livre.

Essa observação sobre o México fez com que Groussac repensasse e mudasse muito a opinião que vinha tecendo durante sua travessia pela América Latina. As situações políticas do Chile, do Peru e da própria Argentina fizeram com que o autor acreditasse que o surgimento de um líder forte para guiar o pleno desenvolvimento dessas novas repúblicas era necessário. Um homem que retirasse esses países dos conflitos políticos em torno das disputas de poder, das guerras civis, do marasmo civilizacional, mesmo que, para isso, as liberdades individuais fossem ameaçadas. A estadia no México fez com que o autor afirmasse que nenhuma ditadura compensava os avanços econômicos que podia trazer, ou mesmo a estabilidade política, até porque, no caso da ditadura mexicana, nem mesmo houvera avanços que justificassem sua manutenção. Por que, então, mantinha-se o silêncio?

Incomodava a Groussac a falta de oposição ao governo, a inexistência de uma “esquerda”. A imprensa estava calada, o que arrastava toda a população em um mar de comodismo. Em tal ambiente, era impossível, para ele, almejar o pleno desenvolvimento mexicano, já que as mentes não estavam livres. Ele fez, então, uma comparação direta com a Argentina rosista. O caudilho Juan Manuel de Rosas se estendera no poder por décadas, porém, mesmo no exílio, nunca cessaram as denúncias e a oposição ao seu governo. Em nenhum período do governo de Rosas, a oposição deixou de agir, nem interna nem externamente. No Chile, no Uruguai ou no Brasil, os proscritos nunca deixaram de incomodar o tirano, que acabou encurralado em sua mansão luxuosa em Palermo. Groussac prevê, então, de forma certa, que todo aquele silêncio talvez carregasse consigo uma insatisfação latente, emudecida sob as botas de Díaz, que, após uma atroz ação contra um levante em Veracruz, quase conseguira retirar do povo qualquer possibilidade de reagir²⁷⁰.

Todos los de fuera, tenedores de bonos y manipuladores de negocios, que consideran estos países, no como naciones, sino como meras comarcas explotables, están á sus anchas y en buen sitio para celebrar el orden restaurado por Porfirio Díaz. La paz reina en Varsovia. Pero, ni esto mismo es comparable. En Varsovia, para recordar esa deplorable palabra (vertida en la tribuna francesa, si mal no recuerdo, por el ministro Sebastiani), se oían las protestas y los gritos de las víctimas. En la República Argentina, palpitante bajo la bota de Rosas, los de adentro podían escuchar la voz alentadora de los proscritos, que venía desde Montevideo y Chile : nunca cesó de importunar al déspota ese rumor de trueno lejano, cargado de

²⁷⁰ Groussac não realizou nenhum trabalho histórico sobre o período rosista, talvez devido ao volume de obras sobre o tema. Um de seus últimos trabalhos, já na velhice, foi uma peça teatral de grande sucesso chamada “*la Diviza Punzó*”, que tratou dos últimos momentos do governo Rosas. A peça estreou em 1923, no Teatro Odeón, de Buenos Aires.

amenazas y maldiciones; la misma Buenos Aires le mantenía en perpetua alarma, hasta acorralarle en su guarida de Palermo, y, como dice magníficamente Esquilo, de Gasandra cautiva, la nación jadeante « cubría su freno con espuma sangrienta... » En el Méjico enfrenado por este héroe de guerras civiles, no se escucha una voz disonante en el parlamento, en la prensa, en un corrillo: ni siquiera del extranjero llega un grito de indignación. Mucho más triste y desconsolador que el mismo silencio sepulcral, que fuera á su modo una protesta, se alza, desde la capital hasta los confines del país, un concierto de rendición y alabanza: el himno de los antiguos aztecas ante el trono de Moctezuma. Méjico entero es una inmensa encomienda; y parece que el pueblo emasculado hubiera perdido hasta el deseo, hasta el recuerdo de su virilidad. La tiranía más funesta no es la salvaje de la “mazorca” y del puñal, cuyas heridas francas se restañan en pocas horas; sino la del opio y del veneno lento, que acorcha las fibras del corazón, esteriliza la mente y corrompe el alma misma de todo un pueblo. — *Por cierto que no me refiero aquí á los sentimientos individuales, sino á esa alma colectiva y externa de una nación, que no es de ningún modo la suma de sus unidades.* Es ésta la que Porfirio Díaz ha logrado envilecer, hasta conseguir que extraiga satisfacción de su propio envilecimiento²⁷¹ [grifos meus].

Saindo de Veracruz, Groussac se dirigiu à Cidade do México em junho de 1893. A cidade do México foi o último ponto de estadia de Groussac antes de chegar aos Estados Unidos. Suas impressões da cidade foram, segundo ele, influenciadas pela vontade de chegar ao destino final, o que pode ter interferido na forma como percebeu a capital mexicana. De suas notas, que são breves se comparadas às anteriores, uma gama de perspectivas pode ser apreendida no que diz respeito à América Latina como um todo. A capital mexicana é, a meu ver, um dos pontos emblemáticos de sua viagem, pois deixa à vista o estranhamento, a idealização do passado colonial, os ideais europeus de conservação dos artefatos e da história, bem como a ideia de incapacidade americana para a manutenção da memória.

La naturaleza y los hombres son mi curiosidad; sobre todo el hombre. La evolución colectiva, que construye la historia, me parece menos interesante aún que la individual, que representa via contribución á la eterna filosofía: aquélla teje los acontecimientos, fabrica las modas y las instituciones; ésta es la verdadera célula del organismo social, el elemento activo y plástico que se modifica lentamente, incorporándose los principios ambientes y hereditarios. Por eso, si tuviera ambición literaria, aspiraría á que mi relación de viaje, bajo su forma suelta y dispersa, contuviese un ensayo de psicología comparada. Pero ¿quién sabe lo que será, si llega á ser algo?²⁷² [grifos meus]

A passagem anterior está logo no início de seu relato intitulado “México”. Minha hipótese é que o uso da expressão a "psicologia comparada", sugerida por Groussac, pode ser

²⁷¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 204-205.

²⁷² Idem.

uma mostra de influências da teoria evolucionista de Charles Darwin²⁷³. A psicologia comparada teria surgido nesse período como um meio de comparar comportamentos animais e humanos, comprovando, muitas vezes, a pouca diferenciação entre ambos. Aliada à psicologia comparada, surgiu a psicologia diferencial, que afirmava que cada indivíduo tem um modo único de se adaptar ao meio. Nas palavras de Groussac, essa psicologia comparada se mostraria como uma tentativa de comparar diversas sociedades e sua adaptação ao meio americano. Populações diferenciadas que se formaram no espaço americano, que, por sua extensão, apresentavam diferenciações muito marcantes em relação à geografia, à política e à natureza. Minha hipótese é que o autor não cumpriu os aportes que caracterizariam seu relato como um ensaio de psicologia comparada. Embora busque nela a autenticidade de suas afirmações, não as baseia em dados científicos, mas, sim, em observações subjetivas, colhidas em pouco tempo de estadia²⁷⁴.

Sem sombra de dúvidas, seu trabalho é comparativo, pois, em todos os momentos, suas tentativas de compreender os locais pelos quais passou se deu recorrendo a comparações com as localidades já conhecidas. A cidade do México é um dos maiores exemplos dessa afirmação.

Pude reaccionar; pero confieso que necesité cierto esfuerzo y no poco valor moral para reconciliarme con mi deber y, al solo fin de no ignorarlo todo, dedicar una semana de estudio á la capital de Hernán Cortés y Porfirio Díaz. Á la verdad, no es mucho ni muy profundo lo que haya podido estudiar en tan breve y mal comenzada estación; nada extraño será, pues, que este capítulo salga á la vez más indigente y menos indulgente que otros — y acaso sea lo segundo consecuencia de lo primero²⁷⁵.

Em minha percepção, a afirmação de Groussac parece uma tentativa de falsa modéstia, pois ele segue praticamente a mesma rotina de visitas empreendidas em outras cidades: conhecer os grandes edifícios, os pontos mais famosos, livrarias, escolas. O que mais se destaca na Cidade do México é a comparação com a cidade que lhe pareceu a mais próxima em estilo, Lima. A questão vai adiante, não se detendo apenas em serem modelos de arquitetura colonial. Lima e a Cidade do México são cidades que, por serem herdeiras de grandes civilizações pré-colombianas e do pré-domínio espanhol, teriam a obrigação de preservar esse passado:

²⁷³ DARWIN, Charles. *A origem das espécies*: a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. Editora Martin Claret: São Paulo, 2014. A primeira publicação do livro foi em 1859 e gerou grande comoção.

²⁷⁴ Para mais informações, acessar: <http://www.apuntesdepsicologia.com/ramas-de-la-psicologia/psicologia-comparada.php>

²⁷⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 180.

En su conjunto material, Méjico es una grande y noble ciudad hispano-americana, no inferior á su fama secular; si bien dista mucho de ofrecer un espécimen casi perfecto é intacto de la sociología colonial, como Lima la encantadora y única. En la misma metrópoli peruana habían *herido mi sentimiento histórico* no pocas intrusiones del mal gusto importado. En Méjico, entre los ribetes yankees de la vida callejera y las demoliciones ó restauraciones de los antiguos monumentos, puede decirse que queda muy poco de lo que el historiador ó el arqueólogo viene á buscar. Las antigüedades aztecas, que sobrevivieron á la conquista, han desaparecido por efecto del tiempo y también de la indiferencia comarcana. El “progreso” material ha dado buena cuenta de las ruinas cuya belleza no puede el vulgo apreciar, de todas esas “antiguallas” que no representan sino los pergaminos de cal y canto de los pueblos, fuera de ser los documentos más fidedignos de su historia²⁷⁶ [grifos meus].

Portanto, nas duas cidades, os elementos mais interessantes ao historiador e ao arqueólogo são aqueles inerentes ao domínio desses povos e à preservação desse passado. Se, na Cidade do Panamá, em Santiago e na própria Buenos Aires, os maiores exemplos de civilização foram a incorporação dos elementos modernizadores europeus – tais como o telégrafo, as estradas de ferro, as fábricas, a própria organização da urbe –, tanto em Lima quanto na Cidade do México, tais elementos parecem não conseguir se fundir com o passado da cidade, aparecendo como pontos estranhos, não assimilados.

Ao viajar esperando encontrar, na Cidade do México, um exemplo do domínio asteca, não é de se estranhar a decepção de Groussac ao se deparar com uma cidade americana moderna, mas que, ao mesmo tempo, buscava assimilar esse passado, em fins do século XIX. Lima seria, nesse aspecto, um exemplo de cidade colonial quase intocada, uma vez que a Cidade do México sofrera muitas intervenções. É importante ressaltar que a Cidade do México, assim como Lima, foi construída sobre os escombros das civilizações pré-colombianas. Mesmo que em Lima já não fossem tão significativas – uma vez que os grandes templos e as construções dessas civilizações já não existiam séculos antes da visita de Groussac –, o que permaneceu foi a sobreposição arquitetônica pré-colombiana e colonial, a mestiçagem e a hibridação cultural, uma mostra do que Serge Gruzinski denominou de “pensamento mestiço”²⁷⁷.

No sería imposible que, á son de no sé qué liberalismo de logia y trastienda que aquí reina, se diera al suelo con la magnífica catedral ó se la convirtiera, si no en cuartel, en escuela de artes y oficios. Me temo á veces que la modernísima democracia consista en levantar cada pueblo sus moradas á la moda del día, arrasando las de sus predecesores, para que cada generación

²⁷⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 180.

²⁷⁷ GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freyre Aguiar. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

humana no deje más rastros en la tierra que los del ganado trashumante. Esa democracia niveladora, amante de tablas rasas y gran fabricante de *self-made men*, la contemplaremos luego en su forma aguda, en esa ocupación anhelante y febril del Extremo Oeste que remeda, en medio de todas sus innovaciones prácticas, una regresión moral á los éxodos antiguos, al nomadismo asiático: la tienda del pastor alumbrada con luz eléctrica. Esta tibieza del sentimiento histórico es general entre los pueblos americanos: fuera de algunos fetiches patrióticos, vinculados á su gloriosa independencia, no se preocupan mayormente de sus orígenes seculares²⁷⁸.

A democracia seria, então, um dos fatores principais que justificaria a falta de preocupação em conservar o passado, lado a lado à carência de um relacionamento real com a pátria, com a história; em suma, de uma identificação real com o país. Groussac fez, portanto, uma comparação com a história de sua família: mesmo que essa tenha sido uma família pobre do interior francês, ele se gaba de saber que seu nome o remete a uma longa linhagem: “mi nombre diz que soy un galo antigo”; é um nome que o liga a séculos de história francesa. Na América que ele vislumbrava, não existiria esse tipo de relacionamento com a pátria, pois os cidadãos se preocupariam apenas com os acontecimentos mais recentes da história nacional, ignorando seu passado.

É importante lembrar que os países americanos passaram, no século XIX, por um processo de criação de uma história oficial após as independências. Era, então, necessário construir uma história puramente nacional para as ex-colônias. É possível perceber um cerne comum nessas construções da história nacional oficial desses países. Cada um deles se voltou para elementos do passado que julgassem mais positivos à consolidação da nação²⁷⁹. No Brasil, por exemplo, o índio idealizado surgiu como elemento de grandeza nacional, bem como a ideia de democracia entre as três raças que comporiam a população brasileira – indígenas, negros e brancos, como defendeu Karl Friedrich Philipp Von Martius, em 1840²⁸⁰.

Na Argentina, sob a perspectiva de Groussac, como não existiram grandes povos pré-colombianos, foi necessária a criação de uma nova versão de história nacional. Da mesma forma que os Estados Unidos dizimaram esses povos indígenas, a Argentina dizimou os seus, como é possível notar em ações de homens como Sarmiento e nas campanhas de reconquista dos desertos do general Julio Argentino Roca.

La tendencia, por otra parte, es tanto más irresistible y explicable entre nosotros, cuanto que la República Argentina, lo propio que los Estados

²⁷⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 181.

²⁷⁹ ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

²⁸⁰ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol.6. N. 24. Rio de Janeiro. Pag.389-411. Janeiro de 1845.

Unidos, poco ó nada tenía que conservar de sus orígenes ante colombianos y aun coloniales primitivos. Al Perú y á Méjico les incumbían otros deberes históricos que, por muchas causas conocidas, han dejado de cumplirse. Sabido es que si algo podemos estudiar de las antigüedades peruanas, aztecas y particularmente yucatecas, ello es debido á la labor y á la ciencia europeas²⁸¹.

Esse estudo do passado mexicano se fez possível, na perspectiva de Groussac, devido à intervenção europeia, não apenas no país, mas na produção de conhecimento sobre ele. Essa é uma perspectiva que ignora que, até as primeiras décadas do século XIX, o México era parte do império espanhol, ou seja, uma posse europeia, e que a maior parte das relíquias dessas grandes civilizações americanas fora saqueada e, então, enviada à Europa. Portanto, a conservação de muitos itens em território europeu e a destruição de muitos outros se deram precisamente devido à intervenção europeia. Ao visitar o Museu Nacional na Cidade do México, Groussac se deparou com uma grande coleção, mas que lhe pareceu que estaria sendo mais bem estudada, preservada e aproveitada na Europa.

No texto, há um apelo à consolidação da identidade dos estados nacionais e a denúncia de que a efemeridade dos governos tornava a população pouco afeita ao próprio passado. A retirada dos artefatos seria uma maneira de enfraquecer ainda mais a relação com um passado grandioso, que, em grande medida, persistia na sociedade. O próprio autor assinalava que, embora os bairros e muitos edifícios fossem novos, muitos deles construídos no século XVIII, eles conservavam as nomenclaturas indígenas ou de conquistadores. Um exemplo é que a casa do governo se chamava Casa de Cortez. Existia, portanto, uma relação muito forte entre o passado do México e o que Gruzinski denomina de mestiçagem: a mistura a ponto da indistinção de elementos da cultura de conquistadores e conquistados. Ao almejar o purismo e a preservação completa, o grande relacionamento com o passado que a cidade possuía escapava à Groussac. No entanto, essa relação com o passado não era a mesma em todo o país, como Otávio Paz defendeu na metade do século XX, e como o próprio Groussac pôde observar. No México, existiam temporalidades diferentes, períodos históricos diferentes, conquanto as reminiscências do passado fossem impossíveis de apagar.

Por donde quiera, en plena capital moderna alumbrada con electricidad, los nombres de los barrios y las calles han conservado su imitación primitiva y su mágica virtud de sugestión. Por sobre la vulgar realidad presente, la intangible tradición levanta su aéreo castillo, contra cuyos flexibles y ondulantes arabescos las líneas rígidas de nuestra crítica y los ángulos de nuestra prosa no prevalecerán²⁸².

²⁸¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.183.

²⁸² *Ibidem*, p.190

Mesmo que tenha sido violenta como em qualquer parte da América hispânica, a conquista espanhola no México, sob a perspectiva de Groussac, sobrepunha-se a qualquer história das antigas partes do império espanhol na América: a humanidade do conquistador Hernán Cortes e as crônicas de conquistadores como Bernal Dias del Castilho, que narrou a “noche triste”. Segundo Groussac, a narrativa do evento, mesmo que não necessariamente real, deu ao conquistador humanidade. Foi importante para a história mexicana que o homem chorasse em algum momento do processo de conquista. A “noche triste” teria feito com que os conquistadores fossem melhor aceitos pela história.

El vasto cuadro de la conquista ostenta la monotonía del oro y de la sangre. Aun en este Méjico, entonces opulento y resplandeciente, el mismo episodio soberbio de Hernán Cortés, el más garboso de los caudillos españoles, arranca del elemento azteca su interés primordial: Moctezuma, Guatimozín, y esa sumisa y sacrificada Marina son el grupo patético. Para que un rayo de poesía bárbara ilumine la atrocidad compacta y arroje siquiera un reflejo de incendio sobre la traición y el exterminio, falta llegar al alzamiento de los oprimidos, á la fuga tenebrosa de los opresores por la calzada de Méjico, á las angustias de la « Noche Triste ». ¡Al fin tienen su hora de venganza y desquite, siquiera sea incompleta y fugaz! Y tan imperioso es en el corazón humano el sentimiento de la justicia inmanente, que el horror de la tragedia ennoblece aquí á los mismos conquistadores²⁸³.

A preocupação com a narrativa é, então, o ponto chave do processo de conquista e uma forma de consolidação do poder dos conquistadores. Ao mesmo tempo, a narrativa de Bernal Diaz funcionou como uma forma de consolo pela perda de elementos originais da Cidade do México:

Es así como, á despecho de todo, los recuerdos tradicionales se abren paso y vuelven hacia mí por esa larga Vía Apia, gloriosa y fúnebre, de la historia legendaria. Y ello consuela un poco de las actualidades monumentales, del gran Teatro Nacional, de la Aduana, del circo en la plaza de Santo Domingo, de los hijos de familia que pasean por esos portales sus ridículos trajes de « charros », de los letreros en inglés, de los restaurants á la francesa con su nomenclatura azteca: de todo lo artificial, intruso y postizo que ha quitado á la Méjico moderna su antiguo carácter histórico sin reemplazarlo con otro nuevo²⁸⁴.

O resto da visita de Groussac à cidade é marcado pela ida ao Museu Nacional, à Catedral e à Biblioteca Nacional. Esses três locais são, em minha percepção, pontos chave para se compreender a visão do autor sobre o todo. O Museu Nacional, embora interessante, é considerado pelo franco-argentino como mal organizado, sobretudo em relação à construção da história que ali devia ser contada por meio dos objetos. Nem mesmo as mais famosas

²⁸³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 189

²⁸⁴ Ibidem, p.190.

esculturas astecas servem para impressiona-lo, pois a Pedra do Sol e o Índio Triste, colocadas em um cenário pouco valorativo, também perdem, na percepção de Groussac, parte do significado:

El gran interés del « Museo Nacional » consiste naturalmente en sus antigüedades aztecas; pero no satisface plenamente la expectativa. Se le esperaba más rico y completo. Sus reliquias más famosas, la Piedra del sol, el Indio triste, los ídolos y las serpientes místicas producen un efecto que llamaré trunco y fragmentario: no se ve desfilar la historia eslabonada y sucesiva de esa interesante civilización, y creo que en París ó Berlín se la podría estudiar mejor²⁸⁵.

A grandeza da Catedral, muito maior que a da cidade de Lima, chama-lhe atenção. Porém, assim como na capital peruana, lamenta que ocorra no México uma junção de vários estilos, mas considera, paradoxalmente, que a beleza e a harmonia não foram prejudicadas, o que é uma percepção pouco usual em Groussac:

La catedral es imponente y bella, á despecho de sus incoherencias de estilo y del mezquino jardín que afea y empequeñece su atrio. *De proporciones mucho mayores que la de Lima, con un lujo inaudito en su adorno interior, reviste un aspecto de indiscutible y grandiosa nobleza.* La mano soberana del tiempo ha pacificado las batallas de sus órdenes arquitectónicos: el dórico y el jónico de sus naves y torres casi han llegado á armonizar con los detalles españoles y moriscos de la fábrica; del propio modo que las estatuas colosales de los Patriarcas, que se yerguen en el basamento de las cúpulas, parecen tender la mano á las virtudes teologales de los campanarios²⁸⁶ [grifos meus].

A visita que eu considero a mais emblemática no México é a que o autor fez à Biblioteca Nacional, na qual deixou claro o desconhecimento mútuo entre México e Argentina. O autor empreendeu duas visitas, tendo por objetivo ser recebido pelo diretor. Há uma preocupação em estabelecer contato com os círculos intelectuais mexicanos. A primeira visita de Groussac não foi bem-sucedida – uma vez que não pôde ser recebido –, mas serviu para que o autor traçasse uma visão geral do ambiente grandioso e austero. Destacamos o fato de que as figuras que Groussac julgou emblemáticas destoaram das homenageadas por grandes bustos espalhados pela biblioteca:

Y esa cosa está vagamente simbolizada por una serie de gigantescos yesos que representan —*ressemblance garantie*— á Valmiki, Confucio, Isaías, Aristófanes, Orígenes, Alarcón, Humboldt y otros ilustres, en su calidad de “personificaciones de la sabiduría”. (¿Habéis notado que esas listas de representantes de la humanidad, por cortas que sean, salen siempre largas

²⁸⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.191.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 190.

ante el buen sentido? ¡Confucio representando á la filosofía antigua y Orígenes á la cristiana! Aristófanes, símbolo del teatro griego, como Alarcón de la literatura española, en sustitución de Cervantes ó Calderón! Bien sé que el culto y elegante «jorobado» era mejicano; pero entonces tenía su puesto en el vestíbulo. ¡Y el enciclopédico Humboldt, que no ha dejado huella original en ninguna ciencia, sustituido á Galileo, Newton ó Lavoisier, — inmensas personificaciones del genio inventivo — tan sólo porque ha escrito su famoso *Ensayo sobre la Nueva España*, que no soportaría hoy un prolijo examen crítico! — ¡Así están ellos, Gonfucio, Valmiki y compañía, con sus yesos dudosos como camisas de quince días, cubiertos de telarañas, enseñando sus lamentables anatomías modeladas por algún lego agustino, envueltos en sus ropas polvorientas que imploran en vano el golpe de plumero ó la mano de jabón que les rehusan los ordenanzas, tratándoles como á sí propios! — Al sustituto del director, ausente hasta mañana, le insinúo la alta conveniencia de modificar su galería de celebridades. Me mira algo escandalizado; pero le sosiego, explicándole todo mi pensamiento: no se trataría de desalojar á los venerables monigotes, sino de bautizarles con otros nombres. “Así, por ejemplo, Valmiki haría un Aristóteles muy aceptable, el finado Alarcón nada perdería con llamarse Cervantes, que era algo cargado de hombros, etc”. Creo que no le he convencido²⁸⁷.

A passagem acima pode parecer corriqueira, mas deixam-se claras as prerrogativas intelectuais que Groussac julgava fundamentais, principalmente para a América Latina. Indica, ainda, o rompimento com referenciais que eram fundamentais para os primeiros viajantes americanos do século XIX. Segue-se a trilha de Domingo Faustino Sarmiento, que viu, na obra de Alexander Von Humboldt, elementos que também foram empregados na consolidação das identidades nacionais – por exemplo, são claras as referências à obra de Humboldt em seu mais famoso livro, *Facundo*. Mary Louise Pratt, como já mencionado, afirmou que as obras de Humboldt reinventaram a América, na Europa, e a própria América, para os americanos.

Groussac, no entanto, rompeu com esse paradigma, tratando a obra do alemão como mais um livro enciclopédico superado, e que, ao contrário de outros grandes nomes como Galileu, não trouxe nada de novo à ciência. Sendo assim, não seria um dos autores dignos de compor uma galeria de intelectuais ilustres. Groussac oferece, assim, uma nova leitura da mesma América. Na medida em que julga a obra de homens como Humboldt como ultrapassada, essa que tem um caráter mais enciclopédico, no final do século XIX, oferece uma nova forma de leitura do continente em sua complexidade, valorizando os elementos culturais mais do que os naturais.

O segundo dia de visita à Biblioteca e o encontro com o diretor permitiram-lhe vislumbrar um desconhecimento por parte da intelectualidade mexicana. Não surpreende

²⁸⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 192.

Groussac a não apreensão das inovações da intelectualidade francesa; surpreende-o o desconhecimento do diretor em relação aos intelectuais argentinos, como Sarmiento, bem como o seu próprio desconhecimento em relação aos literatos mexicanos.

El director de la Biblioteca nacional es un conocido literato é historiador mejicano. Me recibe con cortesía, sin calor. Editor infatigable, está corrigiendo ahora las pruebas de una voluminosa colección de Poetisas mejicanas, para la Exposición de Chicago. Con mi incurable prurito de sinceridad, dejo escapar esta impertinencia: “Y todo eso ¿no le parece á V. muy vacío?” ¡Vacío! El editor me mira con extrañeza. Tengo que confesar mi ignorancia: fuera de la célebre carmelita del siglo XVII, no conozco de las poetisas mejicanas más que los fragmentos de las antologías. Creo de oídas en el genio de doña Isabel Prieto de Landázuri, de la bella señora Pérez de García Torres y sus dignas compañeras. En cuanto á la “décima musa”, sor Juana Inés de la Cruz, algo de ella se me alcanza seguramente [...]²⁸⁸.

Groussac também viajava como representante argentino para a feira de Chicago e levava um texto que apresentara como conferência, publicado posteriormente como “El Gaúcho” – do qual falarei neste trabalho no capítulo 3. Vale destacar que, mesmo que o franco-argentino também viajasse levando um texto como obra a ser apresentada, a escolha do historiador mexicano por apresentar o texto das poetisas o surpreendeu ainda mais:

Pero es increíble la poca cantidad de ideas comunes que pueden tener dos hombres “ilustrados”, como se dice, que *hablan la misma lengua y ejercen exteriormente la misma profesión. Por centésima vez, en Méjico, experimento la sensación de la enorme distancia que nos separa de este país. Nos ignoramos mutuamente, cual si viviéramos en planetas distintos.* Fuera del círculo de algunos estudiosos, las figuras de Sarmiento y Alberdi son absolutamente desconocidas [...]²⁸⁹ [grifos meus].

O desconhecimento mútuo entre homens de mesma língua (mesmo sendo o espanhol a segunda língua de Groussac) e profissão causou grande impressão no franco-argentino. Naquele momento, Groussac se portava como argentino. O diretor mexicano não ignorava a obra francesa, mas a argentina. Durante sua viagem até mesmo ao Panamá, Groussac recebera visita de representantes argentinos. Isso quer dizer que a influência do país adotivo estava presente, considerando que, mesmo longínqua, a fama da moderna e europeizada Buenos Aires chegava àqueles países. No México, surpreendeu o desconhecimento e, mais do que o desconhecimento do outro, o seu próprio.

Tornava-se necessário, em sua perspectiva, estabelecer um diálogo maior com o México, que se voltava muito mais para a esfera estadunidense. Tal observação demonstra a

²⁸⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.196.

²⁸⁹ Ibidem, p. 196.

fragmentação do antigo território espanhol e a falta de diálogo entre os países resultantes desse desmembramento. Não existia, na perspectiva de Groussac, um grupo organicamente hispano-americano, mas sim duas áreas: a América do Sul e a do Norte. Em sua opinião, após a construção do Canal do Panamá, a América Central se voltaria em definitivo para o Norte.

Groussac, como vinha observando ao longo de sua viagem, viu a situação da Argentina, em comparação com a dos demais países – em especial com o México –, como muito melhor. Não necessariamente pelos avanços econômicos, mas pela influência europeia. O franco-argentino acreditava que todos os países americanos, em maior ou menor medida, buscavam o diálogo com a Europa, o reconhecimento. Nesse sentido, a Argentina estaria muito à frente de seus vizinhos americanos:

Con todas sus deficiencias, las cinco ó seis grandes librerías de Buenos Aires representan un movimiento de ideas y de iniciación europeas que, como importancia y calidad, no admite comparación con las de Santiago, Lima ó Méjico. Para limitarme á un ejemplo corriente: la casa de Bouret no ha recibido jamás—su jefe me lo afirma y su aspecto me lo confirma — una colección completa de la *Bibliothèque Scientifique Internationale*, que allá se ha vendido por docenas. Sin ánimo de humillar ni desalentar á nadie, creo que ello es indicio de una semejanza de situación que algo tiene de radical y absoluto. Todos los hispano-americanos escuchan el mismo concierto de la civilización europea, deseosos de ajustar su marcha al soberano canon rítmico. La única diferencia está en que los menos lo oyen adentro, y los más desde afuera, como “mosquetero” de la fiesta. Los que han logrado penetrar en el recinto, pagando muy caro su asiento, no deben malbaratar su privilegio precioso: si observan y estudian, en lugar de dormirse ó murmurar, están en aptitud de pasar algún día de espectadores á actores y tomar parte en la ejecución²⁹⁰ [grifos meus].

Era necessário o diálogo entre esses países hispano-americanos, porém, saía na frente aquele com maior abertura ao que era produzido na Europa, que dançava conforme a música. O México, para Groussac, estaria distante das condições que permitiriam adentrar nesse concerto civilizacional europeu, por continuar muito fechado em si próprio. Uma forma de demonstrar isso foi, mais uma vez, a imigração europeia. Enquanto a Argentina, em finais do século XIX, recebera uma onda imigratória como nunca vista, o México contava, segundo Groussac, com cerca de 5 mil imigrantes europeus, predominantemente espanhóis. A presença do imigrante continuava, então, a ser compreendida como fator fundamental ao desenvolvimento dos modernos países hispano-americanos. Ao deixar a Cidade do México, o autor já havia se convencido da supremacia argentina, transmitida em linhas muito diretas:

²⁹⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p.194.

¡Nave del porvenir! ¡Cara nave argentina, que llevarás en tu cubierta algunos seres de mi nombre, algunas gotas de mi sangre francesa: Dios te conduzca y te mantenga orientada hacia esa patria mía de la belleza risueña, de la nobleza generosa y fina, de la ciencia unida al arte como el fruto á la flor! Poco importaría que no te corrigieras de tu ligereza, de tu imprudencia, de tu prodigalidad, que son también defectos nuestros, si supieras envolverlas en una virtud, un entusiasmo artístico, un culto intelectual. Sin un símbolo y una fe que flote eternamente sobre las aguas como la brújula primitiva, de nada te valdrían tus cargamentos de riquezas, que vendrían á ser acaso una presa ó una tentación. Llámese moralidad, ciencia, patriotismo ó religión: edificate un altar ideal, vive y muere abrazada á él como los primeros cristianos á la cruz, ¡ Sé un alma ! —Y todo lo demás te será dado por añadidura; y la historia sancionará esa hegemonía sudamericana que la próspera naturaleza te ha deparado, — ¡oh, nación argentina, nave del porvenir!²⁹¹

Groussac percorreu de trem a distância de 2 mil km que separam a cidade do México da cidade de Juárez, no norte do país, em cerca de 60 horas. A cidade, chamada El Paso del Norte, foi dividida entre o México e os Estados Unidos em 1848, em decorrência da guerra entre os dois países. A fronteira passou a ser o Rio Grande; mais tarde, o lado mexicano passou a se chamar Juárez. A fronteira entre os dois países funciona, na narrativa de Groussac, como um ponto de transição não somente físico, mas cultural. De um lado, o México, atrasado e profundamente arraigado na herança colonial espanhola; por outro lado, a promessa de todo o desenvolvimento norte-americano. O autor atribuiu essas características às duas cidades que, poucas décadas antes, eram apenas uma.

A América Latina delineada por Groussac, durante toda a travessia, é marcada por alguns pontos comuns: em primeiro lugar, o autor explorou mais o elemento humano do que os aspectos naturais, mesmo que esses façam parte da narrativa em alguns momentos. Sob a perspectiva de Groussac, a América só atingiria a civilização quando o elemento europeu superasse o indígena, o que é o ponto-chave de sua narrativa: o atraso americano só seria plenamente superado quando o elemento indígena também fosse; para isso, a imigração europeia se apresentava como principal alternativa. No desfile de países visitados, nenhum saíra à frente da Argentina, cuja supremacia no continente era esperada. Os países de maior presença indígena eram, em sua visão, os menos desenvolvidos e os mais envolvidos em conflitos políticos – de caudilhos, guerras civis, instabilidade política e econômica e privação da liberdade individual.

De sua viagem, é possível apreender uma série de espelhos. O europeu, que enxerga o outro como exótico e que, ao mesmo tempo, reconhece-se e se preocupa com esse outro. A percepção da América pelo autor foi moldada principalmente por essa viagem, mesmo que

²⁹¹GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 198.

muitos valores europeizantes tenham se mantido. A América passou a ser entendida como um vasto território fragmentado, no qual o diálogo entre os países se fazia necessário, bem como o estudo da história recente, a fim de que os mesmos erros não fossem cometidos pelos demais. Existe, portanto, em Groussac, uma necessidade de estudo da história recente dos países americanos, uma noção de história marcada pela exemplaridade: “estudar para que a Argentina não caia em tais erros e se sobressaia às demais novas repúblicas”, o que ele já havia defendido em suas obras de caráter histórico.

Busquei analisar a forma que Groussac vivenciou os países pelos quais viajou, tendo em vista demonstrar uma leitura única desses territórios, mas que, ao mesmo tempo, dialoga com leituras de seus contemporâneos. Groussac atravessou esses países em um período no qual se consolidavam como nação e propiciou a seus leitores uma perspectiva única desses espaços. Enquanto descrevia o que via e vivenciava, também deixava claros os parâmetros civilizacionais que almejava, que foram prioritariamente inspirados na civilização europeia. No entanto, não propôs um modelo claro para o real desenvolvimento desses países, uma vez que, ao mesmo tempo que julgava como mais desenvolvido aquele que melhor incorporara o modelo europeu, condenava tais países pela falta de originalidade. Condição que também ressaltará durante a viagem pelos Estados Unidos, analisada a seguir.

3. A VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS EM 1893 E OS RETORNOS À FRANÇA EM 1894 E 1898: O FASCÍNIO E A DECEPÇÃO COM O MUNDO NORTE-AMERICANO E COM A TERRA NATAL

Como lo dice el título mismo de una obra monumental, que seguirá estudiándose después que todas las de Spencer hayan sido substituidas: el mundo no es únicamente una “representación”, es también una “voluntad”. Este cetro de la voluntad es el que, según creo, ha pasado á manos del pueblo de los Estados Unidos...²⁹²

O objetivo deste capítulo é analisar primeiramente a viagem de Groussac para os Estados Unidos em 1893. O relato de Groussac se divide entre Califórnia; Los Angeles e São Francisco; Salt Lake City; Chicago; Washington D. C.; Massachusetts; Cataratas do Niágara e Nova York. Em cada uma dessas paradas, o autor privilegiou um aspecto a ser analisado. Na Califórnia, deu atenção principalmente à questão da mais recente incorporação de vários territórios à União, o que gerava a impressão de estar em um país diferente dos Estados Unidos. Em Salt Lake City, os mórmons foram o objeto principal de sua atenção. Em Chicago, cidade na qual permaneceu por mais tempo por ter sido o principal destino de sua viagem, dedicou-se a analisar a Exposição Universal de 1893, a cidade e seus habitantes. Em tal evento atuou como representante argentino. Chicago chamou sua atenção principalmente pela grandiosidade das construções feitas para a Exposição. Washington também foi muito analisada e debatida, principalmente sobre a questão da construção da capital e de sua relação com o todo. Em Massachusetts, as universidades foram o foco de sua visita, principalmente Harvard.

Groussac, ao tomar como destino os Estados Unidos, iniciava uma viagem que outros famosos intelectuais argentinos já haviam empreendido e realizado relatos acerca dessas experiências. O mais famoso deles e o precursor foi Domingo Faustino Sarmiento. Sarmiento viajou pelos Estados Unidos por algumas semanas em 1847, como enviado chileno. O argentino viajou por diversos destinos na Europa e pelo norte da África, sendo os Estados Unidos sua última parada nessa empreitada. A finalidade oficial de tal deslocamento, traçado entre 1845-1847, era estudar os sistemas educacionais de tais países, o que contribuiria para os moldes da educação chilena. Nesses anos, Sarmiento encontrava-se, junto com muitos outros, exilado no Chile, já que a Argentina estava sob as botas de Juan Manuel de Rosas. Mesmo no exílio, a oposição de Sarmiento sempre foi presente. Em 1845, por exemplo, já

²⁹² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 216, “referência à obra de Arthur Schopenhauer”.

havia publicado no Chile sua obra mais famosa, *Facundo*, que é um texto vividamente político e um manifesto contra a tirania de Rosas.

O relato de viagem de Sarmiento não escapa ao grande apelo político de oposição ao governo de Buenos Aires e, mais do que isso, sua viagem pelos Estados Unidos espelha uma procura por modelos a serem seguidos pela Argentina. Tal sentimento, muito presente em Sarmiento, passa longe das impressões de Groussac, que, embora estupefato com o desenvolvimento material da nova potência mundial, não via nos Estados Unidos nenhum modelo a ser seguido. Nesse aspecto, dois conceitos que serão melhor trabalhados a seguir, serão fundamentais: democracia e civilização.

Para escrever seu próprio relato de viagem sobre os Estados Unidos, Groussac dialogou com a tradição de autores argentinos que empreenderam os mesmos roteiros, principalmente Sarmiento. Nesse sentido, ele buscou construir aspectos que fizessem com que seu texto se tornasse único nessa tradição. Contudo, a meu ver, cabe ao leitor se indagar até que ponto essa diferença se faz presente em seus relatos.

A segunda parte deste capítulo tem como objetivo analisar as viagens que o autor empreendeu à Europa logo após o fim da viagem pelo continente americano, sendo a primeira delas com destino a Paris em 1894 e a segunda em 1898, quando eclodia a Guerra Hispano-Americana. As viagens para a Europa deixam ainda mais claras suas preocupações acerca da influência norte-americana também em sua terra natal e de que maneiras as novas correntes intelectuais sofriam com o que ele denominou de especialização.

3.1 A viagem pelos Estados Unidos em 1893: democracia, materialismo, religião e natureza.

Groussac adentrou o solo estadunidense pela primeira vez atravessando a fronteira com o México. Como analisei no último capítulo, tal experiência foi marcada pela forte dualidade entre os dois países, características que o franco-argentino detalhou vividamente em seu relato. A entrada via América Latina também é um dos diferenciais da obra de Groussac. Sarmiento e Rubén Darío, por exemplo, chegaram ao país vindos da Europa. A descrição poética feita por Darío apresenta uma Nova Iorque envolta em brumas e beleza, constituindo, sem dúvidas, um belo quadro:

En una mañana fría y húmeda llegué por primera vez al inmenso país de los Estados Unidos. Iba el *steamer* despacio, y la sirena aullaba roncamente, por temor de un choque. Quedaba atrás Fire Island con su erecto faro; estábamos frente a Sandy Hook, de donde nos salió al paso el barco de Sanidad. [...] Long Island desarrollaba la inmensa cinta de sus costas, y Staten Island,

como en el marco de una viñeta, se presentaba en su hermosura, tentando al lápiz, ya que no, por falta de sol, la máquina fotográfica²⁹³.

As primeiras linhas de Sarmiento sobre os Estados Unidos caminham na mesma perspectiva. O país é apresentado logo em sua grandiosidade e singularidade:

Estados-Unidos son una cosa sin modelo anterior, una especie de disparate que choca a la primera vista, i frustra la espectacion²⁹⁴ pugnando contra las ideas recibidas, i no obstante este disparate inconcebible es grande i noble, sublime a veces, regular siempre; i con tales muestras de permanencia i de fuerza orgánica se presenta, que el ridículo se deslizaría sobre su superficie como la impotente bala sobre las duras escamas del caimán. No es aquel cuerpo social un ser deforme, monstruo de las especies conocidas, sino como un animal nuevo producido por la creación política [...]²⁹⁵ [grifos meus].

Condições bem distintas se apresentam no início do relato groussacquiano. Ao adentrar os Estados Unidos via México, a natureza que se delineava a partir de sua janela era árida e hostil. E, talvez como uma possível pista para a oposição à perspectiva de Sarmiento, o franco-argentino acrescenta em suas linhas:

Del Nuevo Méjico, que la línea férrea descantea por el sudoeste, y del Arizona (Árida zona ¡admirable bautismo!) que cruza en su mayor anchura, no divisamos sino vastos desiertos de arena, cubiertos de cactus enanos y espinosos brezos que se retuercen en el suelo, acorchados por el sol, cual haces de sarmientos en el fuego²⁹⁶ [grifos meus].

Para Laura Posternak, a expressão grifada acima é uma referência direta a Sarmiento e uma tentativa de Groussac inserir-se como autoridade nos relatos de viagem. Ao mesmo tempo, Posternak afirma que essa negação de Groussac, bem como a euforia de Sarmiento, são elementos pensados anteriormente à escrita do relato, sendo a forma que o autor desejou demonstrar e criar a “ficção” em torno do que vivenciou. O “eu estava lá, eu vivenciei”, desponta como o elemento máximo de autoridade: “Y es que, como mencionamos al comienzo del trabajo, en ambos discursos de viaje ya está predefinido lo que se quiere “ver” para contar; en otras palabras, sus discursos son ideológicos y previos al viaje”²⁹⁷.

Penso, porém, que a afirmação de que toda a experiência relatada tenha sido pré-planejada seja forte demais, porque compreendo que tal afirmação para o historiador seja

²⁹³ DARÍO, Rubén. Edgar Allan Poe. In: *Rubén Darío Obras Completas*. Tomo II. Madrid: Afrodísio Aguado, 1950, p. 255.

²⁹⁴ Grafia correta: Expectación.

²⁹⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Viajes por Europa, África i América 1845-1847. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Obras de D. F. Sarmiento*. Tomo 5. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor, 1886, p.333.

²⁹⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 219.

²⁹⁷ POSTERNACK, Laura. *Los relatos de viaje de Groussac y Sarmiento a Estados Unidos como construcciones ideológicas*. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v18/posternak.html> Acesso em: 18 fev. 2019.

impossível. Não há como afirmar categoricamente que tal indivíduo escreveu determinada expressão ou relato pensando em criar uma ficção em torno do vivenciado. Logicamente, ele seleciona o que entrará no texto final e como criará uma certa linearidade em seu relato ou os aspectos que privilegiará a partir da viagem. Entendo que a expressão “pré-planejada” dá um caráter de “pré-fabricado” ao relato, o que traz a impressão de que tudo o que foi relatado seja falso ou não condizente com o que o autor vivenciou. Em que pese o fato de que esse vivenciar seja subjetivo, como pesquisadora, não posso afirmar que tudo o que está no texto seja ficcional.

Outros alertas em relação aos viajantes que o precederam são dados nas primeiras linhas de seu relato em solo estadunidense. A imensidão do país, como ele nos alerta, não pode ser apreendida em poucas semanas de estadia, como fora na viagem de Sarmiento, sendo necessário ir mais fundo para alcançar o objetivo que ele se impusera: compreender o princípio que regia o país, o que ele define como a “alma yankee”. Para isso:

Iré á todas partes, viviré con ellos en los congresos, en los teatros, en las calles, en las escuelas, en los templos, en los talleres; me sentaré á su lado en el hogar,— y aquí es, sin duda, donde más aprenderé ; — hablaré con los hombres, las mujeres y los niños: me haré uno de ellos. Todo lo anotaré y compararé, sin reparar en repeticiones ó contradicciones; todo lo recordaré y expresaré ingenuamente: el bien y el mal, lo grandioso y lo miserable, lo grotesco y lo magnífico; y después, tal vez me sea dado poseer la energía y la amplitud intelectual bastantes para ensayar, en veinte páginas substanciales, la síntesis de esa alma dispersa y colectiva que, según la expresión clásica, vivifica y agita la mole colosal²⁹⁸ [grifos meus].

O início de seu relato se preocupa em narrar, mais uma vez a partir do trem, o que via ao redor. Ao mesmo tempo, é também o espaço de contato com os primeiros estadunidenses e que molda as impressões que Groussac levará até o fim de seu texto. Portanto, mais uma vez contrariando a tese de David Viñas de que a viagem de Groussac é a viagem de quem observa uma vitrine, penso ser o trem, bem como sua janela, um lugar de sociabilidade que minimiza tal percepção. É o espaço do trem que, em muitos momentos, permite-lhe tecer opiniões acerca do que ele pensa ser o diferencial de seu texto. Quanto mais ele viaja ou pesquisa, mais se dá conta que muito já se havia descrito de monumentos e lugares. Assim, o único diferencial que poderia oferecer, em mais um relato acerca dos Estados Unidos, deveria provir de seu ponto de vista, de sua opinião sobre tudo o que podia observar: a população e também sobre os aspectos materiais. As percepções do autor seriam, segundo ele, diferentes da do

²⁹⁸GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 215.

turista clássico, que se importa mais com as coisas do que com os homens. Para Groussac, nos Estados Unidos, os homens interessariam mais do que as coisas:

Es siempre la ciudad yankee, indefinidamente reproducida, y sin más elemento diferencial que el costo y el tamaño — es decir la cantidad.[...] La concreción urbana está vaciada en un solo molde: fuera de los sitios naturales, los Estados Unidos son un monstruoso cliché. De ahí el tedio profundo que se desprende de su masa gigantesca y uniforme para el turista superficial, que vaga de calle en calle y de hotel en hotel sin nada sospechar del alma americana. En Europa, las cosas son más interesantes que los hombres; acá es lo contrario en este mundo en formación, mejor dicho, en fabricación²⁹⁹ [grifos meus].

No entanto, como poderemos perceber e demonstrar em diversos momentos, o autor falha em sua premissa. Nos Estados Unidos, por exemplo, no qual os homens deveriam receber mais atenção do que as coisas, em diversos momentos isso se inverte. Uma de suas colocações primordiais foi a de que não era seu objetivo descrever fotograficamente as cidades visitadas, e que sua maior contribuição seria mostrar a alma americana, o que só poderia ser compreendido aproximando-se do povo. Minha tese é a de que, nos Estados Unidos, em diversos momentos, a língua funcionou como uma barreira para a real compreensão da sociedade visitada, o que contribuiu para que as coisas ganhassem, na maior parte do relato, mais destaque do que as pessoas.

Dessa forma, o modelo de cidade reproduzida, na qual imperava o custo e o tamanho, ganha, no transcorrer de seu relato, matizes diferentes. Possivelmente por iniciar seus trajetos no país partindo dos recentes estados incorporados à União e do Oeste, na narrativa, em diversos momentos, fica clara a admiração do franco-argentino. O deserto que o autor atravessa até Los Angeles se transforma à medida que ele adentra as grandes cidades, vistas como uma conquista daquela civilização, que, a seu ver, merece admiração:

La California actual es el triunfo de la civilización americana y la prueba más acabada de su incomparable potencia plástica. El organismo social que ha podido en tan breve lapso asimilarse el salvaje campamento de Yerba Buena, que muchos vecinos de Market street recuerdan aún, y convertirlo en el San Francisco de hoy, no sólo deslumbrante de lujo y magnificencia, sino civilizado, tranquilo, lleno de bibliotecas y colegios— de moralidad igual, si no superior, ala de las ciudades del Este, fundadas por puritanos y cuákeros—merécela admiración y el respeto del mundo³⁰⁰.

Uma admiração, como demonstra a supracitada citação, limitada. Em nenhum momento, essa sociedade é um modelo a ser seguido. Na agradável Los Angeles, Groussac

²⁹⁹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 235

³⁰⁰ Ibidem, p. 241

permanece por poucas horas, preocupando-se, porém, em percorrer a cidade, à qual faz considerações elogiosas, frisando o encanto espanhol ainda presente, ou seja, não se refere a pessoas, mas a coisas... As semanas de hospedagem em São Francisco são marcadas por um profundo bem-estar. Exceto pela experiência no bairro chinês, só identificamos, no texto, elogios à cidade. Assim como em Lima, a colônia chinesa em São Francisco, muito maior do que a da capital peruana, provocou uma pungente rejeição no franco-argentino que se impressiona muito com a extensão de tal comunidade.

O percurso de trem entre São Francisco e Salt Lake City, em Utah, mostra, mais uma vez, como o espaço do trem é fundamental à narrativa do franco-argentino. Em tal espaço, ele estabelece relações e conversas a partir das quais ele forma suas opiniões, algumas delas definitivas para a sua experiência. Penso ser a mais marcante, nesse início de viagem, a diferença que o autor estabelece entre os costumes ianques e os europeus. A conversa no trem entre estranhos era muito mais bem vinda entre os americanos, tratada com naturalidade, do que entre europeus. Durante o trajeto, Groussac estabelece contato com pessoas distintas, do servente negro ao senador. Todos conversam com naturalidade e cortesia, como velhos colegas. Na Europa, esse comportamento amigável seria tomado como um "possível comportamento inadequado".

Ao examinar a população, Groussac assinala a sua propensão a resolver mais facilmente problemas práticos e a simplificar os conflitos intelectuais, reforçando algumas características que, grosso modo, são mais marcantes no povo visitado: a praticidade, a vulgaridade democrática, o livre acesso de todos os cidadãos. No espaço do trem isso se destaca com a falta de distinção entre os passageiros, não existindo a divisão de acordo com as classes: “aquí la igualdad circula tan libremente en el salón como en la calle, es la atmosfera ambiente”³⁰¹.

Essa falta de classes nos trens, salientada pelo autor, é outra coisa que chama a minha atenção. É notório que os trens que circulavam pelos Estados Unidos, no fim do século XIX e ainda hoje, conservam a divisão dos vagões em classes de passageiros. Groussac, no entanto, é claro em sua colocação:

Los ferrocarriles, desde luego, materializan el sentimiento reinante, con la ausencia de “clases” en los pasajes. El Pullman-car no es sino una condición de los viajes largos, y el tren vestibuled es un síntoma exterior de la igualdad social. Cada cual se coloca moralmente á nivel de su vecino; sabe que puede dirigirle preguntas y entablar conversación; el fondo y la forma de las ideas son comunes, en todos los sentidos de la palabra. Con todo, sospecho que

³⁰¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 250.

entre New-York y Boston ha de reinar un tono algo menos campechano³⁰²
[grifos meus].

Em referências documentais do mesmo período, aparecem, inclusive pela companhia que Groussac viajou a Southern Pacific, diversas referências à divisão dos vagões de acordo com as classes, inclusive sendo estas, muitas vezes, de acordo com o sexo do passageiro ou a cor de pele. Alguns jornais do mesmo ano nos oferecem em diversas edições a possibilidade de lermos matérias sobre problemas nas divisões de classes em trens³⁰³. Dessa forma, ao reputar o trem como um dos espaços mais democráticos do país, Groussac, em minha percepção, devido principalmente à barreira linguística, interpretou de forma errada a questão de não haver distinções entre as classes.

O destino principal de sua viagem é Chicago e sua exposição. Antes, porém, de chegar à cidade, ele tem a oportunidade de cruzar o extenso país. Tal experiência lhe permite afirmar que a visão de que os EUA são formados, sobretudo, por cidades gigantescas e populosas, é a percepção estereotipada do turista que permanece na Costa Leste, aspecto que também não é o primeiro a salientar, como o demonstra o trabalho de Alexis de Tocqueville. Ao atravessar um longo trajeto de trem, com paradas frequentes, Groussac oferece um quadro que, em sua percepção, demonstra como as pequenas cidades e vilas, o trabalhador rural, são muito mais numerosos do que o “turista” que se prende às grandes cidades percebe.

Salt Lake City é uma das cidades que lhe desperta atenção, sobretudo pelo quesito religioso de sua fundação. Na cidade fundada pelos mórmons no início do século XIX, o autor se preocupou em conseguir entrevistas com o líder da religião. No Oeste, é muito clara a admiração que Groussac faculta aos homens que conseguiram desbravar o deserto e a partir do nada construir cidades grandes e confortáveis. Salt Lake City, em especial, desperta sua atenção porque tal crescimento fora motivado pelo impulso religioso, sendo, por sua vez, uma religião distinta da do restante do país, uma nova doutrina.

Interessa ao franco-argentino compreender os aspectos que possibilitaram que tal doutrina, tomada por ele como produto das alucinações de um homem de pouca cultura, no interior de um território novo, posteriormente, reformulada e escrita por outros indivíduos,

³⁰² GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 250.

³⁰³ Alguns destes exemplares podem ser encontrados digitalizados em *Railroads and the Making of Modern America*, um projeto da Universidade de Nebraska, no endereço <http://railroads.unl.edu/topics/passengers.php> Alguns dos exemplares tratam do conflito racial estadunidense, quando, por exemplo, uma passageira negra é proibida de viajar, outros, das linhas dos trens e estruturas dos carros.

que de profetas preferiram chamarem-se de presidentes, conseguira angariar milhares e milhares de fiéis, não apenas dentro do território nacional, mas vindos do exterior. A explicação de Groussac é simples: ele seleciona três motivos que possibilitaram o crescimento religioso e o desenvolvimento material da região:

1º la ausencia de cultura general y de espíritu crítico (correlativa de lo muy robusto y eficaz del sentimiento religioso), que hasta ahora, y á pesar de las apariencias contrarias, constituye la fuerza moral al par que la inferioridad intelectual del pueblo americano; 2º la escasa densidad de la población y la disponibilidad de vastos territorios vacantes en el oeste; 3º la laxitud del vínculo federal, caracterizada por la celosa y, entonces, más que hoy, preponderante autonomía de los Estados³⁰⁴ [grifos meus].

Tais condições teriam permitido o crescimento mórmon no Oeste. Para caracterizar a força do aspecto religioso, o autor seleciona características que julga comuns a toda a população do país: a falta de pensamento crítico e cultura geral, que levaria à inferioridade intelectual do povo estadunidense. Em relação a quem se estabelece essa situação de inferioridade que ainda permanecia no final do século XIX? O autor se refere, sobretudo, à Europa. Até esse momento, o Velho Continente e, principalmente, sua terra natal são parâmetros de desenvolvimento intelectual. O sentimento religioso do mormonismo possibilitou, na visão de Groussac, o desenvolvimento material da região, o crescimento da cidade, a descoberta de minérios. Assim, com a região se desenvolvendo e sendo ocupada, como ocorrera com todo o Oeste, a outrora escassa interferência do poder central se fizera sentir, tendo o dogma religioso também passado por interferências estatais. No caso da religiosa Salt Lake City, foi uma interferência fundamental a proibição da poligamia mormón, sendo esta uma das características da doutrina, proibida em 1850, que teria contribuído para o enfraquecimento religioso e de interferência dos membros nos negócios da cidade, em relação aos não praticantes, que também chegavam a multidões buscando um lugar ao sol e o enriquecimento³⁰⁵.

Após a parada em Salt Lake City, o franco-argentino seguiu viagem para seu destino principal. Para Groussac, o grupo urbano que se deveria estudar para compreender o país, no final do século XIX, era Chicago. A cidade sintetizaria materialmente o universo “americano”³⁰⁶.

³⁰⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 276.

³⁰⁵ Em outros momentos de seu relato, Groussac se mostra como um grande crítico das religiões, não apenas as cristãs, sendo que toda a sua incredulidade se revela quando visita o panteão das religiões, considerando-as como “o grande parasita da credulidade humana”.

³⁰⁶ A expressão “americano” é a utilizada pelo autor.

Este inmenso país tiene cuatro ó cinco grandes aspectos característicos, condensados en otros tantos Estados y sus capitales: todos los demás se funden en uno de los tipos genéricos. En este momento, sobretudo, de la evolución sociológica, el grupo urbano que se debe estudiar paciente y filosóficamente, es Chicago — no tanto por la Exposición en sí misma, cuanto por las razones que han influido para que el magno problema de la World's Fair se resolviese en su favor, contra todas las pretensiones rivales. Chicago es en la hora presente el resumen material y el exacto espécimen del mundo americano³⁰⁷.

3.1.1 Chicago

A estadia em Chicago foi mais prolongada, tendo Groussac permanecido na cidade por quatro meses, fazendo também excursões a seus arredores. O autor vivenciou Chicago, a cidade da Exposição, na qual uma aluvião de pessoas estava presente, vindas de todas as partes do país e do mundo.

Para a percepção que Groussac nos ofereceu do Oeste estadunidense, é muito importante que sua entrada no país tenha sido organizada de forma que, saindo do México, ele atravessasse o enorme país da costa do Pacífico ao Atlântico. Essa conclusão o autor mesmo nos oferece em suas considerações finais, quando se questiona se teria tomado um roteiro de viagem diferente, se pudesse, sendo a resposta negativa. Para Groussac, tal roteiro lhe permitira vivenciar melhor os Estados Unidos do presente e, em minha percepção, oferecer uma visão diferenciada dos inúmeros roteiros possíveis de viagens de europeus e latino-americanos.

Para ele, a Guerra de Secessão³⁰⁸ e a abolição da escravidão foram meros acessórios, quando comparados ao advento do Oeste, processo tão importante quanto a proclamação de independência. O desbravamento do Oeste e as riquezas provindas dessa “conquista” fizeram com que o país se desenvolvesse em níveis nunca vistos no mundo, o que efetivamente provocava, por parte de muitos países, o deslumbramento em relação ao crescimento do país. Sendo assim, de certa forma, a compreensão que Groussac construiu do Oeste dialoga com a do norte-americano Frederick Jackson Turner, segundo o qual as instituições norte-americanas, muito mais que relacionadas às europeias ou ao conflito norte x sul, formaram-se durante o avanço da ocupação até o Pacífico. Assim, o desbravamento de um ambiente hostil e desfavorável foi essencial para a formação do caráter do povo estadunidense, sendo, dessa

³⁰⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 248.

³⁰⁸ Também conhecida como Guerra Civil Americana, 1861-1865.

forma, as conquistas das fronteiras fundamentais para a formação do povo estadunidense³⁰⁹. Turner proferiu uma palestra em 1893, durante a Exposição Universal, sendo possível que Groussac a tenha presenciado ou tido contato com sua tese, ainda que o franco-argentino não faça referências a ele. Mais que pensar a posição de Chicago geograficamente, nesse caso uma metrópole do centro-oeste do país, durante a exposição, simbolicamente, ela representava as regiões que se opunham à Costa Leste, ou às Treze Colônias Originais.

Para Groussac, Chicago consistia no principal modelo da cultura estadunidense:

Las cualidades más salientes y los defectos más abruptos del pueblo americano se acentúan en el Oeste como al través de un lente convexo. Lo que es el Este respecto de Europa, Chicago lo es respecto de Nueva York. Por eso tenía que ser elegida para teatro de la colosal exhibición. Á pesar de todo, no vuelve de su sorpresa la advenediza metrópoli³¹⁰.

Chicago, apesar de despertar profundas críticas do franco-argentino, também causara admiração, como ele mesmo afirmou, ao deixá-la: “nem tudo foi vulgaridade e desencanto”, havendo também momentos que lhe despertaram certa comoção. O autor, como mencionei, passou cerca de quatro meses na cidade, sendo que a Exposição Universal interferia diretamente no cotidiano da urbe. Portanto, podemos concluir que as observações e as conclusões do autor foram diretamente influenciadas pelas sensações que o evento lhe provocara.

Por outro lado, há, em Groussac, a preocupação de se distanciar da figura do turista universal, ou seja, o sujeito que se preocupa mais em conhecer as coisas do que os povos, não vivenciando o cotidiano do país visitado, que não conhece a vida do povo, ou “vulgo”, na expressão corrente em seu relato. Para se distanciar da figura do turista, Groussac tenta vivenciar as experiências de um cidadão comum, como, por exemplo, frequentar lugares que não eram o alvo de turistas, mas da população local, e até mesmo os lares de famílias chicagenses³¹¹.

Dessa forma, ele tentou convencer seu leitor de que tal objetivo fora alcançado, apresentando, para confirmar isso, alguns exemplos do que fizera durante sua estadia. A principal delas foi ter aulas de inglês com uma jovem senhorita, que, embora de uma família

³⁰⁹ GIMENES, Gabriela Xabay. A Exposição Universal de Chicago (1893): reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº. 22, p. 147-181, Jan./Jun., 2017. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

³¹⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 307.

³¹¹ Tal perspectiva de buscar distanciar-se da figura do turista profissional, até mesmo fugindo dos passeios tradicionais e dos guias turísticos, foi adotada por Fiódor Dostoiévski, em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão*, seu relato de viagem sobre a Europa Ocidental, publicado em 1863.

de poucos recursos, tinha contatos com pessoas da alta sociedade. Groussac ressalta as glórias da jovem, que trabalhava durante todo o dia para sustentar a família e, mesmo humilde, conservava sua elegância. Como Groussac tinha suas aulas na casa da moça, podia, assim, conviver com sua família, vendo como era o cotidiano da casa, algo que, segundo ele, passaria muito longe das experiências de um turista comum. Para coroar essa imagem, ele afirma que o observador vai mesclando-se aos atores que ele observa, ou seja, à medida que a viagem avança, o observador também vai deixando de ser mero observador e passa a compor o quadro. Em outras palavras, a viagem modificou também o franco-argentino.

No pretendo realizar descubrimientos, ni tengo por seguir que el meditar mis palabras me libre del error.[...] Percibo, además, por la lectura de mis propios apuntes, que no sólo el espectáculo cambiaba, sino también el espectador. Insensiblemente, el observador ha ido mezclándose más y más con los actores, hasta moverse con éstos en el escenario y asimilarse por días su manera de vivir. Después de dos meses, consignaba sin exclamaciones de sorpresa los programas más extraordinarios e imprevistos. Me había incorporado al desfile popular, en lugar de estudiarlo desde mi ventana [...] ³¹².

Em minha percepção, Groussac confunde mesclar-se ao povo com tomar familiaridade com o que o cerca. À medida que seu relato avança, podemos observar posicionamentos de alguém que se porta como superior ao objeto de pesquisa, o que pode ser demonstrado em diversas passagens. Como, então, seria possível que o autor se mesclasse com um povo do qual claramente não faz parte? Nesse sentido, mesmo que ele abandone a janela do hotel ou do trem para adentrar aquele universo, e que porventura tenha prometido tornar-se um deles, isso não aconteceu.

Embora buscasse inserir-se de alguma maneira naquele novo ambiente, Groussac foi mais um convidado que teceu observações críticas sobre tudo o que viu e experimentou. Em relação a Chicago, para ele, à primeira vista, a cidade se fundia perfeitamente à sua exposição. Evento classificado como o maior de sua história, a Exposição Universal de Chicago foi um evento grandioso, que, durante seus seis meses de duração, recebeu milhões de visitantes. Calcula-se que, apenas no feriado do *Columbus Day*, em 12 de outubro, mais de 700 mil pessoas visitaram a grande exposição. Ao contrário da Exposição Universal de Paris em 1889, cujo grande símbolo fora a Torre Eiffel, a Exposição de Chicago optou pela construção de prédios neoclássicos. Foram projetados edifícios grandiosos, que, mesmo desenhados por diferentes arquitetos norte-americanos, seguiam padrões similares, o que gerava a impressão de uma grande harmonização arquitetônica. Um dos aspectos que contribuía para essa

³¹²GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 303.

impressão era a cor dos edifícios, provinda da utilização de gesso, o que deu a Exposição o apelido de “cidade branca”³¹³.

Oficialmente, 53 países e 43 estados estadunidenses estavam presentes no evento, cujo nome oficial foi *World's Columbian Exposition*, nome dado em homenagem ao aniversário da chegada de Cristóvão Colombo ao continente americano em 1492³¹⁴. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se celebrava o descobrimento do território, celebrava-se a grandiosidade das inovações tecnológicas e o crescimento industrial dos Estados Unidos. A exposição, projetada e construída em menos de três anos, ocupou uma grande área às margens do lago Michigan. Provocava estupefação, também a Groussac, o fato de que 30 anos antes não existia uma metrópole Chicago. Conquanto a cidade tenha sido fundada em 1830, seu apogeu ocorreu no final do XIX. Tal sensação era reforçada pelo grande incêndio que destruíra a cidade em 1871, de forma que a reconstrução e a construção da estrutura da exposição eram, por si sós, uma conquista extraordinária, que demonstrava a capacidade de tal povo.

³¹³ *The white city* foi compreendida em um país onde a segregação racial era muito evidente, também como uma maneira de afirmar que a exposição era branca. Manifestantes negros panfletaram no evento evidenciando ainda mais o aspecto segregacionista. Para tentar contornar a situação, foi organizado o *Colored Day*, para o qual a população negra foi orientada pelo movimento antissegregacionista a não comparecer. Para mais informações: GIMENES, Gabriela Xabay. A Exposição Universal de Chicago (1893): reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº. 22, p. 147-181, Jan./Jun., 2017. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

³¹⁴ Atrasos na construção do espaço da exposição fizeram com que fosse inaugurada no ano seguinte.

Figura 4 - Vista da Exposição Universal de Chicago de 1893



Fonte: C. D. Arnold ³¹⁵

As exposições universais foram eventos organizados de forma que se expusesse o que havia de melhor nos países do mundo, ou seja, a ideia era de que tais eventos fossem realmente universais. Porém, os países que organizavam as exposições eram os principais alvos dos olhares do mundo e as utilizavam como vitrine para suas próprias inovações, crescimento tecnológico e capacidade de desenvolvimento.

Para os Estados Unidos, o evento foi uma maneira de mostrar que, se sua capacidade tecnológica ainda não havia superado a europeia, pelo menos caminhavam como iguais. Uma das maiores inovações do evento foi a iluminação noturna, nunca utilizada em outras partes do mundo³¹⁶. A lâmpada inventada por Thomas Edison figurava como um produto extraordinário, sendo que a empresa que ganhara para realizar a iluminação foi a do concorrente de Edson, que propôs o uso da corrente alternada, Nikola Tesla. A iluminação do

³¹⁵ *Official Views of the World's Columbia exposition issued by the department of photograph.* C. D. Arnold; H. D. Higinbotham, official photographers. Press Chicago photo-gravure, 1893. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t4dn51681;view=1up;seq=5>

³¹⁶ GIMENES, Gabriela Xabay. A Exposição Universal de Chicago (1893): reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº. 22, p. 147-181, Jan./Jun., 2017. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

evento ditou a forma para a iluminação moderna. Tais inovações tecnológicas e o estupor que causavam não foram, no entanto, os alvos principais presentes na narrativa groussacquiana.

En su vasto conjunto material, Chicago puede ser considerado bajo dos faces distintas: la primera y la más evidente es la que perciben y admiran desde luego los snobs transeúntes; es también la que los naturales y los guías ensalzan con inexhaustible fervor. Esta faz vulgar carece en absoluto de carácter y originalidad, es el aspecto estereotípico de las ciudades americanas, cuyos edificios parecen fabricados por gruesas, a manera de juguetes de un Nurembergl ciclópeo³¹⁷.

Chicago era, na opinião de Groussac, a cidade com menos características europeias, e aquela que salientava as características do país, apesar das altas levas de imigrantes europeus que chegaram à região na segunda metade do século XIX³¹⁸.

Entre las grandes ciudades americanas, la menos europea por el espíritu, los gustos y la índole, es precisamente Chicago, donde la población europea representa una enorme mayoría. Por fin, el mismo proteccionismo manufacturero del Este se combinaba con el materialismo del Oeste para contrarrestar la preponderancia secular. En tanto que aumentaban la población y la producción local, la importación europea disminuía. Ahora bien: el espíritu civilizador no se transporta en estado puro; necesita el vehículo y la amalgama del producto tangible; y la merma de la mercancía material anuncia la de la influencia moral³¹⁹ [grifos meus].

As descrições da Exposição Universal aparecem esporadicamente no relato:

La ciudad explica la Exposición y está completada por ésta, constituyendo el conjunto un retrato tan fiel y un resumen esquemático tan exacto de los Estados Unidos actuales, que de antemano ellos compendian, si no suplen, el examen directo del resto del país³²⁰.

Chicago evidenciaria o presente dos Estados Unidos, em oposição às heranças coloniais do Leste. E o símbolo de tal civilização Groussac encontrou na própria Exposição: o Mamute.

Las dos primeras veces que visité el Anthropological Building,[...] me condujesen derechamente á la exhibición zoológica del piso alto, y allí, por entre todos los bichos y sabandijas de esa arca de Noé, me plantaran estupefacto delante del mamut restaurado y empellejado por un profesor de Harvard. [...]ese coloso bonachón no debiera inspirar gran interés : es un si elefante negro. El secreto de su popularidad reside en sus proporciones

³¹⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p 326.

³¹⁸ Mais uma vez as observações de Groussac dialogam com as de Turner, segundo o qual quanto mais a oeste, mais estadunidense era uma cidade.

³¹⁹ GROUSSAC, Paul. Op. Cit. p. 320.

³²⁰ Ibidem, p. 308.

descomunais, a “Mammoth” es el símbolo yankee de la magnificencia, de la grandeza, de la belleza natural y artística. De ahí su éxito incomparable ante las caravanas de los mineros del Colorado, rancheros del Nebraska, fabricantes del Este, agricultores del Centro y del Sur, que vienen á palpar la realidad de lo que sólo conocían por figura retórica: es el propio sustantivo, en lugar del adjetivo vago que encuentran día á día en sus gacetas, plantado como un penacho luminoso, al fin de cualquiera descripción delirante de su incomparable país.³²¹

Esse gigantesco elefante primitivo torna-se o símbolo não apenas por sua grandiosidade física, mas pela forma como foi exposto: montado com couros, do que Groussac afirmou serem peles de elefantes modernos, tudo no animal revelava a ele uma paródia do elefante contemporâneo, sendo que, em todas as partes de suas emendas, Groussac enxergou falta de encaixe: os olhos porcinos, o rabo medíocre, uma criatura gigantesca com uma tromba enorme, que servia apenas para frutos e folhas, era, em sua percepção, um animal indefeso, primitivo e destinado à extinção. Ele ainda não era raro, já que o autor afirma que seus ossos eram largamente comercializados no Norte do país, devendo-se sua popularidade desmedida, apenas, a seu tamanho desproporcional³²².

Montaña ó concierto, caverna ó discurso, edificio ó manifestación: con decir que es mammoth, está definida la especie y colmado el bushel de la admiración Mammoth es el Niágara, lo mismo que el Capitolio de Washington; mammoth, el Auditorium y la pieza que en él se representa [...] Ahora bien: Chicago es por excelencia y definición la verdadera y genuína ciudad mammoth³²³.

Todas essas colocações são feitas pelo autor para reafirmar que, para ele, a grandeza norte-americana revelava seu caráter provisório, genérico e incompleto. Ao colocar o mamute como símbolo, Groussac define a civilizada estadunidense como primitiva “Ahora bien: pueblo joven, nuevo, robusto, ingenuo — es lo que quiero significar al llamarle a primitivo”³²⁴. Uma primitividade complexa, como ele salienta, já que o elemento central da

³²¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 309-310.

³²² Tais considerações remetem à “Polêmica do Novo Mundo”. Essa polêmica, discutida por Antonello Gerbi e, posteriormente, por outros historiadores como Beatriz Helena Domingues, salientava a discussão entre autores europeus como Buffon, De Pauw, Raynal, Robertson, que teceram teses altamente depreciativas acerca da natureza americana, que seria formada por animais menores, principalmente insetos e répteis, dentre outras características que a inferiorizavam em relação à natureza europeia. A essas colocações diversos intelectuais americanos reagiram, como o padre jesuíta Clavijero. Groussac não afirma que o animal em questão, o mamute, era uma animal de pequeno porte, porém, destaca sua mediocridade de outras formas, como salientei acima. Para mais informações, ler: DOMINGUES, Beatriz Helena. O México na “Polêmica do Novo Mundo”: humanismo, catolicismo, história natural e ilustração. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº5, 2006. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1368/1239> Acesso em: 22 fev. 2019. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³²³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 310.

³²⁴ *Ibidem*, p. 316.

colonização inglesa permaneceu, por um longo período, em sua opinião, até a metade do século XIX e, uma vez que o Oeste fora ocupado, principalmente nos últimos trinta anos do século XIX, tais características no povo foram enfraquecendo.

Entre os edifícios que compunham a grandiosidade de Chicago estava o Auditorium, uma enorme estrutura, com capacidade para sete mil espectadores, inaugurado em 1889, e que ainda hoje compõe a paisagem da cidade. Penso que a descrição feita por Groussac do enorme prédio, no ano de sua inauguração tomado como o maior arranha céu do mundo, ilustre bem a forma como o franco-argentino vivenciou a exposição mundial e de que formas compreendia a grandeza material estadunidense.

Pero ningún monumento de Chicago alcanza la importancia material y simbólica del Auditorium. Es el Panteón, el Coliseo, la Santa Sofía, el palacio de San Marcos — la maravilla de las maravillas americanas. Sería necesario pedir á un literato local su pincel-escoba para celebrarlo dignamente, con ese estilo peculiar en que alterna el lirismo descabellado con el cálculo positivo de las dimensiones, el volumen cúbico y el peso de los materiales, rematando la descripción con el costo total que pasa de cuatro millones de dollars!³²⁵

Primeiramente, para os estadunidenses, na percepção de Groussac, a grandeza de um monumento se media de acordo com a cifra de dinheiro que nele fora investido. Tal fórmula é classificada pelo autor como uma das características da “primitiva” sociedade norte-americana. Tal aspecto não era apenas característico de Chicago, mas de todas as partes do país visitadas por ele. Outro exemplo recorrente em seu texto é o Obelisco de Washington, uma enorme estrutura granítica sem maiores ornamentos.

Para o franco-argentino, Chicago, assim como as demais cidades estadunidenses, carecia de originalidade:

En su vasto conjunto material, Chicago puede ser considerado bajo dos faces distintas: la primera y la más evidente es la que perciben y admiran desde luego los snobs transeúntes; es también la que los naturales y los guías ensalzan con inexhaustible fervor. Esta faz vulgar carece en absoluto de carácter y originalidad, es el aspecto estereotípico de las ciudades americanas, cuyos edificios parecen fabricados por gruesas, amana de juguetes de un Nuremberg ciclópeo³²⁶ [grifos meus].

“Originalidade” é a palavra-chave. Para Groussac, em Chicago, como em outras metrópoles estadunidenses, impera o mesmo estilo arquitetônico elegante, porém, nada original. Uma variedade de estilos arquitetônicos importados acrescidos do gigantismo dos edifícios, na sua grande maioria sem grandes adornos. Como ficou evidenciado em diversas

³²⁵ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 335.

³²⁶ *Ibidem*, p. 326.

passagens do capítulo anterior, em muitas cidades latino-americanas, Groussac apontou a mesma questão: falta de originalidade, seja ela uma falha arquitetônica ou mesmo intelectual. Nos Estados Unidos, porém, a surpresa inicial depois de um tempo reside na monotonia da arquitetura.

As novas construções de Chicago receberam milhares de visitantes durante a Exposição Universal. Fotografias do evento e das construções da cidade circulavam pelo país, entrando aí o papel da fotografia e do controle das imagens. As fotografias da exposição eram, no entanto, monopolizadas pelos organizadores, ou seja, só circulava o que era permitido. No final do século XIX, surgiu a primeira máquina fotográfica portátil. Como a entrada desse equipamento fora proibida pela organização, muitas máquinas de visitantes foram confiscadas. Era permitido que o visitante fizesse fotografias apenas com máquinas alugadas dentro da própria exposição, entretanto, o aluguel de cada uma delas custava um valor muito superior ao do ingresso para o evento. Tal medida, além de arrecadar dinheiro, dificultava a expansão de fotografias da exposição, contribuindo para um controle da imagem³²⁷.

A Groussac tal medida não passou despercebida:

He asistido cien veces, en el tramway de Wabash Avenue, á la decepción de los forasteros delante del hotel mammoth: “Es eso el Auditorium?” —Esos candidos visitantes lo habían admirado en las guías y en las fotografías [...]. Los yankees tienen que ser los primeros fotógrafos del mundo: desde luego han revelado en la Exposición bellezas monumentales que hacen ilusión, pues sólo existen en la placa sensible. El hecho tiene su explicación estética; pero resultaría un poco larga, para ser completa. Sabido es que un retrato fotográfico bien tomado tiende á deslucir la hermosura y á mejorar la fealdad. La fotografía es la democracia en el arte³²⁸ [grifos meus].

A fotografia, como qualquer arte, seleciona o que deseja mostrar, recorta, edita: assim como o relato de Groussac, é uma versão do acontecido. As fotos, na percepção de Groussac, camuflavam imperfeições e realçavam a ideia de grandiosidade dos edifícios, originalmente brancos e que, com a poluição da cidade, o *fog*, foram tornando-se mais escuros, o que esteticamente fazia com que parecessem menores. Assim como os prédios da exposição que em apenas seis meses tornaram-se mais escuros, quase graníticos, o Auditorium também foi escurecendo.

Sobre a gigantesca construção, Groussac afirma que, mesmo sendo colossal, a pobreza de ornamentos e a falta de originalidade faziam dele um “mamuth”:

³²⁷ GIMENES, Gabriela Xabay. A Exposição Universal de Chicago (1893): reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, Nº. 22, p. 147-181, Jan./Jun., 2017. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

³²⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 327-328.

Es una ciclópea y negruzca contrucción de piedra que para cárcel parecería muy lúgubre. El exterior es el de una maciza fortaleza cuadrada, en que las estrechas ventanas parecen troneras ó nichos sepulcrales; no hay una loggia, un balcón, un relieve que alegre la vista del prisionero ó del espectador³²⁹.

Durante meses, os ingressos para os eventos no Auditorium se esgotavam rapidamente, sendo extremamente concorridos. Groussac esteve lá apenas por uma noite, sentindo-se nos circos romanos. Ao ser abordado por uma senhora acostumada à vida europeia, que educara a filha em Roma, ela dissera-lhe que achava o lugar mais belo que a Ópera de Paris. Groussac afirma, então, que eles eram impermeáveis a qualquer gosto da verdadeira civilização, a civilização europeia, com suas tradições.

Porém, é necessário afirmar que ele viu, na grande metrópole, uma beleza própria, que, ao sintetizar a junção de grandiosidade e imitação das metrópoles europeias ou das cidades do Leste, gerava uma beleza “calibanesca”. O conceito largamente utilizado no contexto da Guerra Hispano-Americana fez com que a intelectualidade latina relacionasse toda essa grandeza material norte-americana à personagem shakespeariana de Calibán. De certo modo, o relato de Groussac pode ser considerado uma contribuição para o arielismo, encabeçado pelo uruguaio José Enrique Rodó³³⁰.

O autor dedicou um capítulo do texto, intitulado “a cidade e a exposição”, para descrever seu cotidiano chicogoense. Suas percepções acerca da exposição figuram indiretamente no texto em diversos momentos, embora não tenha dedicado ao evento propriamente uma parte de sua descrição, tais como falar sobre as inovações tecnológicas apresentadas, sobre os diversos prédios do evento cada um deles destinado a um quesito. Isso tem um motivo claro: a exposição foi largamente divulgada, emissários estadunidenses viajaram o mundo para convidar e expor as grandezas do evento. Em todas as partes, as fotografias estavam presentes para retratar os avanços tecnológicos e o que mais estava sendo exposto. O autor não queria ser mais um a descrever o gigantesco evento já terminado, quando da publicação de *Del Plata al Niágara*, em 1897. Porém, a ele também não escapa ter o evento como centro de sua narrativa sobre Chicago e as experiências narradas passam indubitavelmente por sua orla.

Entra, então, neste aspecto, a questão da originalidade de seu próprio texto e da imagem que o viajante desejou passar do país visitado. A despeito de a viagem de Groussac

³²⁹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 335.

³³⁰ NETO, Daiana Pereira. *De Paul Groussac a Richard Morse: Apropriações e releituras de A Tempestade de Shakespeare*. Dissertação de mestrado. 2013, 129 p. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

ter sido empreendida em 1893 e seus textos enviados a periódicos argentinos, a versão final foi apenas publicada em 1897, quatro anos após o fim da expedição. Nesse momento, a presença estadunidense no continente se fazia ainda mais forte, vez ser outra a conjuntura internacional. Dessa maneira, podemos conjecturar que, na redação da versão final, os tópicos que relacionavam o país aos aspectos de caráter materialista em oposição à latinidade da América do Sul e Central foram salientados. Aspectos que fizeram com que seu relato de viagem fosse também considerado um dos textos que deram origem ao arielismo.

Seria teleológico pensar que Groussac, ao publicar seu texto, em 1897, já previa a Guerra Hispano-Americana de 1898. Porém, é evidente que as ações dos norte-americanos no continente faziam-se mais presentes nesse período, sendo uma grande possibilidade a queda das últimas colônias espanholas nas mãos do gigante que buscava ampliar sua área de influência, como ficou evidenciado com sua entrada na construção do Canal do Panamá. É, porém, simplificador por demais pensar que tudo que compõe o relato do autor tenha sido pensado a fim de evidenciar tais questões, embora sua preocupação com a influência norte-americana no mundo, em especial na América Latina, faça-se evidente em diversas passagens. A principal preocupação e o cerne de toda a discussão, a meu ver, foram a preocupação do autor em relação à base da sociedade estadunidense, a democracia.

3.1.2 Democracia / Democracias

Desde sua independência, em 1776, e da promulgação de sua constituição, em 1787, os Estados Unidos tornaram-se um modelo a ser seguido ou rejeitado em diversas partes do mundo. Seu crescimento descomunal chamava atenção de uma forma antes nunca vista, sobretudo nos jovens países latino-americanos.

Na Argentina não foi diferente. Uma leva de intelectuais e políticos viajou pelos Estados Unidos, como nos mostra o trabalho de David Viñas, *De Sarmiento a Dios: viajeros argentinos a USA*³³¹. Em seu largo levantamento, Viñas analisa obras desde a viagem de Sarmiento, em 1847, até as percepções de Horácio de Dios, em 1996, buscando demonstrar como as visões acerca do país do Norte foram sendo remoldadas ao longo dos séculos XIX e XX. Para Viñas, a viagem de Groussac se encontra em consonância com a de outros personagens da chamada *Generación del 80*, que, em sua maioria, viu os Estados Unidos

³³¹ VIÑAS, David. *De Sarmiento a Dios: Viajeros argentino a USA*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

como “uma terra de cruéis ironias”. Os personagens analisados por Viñas são Groussac, Eduardo Wide, Miguel Cané, Vicente Gil Quesada, Estanislao Zeballos e no, “oitenta tardio”³³², Carlos Pellegrini (amigo pessoal de Groussac), García Mérou, Manuel Ugarte, Juan B. Justo, todos intelectuais famosos e de destaque nesse período de fins do século XIX³³³.

O fato de eles apresentarem percepções aproximadas não faz com que suas obras não sejam diferenciadas, ainda que todos, de certa forma, tenham analisado aquela sociedade que se mostrava cada vez mais presente e atuante no restante do continente americano. Sendo assim, podemos ver que Groussac não foi uma voz isolada, sobretudo entre muitos autores no final do século XIX, quando a presença norte-americana se fazia mais marcante no continente e no mundo.

Del Plata al Niágara recebeu especial atenção em 1898, sendo Groussac convidado a discursar no Teatro de la Vitória, no contexto de início do conflito entre Espanha e Estados Unidos. A Guerra Hispano-Americana acentuou a separação entre os intelectuais latino-americanos - que apoiavam o pan-americanismo e a maior presença estadunidense nas jovens repúblicas - e os intelectuais que compreendiam que a vitória do país do Norte colocava em risco a cultura latina na região, estabelecendo um modelo que se baseava na mediocridade intelectual e no materialismo da sociedade (os arielistas). Groussac aderiu ao posicionamento do segundo grupo.

Outros pensadores argentinos, no entanto, viram, no crescimento da influência norte-americana, bem como em seu modelo político e econômico, um padrão a ser seguido pelas novas nações americanas, servindo como um arquétipo para seu desenvolvimento. O mais famoso desses personagens foi Domingo Faustino Sarmiento, que, segundo Paula Bruno, iniciou a tradição de “narrar as travessias” na Argentina³³⁴.

Sarmiento foi o primeiro a oferecer um relato de viagem no qual ele era o personagem central. Além disso, a organização de seu texto, em forma de cartas enviadas a amigos, evidenciava os Estados Unidos como uma gigante nação em desenvolvimento, um crescimento descomunal, no qual o argentino visualizava grandes oportunidades para o desenvolvimento da própria Argentina. É inegável que, de alguma forma, os relatos de viagem produzidos pós-Sarmiento dialoguem com seu trabalho. Mesmo que o nome de

³³² Expressão de Viñas para se referir aos últimos anos do século XIX e início do XX.

³³³ Viñas insere Groussac entre os viajantes argentinos aos Estados Unidos. Fazendo isso, Viñas compreende Groussac como pertencente ao panteão de autores argentinos de finais do século XIX e XX, condição que muitas vezes lhe é negada em trabalhos acadêmicos, já que Groussac nunca assumiu a cidadania argentina.

³³⁴ A autora se refere à tradição de escrever relatos de viagem, no caso de Sarmiento, um latino-americano que narrava sua viagem pela Europa e pelos Estados Unidos, não o contrário.

Sarmiento não apareça em citações literais, é possível percebermos, em Groussac, questões que apontam diretamente para o texto do ex-presidente argentino.

Sarmiento deixou a Europa decepcionado com as condições dos camponeses e do proletariado, ambos em condições miseráveis. Ao desembarcar nos Estados Unidos, em 1847, encontrou um "novo modelo de civilização", da qual enxergou e buscou descrever apenas as condições que lhe pareceram propícias para serem implementadas no país natal, sob o jugo rosista³³⁵. Para ele, o desenvolvimento argentino passava pelas vias do sistema educacional e do desenvolvimento material, parâmetros que encontrou nos Estados Unidos.

Como en Roma o en Venecia existió el patriciado, aquí existe la democracia; la República, la cosa pública venará mas tarde. Consuélenos, empero, la idea de que estos demócratas son hoy en la tierra los que mas en camino van de hallar la incógnita que dará la solución política que buscan a oscuras los pueblos cristianos, tropezando en la monarquía como en Europa, o atajados por el despotismo brutal como en nuestra pobre patria. No espere que dé a Ud. una descripción ordenada de los Estados-Unidos, no obstante que he visitado todas sus grandes ciudades, i atravesado o seguido los límites de veinte i uno de sus mas ricos Estados. Quiero seguir otro camino. A la altura de civilización a que ha llegado la parte mas noble de la especie humana, para que una nación sea eminentemente poderosa o susceptible de serlo, se requieren condiciones territoriales que nada puede suplir permanentemente³³⁶ [grifos meus].

Para Pablo Pozzi, ao tomar os Estados Unidos como parâmetro para o desenvolvimento industrial e econômico argentino, Sarmiento ignorou que as condições da Argentina diferenciavam-se profundamente das da sociedade estadunidense. As elites econômicas de Buenos Aires ignoraram o modelo de desenvolvimento de Sarmiento, pois se voltavam muito mais para a exportação de produtos agrícolas para a Europa. Porém, tal elite argentina se adaptava ao que lhe interessava em determinada conjuntura, sendo muitas das ideias de Sarmiento aplicadas durante seu mandato presidencial, sobretudo na esfera educacional³³⁷.

Portanto, podemos afirmar que o estudo que Sarmiento empreendeu sobre os Estados Unidos difere do relato de Alexis de Tocqueville em seu famoso estudo *A Democracia na América*. Tocqueville, ao contrário de Sarmiento, buscou analisar a fundo a estrutura política

³³⁵ POZZI, Pablo A. Los Estados Unidos y Sarmiento: Una visión para el desarrollo nacional. Disponível em: https://www.academia.edu/7009201/LOS_ESTADOS_UNIDOS_Y_SARMIENTO_UNA_VISI%C3%93N_PARRA_EL_DESARROLLO_NACIONAL. Acesso em: 19 fev. 2019.

³³⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Viajes por Europa, África i América 1845-1847. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Obras de D. F. Sarmiento*. Tomo 5. Buenos Aires: Félix Lajouane Editor, 1886, p. 335.

³³⁷ POZZI, Pablo A. Los Estados Unidos y Sarmiento: Una visión para el desarrollo nacional. Disponível em: https://www.academia.edu/7009201/LOS_ESTADOS_UNIDOS_Y_SARMIENTO_UNA_VISI%C3%93N_PARRA_EL_DESARROLLO_NACIONAL. Acesso em: 19 fev. 2019.

do país que observava. Com a desculpa de estudar o sistema penitenciário estadunidense, obteve financiamento e a licença para se ausentar da França. Seu trabalho, no entanto, foi muito além, pois viajou pelo país buscando entender as condições que possibilitavam o grande desenvolvimento dos EUA, com destaque para os quesitos que propiciaram o advento da democracia. Interessava ao francês estudar e encontrar um modelo que garantisse ao cidadão a manutenção de sua liberdade individual. Logicamente, Tocqueville encontrou problemas no modelo político estadunidense, mas este ainda se mostrava mais interessante para a França do que a instabilidade política, em fins do século XVIII e início do XIX, que ele percebia em seu país.

Ao se referir a Tocqueville, Groussac afirmou:

Y este desgaste de fuerzas vivas (que con el tiempo se van tornando menos exuberantes á pesar de las apariencias), esta vulgarización sistemática de las almas y las inteligencias, representa en compendio el “triunfo de la democracia” y la práctica real de aquellas instituciones ejemplares, llamadas, según Tocqueville, Laboulaye y sus émulo doctrinarios, á regenerar el mundo y resolver todos los problemas sociológicos³³⁸ [grifos meus].

A questão essencial, além das discutidas referentes à originalidade do país e seu desenvolvimento intelectual, foi a questão central do modelo político adotado: a democracia presidencialista e o federalismo. Ou seja, nos Estados Unidos, a população elege seus representantes tanto nas esferas estaduais, quanto nas federais, constituindo uma democracia representativa, baseada em um código de leis estável, a Constituição de 1787. Groussac dedicou especial atenção ao sistema político norte-americano, ao qual teceu duras críticas.

As condições do desenvolvimento estadunidense, sem sombra de dúvidas, produziam estupefação em seus visitantes e no resto do mundo, mas as condições que implicaram nesse desenvolvimento iam além da esfera política. As condições materiais, possibilitadas pelo território e pela conquista do Oeste, foram, na percepção de Groussac, tão fundamentais quanto a independência ou a Guerra de Secessão. Dessa maneira, mesmo o país sendo, em sua percepção, resultado de experimentos europeus, tornou-se muito distante do modelo da metrópole colonizadora, tornando-se um organismo único³³⁹.

La evolución de los Estados Unidos se está cumpliendo en condiciones tan anómalas, tan diferentes de las que podemos estudiar por la historia; el monstruoso experimento que, con acopio de los materiales é instrumentos extraídos de su propio seno, ha realizado Europa en esta América, produce

³³⁸ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 368.

³³⁹ Assim como em outras partes de *Del Plata al Niágara*, as metáforas científicas se fazem presentes, nesse caso, tendo os Estados Unidos como experimento. Beatriz Colombi também faz essa observação em sua tese de doutorado.

resultados tan repentinos y grandiosos, que la misma creadora retrocede estupefacta ante su criatura y no está muy distante de desconocerla, exclamando: “prolem sine matre creatam”³⁴⁰.³⁴¹

Todo o desenvolvimento estadunidense esbarrava, entretanto, no que Groussac, caracterizou como mediocridade. Esse baixo nível de desenvolvimento intelectual se devia, sobretudo, à democracia adotada em todas as esferas da vida do país³⁴². Para o autor, no campo da ciência, os Estados Unidos priorizavam os aspectos práticos, que logo poderiam ser utilizados na indústria, no *business*, sobretudo no Oeste. Na arte, eram imitadores dos modelos europeus, imitações que Groussac julgava muito inferiores às originais. Dessa forma, mesmo o país sendo um gigante, era ainda uma sociedade primitiva que necessitava de várias etapas para alcançar a verdadeira civilização.

Mas o que é civilização para Groussac? Um conceito tão presente no seio da sociedade argentina e no século XIX, em geral, sobretudo após a publicação do clássico *Facundo*, de Sarmiento, com sua dicotomia civilização x barbárie:

“Toda nuestra dignidad está en el pensamiento”. La palabra de Pascal es una verdad eterna, después como antes de los inventos de Edison, que es americano, ó de Graham Bell, que era escocés. Y, seguramente, el discurridor sagaz de la carretilla y de la máquina de calcular estaba en situación conveniente para hablar con cierto desdén de cuanto no fuera —en el orden intelectual — arte, ciencia pura ó filosofía. — Ello significa, en términos más breves y más latos, que la civilización es ante todo un estado mental y una superioridad moral. Puede el vulgo detenerse ante las manifestaciones materiales y secundarias; para un hombre que piensa, esta es la cuestión: ¿en qué reside irreductiblemente la diferencia existente entre un mandarín chino y un europeo cultivado? No es en la habilidad manual, ni en el acopio de nociones prácticas, ni en el aparato casi equivalente de la vida material, sino en lo que uno y otro piensan y sienten³⁴³ [grifos meus].

Nessa passagem, podemos observar essa imprecisão do conceito de civilização para Groussac. Não existe uma definição clara sobre o que o autor compreendeu como civilização. Todavia, como visto na citação, para ele, ser civilizado é um estado mental e uma superioridade moral, entrando aí outro conceito, o de “moral”. Tal definição também exclui o grosso da população da suposta civilização, uma vez que o “vulgo” pode deter-se apenas nas questões materiais e práticas, aspectos secundários da sociedade. Entra aí o modo como o autor enxerga esse homem civilizado: como o europeu em oposição, como no exemplo acima, ao chinês. Para Groussac, as colônias chinesas foram uma experiência desagradável, um povo sobre o qual, como salientei desde seu encontro com os chineses em Lima, ele não conseguiu

³⁴⁰ Em tradução livre: “uma criança sem mãe”.

³⁴¹ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 311.

³⁴² Nesse aspecto o franco-argentino concorda com Tocqueville.

³⁴³ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 313.

encontrar as chaves para sua compreensão ou não quis encontrar, dado que tal população ia de encontro a tudo o que ele considerava civilizado. Ele continua:

La escala ascendente de la barbarie á la civilización está formada por estos pies derechos paralelos: la inteligencia colectiva, — ramificada en la ciencia progresiva, en el arte impulsivo y original, en la concepción cada día más vasta de las leyes del mundo; y la moralidad, — caracterizada por el predominio creciente del altruismo sobre el egoísmo animal, que va dilatándose de la familia á la patria y á la humanidad, y se levanta desde el bajo nivel de la conveniencia propia, hasta la región del deber absoluto y la esfera, para el vulgo inaccesible, del heroísmo desinteresado y de la abnegación. Por el peldaño que ocupan los pueblos en esa escala de Jacob, y no por el peso y número de sus herramientas, es como deben clasificarse; del propio modo que, en la escala zoológica, la fuerza y la agilidad, la agudeza de los sentidos y la aptitud perfectible de una especie cazadora, pasan antes que la habilidad maquinal é invariable de un castor³⁴⁴ [grifos meus].

Uma sociedade, portanto, só deixaria a barbárie e alcançaria a civilização com a conquista da inteligência coletiva e da moralidade. Esses dois aspectos abstratos estariam ligados à esfera do pensamento, ao desinteresse material e à abnegação. Dois quesitos que não dizem respeito ao avanço econômico e material da sociedade, como a que ele conheceu nos Estados Unidos, já que ser civilizado não significaria dominar ou possuir mais “herramientas”.

Para Groussac, a civilização marchava sob o comando de um seleto grupo de indivíduos, uma espécie de aristocracia intelectual, que seriam os mais preparados para administrar e guiar os caminhos da sociedade. A democracia prática e absoluta se traduziria na tirania da multidão, o que Groussac teme ao observar os Estados Unidos. A democracia igualadora impediria que surgissem os homens de gênio, condenando todos à mediocridade. Por exemplo, os homens que Groussac caracterizou como homens de gênio, como Edgar Allan Poe, foram homens que acreditou serem muito mais ingleses que norte-americanos. Portanto, não eram produto da educação do país: “Pero, al cabo, Webster, Galhoun, Prescott, Poe, Emerson, Longfellow eran nombres de notoriedad europea. ¿ Cuántos se registran hoy en el libro de oro del pensamiento?”³⁴⁵.

A democracia estadunidense favoreceria, ainda, a corrupção e, sob o manto democrático, o despotismo:

Sin pretender que otras cuestiones palpitantes,— como las del Silver Bill o de los aranceles aduaneros—se traten en el parlamento con la misma indiferencia aparente, puede afirmarse que, en la inmensa mayoría de los

³⁴⁴ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 314.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 315.

casos, la discusiones un mero simulacro que conduce al voto, ya complaciente, ya imperativo, siempre independiente de la argumentación. Es una consecuencia y una condición de la disciplina partidista, como también uno de los síntomas visibles de la corrupción política, que todos los observadores americanos y extranjeros han comprobado. Algunos de éstos han analizado con admirable perspicacia el mecanismo legislativo de la Unión, mostrando cómo—muy especialmente en la Cámara de diputados—todas las ficciones constitucionales y vistosas del gobierno popular se reducen en la realidad á unos cuantos despotismos ocultos, tan poderosos e irresponsables como la autocracia rusa ó la realeza de derecho divino: así, en la Cámara, los comités permanentes y, desde luego, el presidente, que los designa á su antojo³⁴⁶.

Essas observações mais contundentes acerca do sistema político estadunidense foram relatadas quando de sua passagem por Washington. Groussac afirma que conheceu escolas, visitou a Biblioteca do Congresso, os museus, monumentos e, muito mais que em Chicago, ofereceu quase que uma descrição fotográfica dos mesmos em seu texto. As ruas pouco populosas da capital, bem como as cópias de prédios europeus que compõem o centro do poder administrativo e político do país, deram-lhe a impressão de uma gigantesca necrópole. Examinou a Constituição de 1787, classificando-a como um documento imperfeito, mas que conseguira reunir características que favoreceram a estabilidade nacional. Tal estabilidade, porém, não se devia apenas à Constituição, mas a toda a conjuntura histórica do país, bem como a forma com que seu crescimento foi se desenrolando.

Em tais oportunidades, Groussac assistiu a algumas reuniões na câmara dos deputados. A grande impressão que seu relato nos passa é a de que assistira a um grande teatro. Afirmou observar muitos políticos profissionais que governavam em favor de seus interesses e, enquanto um determinado sujeito expunha sua proposta na tribuna, ninguém escutava, uma vez que as cartas já eram marcadas.

Tal modelo político, tão falho, não poderia ser o modelo ideal para as jovens nações sul-americanas, que muitas vezes se viam deslumbradas pelo gigante do Norte. Muitos países buscaram estabilidade política e crescimento econômico incorporando o modelo da Constituição estadunidense, mas, para o restante do continente, tal modelo não condizia, em especial, para a Argentina. Groussac, então, dedicou-se a explicar por que tal Constituição não fazia sentido para a América do Sul³⁴⁷.

A Constituição estadunidense foi escrita por representantes de todos os Estados da União e embora não incorporasse, na perspectiva groussaquiiana, nenhum aspecto novo, ou

³⁴⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 366.

³⁴⁷ Neste caso, podemos afirmar que, ao se referir à América do Sul, Groussac se refere a toda a América Latina, principalmente ao afirmar que o México é o país que mais a tentou copiar. A expressão América Latina não foi utilizada pelo franco-argentino.

único no mundo, sua grande eficácia consistia em sua própria imperfeição, em ser aceita por todos os estados da União como um elemento provisório. Sendo assim, Groussac compreendeu que “La perfección de este memorable documento consiste, pues, en ser voluntaria y deliberadamente imperfecto”³⁴⁸. Tal documento reuniu as condições que fizeram com que o Norte e o Sul, mesmo que de forma provisória, conciliassem seus interesses, tendo um governo central forte que colocaria fim aos ideais de separação. Sendo assim, Groussac afirma que, para que tal documento surgisse e fosse eficaz nos Estados Unidos, foram necessários a tolerância e o oportunismo.

Uma condição muito díspar animava a República Argentina no mesmo período:

¿Qué mucho que nuestras constituciones hispano-americanas resultasen artificiales e impotentes, si, además de significar la tabla rasa de lo anterior y no tener en cuenta las fuerzas elementales e invencibles del complejo organismo, han sido siempre elaboradas por un partido dominante que, en el mejor de los casos, obedecía á un concepto estrecho de preponderancia y exclusivismo? El primer fruto de la ciencia y de la moralidad es la convicción de que, siendo todas las nociones sociológicas relativas y precarias, nadie debe proscribir *a priori* las opiniones adversas, sob pretexto de que atacan las nuestras. La conciencia social descansa en un convenio, y por tanto no reconoce imperativo categórico. Por haberlo sentido y proclamado los hombres de Filadelfia, por haberlo ignorado ó negado los hombres de Buenos Aires y del Paraná, es que la Constitución norteamericana ha presidido, elástica y eficaz, al prodigioso desarrollo de los Estados Unidos; mientras que la Argentina, análoga en su letra, pero muy diversa en su espíritu, sólo ha presenciado luchas estériles, ataques al gobierno en nombre de la libertad, opresiones del pueblo en nombre de la autoridad — el imperio fatal de la intolerancia y de la anarquía³⁴⁹.

A adaptação da Constituição estadunidense para os países sul-americanos mostrou-se, então, ineficaz, uma vez que faltavam às novas repúblicas americanas, na opinião de Groussac, a flexibilidade e a tolerância presentes nos Estados Unidos.

Portanto, ao lermos o relato de viagem de Groussac, podemos perceber que ele não encontrou nos Estados Unidos, de forma alguma, um modelo a ser seguido pela República Argentina, tanto economicamente, quanto no modelo político e muito menos no sistema educacional. O que Sarmiento enxergara como um sistema educacional viável e que buscou implementar em seu país, era, para Groussac, um sistema marcado pela mediocridade. Se, por um lado, ele admira a tolerância que gerou uma Constituição flexível e adaptável, ele não admira o modelo político que ela consolidou, sendo esse modelo o que abrangia também a esfera educacional. Na semana em que assistiu a aulas na famosa Universidade de Harvard,

³⁴⁸ GROUSSAC. Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 376.

³⁴⁹ Idem.

encontrou um modelo que, em sua percepção, dificultava o real desenvolvimento do indivíduo, nivelando-o aos demais e impedindo o surgimento dos “gênios”, personalidades únicas capazes de revolucionar sua época. De toda maneira, a dimensão e a estrutura da universidade interessaram-no, mas não o surpreenderam.

A carência de um grupo que o autor conseguisse identificar como uma elite intelectual, uma aristocracia, provocou nele as piores impressões, sobretudo quanto ao papel do negro na sociedade. Sarmiento, quando de sua viagem na década de 1840, fugiu à discussão do tema escravatura, entendendo-a, porém, como algo desprezível. Optou por não discuti-la, adotando os Estados Nortistas como seu modelo, do qual poderia retirar os exemplos para implementar no país natal. A escravidão sulista é, porém, um fator essencial para se compreender a história estadunidense e que desembocou, na década de 1860, na Guerra de Secessão.

Durante sua travessia pelo continente, Groussac, em diversos momentos, condenou a escravidão, considerando-a o câncer da sociedade. No contexto de sua viagem, a abolição já havia acontecido, mas, para justificar o papel do negro na sociedade, ele sempre retorna à questão, já que se trata de algo inerente. Mas, da mesma maneira que salientei no capítulo dois, Groussac defendia um papel limitado para o negro na sociedade, vez que o negro que lhe agrada é o subalterno, aquele “que sabe seu lugar”. Essa figura caricata, relacionada aos aspectos primitivos da sociedade, à natureza, é a figura do negro com o qual Groussac aceita ter contato. O negro estadunidense provoca-lhe repugnância porque, a seu ver, não sabe seu lugar. Em diversas oportunidades, o autor critica a presença do servente negro, sua petulância, a forma como se dirige a ele com pouco decoro, a forma como se comportava, como um igual.

Para Groussac, a alternativa para solucionar a presença do negro seria fazer com que esses homens e mulheres regressassem para seus países de origem na África, uma proposta que foi real e rejeitada pela população negra estadunidense. Tal medida ignorava a violência da escravidão sulista, um sistema que dividiu famílias, arrancava pessoas de suas terras de origem, retirava-lhes as raízes e a identidade. E ainda ignorava que os negros estadunidenses, em finais do século XIX, não eram, em sua grande maioria, nascidos na África e lá nunca colocaram os pés. Ou seja, Groussac teve contato com a história norte-americana. Assim as medidas que ele propõe não são invenções suas, vez que já haviam, inclusive, sido implementadas no norte do país. Dessa forma, ele não estaria propondo nada de novo, mesmo que escreva como se estivesse.

O racismo de finais do século XIX impera no relato de Groussac. Quando se refere à população negra dos EUA, ele cita exemplos das pessoas que ele encontra no caminho: no

trem, o negro que lhe desagrada é o servente, no restaurante, é um homem negro que lhe serve, são os choferes, os engraxates. Todas as vezes que Groussac se refere a uma pessoa negra, esta ocupa um papel subalterno, daquele que serve. Mesmo assim, Groussac encara como um sintoma da democracia e da igualdade a ousadia do negro norte-americano.

Porém, mesmo para ele, é clara a distinção entre negros e brancos naquela sociedade. Um exemplo marcante é o do cemitério militar em Washington, no qual os túmulos de soldados brancos e negros não se misturavam.

Por supuesto que, á pesar de la última enmienda de la Constitución, los túmulos blancos no se mezclan con los negros: éstos quedan una media milla más lejos, junto á los de los *refugees*, señalados con una R. En el cementerio, como en la High school y la Howard University (concurrida por gente de color), que desde aquí se divisa hacia el Soldier's Home y toda la sangre derramada y todas las proclamas no han logrado borrar el estigma indeleble³⁵⁰.

Mais à frente, ele se refere a um deputado negro da Carolina do Sul: “Un negro de levita, diputado de South Carolina, parece mal acostumbrado aún á no circular entre los grupos con cepillo ó bandeja...”³⁵¹. Mais uma vez, torna-se evidente que a democracia estadunidense não apagou a divisão entre brancos e negros, e que os últimos não eram considerados cidadãos de primeira categoria com os mesmos direitos dos brancos³⁵². Se a opinião de Groussac oscila entre a admiração ao observar a cristalina segregação dos negros, mesmo os soldados que lutaram lado a lado na guerra, romantizando, por exemplo, o monumento no qual os soldados não identificados foram enterrados juntos, brancos e negros, iguais como irmãos, sua opinião acerca desse grupo social se mostrou muito negativa durante toda a sua estadia no país e não somente em Washington. Dessa maneira, posso afirmar que a posição de Groussac estava em consonância com o racismo tanto na Argentina, como no restante da América Latina durante o século XIX.

Groussac deixa os Estados Unidos após fazer uma pequena escala nas Cataratas do Niágara, as quais visita no auge do inverno, com as águas congelantes. Tal visita é um sinal importante de tudo o que ele vinha buscando em seu texto: originalidade. As Cataratas do Niágara aparecem em diversos relatos de viajantes latinos aos Estados Unidos como uma espécie de parada obrigatória. Escolher visitá-las congeladas tornava o relato de Groussac

³⁵⁰ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 358.

³⁵¹ *Ibidem*, p. 365.

³⁵² Durante sua história, o senado estadunidense conta com 10 senadores afro-americanos. Ver a lista em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_afro-americanos_no_Senado_dos_Estados_Unidos

especial³⁵³. A parada em Nova York, a cidade que há séculos vinha encantando viajantes, produz-lhe tédio. Após alguns dias, ignora seu plano de permanecer por mais algum tempo no país. Nova York foi, para ele, apenas mais uma imitação, preferindo, então, seguir viagem para a França. Os relatos da viagem de 1894 à França mostram um Groussac profundamente marcado pela travessia americana, sendo que as surpresas do outro lado do Atlântico não foram assim tão agradáveis.

3.2 Os retornos à França: 1894 e 1898

Os apontamentos de Groussac sobre sua viagem à França, em 1894, estão inseridos em uma homenagem feita a Alphonse Daudet, em 1897³⁵⁴. Tal viagem foi feita após a travessia da América Latina e sua estadia nos Estados Unidos, em 1893. Suas impressões carregam certo ar pessimista, sobretudo em relação à geração de intelectuais franceses que encontrou. Os dois grandes intelectuais admirados por Groussac – Renan e Taine – tinham falecido, e Alphonse Daudet já se encontrava terrivelmente doente.

Groussac chegou à Paris de 1894 profundamente marcado pelas experiências vividas em sua viagem pela América. O Groussac que redige essas lembranças de viagem, em 1897, ainda estava imerso em outra conjuntura, aquela na qual a influência norte-americana se estendia claramente pelo continente americano, que culminaria na Guerra Hispano-Americana no ano seguinte.

As notas que escreveu em 1897 rememoram a viagem de 1894, de forma a tecer uma homenagem a Daudet, que morria na França. Sendo assim, é importante frisar que, como um todo, esse texto foi um exercício de memória de Groussac, que privilegiou o recorte que desejava, no caso, a pessoa de Daudet. Isso não impediu que Groussac fornecesse outras percepções da cidade que havia mais uma vez visitado:

Durante mi última estancia en París, á principios del año 94, tuve ocasión (como que frecuentaba mucho más la ribera izquierda de los grandes bulevares) de enfilear algunas veces la calle de Bellechasse; pero nunca me resolví á entrar en esa casa del número 31, donde Alfonso Daudet ya vivía entonces y acaba de morir. Siempre pasé de largo después de una breve vacilación; y, al seguir camino hacia la Sorbona ó el Luxemburgo, procuraba

³⁵³ Em *El Viaje Intelectual*, Groussac, anos depois da visita ao Niágara, narra sua viagem até Foz do Iguaçu. Ver as cataratas argentinas e brasileiras foi algo muito mais impressionante para ele.

³⁵⁴ Daudet faleceu em 16 de dezembro de 1897, sendo o artigo escrito uma homenagem a ele. Em nota, Groussac explicou: “estas páginas fueron escritas á los pocos días de transmitirse por telégrafo la noticia de la muerte, ocurrida en París el 16 de Diciembre de 1897.” In: GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Primera serie*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p.169.

analizar el estado de alma que me hacía aplazar indefinidamente una visita anunciada desde Buenos Aires, impidiéndome realizar un acto tan sencillo y y natural³⁵⁵.

Tal negativa em visitar Daudet foi motivada, segundo ele, por um desânimo em relação a tudo que o cercava em Paris. As obras e os escritores pareciam muito mesquinhos para despertar sua atenção, preferindo guardar de Daudet – a quem admirava desde a mocidade e com quem travara relações na viagem de 1883 –, a imagem do personagem forte e desenvolvido que admirara 11 anos antes:

[...]Prosiguiendo mi examen “peripatético”, llegué á convencerme de que mi desgana de visitar á Daudet valetudinario, á saberle sano no hubiera sido quizá mucho menor: era la misma que me retraía de renovar trato con otras celebridades literarias. Había perdido la fe; sentíame muy viejo para criar nuevos entusiasmos, muy escéptico para recalentar los antiguos que se apagaron ya. Estaba de vuelta de un viaje ideal mucho más largo y vasto que el otro. Encontraba mezquina, y por momentos ridicula, la importancia atribuida por nuestra civilización bizantina á esos juegos malabares de la frase, á esa literatura de palabras nuevas e ideas viejas: esa perpetua escultura de cascara de nueces por mandarines encerrados en su horizonte de teatros y bulevares, sólo atentos á aderezar la misma novela ó crónica burguesa; eternamente afanados en vaciar en el molde del día, con destreza chinesca, los rancios ingredientes de la “comedia, humana”. Juzgaba pueril la observación mundana de los unos, repugnante la fotografía basurera de los otros, igualmente estéril la obra superficial de todos ellos, naturalistas, parnasianos, psicólogos y decadentes, “niños que se chupan el dedo”, según la expresión de Renán³⁵⁶ [grifos meus].

Esse “vácuo de referencial intelectual” que Groussac sentiu na França também foi sentido na América, uma vez que ele buscava, não nos autores contemporâneos, mas nos do passado, alternativas para as situações que vivenciara na viagem anterior. A citação permite que percebamos esse cansaço do autor:

Me encontraba con que Renán y Taine habían desaparecido: un año antes, el primero; el segundo, en los días de mi cabotaje por el Pacífico; —y es muy cierto que esta noticia me enlutó el alma como un último duelo de familia, mostrándome al pronto tan despoblada la patria del espíritu, que, súbitamente, casi miré con indiferencia la perspectiva de mi vuelta á Europa. Esta impresión sobrevivió á todos los incidentes ulteriores; y cuando más tarde llegué á París, sentíme tan extraño y desterrado como en este Nuevo Mundo que acababa de recorrer. Las cosas me interesaron mucho más que las gentes; vi á muy pocos hombres, y aunque se realizó para mí la máxima de la *Imitación*: «salí de su compañía menos hombre de lo que entré» (i). *Yo, que ignoraba el asunto del día y desdeñaba todo lo que pasa.*

³⁵⁵ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Primera serie.* Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 169.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 172.

¿con quién podía hablar de lo que queda? ¿De qué maestro ejemplar recibiría ahora la palabra que alienta y fortalece, la contraseña augusta que habría de traer conmigo á esta soledad?³⁵⁷ [grifos meus]

Talvez estas sejam as notas que revelem, de forma mais latente, o sentimento do exílio: “cuando más tarde llegué á París, sentíme tan extraño y desterrado como en este Nuevo Mundo que acababa de recorrer”³⁵⁸. As mudanças que o autor sentiu na Paris de 1894 fizeram com que o sentimento do desterro fosse mais pungente do que na viagem de 1883, quando ainda restavam nele os elementos da surpresa, da estupefação diante dos mestres da juventude. A Paris que se delineia nessas linhas revela uma cidade tomada por múltiplos elementos estrangeiros, enquanto a “idealizada” Paris que ele almejava, na qual ele desejara se inserir como um de seus literatos, desaparecia.

Groussac sentiu a solidão de quem não conseguia ou não desejava se inserir em nenhum grupo. Desdenhava as novas correntes literárias que surgiam e, entre os autores já consagrados, poucos despertavam sua atenção. Um exemplo disso foi Émile Zola, por quem Groussac nutria pouquíssima simpatia, mesmo sendo um dos autores naturalistas mais conceituados e, ainda, próximo de seu querido Alphonse Daudet. Mesmo assim, quando retornou à Argentina, Groussac preocupou-se em atuar como um “articulador cultural”, como salientou Paula Bruno. Tal função que tomou para si implicava selecionar e publicar autores dos mais diversos estilos e correntes literárias. Entre os literatos publicados em *La Biblioteca*, encontravam-se personalidades filiadas às novas correntes literárias, como o Modernismo, representado por Rubén Darío³⁵⁹.

A viagem, realizada na segunda metade do ano de 1898, foi marcada por uma conjuntura muito diferente da de 1894, não somente na Europa, mas também no continente americano. O ano de 1898, como já apontado, abriu uma série de questionamentos nos intelectuais latino-americanos, uma boa parcela deles argentinos, sobre as relações com a antiga metrópole espanhola e os Estados Unidos.

A Guerra Hispano-Americana trouxe para a pauta de discussões a herança da antiga metrópole *versus* a influência materialista norte-americana. Vistos por homens como Sarmiento, na segunda metade do século XIX, como o modelo ideal a ser seguido pela Argentina, os Estados Unidos passaram a ser considerados como ameaça por grande parte da

³⁵⁷ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 174.

³⁵⁸ Idem, p. 174.

³⁵⁹ Darío é considerado o fundador do Modernismo latino-americano. Seus trabalhos receberam grande influência da escola francesa, mas também absorveu várias influências de diferentes lugares e autores, em uma deglutição que o Modernismo Brasileiro renomeou de antropofágica.

intelectualidade argentina. A Espanha foi resgatada como a antiga pátria colonizadora, cuja herança latina deveria ser preservada. Certamente, esta não foi uma opinião defendida por todos os setores intelectuais argentinos, pois algumas vozes destoaram do todo. Foi, porém, o discurso mais forte naquele momento, despontando na corrente, já mencionada, que ficou conhecida como arielismo³⁶⁰.

A Guerra foi declarada em abril de 1898, tendo o armistício só sido assinado em dezembro do mesmo ano, em Paris. A leitura que Groussac nos oferece de sua viagem é profundamente marcada por essa conjuntura conflituosa e pelo embate entre materialismo e espiritualismo, sendo esse termo não utilizado em sentido religioso, mas de forma a englobar a cultura geral latina. O ano de 1898 é emblemático, pois marca o fim do império colonial espanhol, ao mesmo tempo em que significa uma grande vitória para os Estados Unidos. Como afirmou Maria Helena Capelato, 1898 produziu mudanças recíprocas, tanto aos olhos dos antes colonizados ibero-americanos quanto dos espanhóis, surgindo, assim, o conceito *hispanidad*. Capelato afirma que o conflito teve um impacto muito negativo entre as camadas mais conservadoras da sociedade espanhola, que o tomaram como uma mancha na história militar do país.

O fracasso espanhol trouxe também uma crise de identidade, que se integrou a um âmbito mais geral europeu, que sofria uma revisão de valores produzida por importantes mudanças econômicas e sociais relacionadas aos processos de industrialização, urbanização e à emergência de conflitos entre a burguesia e o operariado³⁶¹.

Nessa conjuntura, Groussac desembarcava na Europa, visitando brevemente Portugal e partindo para a Espanha. O relato de Groussac dialoga profundamente com a derrota espanhola. À medida que Groussac adentrava o território, assinalava como a aridez da geografia se tornava marcante, o que remete o leitor ao momento político espanhol:

Pero el paisaje se arruga más y más al acercarnos á la frontera española: desde Marvao hasta Valencia de Alcántara, el suelo granítico acentúa á la par su esterilidad y su relieve. — Aquí: visita del equipaje polla aduana española y comida en la cantina. Los carabineros, indulgentes y locuaces, se ocupan sobre todo en relatarnos, *sin exageración sentimental, las últimas noticias de Cuba*.— Seguimos viaje por los desconsolados eriales de

³⁶⁰ Nomenclatura decorrente do livro do uruguaio José Enrique Rodó, *Ariel*, publicado em 1900. Em linhas gerais, o arielismo foi uma corrente de pensamento que se opunha ao “materialismo” estadunidense, relacionado à personagem shakespeariana de Calibán, enquanto os valores latinos se relacionavam ao personagem Ariel, um espírito do ar.

³⁶¹ CAPELATO, Maria Helena. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História*. V. 22, nº. 2, Franca, 2003.

Extremadura, y noto que mi compañero de coche, español á las derechas, sufre crujías por lo humilde del panorama³⁶² [grifos meus].

Sua preocupação na Espanha, assim como em todos os lugares que visitou, não foi descrever cidades e monumentos, mas sim o estado de espírito do povo e a situação política:

Tampoco me detendré en fáciles descripciones de la corona villa, pues se me alcanza que la empresa ha sido acometida tal ó cual vez, desde el *Viaje* de madama d'Aulnoy hasta las *Guías* políglotas de nuestros días. Sin dejar de comprobar a sólas los adelantos materiales que Madrid ha logrado desde mi último viaje—sobre todo hacia el Retiro, Salamanca y demás barrios del Este,—resumiré la impresión general que para mí resulta de algunas visitas y muchas escenas callejeras, espectáculos varios y pláticas con interlocutores oscuros ó ilustres cuyos nombres regularmente omitiré.—Soy un transeúnte; la circunstancia trágica que me trae á Madrid, durante estos días caniculares en que han abandonado la capital la mayoría de los que yo buscara,—poco tiene que ver con fiestas y monumentos. La guerra desastrosa, la reciente catástrofe: tales el hecho único que domina y absorbe, ó debiera absorber, toda la vida nacional en la hora presente. Cómo ha repercutido en el alma española el tremendo descalabro que probablemente señala una era nueva en su historia [...] ³⁶³.

A Guerra Americana se tornou, em seu relato, o foco do que atormentava a alma espanhola. É importante destacar que, quando Groussac visitou o país, o desenlace do conflito ainda não tinha ocorrido, mas o pessimismo já era pungente. A influência norte-americana, enfim, fazia-se notar também na Europa, como a primeira grande interferência estadunidense em assuntos extra-americanos. Ao deixar a Espanha, essas impressões o acompanharam a Paris.

Em suas “primeras impresiones”, relatou duas sensações principais sobre Paris: a primeira era de uma cidade sedutora, leve e atraente, que nada poderia abalar; a segunda era de uma cidade cosmopolita, que estava sendo invadida por uma multidão semicivilizada, que chegava de todos os cantos do mundo.

Es muy posible que este fenómeno interno pase para muchos desapercibido; es probable, en todo caso, que gran parte de su energía nazca de mi situación personal. Sin embargo, no dejaré de apuntarlo, puesto que, en estas notas de viaje, pretendo únicamente consignar mis impresiones propias, *muy distintas, por cierto, de las de un joven americano que llega para descubrir á París y, con su robusto apetito, sólo le pide las frutas fáciles que ruedan por esas aceras*. Conviene agregar que las primeras impresiones exteriores son, por definición, superficiales y callejeras; lo que al principio se ve y siente de París, tiene que ser lo más trivial de su corteza: el París cosmopolita y bullicioso de los boulevares, del Bosque, de los teatros y restaurants— *la insoportable caravanera de las exposiciones*. Tal es el

³⁶² GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 112.

³⁶³ Ibidem, p.114.

aspecto que en los primeros días, durante la breve é indispensable estancia en un hotel central, choca y lastima mi alma francesa, ávida cual ninguna de sensaciones patrias, nostálgica de tradición, de gracia, de belleza y de finura nacionales,—sedienta de naturaleza y arte, y, fuera del íntimo santuario, hastiada de todo lo demás... Paréceme de veras que asisto á una invasión: la brutal conquista de París por los pueblos del orbe, mejor dicho, por la muchedumbre abigarrada y gastadora del universo semicivilizado. En las muestras comerciales de los barrios lujosos, en las grandes tiendas y bazares, en los frívolos diarios «eminente­mente parisienses»—órganos oficiales del Snobismo,—las designaciones y nombres extranjeros pululan como en Nueva York ó Chicago. En la Bolsa y los bancos, lo propio que en los teatros y conciertos, me estrechan y codean los nómades refocilados, ingleses, alemanes, rusos, americanos: desgarran mis oídos los veinte dialectos de la torre de Babel³⁶⁴ [grifos meus].

Essa impressão de uma invasão que chega de todos os cantos do globo permeia todo o relato do autor. Em grande medida, Groussac culpa os avanços tecnológicos por facilitarem o trânsito de pessoas, bem como de modas e costumes. É interessante observar que o autor nos fala da *belle époque* francesa, era de avanços tecnológicos, grandes salões, ao mesmo tempo em que tenta escapar ao deslumbramento que tais condições trazem, indo para um lado apegado às tradições, a Paris que já não mais existe: como muitos autores do fim do século XIX, como os apontados por Marshall Berman em “*Tudo que é sólido se desmancha no ar*”, citando, por exemplo, o clássico *Notas do Subterrâneo* de Dostoievski, no qual, segundo Berman, Dostoievski

[...] está atacando a modernidade dos subúrbios e regiões fora dos limites urbanos – apenas um ideal na década de 1860 - em nome da modernidade da cidade. Em outras palavras: ele está afirmando a modernização como uma aventura urbana – uma aventura aterrorizadora e perigosa, como qualquer experiência real [...] ³⁶⁵.

Mesmo que Groussac tenha vivenciado essa experiência já em finais do século XIX, este sentimento dual, no qual coexistem o deslumbramento e o temor, estava muito presente entre seus contemporâneos. Ele se via em meio a um turbilhão que ele não dominava e, como não podia dominar, gerava repulsa. Essa Paris de Groussac, mais uma vez, trazia consigo a clara dicotomia civilização/barbárie. Nesse caso, a barbárie era representada pelos multifacetados povos e costumes que avançavam sobre a Paris civilizada:

Hoy por hoy, ya no es París sino la tumultuosa encrucijada de las naciones. El estrechamiento del globo por el vapor y la electricidad; la difusión de la

³⁶⁴ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 124.

³⁶⁵ MARSHALL, Berman. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986, p. 232.

riqueza y de los progresos materiales; las colonizaciones, los fáciles y múltiples viajes, el imperio uniforme de las modas y costumbres europeas; la mezcla creciente de pasiones y intereses por el entrevero violento de los cuerpos ó la íntima compenetración de las almas; aquella vertiginosa evolución social que, en estos últimos cincuenta años, realizara mayores trastornos que la de los cincuenta siglos anteriores, articulando por músculos de hierro y nervios de vibrante acero las regiones dispersas, hasta animar al pía-neta inerte y convertirle en un monstruoso, organismo solidario y simpático:—todo ello ha tenido, como resultado inmediato y consecuencia fatal, la expropiación de París por las caravanas gozadoras del antiguo y del nuevo continente³⁶⁶ [grifos meus].

O preço a se pagar por todo o desenvolvimento tecnológico era a invasão que Groussac apontou, e que, ao mesmo tempo, não deixava de admirar. Enquanto Paris continuava sendo o grande polo de atração do mundo, para onde convergiam diferentes pessoas, tradições e crenças, sua vizinha Londres, menos condescendente, mais masculina e varonil, não permitia tal coexistência:

Londres es otro centro de atracción potente; pero, merced a su situación insular, á su núcleo étnico más compacto y hostil, á su estructura refractaria y egoísta, se defiende mucho mejor que este París condescendiente y blando, pronto siempre á creer en quien le halaga y dispuesto á querer á quien parezca amarle. Londres es el varón, París es la mujer³⁶⁷ [grifos meus].

Mais uma vez, o autor tratava as cidades como pessoas providas de gênero. O autor já havia caracterizado Lima como “la ciudad mujer”, por seus adornos e por seu orgulho. Paris, por outro lado, em sua percepção, adquiria características femininas por ser mais condescendente, mais amigável e branda com quem a ela se dirigisse. Ao se comportar dessa maneira, a cidade se transformava continuamente, sem, porém, perder sua essência.

Em 2 de maio de 1898, Groussac fez um discurso no Teatro de la Victoria, em Buenos Aires, na qualidade de representante da raça latina. Proferiu uma fala claramente anti-ianque, na qual expressava sua preocupação com a intervenção norte-americana no continente, que se tornava cada vez mais acentuada, inclusive por via armada, como ocorrera na guerra com o México (25 de abril de 1846 – 2 de fevereiro de 1848) e, naquele momento, contra a Espanha. Groussac viu em Paris, também, os riscos de invasão norte-americana, não militarmente, mas por meio dos costumes e da tecnologia. Os avanços traziam consigo a perda de originalidade,

³⁶⁶ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p.125

³⁶⁷ Ibidem, p.126. As metáforas sexistas são frequentes na obra de Groussac, na qual a mulher aparece geralmente ocupando lugares subalternos em relação ao papel do homem, geralmente o espaço doméstico. Por outro lado, utilizar metáforas para caracterizar as cidades que visitava também era recorrente, como analisei no capítulo 1, quando escreveu sobre Lima, no Peru, que definiu como “la ciudad mujer”.

como o autor já havia apontado em sua viagem pelos Estados Unidos, onde vira a perda da individualidade do aluno na educação de massa.

Lo uno y lo otro, probablemente. Pero lo que parece indiscutible, es que las aspiraciones y creencias, los anhelos ideales y las tendencias artísticas, que han caracterizado por diez siglos la civilización de las razas neolatinas, sucumben y ceden el campo á otras fuerzas más nuevas y «bárbaras». Francia, y desde luego París, podrá seguir brillando indefinidamente, gracias á la acesión de extraños elementos; pero será, más y más, á costa de su originalidad³⁶⁸ [grifos meus].

A tendência materialista que os arielistas viam na cultura anglo-saxã também assolava a Paris que Groussac admirara, mas da qual fora crítico mordaz em sua viagem de 1898. Quando participou da Feira Universal de Chicago, em 1893, o autor pudera ver a grandeza das construções feitas para o evento: tudo lhe parecia colossal e impressionante. Porém, ele não conseguiu ver a originalidade de tais obras, que se resumiam a seu gigantismo. Em Paris, em diversos momentos, passou pela mesma sensação: os valores estéticos e espirituais cediam lugar às questões puramente materialistas. Tais colocações se estendiam às feiras universais organizadas na Cidade Luz, uma vez que, diferentemente de outras cidades em que foram organizados eventos uma ou duas vezes, insistia em repeti-los.

Entre tanto, se elabora á toda prisa la próxima exposición; — y ello, lejos de infirmar lo que acabo de decir, bastaría para confirmarlo. Todas las naciones han tenido exposiciones universales; pero han renunciado á ellas después de uno ó dos experimentos, suficientes para comprobar que estas funciones no producen lo que cuestan. Sólo París repite intrépidamente sus ferias decenales, y el resultado aumenta, cada vez, en proporción mayor que los gastos enormes. El comercio y la industria-parisiense las reclaman á grito herido, y con harta razón, pues ya no prosperan sino por el extranjero. Pasan las exposiciones, pero sus rastros quedan; algunos harto indelebles, para mortificación y tristeza de los que, amando de veras á París, sufren con encontrarle, después de cada una de estas prosaicas aventuras, un poco menos fino y “parisiense” que antes, algo más parecido á Londres ó á Nueva York³⁶⁹ [grifos meus].

As feiras universais contribuíam, assim, para o que Groussac apontava como falta de originalidade e perda de identidade. A cada exposição, Paris deixava de ser tão elegante e tornava-se mais austera como Londres, ou menos original como Nova York³⁷⁰. Ao criar as grandes vitrines, que eram a realidade das feiras universais, Paris perdia sua originalidade em meio a uma massa uniforme de avanços que se mostravam disponíveis. De forma geral, as

³⁶⁸ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Primera serie.* Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p.126

³⁶⁹ Ibidem, p.127.

exposições universais ou mundiais foram eventos voltados para expor os progressos tecnológicos, antes restritos ao ambiente fabril, para o público geral. Os países competiam para ver qual deles mais se destacaria. Exemplos dessa programação e grandiosidade foram: o Palácio de Cristal, na feira de Londres em 1851 – uma estrutura de ferro e vidro que gerou rebuliço em quem teve a oportunidade de visitá-lo; a Estátua da Liberdade, na feira de Paris de 1878; a Torre Eiffel, em 1889. Eram eventos custosos, que traziam uma multidão de todos os cantos do mundo para visitá-los, como ficou evidente na sua passagem pela exposição de Chicago. Não surpreende, então, que Groussac se incomodasse com as constantes feiras mundiais realizadas em Paris.

Como já salientei, quanto às análises de Groussac sobre Paris, uma não exclui a outra, mas coexistem. Uma vez cansado da Paris cosmopolita, repleta de turistas, o autor mudou de hospedagem, abandonando o centro da capital.

Tal es la segunda impresión que París ha producido en mi ánimo, durante los primeros días. Es tan exacta como la anterior, aunque ni la una ni la otra sean completas ni excluyan a muchas otras que á su tiempo anotaré. Han me bastado para atenuar en gran parte aquella ingrata sensación de exotismo, mudar de barrio y de vida, dejar de concurrir á los teatros y paseos, que para mí ya no tienen programas, y, sobre todo, volver á tomar el contacto con gentes de mi raza y de mi familia intelectual. Bruscamente todo ha cambiado. ¿Significa ello que eran inútiles y vanas mis primeras aprensiones? De ningún modo: las miserias de los arrabales son tan reales como los esplendores de los Campos Elíseos; y se puede, sin asomo de contradicción, describir á París, ya como un sitio de delicias, ya como un infierno de privaciones y torturas³⁷¹ [grifos meus].

Finalmente, o autor se deparou com uma Paris que se mostrava mais possível do que a anterior. Aquela que, em sua concepção, somente os homens que buscavam o estudo, e não a observação superficial, poderiam encontrar – a Paris dos trabalhadores.

Nunca faltarán mentores indulgentes para persuadir á los sudamericanos — si necesitaran ser persuadidos—de que esta Babilonia sigue siendo el paraíso de los ociosos y disipados. Basta la impresión que he esbozado para mostrar que siempre abunda y sobra alimento para unos y otros; ni le es difícil al observador superficial, astilla del mismo palo, juzgar que del tal alimento vive París entero. Yo, que he venido á estudiar y, como de otros viajes, á extraer de éste también algún provecho y enseñanza, os diré algo cada quincena del París que trabaja, piensa y produce—del que ha quedado casi indemne y acaso ignorante de toda extraña importación. Este París estudioso y sano es el que acaba de tener sus grandes *assises*, en los colegios, en las escuelas, en el Conservatorio, en la Sorbona, donde el gobierno, los altos funcionarios, los representantes de todas las justas

³⁷¹ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 127.

aristocracias de la Francia han ido á escuchar los discursos de Bourgeois, Delbos y otros sobre los estudios clásicos³⁷² [grifos meus].

Groussac falava a partir de um lugar de autoridade que lhe concedia certa aura de sabedoria: queria parecer distinto dos turistas, como um intelectual em seu país de origem. O autor dividiu seu relato em duas partes: a primeira, destinada a detalhar suas “primeras impresiones”, e a segunda, dedicada a pensar a “alma francesa”. Esse ponto merece ser mais bem esmiuçado por dois motivos: o primeiro, porque o autor fez constantes referências à conjuntura histórica na qual o trabalho intelectual estava, em sua opinião, mais e mais ameaçado pela especialização; o segundo motivo, devido à análise pessoal de Groussac sobre sua própria nacionalidade.

Em relação ao conflito acerca de sua nacionalidade, algumas considerações de Groussac fornecem um panorama para pensar a dupla cidadania. O autor se reconhecia como francês, como herdeiro de toda essa tradição francesa que ele considerava ameaçada, como foi destacado por ele mesmo em outros relatos – em *Del Plata al Niágara*, por exemplo. O que ele demonstra muito fortemente na citação seguinte, na qual o pronome “nuestro” é marcante, é a permanência da necessidade de ser reconhecido como francês:

En el fondo, nada menos parecido al alma francesa que el alma española; ó, remontándonos al supuesto origen: nada más distante del fuerte positivismo romano y de la antigua *cuadratura* itálica— ¡tan rebelde á la voluta griega!—que nuestra gracia flexible y nuestra simpatía universal, espontánea y generosa hasta la imprudencia. No se necesitan profundos estudios sociológicos para comprobar que nuestros rasgos étnicos más salientes y modernos son precisamente los mismos con que César y Tácito caracterizaban á los galos autóctonos. Más que el delgado aluvión y liga de la conquista bárbara, lo que ha modificado nuestra alma primitiva es la acción y reacción del largo conflicto histórico³⁷³ [grifos meus].

Ao mesmo tempo, nesse relato de 1898, ele se coloca como um sul-americano naturalizado, afirmando categoricamente que continuava a falar como argentino.

Muchos elementos le faltan á París, en los meses presentes,³⁷⁴ sin que pierda del todo su proverbial encanto. Por el pronto, están ausentes los parisienses del grupo superior, intelectual ó rico, aristocrático ó burgués—el «Todo París» de la jerga cronista. El éxodo es general. Desde principios de agosto á mediados de septiembre, no debe pensarse en acometer empresa que requiera el concurso de capitalistas, políticos, escritores, artistas ó simples mundanos, gente de trabajo ó de placer. El verano abre un paréntesis que sólo el otoño

³⁷² GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p.129.

³⁷³ Ibidem, p. 136

³⁷⁴ Temporada de verão.

cerrará; y esto, no completamente. Snobismo aparte, este rito europeo, religiosamente observado, constituye una práctica excelente para la doble higiene— ¿acaso no es la misma?—del cuerpo y del espíritu. Así se explica, á pesar del esfuerzo intenso, la robustez del trabajador europeo; su actividad casi juvenil prolongada más allá de la madurez, y su actitud creadora á la edad en que nosotros, sudamericanos nativos ó connaturalizados,—aun los que habitamos en climas templados y sanísimos,—nos sentimos ya fatigados y decadentes, cuando no inválidos. Y no es porque la productividad americana sea comparable, en calidad ni cantidad, con la de estos «sibaritas»; sino porque nuestra acción desordenada es una improvisación diaria, extenuativa en razón de su misma variedad e intermitencia. El tener que desbastar cosas siempre nuevas y á deshoras, no es solamente una condición para echarlas todas á perder, sino también para consumir en su malogro una suma de energía mayor que si se persiguiera la perfecta realización de una sola. Mientras éstos viven largamente con producir obras maestras, nosotros quedamos rendidos de frangollar chapucería, gracias á nuestro método, que es el desorden, y á nuestra regla, que es la improvisación. Ahora bien, no es discutible que la continuidad del mismo esfuerzo, la «especialización», como se dice bárbaramente, sea hoy más necesaria que nunca, no sólo para alcanzar la superioridad, sino para que el organismo renda con sabia economía, y sin precoz agotamiento, todo el efecto útil de que es capaz. Y por supuesto que, al formular estas evidencias, me hago á mí mismo las debidas objeciones³⁷⁵ [grifos meus].

Além da noção de pertencimento, essa fala permite-nos vislumbrar outros aspectos da comparação de Groussac em relação à produção do trabalho intelectual na América e na Europa. O indivíduo europeu que se propõe a fazer um trabalho intelectual sai à frente do sul-americano em uma série de aspectos: os hábitos de férias, que possibilitariam o real descanso; o método científico e a especialização, que evitariam o esgotamento precoce do sujeito. Em relação ao que Groussac define como método, alguns trabalhos analisaram como o autor contribuiu para a consolidação do método historiográfico, influenciando no surgimento de uma historiografia argentina. Alguns exemplos de trabalhos sobre esse assunto são de Alejandro Eujanian, em *Paul Groussac y la crítica historiográfica en el proceso de profesionalización de la disciplina histórica en la Argentina a través de dos debates finiseculares*³⁷⁶; de Julio Stortini, com *Teoría, método y práctica historiográfica en Paul Groussac*³⁷⁷ e de Paula Bruno, com a obra intitulada *Paul Groussac: un estratega intelectual*³⁷⁸.

³⁷⁵ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904. p. 138.

³⁷⁶ EUJANIAN, Alejandro. “Paul Groussac y la crítica historiográfica en el proceso de profesionalización de la disciplina histórica en la Argentina a través de dos debates finiseculares”. In_ *Estudios Sociales*, n.9, Santa Fe, segundo semestre de 1995.

³⁷⁷ STORTINI, Julio. “Teoría, método y práctica historiográfica en Paul Groussac”. In: *Estudios de historiografía I*. Buenos Aires: Biblos, 1997.

³⁷⁸ BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005.

Em que pese o fato de não haver um texto específico no qual o autor trate dessa metodologia, em *Mendoza y Garay*, um de seus textos históricos, ele deixa transparecer, no prefácio, o que entendia por método. Vale ressaltar que o autor fazia uma distinção entre as ciências naturais e as ciências sociais; para ele, ambas diferiam profundamente. Os resultados das ciências naturais, de acordo com o autor, davam-se de forma cumulativa, isto é, um trabalho não excluiria os resultados alcançados pelos predecessores. Já em trabalhos históricos, os resultados eram transitórios, uma vez que não existiria uma verdade absoluta. Isso não excluía, porém, a noção de que a história deveria ter como fim a busca pela verdade. Para isso, seria necessário um método que levasse em consideração a crítica dos documentos, a coleta de dados que fundamentassem o argumento, a crítica filológica e o dom literário do historiador. Dessa maneira, resumidamente, Groussac entendia a história como a união do conhecimento científico e da arte. Por isso, considerou o método como um meio para o trabalho historiográfico, mas que deveria estar atrelado ao dom do historiador de unir o documental ao artístico. Dessa maneira, o trabalho não seria apenas o de um acumulador de dados, ou o que ele definiu como fetiche documental.

Assim, mais uma vez, podemos considerar que o franco-argentino escapava ao método positivista atrelado unicamente ao documental e ao privilégio da análise da biografia de grandes personalidades. Em relação ao que o autor entendeu como especialização, podemos afirmar que seu entendimento está em consonância com nossa percepção atual do termo. Para ele, ser especialista em algo significava que o sujeito se dedicaria apenas ao seu restrito campo do saber ou assunto, o que ele observou nas universidades norte-americanas.

Todos os aspectos citados, que favoreceriam o trabalho intelectual europeu, seriam ainda favorecidos pelo clima ameno. Todavia, mesmo nos países com climas próximos ao europeu, como Argentina e Chile, não existiriam tais hábitos, o que o autor justifica da seguinte forma:

Hasta ahora hemos sido así—*sigo hablando como argentino*—porque no era posible que fuéramos de otra suerte. La forma de nuestra actividad parecía impuesta por la naturaleza de las cosas: *ha sido múltiple y superficial, porque tenía que multiplicarse sobre una enorme superficie. La organización social, en los países nuevos y de vuelo rápido, como los Estados Unidos, la Argentina ó Australia, se efectúa por acumulación «madrepórica»³⁷⁹ más bien que por crecimiento interno: por eso resulta al principio forzosamente provisional y rudimentaria.* La obra es muy vasta y repartida para tan *pocos obreros*, que sólo alcanzan á esbozarla por sus mil aspectos diversos. No es justo exigir, entonces, de esos trabajadores de la

³⁷⁹ Referência ao sistema de múltiplos poros, que filtra a água, dos equinodermos. Esse tipo de metáfora é recorrente em Groussac.

primera hora, la producción concluida y primorosa de sus hermanos europeos, herederos en vigésimo grado de los que la comenzaron³⁸⁰ [grifos meus].

Na citação anterior, é possível perceber que o autor justifica o pouco desenvolvimento da esfera intelectual nos novos países com a ideia de que, sendo vastos os territórios, havia poucos homens de letras para executar todas as tarefas essenciais. Somavam-se a isso a carência de recursos e o crescimento rápido dessas novas nações, o que fazia com que os métodos, a organização e a divisão do trabalho intelectual fossem também rudimentares e precários. Para possibilitar esse trabalho, entrava em cena a colaboração da intelectualidade europeia, que, de forma paradoxal, ao mesmo tempo em que era vista como a condição para a existência de uma intelectualidade na América, acabaria por atrofiar os intelectuais, uma vez que, ao se apropriarem de fórmulas externas já consolidadas, não criariam fórmulas para seu próprio desenvolvimento.

Tal doctrina es un simple sofisma, fundado en la omisión de un factor esencial: cual es la colaboración incesante de Europa, que nos permite ser por algún tiempo meros consumidores de la substancia civilizadora por otros elaborada. El desarrollo pasmoso de los nuevos grupos sociales se funda en dicho postulado. Pero, es evidente que esta existencia parasitaria, más propia de una colonia que de una nación, no podría prolongarse indefinidamente sin atrofiar los órganos superiores del mismo grupo. De este peligro, por ellos entrevisto ha medio siglo, procuran hoy salvar los Estados Unidos, si bien, á pesar de las apariencias, con éxito menos completo de lo que muchos creen. Pero han cumplido su deber sociológico con intentarlo; y es este mismo deber el que se impondrá también á la Argentina en un futuro próximo³⁸¹ [grifos meus].

Nessas citações, de forma ampla, Groussac também se alinha com as teses sobre a ascensão, o apogeu e o declínio das civilizações, tão em voga no período, e que atingiram seu ápice durante a Primeira Guerra Mundial. Ainda vai mais longe, estendendo a tese tanto à França quanto aos Estados Unidos, à Argentina e à América Latina, de forma geral. Dessa forma, o autor entendia que, mesmo que a civilização europeia, sobretudo a francesa, fosse a mais avançada e a mais influenciadora das demais, também estaria fadada a ruir devido à invasão das hordas de estrangeiros e às influências materialistas dos Estados Unidos.

Surge aqui, também, a questão da especialização, já tão temida. Como já salientamos, Groussac via, na divisão do trabalho intelectual, o risco de eliminar a originalidade do trabalho individual, o que implicaria acabar com as possibilidades de surgirem novos gênios,

³⁸⁰ GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte. Primera serie.* Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 138.

³⁸¹ Idem.

ou seja, figuras únicas que gerariam grandes contribuições à sociedade. Ao mesmo tempo, sem essa divisão, nunca seria possível que esses novos países produzissem as condições para deixarem de ser importadores de civilizações alheias. Mais uma vez, o preço que se pagava pelo desenvolvimento era a possível decadência.

La aptitud, siquiera parcial, para llegar á ser un país elaborador de su propia civilización,— ó, si preferís, colaborador activo en la civilización universal,— sólo se conseguirá con la aplicación de cada energía particular á un solo objeto y sus anexos, ó sea con la llamada división del trabajo. Conviene, pues, que toda nuestra propaganda educativa tienda por ahora á este único fin: la eliminación de los aficionados enciclopédicos y la formación paulatina de los profesionales. Ello, por cierto, no significa en modo alguno que yo admire sin reserva el extremo opuesto, á que tenían que llegar forzosamente estas sociedades europeas, hartas compactas. He de volver alguna vez sobre esta otra «ley de bronce», aplicándola á la evolución de la democracia: me limito por ahora á señalar su diagrama en una fase del movimiento secular. También en América, nos es fuerza acometer resueltamente la obra del propio desarrollo, aunque sus consecuencias últimas hayan de ser, como en Europa, la inevitable decadencia: del propio modo que la juventud no puede tender á la madurez sin aceptar implícitamente la lejana senilidad³⁸² [grifos meus].

Não havia fórmulas prontas para o desenvolvimento dos países americanos, quando, mesmo na Europa, a modernização acarretava perdas e ganhos. A modernização, assim, não atingia apenas o campo do saber, mas todos os aspectos da vida dessas sociedades:

Al paso que la edificación colectiva adquiría en Europa más variada y sólida estructura, cada uno de sus elementos materiales venía revistiendo formas más simples y geométricas. En lugar de la piedra caprichosamente esculpida, que cada creyente traía á la catedral gótica, tenemos hoy el sillar uniforme y regular que se inserta matemáticamente en su alvéolo, con sujeción al plan trazado. Pero el levantamiento de la catedral, que era la realización de un sueño de belleza, duraba cien años; la construcción de nuestros monumentos modernos, que sólo persiguen un fin de utilidad, se despacha en cuatro ó cinco. *¿Hay ganancia ó pérdida?*³⁸³ [grifos meus]

Nas colocações analisadas, encontramos as principais questões que guiaram, em grande medida, as percepções de Groussac no final do século XIX. A viagem de 1898 à França colocou em evidência suas preocupações quanto à crescente influência norte-americana em países antes considerados modelos incontestáveis de civilização. Os avanços tecnológicos, a consequente divisão do trabalho cada vez mais acentuada e o materialismo da

³⁸² GROUSSAC, Paul. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904, p. 141-142

³⁸³ Idem.

sociedade colocavam em risco a originalidade das nações. O utilitarismo colocava em risco, na perspectiva de Groussac, a própria essência francesa.

Por fim, o relato da viagem de 1898 deixou ainda mais claro o papel que Groussac tomara para si em relação à intelectualidade argentina, ou seja, de indivíduo capaz de dirigir os rumos culturais a serem tomados. É evidente que o já consagrado intelectual não desejava permanecer na Europa, portando-se como cidadão argentino quando estava em Paris. Talvez a passagem mais evidente de sua obra sobre tal aspecto seja aquela na qual se define como “nosotros, sudamericanos nativos ó connaturalizados”.

A dupla cidadania de Groussac nunca foi adotada oficialmente, o que torna tal temática um aspecto espinhoso de sua biografia. A historiadora argentina Paula Bruno apresenta diferentes fases da carreira de Groussac, que demonstram que sua opção por se afirmar como autor europeu fora, para ele, sobretudo no início de sua carreira, uma forma de distinção e “uma carta de apresentação” que teria facilitado sua entrada nos círculos intelectuais argentinos. Sobre a complexidade de sua condição de estrangeiro, a autora escreveu:

Observamos además a lo largo de su trayectoria una maniobra tendiente a asumir su extranjería para configurar un nosotros. Por ejemplo, en su debate con Miguel Cané señala: “Nosotros tenemos para nuestro uso un hemistiquio de Boileau³⁸⁴: el lector francés quiere ser respetado.” Es decir elige inscribirse dentro de un “nosotros los franceses”, o, más específicamente, en un “nosotros los escritores franceses”. Claramente, este grupo de pertenencia es más anhelado que real, pero muestra parte de una estrategia de posicionamiento [...]³⁸⁵

Não discordo de Paula, mas penso que Groussac, mesmo que inconscientemente, configurou também um “nosotros los argentinos”. O “nosotros los franceses” foi mais ideal do que real e, como temos observado, o recurso à argentinidade, ainda que nunca integral, foi a estratégia possível. Em alguns trechos de viagens, como nos seguintes, enquanto ainda visitava o Chile, alguns anos antes dessa última estada em Paris, essas colocações ficam evidentes:

Tal me ha parecido el famoso cerro de Santa Lucía. No hago por ahora comparaciones: declaro simplemente que, al lado de este desborde de lirismo municipal, me parecen austeras todas las grutas y cascadas de nuestros intendentes bonaerenses³⁸⁶ [grifos meus].

³⁸⁴ Referência a Nicolas Boileau, crítico e poeta francês do século XVIII.

³⁸⁵ BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005, p. 111-112.

³⁸⁶ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 25.

Em outra passagem, o “nuestro” retorna:

[...] para no ser ingrato, el parque Cousiño, cuyas frondosas arboledas humillarían á las de *nuestro* Palermo. Pero si, para los porteños inteligentes, es materia entendida que Buenos Aires es una gran ciudad sin monumentos ¿Cómo queréis que reservemos nuestra admiración para edificios como la Moneda, la Universidad, los bancos y teatros, las bibliotecas y colegios [...]?³⁸⁷ [grifos meus].

Da mesma maneira, mais adiante, o autor retoma o “nuestro” para se inserir entre os intelectuais franceses:

Está de vuelta de muchas cosas, como bien pensáis, — entre otras, de la intransigencia patriótica que perturba la digestión, — pero no de la ciencia, del arte, de la belleza. Conoce bien á Kant y Schopenhauer, los dos muelles de la moderna filosofía; ama *nuestros* libros, *nuestros* salones, *nuestro* teatro: ni fariseo ni filisteo, aspira con delicia esa flor suprema de la civilización que se llama París³⁸⁸ [grifos meus].

Com isso, concluo dizendo que o fato de o autor transitar entre duas esferas de pertencimento e de formação intelectual influenciou, de maneira peculiar, seus escritos e, em especial, os relatos de viagem que analisei. Suas impressões de viagens anteriores, aliadas à conjuntura histórica em que vivia, moldaram a visão que o autor tinha das cidades que visitou, principalmente de sua amada Paris. Mais que isso, tais relatos permitem observar os conflitos, as preocupações e os valores de uma intelectualidade argentina ainda em formação. Não afirmo, com isso, que Groussac possa ser tomado como arquétipo de todos os intelectuais argentinos do período, mas que um aprofundamento na análise de suas impressões e de seus textos permite-nos observar aspectos caros aos homens daquele período, sobretudo a necessidade de criar ferramentas e métodos próprios, a fim de moldar suas próprias civilizações, história e ciência, criando as bases para se consolidarem como nação.

³⁸⁷ GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897, p. 31.

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 52.

4. A VIDA IMITA A ARTE OU A ARTE IMITA A VIDA: REMINISCÊNCIAS DAS EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM E DO EXÍLIO NAS NOVELAS DE GROUSSAC

Este último capítulo tem como objetivo pensar como Groussac transmitiu suas experiências de viagem para suas novelas³⁸⁹ e peças teatrais. Tais textos são ainda materiais preciosos para pensarmos a Argentina de finais do século XIX, período de intensas mudanças, tais como avanços tecnológicos, maior leva de imigrantes, desenvolvimento das cidades, início da profissionalização do meio intelectual etc. Mais do que isso, tais textos, muitas vezes, permitem conjecturar sobre as experiências do próprio personagem em solo argentino, os conflitos pessoais, as dificuldades e as estratégias de ascensão na carreira.

As obras ficcionais hoje são cada vez mais trabalhadas pelos historiadores como fontes importantes para compreendermos determinadas sociedades e conjunturas históricas. Essas obras, porém, mesmo se tratando de romances históricos, obras que buscam fundamentação em documentos e relatos de época para comporem seus enredos, devem ser encaradas como ficção, visto que os autores inserem sua própria percepção nas lacunas documentais, lacunas nas quais as histórias e as tramas podem ser compostas.

O historiador norte-americano Peter Gay afirma que compreender tais fontes exige um arcabouço de análise mais profundo do que apenas a mera crença da fidedignidade da obra à realidade. Em *Represálias Selvagens*, Gay afirma que os romances são fontes importantes de conhecimento, porém, “não é de modo algum evidente como extrair verdades das ficções”.³⁹⁰ Esse tipo de obra, embora produza reflexos da sociedade, fornece reflexos imperfeitos, já que tais textos são marcados por aspectos biográficos, inclusive psicológicos, de seus autores.

Sendo assim, Gay conclui:

Mas quem recruta a ficção para ajudar na busca do conhecimento deve estar sempre alerta ao sectarismo do autor, às perspectivas culturais limitadoras, aos detalhes fragmentários oferecidos como fundamentados, para não falar

³⁸⁹ Utilizo aqui o conceito de novela que: “ De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, trata-se de uma composição literária do gênero do romance, embora mais curta, em que é narrada uma acção na sua totalidade ou parcialmente [...]” (Disponível em: <https://conceito.de/novela> Acesso em 20 de maio de 2019). “[...] *Novela* distingue-se de outros géneros não só pela sua extensão, mas também pela complexidade da sua trama, pelo que se pode definir, em termos muito gerais, como uma narrativa de extensão média (de tamanho variável, mas podendo ser limitada a cerca de 100 páginas ou 40 mil palavras), com uma trama simples, descrita sem demora na caracterização dos ambientes, personagens e tempos de acção, com apenas os elementos essenciais necessários à compreensão dos acontecimentos narrados. Nestas circunstâncias, a novela privilegia o desenvolvimento de um argumento ficcional essencial à descrição completa de todos os elementos de uma história de ficção.” CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/novela/> Acesso em 20 de maio de 2019.

³⁹⁰ GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Cia das Letras, 2010, p. 15.

das obsessões neuróticas. É por isso que o autor que trata o romance como uma obra rica em pistas de compreensões sociais, políticas e psicológicas deve sempre consultar uma segunda opinião³⁹¹.

Essa segunda opinião, cara à crítica documental de obras ficcionais, abrange a correlação do que Gay define como o micro e o macro, ou seja, a obra deve ser inserida dentro de seu tempo. Para compreendê-la é importante que a história do próprio autor seja levada em consideração, bem como compreender as influências que a sociedade exerceu sobre ele. Nenhum texto, mesmo que ficcional, deixa de carregar aspectos caros ao pensamento de seus autores e da mensagem que desejam passar para a sociedade na qual vivem e mesmo para a posteridade.

Peter Gay trabalhou com romancistas realistas do século XIX e início do XX, como Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. Por serem grandes expoentes do romance realista, os trabalhos desses autores muitas vezes foram tomados como retratos do costume das sociedades das quais foram provenientes, sendo este um erro que Gay buscou desconstruir.

Groussac, ao contrário dos autores abordados por Gay, não recebeu uma gama tão considerável de críticas e nem pode ser incluído entre os clássicos da literatura mundial. O franco-argentino, entretanto, não escapou às influências socioculturais que o rodeavam. Suas obras são expoentes de suas experiências de vida, bem como mostras das correntes filosóficas e literárias de seu tempo, como o cientificismo, o darwinismo e o positivismo, incorporados aos enredos de maneira nem sempre evidente, como procurarei demonstrar durante a análise das novelas selecionadas. Nesse sentido, aplicar a abordagem de Gay à obra de Groussac se torna interessante na medida em que há preocupação com a análise psicológica de seus textos explorando as reminiscências de sua própria biografia em seus enredos.

As novelas agrupadas pelo autor em 1922, em *Relatos Argentinos*, não eram inéditas. Nos últimos anos de sua vida, foi uma preocupação de Groussac reunir seus trabalhos em compilações para a publicação. Como demonstraram os trabalhos de Paula Bruno e Beatriz Colombi, tal prática foi comum entre os intelectuais argentinos de finais do século XIX. Geralmente, tais compilações reúnem trabalhos dos mais diferentes tipos, sem necessariamente seguirem uma cronologia ou mesmo um assunto determinado. Todavia, podemos mensurar que a necessidade de compilar tais trabalhos em um único livro revela a preocupação do autor com sua permanência para a posteridade.

³⁹¹ Ibidem, p. 20.

A despeito de Groussac ter afirmado ser impossível reunir todos os textos que escrevera para numerosos jornais e revistas argentinos, alguns de cujo nome nem mesmo ele se lembrava, houve, sim, a preocupação de reunir essas novelas, revelando que eram trabalhos caros a ele.

Con lo dicho he querido explicar únicamente cómo, a todas luces, estas novelitas no han sido compuestas en las condiciones de reposo y diligente esmero que exige la obra de arte. Pero ¿acaso, entre todas las chapuceadas en esta “América inocente”, hay una sola escrita en tales condiciones? Deseo, no obstante, que no me ciegue la debilidad paterna, si pienso que ninguna de ellas se presenta absolutamente vacía de substancia ni, bajo su forma humilde y modestísimo traje local, totalmente desprovista de fondo psicológico o filosofía práctica³⁹² [grifos meus].

Na introdução, não escapa o autor da recorrente crítica ao desenvolvimento intelectual latino-americano, à sua não profissionalização, servindo tal condição também para justificar possíveis falhas próprias do trabalho. A falsa modéstia, típica de Groussac, não camufla a necessidade de, ao ler tais textos, ser necessário levar em conta o fundo psicológico, que ele denomina "filosofia prática", uma vez que, em todas essas novelas, a psicologia é uma chave essencial para interpretar as personagens.

As novelas permitem, ainda, pensar o papel de Buenos Aires e as mudanças pelas quais passou a capital ao longo dos anos. Em *El Número 9090*, por exemplo, o rebuliço da cidade, suas vozes e seus costumes, são elementos centrais da narrativa. Daniel, o protagonista, atravessa as principais ruas, sendo, assim, possível que o leitor “transite” pela Buenos Aires de finais do século XIX, em uma espécie de mapa mental da cidade.

A perspectiva central deste capítulo é analisar como a experiência do exílio e da viagem foi apropriada por Groussac nos enredos de suas novelas. Levando em consideração a psicologia, tão cara a ele, buscarei demonstrar como aspectos de sua própria vivência foram incorporados aos seus personagens, podendo, dessa forma, ajudar a melhor compreender a posição de um indivíduo como Groussac no cenário argentino de finais do século XIX e início do XX.

Para tecer esta última parte da tese, utilizarei principalmente as novelas: *El Número 9090* (1921), *El Hogar desierto* (1897), *La Rueda Loca* (1896), *La Herencia* (1893), *A Hero*, na versão em inglês, e, por fim, a peça teatral *La Monja* (1886), reunidas em *Relatos Argentinos* (1922). Groussac as organizou em forma cronológica decrescente, do mais recente para o mais antigo. Cada uma delas foi escrita em fases diferentes da produção do autor, não

³⁹² GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 7.

deixando, porém de dialogar. A última, *El Número 9090*, narra a história de um jovem francês estabelecido na Argentina que enfrenta o dilema moral de entregar ou não um prêmio de loteria a um casal de amigos. Como pano de fundo, os dilemas do personagem atravessam todas as suas dificuldades para se estabelecer na Argentina, já que, assim como Groussac, ele chega à jovem nação sul-americana sem conhecidos e sem dominar a língua espanhola. O personagem enfrenta a vida rural, a aventura da mineração, o fracasso de perder todo o pouco capital que trouxe da França e ainda não conquistar o necessário para se casar com a mulher que desejava. Assim como Groussac, Daniel, seu protagonista, torna-se professor e tradutor. É emblemático que tal novela tenha sido escrita já na velhice de Groussac, período no qual já enfrentava problemas graves com a visão e no qual, apesar de permanecer diretor da Biblioteca Nacional, sua atuação e poder de influência diminuam. Daniel é o personagem que mais carrega paralelos diretos com a história de Groussac.

El Hogar desierto e *La Rueda Loca* foram publicadas primeiramente em *La Biblioteca*, definida por ele na introdução de *Relatos argentinos* como “minha revista”: “Si por mí fuera, daría quizá la preferencia a La rueda loca, compuesta en Mar del Plata y publicada, lo mismo que El hogar desierto, en mi revista La Biblioteca, que fundé y dirigí allá por los años de 1896- 1898”³⁹³. A revista, como mencionado no primeiro capítulo do trabalho, funcionava como palco para diversos debates públicos, para a publicação de muitos de seus textos e, principalmente, como salientou Paula Bruna, como um veículo para que Groussac agisse como uma espécie de censor intelectual, ditando a agenda das principais correntes literárias e científicas a serem seguidas, alavancando ou prejudicando carreiras.

La Herencia foi escrita durante sua estadia nos Estados Unidos, em 1893. Originalmente escrita em inglês e publicada em um jornal estadunidense, a versão original se chamou *A Hero*. Essa curta novela narra a herança pouco usual de uma família na qual os homens tendiam a se tornar assassinos e suicidas. Ao contrário do que podemos imaginar, o texto trabalha com a noção de hereditariedade não só de doenças crônicas, mas psicológicas. Groussac abertamente declara sua preferência por esse trabalho, pelo qual nutria mais satisfação. De leitura fácil, a trama de Groussac flui, revelando aspectos que, mais tarde, em minha percepção, podemos ver ecoar em trabalhos de grandes escritores argentinos, como o caso do célebre Jorge Luís Borges, que admitiu nutrir especial admiração pelos trabalhos de Groussac, lendo e mantendo em sua biblioteca pessoal numerosos volumes das obras groussaquianas.

³⁹³GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p.14.

La Monja consiste em uma peça de teatro. A protagonista se vê envolta em um emaranhado de questões que envolvem um parente recém-chegado do Peru à França. Mais uma vez, o personagem central retorna à pátria natal de suas aventuras na América, que mais uma vez é a França. Tal texto permite que nos aprofundemos nas questões do exílio, da repatriação e da sensação de “não-lugar” do personagem.

Para melhor estruturar o capítulo, optei por seguir a ordem cronológica estabelecida por Groussac, para melhor esmiuçar as questões que corroboram para a hipótese deste capítulo: a de que as obras ficcionais do autor carregam claramente elementos provenientes de suas experiências pessoais e de vida e de que, uma vez compreendendo tais apropriações do autor nessas obras, podemos observar um leque muito mais amplo que engloba a intelectualidade argentina de finais do século XIX e o lugar ou não-lugar dos pensadores estrangeiros que se estabeleceram no país em meados do século XIX. Ou seja, que suas novelas corroboram a caracterização do próprio autor estabelecida por mim nos capítulos anteriores em seus relatos de viagem.

Groussac, como visto, não se encaixa integralmente na noção de autores no exílio de autores consagrados como Edward Said e Tzvetan Todorov, pois, mesmo não desejando mais regressar em definitivo à terra natal, seus regressos fortuitos em algumas viagens concediam-lhe prestígio na terra que adotou como definitiva. Ao mesmo tempo, reconhecer-se como francês e não como nativo foi uma opção tomada durante toda a sua vida. Na França, porém, o autor era visto como um literato latino-americano. Esse contínuo estranhamento está profundamente presente em seus personagens fictícios.

4.1: A sorte de um jovem francês: El Número 9090

Quando lemos a novela de Groussac intitulada *El número 9090*, traçar paralelos entre autor e personagem se torna inevitável. A história se inicia na movimentada rua San Martín, que cruza boa parte do antigo centro de Buenos Aires, não sendo um acaso que a trama se inicie em tal rua. A rua tornou-se, durante o século XIX, o coração financeiro da capital, onde ficava a bolsa de valores, o Banco Nacional. Além disso, faz conexões com importantes vias da cidade. Em meio ao burburinho, ainda mais acentuado que o normal, um homem na casa dos trinta e poucos anos, desfrutava suas férias de verão:

Era un joven de mediana y bien proporcionada estatura, de fisonomía inteligente y fina, tan atractiva cuando una sonrisa entreabría los delgados

labios como apartadiza si en su comisura se acentuara un pliegue de sarcasmo o desdén, que harto armonizaba con el ceño adusto habitual y el franco pero frío mirar de los ojos claros³⁹⁴ [grifo meu].

Daniel de Kergoet era um jovem professor francês, que aproveitava as férias escolares de verão para trabalhar como tradutor para um conhecido, que desejava publicar seu livro em Paris. A obra, porém, considerada de má qualidade pelo tradutor, lhe provocava inquietação e cansaço.

Daniel de Kergoet descendía, en efecto (como lo indica su apellido), de una antigua familia del Morbihan. Era bretón “bretonnant”, como allá se designan esos verdaderos hijos de la Armórica, porque, manteniéndose fieles a su materna “tierra de granito cubierta de encinas”, conservan hasta hoy el culto de su lengua céltica, sello indeleble de la raza³⁹⁵ [grifos meus].

Já no início, os paralelos entre a vida de autor e personagem se apresentam. Na citação anterior, por exemplo, o sobrenome de Daniel já mostrava que ele descendia de uma antiga família europeia, ou seja, de uma família com uma história, com raízes. Assim como Daniel, Groussac via no próprio sobrenome a mostra de que ele era “um galo antigo”, que sua família, mesmo que modesta, possuía raízes e história. Em uma América Latina que Groussac julgava marcada pela efemeridade histórica, por governos que surgiam e caíam na mesma velocidade, a reafirmação, já maduro, de que a linhagem europeia era ainda sinal de estabilidade e distinção é emblemática.

Groussac coloca Daniel em finais do XIX, o que nos mostra a data da carta enviada por seu amigo: “diciembre, 20 de 189...”³⁹⁶, não sendo definido o ano. O personagem, ao contrário do que poderíamos esperar, não vivencia o rebuliço dos anos 1920 na Argentina, mesmo a novela tendo sido escrita em 1921. Não foram suas preocupações os avanços tecnológicos, os impactos da Primeira Guerra na Europa e no mundo, as inovações estéticas e literárias que vinham surgindo inerentes ao modernismo. Daniel é um jovem de 32 anos, ainda em finais do século XIX, como o fora Groussac.

Assim como Groussac, seu personagem desembarca em Buenos Aires após terminar o serviço militar, porém, com uma licenciatura em Letras, que ele afirma ser pouco útil em uma terra na qual braços cultivadores são mais importantes que mentes cultivadas:

³⁹⁴ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p.6.

³⁹⁵ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p.7.

³⁹⁶ Idem.

Y por cierto que entre los centenares de expatriados de todas categorías y condiciones que en el buque venían—obreros, labradores, empleados, viajeros de comercio, déclassés de incierta profesión—, impelidos a buscar fortuna, ninguno se presentaba más inepto que él, laureado del concurso general y precoz licenciado en letras, para encontrarla en estas tierras a medio roturar, más necesitadas de brazos cultivadores que de cerebros cultivados³⁹⁷.

A carta já mencionada inicia a história, imergindo o protagonista em suas memórias na movimentada *calle* San Martín, coração financeiro de Buenos Aires. Daniel se via envolto pelo burburinho de vozes ansiosas pelo sorteio da loteria federal, “povo jogador”, como o caracteriza o narrador, que se diz um amigo do personagem. Por outro lado, jamais havia cedido aos delírios de arriscar o pouco dinheiro em jogos de azar, preferindo amargar o trabalho de tradutor durante as férias. A carta, que trazia um pedido inusitado, era acompanhada por uma nota de 100 pesos: a solicitação para que o personagem comprasse para seus amigos, Simón Puech e sua esposa Estela, um bilhete da loteria federal, uma vez que Estela havia sonhado que ganhariam.

Daniel, a partir de tal pedido, após mais de uma década de estadia na Argentina, vê-se submerso nas lembranças da juventude. É notória a importância que o Groussac narrador dá ao papel da travessia de barco na novela. Assim como em seus relatos de viagem, em seus textos ficcionais, tal espaço é o definidor das decisões que virão a ser travadas em terra. O destino do personagem no novo país foi profundamente delimitado pelas decisões que tomara durante a travessia. O mesmo navio que trouxera Daniel 10 anos antes, o “Portugal”, que partira de Burdeus, também trazia Simón Puech, com quem o protagonista havia travado relações de amizade durante seu serviço militar, sendo, então, a travessia a oportunidade de reavivar a antiga amizade.

Simón, aproveitando de seu tino comercial, juntou um considerável grupo de pessoas que, como ele, vinham explorar terras de uma província interiorana na Argentina, sendo que o pai de Estela fazia parte desse grupo.

Segundón de una familia rural del Aveyron, dicho Puech, no bien cumplido su «voluntariado» de un año, como diplomado de una escuela de agricultura (el mismo privilegio que gozó Daniel' a fuer de “normaliano”), había aceptado las proposiciones de cierta Compañía colonizadora de Curmnlán, en la Argentina, para hacer de subgerente en una nueva colonia de aquella empresa. Venía, pues, acaudillando un grupo suplementario de familias agricultoras, también embarcadas, y que tenían, las más de ellas, deudos o

³⁹⁷ Ibidem, p. 12.

afines en Pihué, lugar contiguo a Curumalán, cuyo origen aveyronés es bien conocido³⁹⁸.

A principal causa das escolhas do protagonista é a jovem Estela, uma mulher bela e graciosa, carismática e inteligente. Estela encantava todos a bordo com sua delicadeza e caráter, principalmente as crianças, que se aglomeravam ao redor da jovem professora para escutar histórias. A moça vinha para a Argentina acompanhada de seu velho pai, já viúvo.

Agregada a aquella buena gente de trabajo, veíase a un rural sesentón, bastante cerrado, que hubiera parecido muy maduro para estas caravanas, a no saberse que, a los dos años de enviudar, habíase movido al reclamo de unos parientes establecidos en la mencionada colonia. Con este Fierre Labat—que así se llamaba el viejo emigrante — venía, además de una hermana menor, solterona sin ninguna importancia, su hija Estela, que por cierto la tenía, y en grado superlativo, como que esta encantadora muchacha de veinte años³⁹⁹.

No decorrer da viagem Daniel e Estela se apaixonam, mas a condição financeira do rapaz faz com que prometam esperar até que o pequeno soldo de 20 mil pesos de que dispunha desse frutos. Estela seguiu viagem acompanhada de sua família e de Simón Puech, que também se mostrava apaixonado por ela. Daniel permaneceu em Buenos Aires, onde, assim que desembarcou, travou relações com o amigo de Simón, Maurice Bloch, um jovem judeu que vinha trabalhar com o tio na bolsa de valores. Até aí a narrativa se baseia no amor romântico de dois jovens, que, conquanto mantivessem a sensatez de pensar nas questões do presente, conservavam também os valores morais da sociedade da época: a mulher, embora inteligente, conservava suas características virginais e deveria preservar sua honra. O homem, o futuro marido, seria o responsável por seu sustento.

Daniel, deixando-se levar pelos apelos de Maurice Bloch durante sua primeira fase de estadia na Argentina, aplica todos os seus 20 mil pesos em ações na bolsa de valores. O jovem judeu chegava ao país em uma condição muito mais favorável que a de Daniel,

Nada más despejado que la situación de Bloch: sobrino del conocido y adinerado comisionista del mismo apellido, había entrado desde su llegada, y con buen sueldo, en el escritorio de su tío. En tres o cuatro días de aprendizaje teórico-práctico, con la aptitud mercantil de la raza, tenía ya tomado el pulso al mercado, diagnosticando la gravedad de la fiebre agiotista que por entonces arrebatava a este pueblo (“todo el mundo en la Bolsa!”) al templo de Mammón, con olvido absoluto de las sanas leyes económicas que derivan del trabajo, las únicas fuentes de verdadera riqueza⁴⁰⁰ [grifos meus]

³⁹⁸ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 13.

³⁹⁹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922.

⁴⁰⁰ Ibidem. p. 26.

Groussac, ainda em 1921, mostra-se muito apegado à questão da raça, o que podemos observar quando afirma ser Bloch muito mais propenso a ganhar dinheiro em uma empreitada como a bolsa de valores, ou em atividades bancárias, devido à característica do povo judeu.

Según Bloch (o sea su venerable patrón), la actual especulación bursátil debía, en general, tener como norte fijo la baja inevitable de todos los valores, correlativa a la subida constante del oro, sin que pudieran influir en ese movimiento de marea los expedientes gubernativos o los pequeños obstáculos artificiales discurridos por los alcistas. Y el pichón de corredor dio fin a su exposición financiera ofreciendo a Daniel su pilotaje en caso de que quisiera “mover” su pequeño capital [...] ⁴⁰¹.

Ao mesmo tempo, como podemos observar no trecho anterior, não escapou a Groussac a preocupação de inserir em sua novela a condição financeira pela qual passava a Argentina durante o final do século XIX. Foi este um período de crescimento, sobretudo em Buenos Aires, também incentivado pelo crescente número de imigrantes que chegava ao país.

¿Qué significaba entonces aquello de «luchar hasta vencer», que todavía repetía la víspera, si, caído en país extraño, sin guía ni apoyo, ignorante de la lengua, ajeno a todo oficio, incapaz de pedir como esos rústicos la subsistencia a la pampa roturada, empezaba por desechar esta ocasión inesperada de engrosar su mezquino peculio, que, a no reforzarse pronto, iba a derretirse como nieve al sol?... Y bastó luego el recuerdo de Estela, que se alzó ante su mente, para desvanecer sus postreros escrúpulos al modo que una ráfaga disipa el humo.

Al día siguiente, pues, Daniel se presentó en el escritorio de Bloch [...] ⁴⁰² [grifos meus].

Daniel investe em ações e, a despeito de, após alguns meses, conseguir quintuplicar seu capital, acaba por perder o pouco que tinha, o que implica o adiamento de seu casamento:

Entonces, entre los clamores de la Unión cívica, ariete revolucionario recién armado, el cual, ¡en medio año de batir en brecha al Gobierno, iba a dar cuenta de él, fué cuando hizo su verdadera reentrada la terrible crisis económica que por varios años iba a cubrir de ruinas a la República.

Daniel recibió estoicamente el rayo que reducía a cenizas el castillo de naipes en que habían cabido todas sus esperanzas y sueños de próxima felicidad ⁴⁰³ [grifos meus]

Groussac mais uma vez se baseia na história argentina, na crise econômica que assolara o país em 1890 e se arrastara por mais alguns anos, aproximadamente até 1895. A Argentina vivenciara um período de intenso crescimento nas últimas décadas do século XIX,

⁴⁰¹GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 27.

⁴⁰² Ibidem. p. 29.

⁴⁰³ Ibidem, p. 32

um período que ficou conhecido como *la belle époque* argentina. O país despontou a um patamar de crescimento comparado ao dos Estados Unidos e do Canadá, desenvolvimento diretamente ligado à nova incorporação de terras para cultivo, à crescente leva de trabalhadores imigrantes que desembarcavam diariamente nos portos, à elevada quantia de capital estrangeiro que foi investido no país e ao crescimento das exportações a níveis antes nunca vistos⁴⁰⁴. Portanto, não é de se estranhar que Daniel tenha se deixado levar por todo alvoroço e segurança que o colega Maurice Bloch lhe oferecia. No auge da *belle époque*, o sistema bancário argentino também se desenvolvia levando em conta, principalmente, a mão de obra estrangeira, aliada ao capital e às exportações externas.

O sistema bancário, contudo, tinha sido alicerçado em bases pouco estáveis, em um modelo destinado a entrar em colapso. Maria Heloisa Lens aponta que, com o grande crescimento da década 1880, ocorreu também a consolidação do sistema bancário argentino, sendo o Banco de la Província de Buenos Aires a instituição mais importante do país. O banco, além de atuar no sistema financeiro, assumiu o papel de um banco central, o que acabou por sobrecarregá-lo, uma vez que tinha que providenciar recursos para as províncias interioranas. Nem mesmo a criação, em 1872, do Banco Central conseguiu reverter a situação.

Outro aspecto apontado por ela foi a utilização do padrão ouro e dos sistemas cambiais, uma vez que um dos grandes empecilhos à estabilidade econômica era a criação de uma moeda única nacional. Em 1885, existiam dois sistemas monetários, o ouro ou a libra esterlina, para transações externas, e o papel moeda, peso, para as internas. A tal situação se somou a possibilidade de os bancos emitirem moeda, desde que depositassem o mesmo valor em ouro, o que gerou problemas especulativos e, posteriormente, uma grande inflação⁴⁰⁵, que culminou na crise de 1890⁴⁰⁶.

Voltando à novela, podemos perceber como esse cenário foi favorável para Daniel decidir qual seria sua primeira tentativa de enriquecimento. Ao mesmo tempo, remove a mácula que o leitor possa notar no personagem de Bloch, que poderíamos supor um homem de más intenções, vez que oferecera muito prontamente seus serviços para ter acesso ao dinheiro do colega e, após a falência de Daniel, desapareceu. Também destaca Daniel como um jovem expatriado disposto a se arriscar em aventuras.

Después de su descalabro quedaba Daniel con unos 4.000 pesos por todo haber. Durante los meses transcurridos no había formado sino muy pocas

⁴⁰⁴ LENZ, Maria Heloisa. A crise argentina de 1890: dívida e instabilidade externa. In: *Análise econômica*, Porto Alegre, ano 28, n.54, p. 225-248, set. 2010.

⁴⁰⁵ Problema semelhante ao enfrentado no Brasil durante a crise no governo Deodoro da Fonseca, conhecida como Encilhamento.

⁴⁰⁶ LENZ, Maria Heloisa. Op. Cit.

relaciones útiles, fuera del gremio bolsista, que ya le inspiraba invencible aversión. Maurice Bloch, de quien, sin embargo, no conservaba mal recuerdo, había desaparecido⁴⁰⁷.

Após alguns dias sem alternativas, visto que não possuía conhecidos, o jovem francês decidiu-se por uma nova aventura, a exploração aurífera na Terra do Fogo. Groussac narrador já alertava que tal atividade não era muito próspera no país, onde a escassez de tal minério sempre prejudicara tal exploração. Groussac, além de conhecedor da história argentina, tinha viajado à Terra do Fogo menos de 10 anos antes de escrever a novela, como apontei anteriormente no capítulo dois. Tal ambiente, que havia lhe provocado grande admiração por sua beleza e grandiosidade natural, é trazido por ele de volta à tona nesse texto ficcional.

Sobre ese fantástico tema de la “California austral” (mejor llamada en esta circunstancia la Tierra del “Juego”) versaba, naturalmente, la conferencia que en el “Instituto Geográfico argentino” dio una de aquellas noches, y por cierto con éxito triunfal, el feliz concesionario del “Páramo”— que así se llamaba, por apodo fatídico, el fueguino Dorado — Daniel, especialmente invitado por el disertante, figuraba no sólo entre los oyentes, sino entre los creyentes. Ocurrió, en efecto — y acaso pudiera ello tenerse por el resultado más asombroso de aquella chisporroteante pirotecnia con lluvia de pepitas, que, terminada la función, nuestro descalabrado bretón, fresca aún su moledura bursátil, se acercara al pirotécnico para decirle, tras las felicitaciones de fórmula, que estaba dispuesto, además de tomar acciones en la Sociedad, a embarcarse con él para trabajar a su lado en los lavaderos. Volvieron juntos y, puestos prontamente de acuerdo, formalizaron al día siguiente un convenio, según el cual Daniel tomaba al contado y a la par veinte acciones de la Sociedad, incorporándose al personal minero como “subgerente”, con un sueldo mensual de 100 pesos y después de un año el derecho al laboreo de una media pertenencia propia, usando las instalaciones y maquinarias de la Sociedad...⁴⁰⁸

Mais uma vez, Daniel decidia-se por uma empreitada na qual a sorte era um fator essencial, ignorando os conselhos de Estela, que novamente não acreditava no sucesso da aventura. Aliado a seu sócio, chamado Poker (um nome sugestivo), Daniel chegou à Baía de San Sebastián, na Terra do Fogo.

A los pocos días de firmado el contrato bobo, Poker y Daniel tomaban un vapor del Pacífico para trasladarse en Punta Arenas a una goleta de cabotaje, que, desandando lo ya recorrido del estrecho de Magallanes, arribó por mediados de enero al dichoso “Páramo”, situado casi a la punta septentrional de la bahía de San Sebastián⁴⁰⁹.

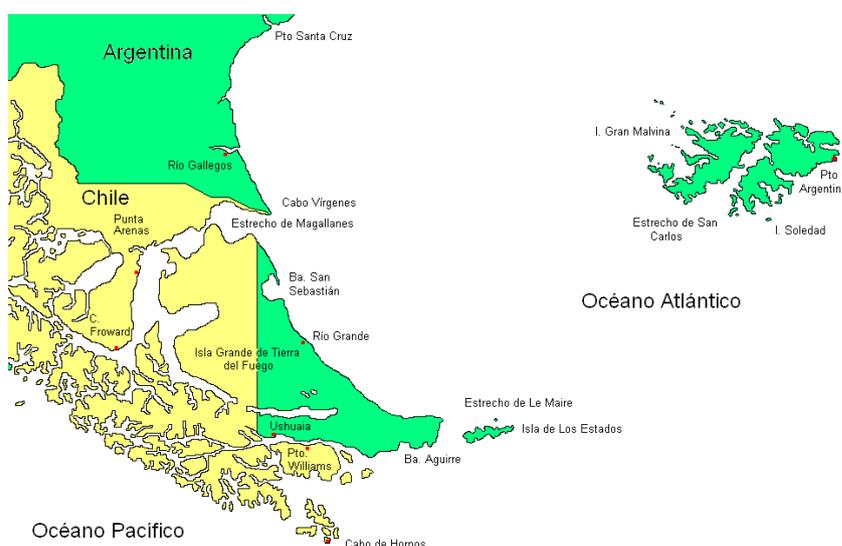
⁴⁰⁷ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 33.

⁴⁰⁸ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 35.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 36.

Groussac se vale das experiências de sua viagem a Punta Arenas e à Terra do Fogo, em 1914, para detalhar o ambiente, aliando ficção a dados reais da exploração de ouro na Baía de San Sebastián, “los lavaderos”. A quantia do precioso metal era muito pequena, não sendo o suficiente para arcar com os custos de sua exploração. Em um lugar inóspito, sem quase nenhum companheiro, Daniel, após oito meses de penúria, começava a amargar mais uma vez o fracasso. Seu sócio Poker, diante da amargura da situação, confessou ter exagerado as riquezas do lugar, tendo em vista conseguir o capital para iniciar o empreendimento.

Figura 5 – Mapa: Terra do Fogo



Fonte: Domínio Público. Disponível em:

https://es.wikipedia.org/wiki/Bah%C3%ADa_de_San_Sebasti%C3%A1n#/media/File:TierraDelFuego1.PNG Acesso em: 28 jun. 2018.

No ínterim do fracasso, Daniel recebeu uma carta de sua amada Estela, que lhe comunicava a morte de seu pai, o que a deixava em quase completo abandono. Tendo em vista garantir a sobrevivência da filha de forma confortável e segura, o pai havia manifestado o desejo de que ela se casasse com Simón Puech, porém, ela nada prometera antes de saber a posição de Daniel e se este vislumbrava alguma possibilidade para o futuro. Diante da derrota que se desenhava à sua frente, Daniel retirou-se da batalha, dando à sua prometida a liberdade de romper o compromisso e casar-se com o homem que não amava, mas que poderia dar-lhe a segurança de uma vida confortável, o que, para ele, era algo ainda muito distante. A carta de Daniel datava de agosto de 1890.

Mais uma vez, o jovem se via em uma situação de incerteza, seu saber intelectual não lhe era útil naquele ambiente. Contudo, havia realmente feito amizade com seu sócio Poker, a

quem tinha em alta estima e não queria abandonar. Vivia o dilema entre decidir-se por abandonar Poker e rumar para Buenos Aires, quando o destino decidiu por ele. Ao cair de um cavalo, foi necessário transladar-se para a cidade. Assim, o rapaz não pôde regressar à exploração de ouro, permanecendo em Buenos Aires.

Aunque tardía, la reducción, sin cloroformo, fué hábilmente practicada por el cirujano Lloret, del Hospital Rawson, y al mes o poco más del accidente, apenas quedaba de él cierta tiesura, que pronto desapareció, pudiendo Daniel entregarse sin estorbo a sus trabajos.

¡Sus trabajos! Bien llevaban este nombre las tareas, tan diversas y precarias como mal remuneradas, que al principio hubo de aceptar para, como se dice, ¡ganarse la vida! Y si más tarde, algo más asentadas, perdieron aquel primer aspecto de inseguridad, nunca dejaron el segundo, o sea su carácter de humildes y mezquinas, pudiendo atribuirse su relativa estabilidad a la aparente resignación de Daniel con su mediocre destino⁴¹⁰ [grifos meus].

Após se recuperar, Daniel dedicou-se a uma infinidade de afazeres para se sustentar, uma situação muito desgastante, uma vez que não conseguia se adaptar aos numerosos trabalhos que obteve, inclusive ao de preceptor de crianças. Muitos dos trabalhos aceitos por Daniel também o foram por Groussac, que, no início de sua vida na Argentina, também não permaneceu na cidade grande, devido principalmente à carência de recursos. Após seis meses em uma estância, Groussac regressou a Buenos Aires, por um pequeno período, como salientei no primeiro capítulo, indo logo em seguida trabalhar em uma província distante e menos urbanizada que a capital, em Tucumám. Daniel foi ainda mais aventureiro que seu autor, deslocando-se para regiões mais inóspitas e em trabalhos mais arriscados.

¡Entonces fué cuando tuvo que entrar de veras en la ruda batalla de la vida, no habiendo, al parecer, pasado de escaramuzas los contrastes anteriores! Gracias a la precaución antes indicada, no llegó nunca a conocer la miseria propiamente dicha: la necesidad material que hincan en la carne su diente de lobo. Ésta, por otra parte, no puede ser, en estos países nuevos y en sujetos vigorosos, sino un accidente pasajero. Pero sí hubo de sufrir, como achaque crónico, la escasez de medios, que apaga los bríos juveniles y cuando no deprime el carácter lo embravece y orienta hacia el pesimismo. Altivo y consciente de su real valer (humildad y talento son términos antagónicos), era natural que para Daniel cualquier destino inferior pronto se tornara intolerable, no fijándose sino en lo que presentaba de subalterno, sin atender a lo que tenía de productivo. Sucesivamente periodista francés, preceptor en una gran familia, comisario de vapor, empleado de Ministerio, agregado a la Comisión de límites con Chile, agente comercial, etc., ensayó diez empleos, sin adherirse a ninguno, unas veces por falta de aptitud, otras, por repugnancia al ingrato oficio⁴¹¹ [grifos meus]

⁴¹⁰ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 42.

⁴¹¹ Ibidem, p. 43- 44.

Aqui ficamos sabendo também que Maurice Bloch retornou à cidade, onde abriu uma casa de cambio e lotérica na *calle* San Martín. Foi ele quem conseguiu o primeiro emprego de Daniel como tradutor de cartas de uma empresa de seguros. Na passagem anterior, o narrador ainda destaca uma série de acontecimentos que muito se assemelham à vida do próprio Groussac, que também foi periodista em uma série de jornais e revistas, preceptor de uma grande família e ainda empregado do Ministério da Educação em Tucumám. Assim como seu personagem, Groussac deixou claro, durante sua vida, que talento não combinava com humildade, sendo ele mesmo a mostra disso, ao se tornar uma figura caricata por sua falta de modéstia.

Assim como Groussac, Daniel decidiu tornar-se professor. Em 1895, conseguiu duas cátedras, de História e Literatura, em colégios oficiais em Buenos Aires. Assim como para o autor, a oportunidade de ser professor foi, para Daniel, ainda uma oportunidade de aperfeiçoar seus próprios conhecimentos, sobretudo o da língua espanhola.

Finalmente, hacia el año de 1895 obtuvo dos cátedras—una de Francés y otra de Historia—en los colegios oficiales, las que hizo redundar en propio beneficio intelectual, pues la primera le obligó a cultivar el castellano, mientras la segunda le recordaba los cuadros de la inmensa tragedia humana. Por lo demás, su flaco emolumento, agregado al de algunas lecciones particulares, apenas le aseguraba *la áurea mediocritas*⁴¹².

Apesar de ser uma oportunidade para o enriquecimento intelectual, Daniel encarou o magistério como algo abaixo de sua capacidade. O narrador destaca que foram anos “descoloridos”, nos quais o personagem dedicou-se ao seu eu interior. Os poucos momentos que alegravam seu ego eram os de breve reconhecimento europeu ou, mais especificamente, parisiense:

Se dedicó con ahinco al estudio y al arte literario, si bien limitando su producción exterior a unos pocos ensayos o “fantasías”, que salieron a luz en grandes revistas parisienses. Allá, por el vigor del pensamiento como por la belleza de su estilo, no pocas de estas páginas provocaron aplausos, que rara vez llegaban al autor en forma de carta espontánea de algún maestro, cuyas líneas laudativas rasgaban un instante, como relámpagos, su argentina obscuridad⁴¹³ [grifos meus].

Mais uma vez, as semelhanças com a biografia e a produção literária de Groussac aparecem. A França continua como um parâmetro, porém, um lugar onde um homem não mais tão jovem tinha espaço para reconstruir sua carreira:

⁴¹² GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 45.

⁴¹³ Idem.

Muerta su madre, y su hermana metida a monja, ya nada le llamaba al terruño natal. ¡Sólo quedaba París, hacia cuyo faro de luz resplandeciente tendía fija su mirada con enfermiza y dolorosa obsesión! Pero ¿cómo volver allá, sin fortuna, ya no muy joven, ignorado y desvalido, para conquistar la gloria y disputar el premio en la arena artística? La obra maestra es fruto que no madura en árbol trasplantado; o, si tal ocurriera, por caso nunca visto, llegaría a su destino enjuta y desabrida. Aquí, pues, había que envejecer, continuando este humillante girar de caballería atada al malacate y perdida ya toda esperanza razonable en un súbito golpe de fortuna...⁴¹⁴ [grifos meus].

Como nada o prendia à França, este não pertencimento colaborou para que Daniel também se divorciasse do meio no qual vivia na América. Sua moral, entretanto, não havia sido testada até o momento da chegada da carta de Simón Puech, que o colocara a recordar os passos de sua vida americana.

Decidido a fazer o que pedia o amigo, há muito tempo distante, Daniel saiu à rua. Groussac nos brinda com uma descrição da buliçosa Buenos Aires em fins do século XIX:

En el tumulto de aquel barrio central, a mediodía, por entre los vehículos, transeúntes de prisa, empleados comerciales, baratilleros, buhoneros ambulantes y muchachos vendedores de diarios o billetes de la «grande para mañana», que a grito herido pregonaban su mercancía, Daniel se dirigió a la agencia de su amigo Bloch, que le quedaba a dos cuadras hacia el Sur, en la misma calle San Martín⁴¹⁵.

Como podemos ver no mapa número 4, a *calle* San Martín é muito extensa, sendo uma das principais vias da cidade localizada no centro histórico da capital argentina. Ela foi idealizada já durante a fundação da capital, em 1580, constituindo-se, ainda hoje, como um dos principais centros financeiros. Não é por um acaso que Groussac insere seu personagem nessa rua. Daniel já é um morador, a carta que inicia a trama pede-lhe que compre um bilhete de loteria no dia do sorteio de final de ano, pois o personagem é um velho amigo do dono da lotérica, na qual o bilhete é adquirido. É estratégico para a história que o personagem se encontre bem no centro da cidade e, especialmente, no centro financeiro. A rua funciona como local emblemático, assim como, nos romances russos analisados por Marshall Berman, era a rua Nevsky, em São Petersburgo, frequentemente o ponto central de suas narrativas⁴¹⁶.

⁴¹⁴ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922.

⁴¹⁵ Ibidem, p. 49.

⁴¹⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

Figura 6 – Mapa atual de Buenos Aires tendo em destaque a *calle* San Martín



Fonte: Mapa desenvolvido através do aplicativo *Google Maps*⁴¹⁷

Daniel não era um jogador, principalmente após o evento que o fizera perder todos os seus investimentos em ações, durante a crise de 1890. O personagem afirma que nunca havia cedido aos caprichos de arriscar a sorte no jogo. Atendendo, porém, ao pedido, ele compra um bilhete para o amigo Simón Puech e sua esposa Estela, o bilhete de número 9090, que dá título à história. Como só restavam dois bilhetes na lotérica, ele acaba por comprar um para si próprio, o de número 9099.

Tal decisão dá início a um dilema moral. Comprado o bilhete na presença de Bloch, Daniel deixa claro que o número 9090 fora o adquirido para Simón. Quando regressa à sua residência, ele escreve uma carta informando que este era o número comprado para o outro, sai e a envia no mesmo dia. A situação muda de figura quando, no dia seguinte, o número é o sorteado, ganhando milhões de pesos. Tal prêmio poderia mudar a vida de Daniel, tirá-lo da mediocridade em que vivia e levá-lo de volta a França, onde poderia viver confortavelmente de renda até o fim de seus dias.

Todavía, pues, notábase él mismo un ligero temblor en la voz al averiguar en la tesorería cuándo se pagaban los premios y qué formalidades se requerían. El empleado le contestó que los premios se pagaban desde la mañana

⁴¹⁷Disponível em: [https://www.google.com.br/maps/dir/Avenida+Comodoro+Py,+Buenos+Aires,+Cidade+Aut%C3%B4noma+de+Buenos+Aires,+Argentina/C%C3%ADrculo+de+Suboficiales+del+Ej%C3%A9rcito,+San+Mart%C3%ADn,+San+Nicol%C3%A1s+de+los+Arroyos,+Buenos+Aires,+Argentina/@34.597785,58.3890854,14z/data=!3m1!4b1!4m1!4m1!5!1m1!1s0x95a3354c63596709:0xe372863fef7a6dd1!2m2!1d-58.3686191!2d-34.5878562!1m5!1m1!1s0x95bccad31da55b77:0xa46166d3435f4145!2m2!1d-58.3736105!2d-34.6077415!3e2?hl=pt-BR](https://www.google.com.br/maps/dir/Avenida+Comodoro+Py,+Buenos+Aires,+Cidade+Aut%C3%B4noma+de+Buenos+Aires,+Argentina/C%C3%ADrculo+de+Suboficiales+del+Ej%C3%A9rcito,+San+Mart%C3%ADn,+San+Nicol%C3%A1s+de+los+Arroyos,+Buenos+Aires,+Argentina/@34.597785,58.3890854,14z/data=!3m1!4b1!4m1!4m1!4m1!5!1m1!1s0x95a3354c63596709:0xe372863fef7a6dd1!2m2!1d-58.3686191!2d-34.5878562!1m5!1m1!1s0x95bccad31da55b77:0xa46166d3435f4145!2m2!1d-58.3736105!2d-34.6077415!3e2?hl=pt-BR) Acesso em: 25 jun. 2018.

siguiente, a las nueve, efectuándose los pagos al portador del billete, sin ninguna formalidad ni averiguación⁴¹⁸.

Por que não tomar tal decisão? Por que não ficar com o prêmio? Na carta Daniel anunciava que iria passar o natal com a família de Simón Puech. No dia seguinte, ao sacar metade do prêmio com o bilhete premiado, a loteria já sabia que oficialmente o ganhador era o portador do bilhete. Porém, a consciência moral não permitia a Daniel tomar a decisão mais fácil. Inicialmente, ele havia assumido publicamente que não era o ganhador, mas um intermediário. Ninguém, todavia, interessava-se por tais explicações:

-Muchas gracias por sus buenos deseos, doctor — dijo, bajando modestamente los ojos —; pero es que no soy yo el verdadero ganador, sino un amigo mío del campo; desgraciadamente, no tengo en el negocio sino el papel de intermediario... —Ya, ya; conozco la treta para librarse de cargosos y sablistas. Mis felicitaciones una vez más—Y al ganar su asiento se dio vuelta para agregar: — ¡Pero cuidado con abandonar mi traducción ahora que es usted millonario!⁴¹⁹

Duas testemunhas, efetivamente, sabiam que o bilhete não havia sido comprado para ele: Bloch e a carta enviada por Daniel. Uma empreitada fantasiosa se iniciou, na qual Daniel arranjava uma série de desculpas para não entregar o prêmio. Embora ele, efetivamente, tenha partido de Buenos Aires de trem para ir à vila de Puech, uma série de incidentes que acarretaram na demora do trem, devido a problemas de inundação na ferrovia, fez com que se desvencilhasse do traçado inicial.

[...] en la llegada a Huincul, estación por la que Daniel se interesaba...
—¿ De suerte—preguntó Daniel—que la correspondencia de ayer para este punto habrá llegado ya a su destino?
—Ayer no corrió tren por esta línea—contestó el empleado— ; es probable que esa valija vaya por el tren de esta noche...
La noticia, si bien no del todo afirmativa, produjo en Daniel tan profunda impresión que por ella decidió en el acto su viaje a Huincul⁴²⁰.

O trem, na história de Daniel, assim como o de Groussac em suas viagens, é um espaço fundamental. Primeiro, o trem oferece o lugar para o personagem interagir com outras pessoas, conhecidos que o parabenizam pela conquista do prêmio. Quando Daniel nega que o prêmio seja dele, afirmam ironicamente que também negariam ter recebido tal bolada, tendo em vista afastar interesseiros. Pessoas desconhecidas falam o que fariam com tal quantia e o deixam sonhar em possuir o dinheiro e traçar planos.

⁴¹⁸ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 82

⁴¹⁹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 72

⁴²⁰ Ibidem, p. 73

Por más que, desde la víspera, su conciencia honrada rechazara, como una sugestión abominable, hasta la sombra de una vacilación ante el caso que no la admitía—siendo así, como dijera Bloch, que había quedado resuelto en el acto de plantearse—, ¿por qué volvía con persistencia a hostigarle aquel diabólico sofisma, suscitando dudas acerca de una solución que, a primer vista, aparecía tan clara como inatacable?⁴²¹

A fibra moral de Daniel, no entanto, não impede que ele idealize como seria ficar com o prêmio e ele começa a pensar no que poderia fazer com a grande quantia. A bordo do trem, na hora do jantar, decide por se sentar com um grupo de jovens franceses, que lhe proporciona várias alternativas para investimentos na Argentina, com quantias e previsões do quanto seria necessário para viver de renda em Paris, como eles faziam. Tal descrição de Groussac permite ainda que possamos ver como era a vida desses jovens e ricos viajantes, que vinham à Argentina para investir em fazendas, ações, empresas e viviam da renda que estas lhes proporcionavam. As principais medidas que aqueles homens, encontrados no restaurante do trem, traziam a Daniel permitiam-lhe mesmo pensar como seria seu regresso triunfal:

Vuelvo a mi patria con 60.000 francos de renta sólida, inmune contra todo accidente, y que, dejando bien invertido el capital, no puede sino crecer como planta arraigada en buen terruño. Llego a París joven aún, aunque experimentado ; sano y robusto, lleno de bríos ; poseedor, no de una fortuna yanqui—de esas que avasallan o embrutecen a su dueño—, sino de la que corresponde al amplio bienestar francés, la que, asegurando la independencia y permitiendo al biennacido la frecuentación social de su agrado, basta para la satisfacción de todos los gustos finos y nobles. El mundo me abre sus puertas, ¡mío es el porvenir!⁴²²

O dilema moral acaba por se decidir, quando Daniel chega à conclusão de que, para Simón, o dinheiro apenas apressaria o crescimento de uma fortuna que já possuía. O fato de encontrar empregados que afirmavam que o sujeito explorava imigrantes franco-italianos como colonos em suas terras deu a ele mais uma justificativa para seus atos:

Siendo cosa entendida y resuelta que no había tomado el tren sino para traer a Simón Puech el cheque correspondiente al billete premiado, adquirido con el dinero de aquél, y, por lo tanto, de su legítima y única pertenencia, primero se preguntó a sí mismo a qué se debía que tan clara noción hubiera venido obscureciéndose gradualmente en su espíritu. ¿Podía acaso atribuirse tal mudanza al carácter frágil o accidental del título de propiedad, o bien a la chocante desproporción existente entre ese ademán indeliberado, por no decir indiscernible, y las consecuencias enormes que le prestara la casualidad? “No—contestábase una vez más y sin vacilación— ¡fuera de aquí toda falacia vergonzante!” De lo primero no había que volver a hablar.

⁴²¹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922,.

⁴²² *Ibidem*. p. 87

La propiedad del billete en cuestión no era más incierta que la de cualquier otro bien adquirido: pertenecía tan indiscutiblemente a Simón como si éste lo hubiera pagado por su mano [...] Sí, evidentemente, en ese repentón del azar, que brutalmente le arrancaba una fortuna para regalarla a ese otro, se revelaba una cruel ceguera, si no monstruosa ironía del destino. Para hacerla resaltar bastaba contraponer el efecto que en una y otra condición individual habría de producir el inesperado suceso. Dada la situación de modesta pero creciente prosperidad en que se hallaban Puech y los suyos, este golpe de fortuna no hacía sino adelantarle algunos pasos en su carrera; el colonizador se haría estanciero; compraría una casa en la ciudad; en lugar de llegar a ser rico en la edad madura, lo sería desde la juventud [...] ¡Qué diferencia, entretanto, con el caso de Daniel! Tal novedad significaría para él un contraste o vuelco tan brusco como el tránsito de la noche al día. Era una vida nueva la que empezaba [...] [grifos meus]⁴²³

Após comprar os bilhetes, Daniel enviara uma carta a Simón informando-lhe o número do bilhete que havia adquirido para ele. O destino, porém, ajuda Daniel a conseguir modificar o conteúdo da carta, tendo a oportunidade de retirar da bolsa do funcionário de Simón a correspondência, adulterá-la e depois colocá-la no mesmo lugar, como se nunca houvesse sido adulterada. É importante ressaltar, que durante seus conflitos morais, o personagem chegou a esquecer de tal correspondência, decidido estava por entregar o cheque milionário. Porém, a injustiça de sofrer mais uma decepção da fortuna fez com que mudasse de ideia. Efetivamente nenhum crime ele cometia, como o personagem resalta a todo instante. Pensou mesmo em não chegar ao destino final, regressando a Buenos Aires sem chegar à Vila Estela, vez que não havia nada o que fazer lá. Porém, não queria deixar à vista suas vilanias, decidindo ele mesmo ir avisar a situação a Simón e sua esposa.

Ao chegar à casa de Simón e Estela, Daniel é muito bem recebido por sua afilhada, filha do casal, que em sua homenagem se chamava Daniela. Simón estava de cama, o que forçou Daniel a tratar com sua ex-prometida Estela, que colocou em xeque todas as suas mentiras. Primeiro, porque o próprio Bloch a havia informado do bilhete premiado e que Daniel estava a caminho. Segundo, porque ela desconfiara do estado do envelope timbrado da carta, que se mostrava levemente corrompido. Legalmente, mais uma vez, nenhuma das acusações poderiam se sustentar. Porém, Daniel confessa seus atos e mentiras e como tentara arquitetar para ficar com o dinheiro. Nada poderia salvá-lo do pecado que se delineava em sua própria mente. Deixou o dinheiro que havia sacado com Estela e também o cheque.

Daniel, em suas divagações, não havia imaginado que prejudicava sua amada e sua filha, não esperava tratar com ela e nem mesmo encarar a decepção que ela sentia em relação ao homem que idealizara há uma década. Diante da solução de Daniel por entregar o dinheiro,

⁴²³ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 93-94.

ela se arrepende de tê-lo acusado. Os apelos para que ficasse por parte dela foram, no entanto, ignorados. Não havia lugar para ele ao lado daquela família, a qual julgava ter tentado prejudicar, não havia lugar para ele na pátria natal, onde, mesmo com dinheiro, também sabia que não se encaixaria. Seus dilemas morais não permitiam que retornasse à vida que levava na capital, para a qual ele não aceitava regressar após mais uma decepção. Para solucionar seus dilemas, o personagem não encontra outra solução, senão o suicídio.

Alguns pontos dessa novela nos ajudam a compreender melhor o papel de Groussac dentro da sociedade argentina na qual vivia. Mesmo sendo o texto uma novela, ou seja, um texto ficcional, que não tem por finalidade retratar fielmente a realidade, ela nos aponta aspectos nos quais o autor se prendia para a construção de sua própria identidade. É revelador que seu personagem tenha sido pensado em um período no qual Groussac também era uma autoridade intelectual muito mais atuante no cenário argentino. Dessa maneira, é clara uma certa nostalgia do autor por esse período específico de sua carreira, que foi o período de publicação de suas revistas e da maior parte de suas obras e viagens.

Mais do que isso, em Daniel, podemos observar um sentimento conflituoso entre pertencer ou não à sociedade na qual vivia. Assim como Groussac, podemos perceber no personagem o sentimento do “não-lugar”. Mesmo tendo sido uma escolha pessoal não obrigatória, ou seja, a do expatriado e não do exilado, o sentimento ainda é conflituoso⁴²⁴. Daniel se coloca em uma espécie de limbo, nunca se adaptou plenamente ao meio no qual decidiu viver e, após várias tentativas mal sucedidas de enriquecimento e engrandecimento pessoal e moral, não conseguia aceitar o fracasso e retornar para uma terra na qual também já não possuía mais vínculos. A novela dá a oportunidade de Groussac testar esse sentimento ao máximo. Daniel não conseguira conquistar uma família na Argentina, até mesmo o casamento com a mulher que desejava lhe fora negado. Não era seu intento tornar-se um milionário ou trabalhar nos campos argentinos, que construíram a riqueza de tantos viajantes que se arriscaram, mas a opção que tomou pelo trabalho intelectual, ao se tornar professor, também lhe outorgava uma posição que ele considerava medíocre e que não estava à altura de sua capacidade.

O desgaste das constantes derrotas o impediram, porém, de ter entusiasmo para buscar tornar-se o que desejava, um intelectual reconhecido, não apenas esporadicamente em seu país de origem, mas como um dos grandes. Diante da impossibilidade de tal conquista, a morte se mostrou um caminho mais fácil ou o único. Dessa maneira, é provável que o

⁴²⁴ De acordo com a definição de Eduard Said.

sentimento de Groussac em relação à sua própria condição de estrangeiro na Argentina se mostre em uma escala mais acentuada em seu protagonista.

Um ponto que já mencionei, mas que reforço agora, é o fato de tal novela ter sido escrita em 1921, ou seja, o autor já era um idoso, o país vivia e já havia passado por uma série de mudanças, entretanto, ele opta por regressar ao final do século XIX para compor o enredo. Em minha opinião, a opção de Groussac por construir a trama nesse período refere-se ao novo lugar que ele ocupava na intelectualidade argentina da década de 1920, ou ao “não-lugar” que ele ocupava.

A década de 1920 inicia um novo período para a intelectualidade argentina, muito influenciada pelas consequências do fim da Primeira Guerra, em 1918. O conflito abriu uma nova janela para a América Latina, uma vez que deixou clara a barbárie que também poderia atingir aqueles que antes serviam de modelo civilizacional para o “Novo Mundo”. Os avanços tecnológicos e intelectuais sendo usados como veículos para a destruição em massa foram fundamentais para esse posicionamento. Susana Biasi destaca que os anos 1920 foram anos de contestação, em toda a América Latina, como podemos ver no Movimento Modernista brasileiro. Na Argentina, não foi diferente. Foram anos de rebuliço intelectual, questionamento, reformas universitárias, em que os intelectuais questionavam, mais uma vez, o seu papel na sociedade.

Para algunos grupos intelectuales de la nueva generación, el fracaso europeo de la Gran Guerra podía considerarse como la oportunidad de América para asumir un liderazgo civilizatorio ante el mundo, que necesitaba orientación para introducirse en un “nuevo tiempo”.

Entre los protagonistas del debate sobre las nuevas condiciones, aparecen nuevos interlocutores, que anteriormente no podían hacer valer sus opiniones, entre otros, los jóvenes, quienes, como tales, se plantean como alternativa a los fracasos de las generaciones anteriores. En nuestro país, la reivindicación de estos roles se vinculó con una postura progresista, asociada con el movimiento reformista, que iba a tener gran vitalidad en los sectores intelectuales por largo tiempo⁴²⁵.

Nesse período, a especialização dos saberes se tornou ainda mais acentuada, com a criação de novos cursos e com a reforma universitária, iniciada em 1918. Os intelectuais em evidência são outros, como José Ingenieros e Leopoldo Lugones. Está claro que não há mais espaço de real atuação para personalidades, que, como Groussac, optaram por construir sua carreira levando em consideração a não especialização e a atuação em variados assuntos.

⁴²⁵ BIASI, Susana. Los intelectuales y sus opciones en la década de 1920. In: *Épocas* - Revista de Historia - usal - núm. 3, dic., p. 11, 2010.

Paula Bruno defendeu que a opção de Groussac por se tornar um mestre sem seguidores foi fundamental para que efetivamente sua obra não “quedase” no cenário intelectual argentino do século XX. As condições do campo intelectual, já na década de 1920, eram bem distintas das que o autor encontrara no auge de sua carreira, nas últimas décadas do século XIX. Não havia mais tanto espaço de atuação para personalidades, que, como ele, não haviam definido um campo específico de atuação, mas, muito pelo contrário, aventuraram-se nos mais diversos campos e debates públicos com seus pares. O personagem já não era mais o referencial que fora, não era mais o centro de um campo no qual muitas vezes atuara como árbitro.

Groussac não foi uma figura famosa por sua simpatia, o que não impede que traduza bem o espírito de sua época. De forma mordaz, em *Respiração artificial*, Ricardo Piglia caracteriza o autor como o espelho de uma época em que a Argentina prezava, sobretudo, o europeísmo, característica que possibilitara sua ascensão.

Tratava-se, antes, daqueles intelectuais europeus que, integrados à cultura argentina, nela haviam cumprido uma função particular. Essa função não podia ser estudada sem que se levasse em conta o caráter dominante do europeísmo: porque justamente era sua linha de continuidade e sua transformação o que eles vinham encarnar. O exemplo mais nítido era, para o professor, o caso de Groussac. Na realidade ele via em Groussac o mais representativo desses intelectuais transplantados, antes de mais nada porque ele atuara no momento preciso, exatamente quando o europeísmo constituiu-se em elemento hegemônico. Groussac é o intelectual da década de 1880 por excelência, dizia o professor; mas é, sobretudo, o intelectual europeu na Argentina por excelência. Graças a isso, pudera desempenhar aquele papel de árbitro, juiz e verdadeiro ditador cultural. Aquele crítico implacável ao qual todos se submetiam, era irrefutável porque era europeu. Tinha o que se pode chamar de um olhar europeu autenticado, e dali julgava as realizações de uma cultura que se esforçava por parecer europeia. Um europeu legítimo se divertia à custa daqueles nativos fantasiados. Ria-se de todos eles, pareciam-lhe meros literatos sul-americanos. E ele Groussac, por sua vez, não passava de um francesinho pretensioso que, graças a Deus, fora parar naquelas ribeiras do Plata porque sem dúvida na Europa não teria tido outro destino que não o de perder-se num laborioso anonimato, dissolvido em sua meritória mediocridade⁴²⁶ [grifos meus].

Talvez tenha escapado a Piglia, ou mesmo não tenha sido algo importante à sua história, visto que *Respiração artificial* também é uma história ficcional e, uma vez o sendo, não tem por obrigação ater-se a questões que não colaboram com seu enredo, mas penso que Groussac se torna um personagem mais interessante por ser europeu na Argentina e sul-americano em Paris, muitas vezes ele próprio colocando-se com literato argentino. Porém,

⁴²⁶ PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. São Paulo: Folha de São Paulo, MEDIAfashion, 2012, p. 114.

Piglia destaca questões importantes como quem seria Groussac em Paris. A realidade é que foi a conjuntura na qual ele chegou à Argentina, bem como a sua posição de estrangeiro que abriram as portas para a sua atuação. Entretanto, é importante também salientar que o personagem teve perspicácia e inteligência para construir uma carreira de sucesso, não tendo isso acontecido com tantos outros literatos europeus. Assim como Piglia salientou, Groussac não foi um francês de passagem, um visitante, um viajante europeu. Ele foi um “transplantado”, ou seja, ele não abandonou mais a Argentina depois de sua chegada. No caso de Groussac, chama a atenção, ainda, a questão de não ser um intelectual europeu consagrado em seu país e depois transplantado à Argentina, tendo construído sua carreira no país adotivo.

Concordo com Paula Bruno que é sintomático o fato de suas obras não serem repostas nas livrarias em novas edições até 1980, quando um novo interesse por elas começou a se revelar em algumas reedições, devido, sobretudo, ao centenário da “geração de 1880”⁴²⁷. Porém, também penso que, se a preocupação de Groussac foi construir sua lenda, como um personagem que ditava as regras, que se manteve em constante evidência no fim do século XIX, que não criou escolas ou educou discípulos, tornando-se até mesmo uma personalidade pouco simpática ao meio no qual atuou, ganhando a fama de “devorador de gente”, como o imaginou Rubén Darío, e que ainda assim permanece como uma personalidade constantemente evocada por pesquisadores, tanto historiadores, como críticos literários que buscam compreender o campo intelectual argentino de finais do século XIX e início do XX, então, concordando com Jorge Luis Borges, foi impossível Groussac não “quedar”⁴²⁸. Borges utilizou tal expressão no texto publicado logo após a morte de Groussac em 1929:

No hay muerte de escritor sin el inmediato planteo de un problema ficticio, que reside en indagar —o profetizar— qué parte quedará de su obra. Ese problema es generoso, ya que postula la existencia posible de hechos intelectuales eternos, fuera de la persona o circunstancias que los produjeron; pero también es ruin, porque parece husmear corrupciones. Yo afirmo que el problema de la inmortalidad es más bien dramático. Persiste el hombre total o desaparece. Las equivocaciones no dañan: si son características, son preciosas. Groussac, persona inconfundible. Renán quejoso de su gloria a trasmano, no puede no quedar. Su mera inmortalidad sudamericana corresponderá a la inglesa de Samuel Johnson: los dos autoritarios, doctos, mordaces.

La sensación incómoda de que en las primeras naciones de Europa o en Norte América hubiera sido un escritor casi imperceptible, hará que muchos

⁴²⁷ BRUNO, Paula. *Paul Groussac un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2005; BRUNO, Paula. *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2011.

⁴²⁸ Permanecer.

argentinos le nieguen primacía en nuestra desmantelada república. Ella, sin embargo, le pertenece⁴²⁹ [grifos meus].

Os estudiosos de Borges são muito familiarizados com as referências feitas ao franco-argentino. Além do texto publicado como homenagem após a morte, no momento em que várias pessoas publicavam necrológios, tentando definir quem havia sido Groussac, qual havia sido realmente sua obra e o que permaneceria, há também um poema de Borges, o “Poema dos dons”, no qual Borges faz analogias entre a sua situação e a de Groussac, já que ambos foram diretores da Biblioteca Nacional, ficaram cegos, estando cercados dos livros que lhes eram tão caros:

[...]Al errar por las lentas galerías
suelo sentir con vago horror sagrado
que soy el otro, el muerto, que habrá dado
los mismos pasos en los mismos días.

¿Cuál de los dos escribe este poema
de un yo plural y de una sola sombra?
¿Qué importa la palabra que me nombra
si es indiviso y uno el anatema?

Groussac o Borges, miro este querido
mundo que se deforma y que se apaga
en una pálida ceniza vaga
que se parece al sueño y al olvido⁴³⁰.

Dessa maneira, tendo por base esses indícios de permanência de Groussac no imaginário argentino, como os apontamentos de Jorge Luis Borges e até mesmo do já mencionado Ricardo Piglia, é evidente que Groussac se tornou um intelectual reconhecido para a posteridade e que suas obras e opiniões despontam como pistas para se compreender seu espaço e conjuntura de atuação. Se o autor permanece hoje como uma figura central da intelectualidade argentina é outra questão, porém, para os estudiosos do século XIX, é quase impossível escapar de sua esfera de influência, sendo recorrentes as referências ao seu nome.

4.2 O lar deserto

⁴²⁹ BORGES, Jorge Luis. Paul Groussac. In: *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. Tomo I (1923-1949). Buenos Aires: Emecé, 1996. Disponível em: <http://borgestodoelanio.blogspot.com/2016/03/jorge-luis-borges-paul-groussac.html> Acesso em: 02 jul. 2018.

⁴³⁰ BORGES, Jorge Luis. *Poema de los dones*. Disponível em: <https://www.poemas-del-alma.com/poema-de-los-dones.htm> Acesso em: 2 jul. 2018.

Nas novelas de Groussac, mais de uma vez, podemos observar suas opiniões sobre a imigração na Argentina e sobre a sua própria experiência. *El Hogar desierto* consiste em uma novela de Groussac escrita em 1897, três anos após sua última viagem a Paris, publicada no mesmo ano em *La Biblioteca*. A história é contada do ponto de vista de quem a escuta, uma terceira pessoa: um jovem francês. Esse se aventura a trabalhar nos pampas argentinos, conduzindo, junto a um gaúcho, seus rebanhos. Ao fim do dia, acabam por se hospedar em uma bela estância para descansar e, posteriormente, seguir viagem.

Ao chegar a casa, o rapaz francês se dirige ao espaço em que os outros peões foram autorizados a descansar, mas é surpreendido por uma empregada que o convida a tratar com o patrão. Surpreendido, mas não intimidado, o personagem se dirige à grande construção, que, para sua surpresa, encontrava-se visivelmente vazia: poucos móveis ocupavam a sala de jantar onde se encontrava e na qual o rico estancieiro comia sozinho.

Ao saber da presença do jovem hóspede e de sua procedência, Dom Martín o convidara a cear com ele. Quando conversaram, soube que o jovem já tinha viajado pela região onde ele nascera. Martín se emociona, mostra fotos dos filhos, com a esperança de que o homem tivesse conhecido sua bela família em suas andanças, que não vivia com ele na bela estância argentina. A indagação dos motivos que fizeram com que se separasse da família inicia o relato do velho homem, que, emocionado, relembra os desgostos do passado e os motivos de ter ficado só em uma casa maravilhosa, que outrora tinha sido repleta de mobiliário e alegria e, naquele momento, encontrava-se deserta e triste.

Dom Martín conta que nascera em Guéthary, na fronteira com a Espanha, ou seja, efetivamente, a língua francesa jamais tinha sido sua língua nativa. Nem mesmo se considerava um legítimo francês. A presença, porém, daquele jovem, fê-lo rememorar sua terra e seus costumes. Mais do que isso, fez com que o personagem adentrasse um turbilhão de lembranças.

Me contestó con cierta tristeza —Soy de Guétary. ¿Conoce usted esos parajes? —Por supuesto—dije con satisfacción—; he pasado algunos meses en Biarritz, y visitado uno por uno todos los puntos de la costa, desde el Adour hasta el Bidasoa. Guétary, aldea encantadora! Veo todavía la iglesia rodeada de casitas blancas que resbalan hasta la playa, en medio de los bosquecitos y trigales. ¡Vaya si conozco su tierra!... Un rayo de alegría iluminó la cara de don Martín, que me agarró del brazo y, sacudiéndome como ciruelo, repitió alborozado;— Con que, ¿conoce la tierra ? ¡Y bien, usted es un buen muchacho. ¡Ah! ¡No hay más un buen muchacho!⁴³¹

⁴³¹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p.181.

Ao ser questionado sobre a ausência da família e os motivos para os tão amados filhos não estarem presentes, Groussac imerge seu personagem em memórias passadas, que têm, como epicentro, o exílio, a distância entre os costumes europeus e dos pampas e o estranhamento diante da diferença. Quando chegara da França e comprara um pedaço de terra, Dom Martín não tinha a ideia da riqueza que conquistaria. Empenhou-se no campo, construiu uma fortuna, casou-se com uma jovem de família rica, Teresa, e com ela teve dois filhos, Graciana e Manuel. Atendendo aos caprichos da mãe das crianças, que era uma mulher nascida em família de posses e muito educada, Dom Martín havia contratado uma tutora. Porém, tal medida mostrou-se insuficiente. Teresa desejava que os filhos fossem educados nas principais escolas e implorava ao marido que os enviasse para estudar em Buenos Aires. A perspectiva da separação familiar não consistia em uma opção viável para o jovem pai, que desejava estar sempre presente. Diante dos constantes pedidos e de uma boa condição financeira, Dom Martín não só aceitou a oportunidade da viagem, bem como decidiu ir mais longe. Resolveu regressar à pátria natal, a qual não visitava há muitos anos. A viagem foi, para a família, um sopro de alegria.

Pero también crecían a la par mis dos chiquillos: Manuelito llegaba a los doce años y Graciana pasaba de las trece. Ahora tenían en casa a una pobre maestría española que les enseñaba a leer, escribir y no sé qué otras cosas, además de ayudar a Teresa en sus costuras. Todo eso me parecía suficiente, nunca quería oír hablar de ponerlos en el colegio, lejos de mí. Pero entonces también era una moda o estribillo en todas partes esa historia de la educación! En todo se metía la dichosa palabra, lo mismo en religión que en política. Se repetía que la escuela enseña a ganar batallas, que se acababa de descubrir recientemente el verdadero método de educar a los hijos, que el Presidente era un maestro de escuela⁴³² y también el que vendría después... Teresa, gran lectora de diarios, me esperaba todas las tardes con un nuevo sermón en que volvía siempre este San Agustín: “Tus hijos se crían como salvajes! Graciana no sabe geografía ni apenas la tabla de multiplicar. Manuelito no hace caso; se lo pasa a caballo por el campo y el monte todo el santo día...”⁴³³

Na metade do século XIX, com a queda de Juan Manuel de Rosas e o retorno dos exilados da famosa geração de 1837 – homens como Domingo Faustino Sarmiento –, a questão da educação pública tornou-se um dos pontos fundamentais para a consolidação da nação. Não surpreende, portanto, que Groussac insira tal questão em sua novela. Mais do que isso, a educação ideal se tornara a de Buenos Aires, cidade grande, europeizada. De toda

⁴³² Provavelmente se refere a Domingo Faustino Sarmiento.

⁴³³ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p.189.

forma, a ida à Europa para obter uma educação de qualidade permaneceu como elemento de distinção.

[...] Contaba ya veinte años de América, entre los cuales diez de trabajo personal y sacrificios; nunca había podido pensar en volver a la tierra, donde no me quedaba más que una hermana menor. Mientras estuve sepultado en la estancia, no queriendo siquiera establecerme en la ciudad vecina, parecióme un sueño irrealizable la vuelta a mi pobre aldea montañesa. Pero ya que se trataba de desarraigarnos por un tiempo bastante largo y vivir en una sociedad tan desconocida para nosotros como era Buenos Aires, ¿no parecía mejor para los niños y nosotros mismos alargar el paseo hasta Europa? Amigo mío, ¡qué sabroso es eso de dar una sorpresa agradable a los seres queridos! Cuando me abrí con Teresa sobre mi nuevo proyecto juntó las manos, dando un grito de alegría, y luego me saltó al cuello con tan franco arrebató que no hubo necesidad de más explicación⁴³⁴.

A chegada, porém, à terra natal foi marcada pelo estranhamento mútuo, tanto por parte de Dom Martín quanto da irmã que o recebia. Após alguns meses de estadia, Martín se viu obrigado a regressar à Argentina para tratar de assuntos financeiros, que só poderiam ser sanados pessoalmente. O que o surpreendeu, contudo, foi a recusa da família em acompanhá-lo. Sua irmã e sua esposa fizeram com que o personagem aceitasse, como uma melhor opção, a permanência dos filhos na França, para que a educação fosse mais definitiva no caráter dos pequenos.

Permaneceu, assim, distante da família por dois anos, um deles gasto negociando com o governo peruano as dívidas que colocavam em risco a fortuna que havia feito para os filhos. Findado esse tempo, ao regressar à sua estância na Argentina, deparou-se com a terrível notícia da morte da esposa Teresa, na França. Junto com sua cunhada Justina, Teresa havia enfrentado uma tempestade de neve que a deixara doente, matando-a em oito dias. Dom Martín sofreu profundamente com a perda, ficando convalescente por meses. Um dia, porém, deu-se conta de que os filhos permaneciam abandonados aos cuidados da tia, Justina, do outro lado do Atlântico. Colocou-se em marcha para a Europa, de onde pretendia regressar prontamente com os filhos para a Argentina.

Dom Martín encontrou dois filhos que se tornaram para ele praticamente estranhos. A filha, embora amável, já estava apaixonada por um jovem de boa família, que a cortejava; o filho era pianista e desejava seguir a carreira de músico. Sendo assim, o plano de forçá-los a regressar a uma terra que era, para ambos, apenas uma lembrança distante se mostrou impraticável. Martín acabou por ceder aos caprichos da filha e concedeu sua mão a Gabriel, homem de boa família, mesmo que falida. O filho Manuel continuou seus estudos de piano.

⁴³⁴ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922. p. 190.

O casamento de Graciana, que pareceu a princípio algo positivo, afastou mais ainda o pai. Foi interessante para Gabriel e sua mãe que Martín aceitasse a união, devido, em grande parte, ao dote generoso que concedera.

Las cuestiones de interés se arreglaron decente y prontamente. Prevenido por Justina, no hice observación alguna respecto del dote de Graciana: lo fijé en doscientos mil francos. Graciana, que merecía un rey, aunque no tuviera más dote que su belleza y su alma de santa, ¡tuvo que presentarse ante el notario con un puñado de billetes en la mano! Así lo requería el honor de la familia de Bosquet: son las costumbres de la civilización...⁴³⁵

Tal dinheiro permitiu à família do genro se colocar novamente no cenário da alta sociedade francesa, promovendo bailes e circulando pelos demais. À custa do dinheiro de Martín, foi alugada uma casa para passarem o verão em Paris, uma mansão nem um pouco modesta com diversas repartições. Martín, junto com a irmã Justina, foi colocado em um anexo à parte, longe da agitação do lugar.

Por lo demás, ese pabellón, fuera de nuestras habitaciones, comprendía un comedor y un saloncito: todo muy decentemente amueblado, y pronto para constituir, el día que quisiéramos, un departamento completo y tan desligado del resto del hotel como la casa vecina. No soy caviloso, pero sentí al punto una vaga inquietud, un anuncio indefinible de lo que estaba por venir⁴³⁶.

Tornava-se evidente que o velho franco-argentino se encontrava deslocado naquele ambiente e, mais do que isso, que era uma presença indesejada.

En los primeros tiempos, todavía nos encontrábamos reunidos para la comida; fuera de las noches de gala estábamos sin invitados, y esa hora de buena intimidad bastaba para llenar el vacío de todo el día. Pero comenzaron las comidas de etiqueta y recibos en el hotel; además del traje de ceremonia, que me pesaba en el cuerpo como una coraza, y las presentaciones de gente nueva a quien no encontraba nada que decir, venían las conversaciones sobre personas y cosas desconocidas... Y yo me quedaba inmóvil y callado, al lado de Justina, más mortificada que yo⁴³⁷.

Os salões parisienses eram também, para Groussac, espaços quase que desconhecidos, sendo breves as suas participações nesses espaços, como mencionado no primeiro capítulo, quando de sua visita a Vitor Hugo em 1883. Como Groussac não era um iniciado, também não dominava os códigos do intrincado ambiente que tinha o velho romancista como centro. Porém, Groussac compreendia que pertencer àqueles espaços apreendia a necessidade do

⁴³⁵ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 228.

⁴³⁶ *Ibidem*, p. 235.

⁴³⁷ *Ibidem*, p. 238.

domínio de uma série de normas e formalidades que lhe escapavam. Tal ambiente também não pertencia a Dom Martín, que, após vários desentendimentos, viu-se sozinho com sua irmã Justina, que, embora tivesse criado os sobrinhos, também não era bem-vinda naquele novo mundo de sofisticação, bailes e cafés.

Tal situação se mostrou evidente quando, após uma discussão, a família aproveitou-se de sua ausência para oferecer um baile. Como já muito estudado por autores, hoje clássicos, como Norbert Elias⁴³⁸, a sociedade de corte e seus códigos se espalhavam pela alta sociedade, sendo que esses códigos se estenderam até o fim do século XIX, período no qual o personagem de Groussac e ele próprio circularam por Paris.

Dom Martín se sentiu sozinho naquele universo, no qual o estranhamento tanto seu quanto dos que o rodeavam dominava a cena: “Me sentía más solo en esta inmensa ciudad dormida que en mis trasnochadas por el desierto de Atacama”⁴³⁹, O episódio do baile foi a confirmação do que ele já suspeitava, ele não era bem vindo. Ao chegar em casa após uma viagem de apenas um dia, a qual tinha por finalidade embarcar em Burdés sua velha criada Aschuma, que também já não se encaixava no serviço de sua filha, ao invés de encontrar uma família preocupada com sua ausência, encontrou o final de um baile de luxo. Tal evento ocorrera, mesmo após os protestos de sua irmã, que havia salientado o quão inadequado seria realizá-lo estando Martín ausente. Apesar de mencionar que a filha Graciana concordara com a tia, nada fez a família do marido mudar de ideia, o que dava a prova de que eles os envergonhavam. A alegria de sua filha ao contar os sucessos de tal evento dava o sinal de que ela também já estava perdida para ele: “Había dos barones y un vizconde... El señor X, ex colaborador del Fígaro y redactor en jefe de la Revista de los Salones, i había prometido un *compte-rendu*—no en el Fígaro, desgraciadamente, sino en la Revista—. En fin, ¡un gran triunfo!...”⁴⁴⁰

Uma semana após o baile, Justina retornou para sua casa em Guétary. Manuel permaneceu ainda por um tempo ao lado do pai, que alugou uma pequena casa próxima àquela em que Graciana se hospedava com a família do marido, que alegou não haver espaço suficiente para hospedarem Dom Martín e o filho. No entanto, uma pequena distância separava de trem pai e filha, que, na época, já se encontrava com uma gravidez avançada.

Após uma grave discussão com o filho, que desejava seguir a carreira de músico e que saíra derrotado de um concurso que poderia oferecer-lhe uma bolsa de estudos, ambos se

⁴³⁸ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴³⁹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 242.

⁴⁴⁰ Ibidem.

separaram. Manuel optou por viver com a irmã, enxergando no pai um estranho que desejava que ele regressasse a um mundo ao qual não desejava pertencer. Graciana deu à luz um menino, neto que Dom Martín, por pouco tempo, pensou que permaneceria ao seu lado. Foi a gota d'água para ele a decepção de não ser escolhido como padrinho do bebê, mais que isso, ele também era um estranho na casa da filha, não sendo convidado aos grandes eventos, ficando, em suas raras visitas, pouco tempo a sós com a filha e o neto.

Dom Martín se viu, assim, completamente desolado. Comprou uma passagem para Buenos Aires, escreveu aos filhos comunicando sua decisão e foi despedir-se da irmã, para a qual deixou garantias para sua sobrevivência. Despediu-se dos filhos na data marcada no porto, praticamente como estranhos. O amargo da ausência do neto coroava aquela despedida, que se mostrava como um alívio.

O rico estancieiro retornou à Argentina, onde permanecia sozinho em um lar que antes tinha sido tão repleto de felicidade. Os filhos, embora escrevessem regularmente, jamais se prestaram a regressar ao local onde nasceram. Martín termina, assim, sua narrativa: “Sabe usted que cuando se viaja en caravana, no habiendo baqueanos del camino, los primeros que dan en un mal paso lanzan el grito de advertencia a los que vienen detrás: me parece que así debe suceder también en el viaje de la vida”⁴⁴¹.

Groussac, em diversas passagens da novela, deixou transparecer aspectos de sua própria vida. Existia, no autor, um carinho pelos pampas que o acolheram ainda adolescente e onde permanecera como peão, cuidando de gado, por seis meses. A experiência da vida no campo foi fundamental para a formação de Groussac e para sua opção por permanecer em definitivo na Argentina. Após uma breve estadia em Buenos Aires, em 1871, viveu por longos 11 anos em Tucumán, província interiorana, onde também construiu uma família e criou seus filhos. Os filhos de Groussac, porém, nunca foram enviados para a Europa, para onde o autor retornou em 1883.

Assim como ocorria com dom Martín, nada prendia Groussac ao país natal. O pai havia se casado novamente e construído outra família, no seio da qual Groussac não se encontrou. Em Paris, após circular pela esfera intelectual, estrelada ainda por personalidades como Ernest Renan e Vitor Hugo, Groussac não conseguira adentrar aquele mundo, mas já possuía uma carreira consolidada na Argentina. O estranhamento do personagem em relação ao país natal, também presente em Groussac, mostra-se claro na história de seu protagonista, que, em um de seus momentos de solidão por Paris, pensa:

⁴⁴¹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 265.

La masa de la población estaba todavía entregada al sueño, y lo que se divisaba al pálido reflejo del alba era el París vicioso o ese otro agobiado y miserable que arrastra por el asfalto de los bulevares desiertos sus pies todavía mal descansados de la labor de la víspera. ; Ah ! ¿ Por qué muchos de aquellos infelices no se resolvían a dejar el seno de esa patria que se volvía para ellos madrastra, con ser tantos los hijos que necesitaba criar? ¿Por qué no cruzaban los mares en busca de las tierras nuevas y anchas donde el trabajo es fácil y bendecido, y hasta la pobreza pierde su aspecto irremediable y desconsolador?⁴⁴² [grifos meus]

A América ainda se mostrava como um caminho possível, mesmo que difícil, ainda era uma alternativa melhor a sofrer na Europa. Nesse aspecto, a Argentina se mostrava como um lugar possível para construir uma vida bem sucedida. Podemos conjecturar que se tratava de uma espécie de propaganda por parte de Groussac, atentando que a virada do século XIX e início do XX foi o período de *boom* da imigração europeia para o país.

4.3 La Rueda Loca

La Rueda Loca, assim como *La Herencia*, publicada em *La Biblioteca*, consiste em uma trama marcada pelo drama psicológico do protagonista sem cuja imaginação o ritmo da história se perderia. Os dois casais centrais eram amigos há muito tempo, um deles um casal sem filhos, Saturnino e Ofélia Moral, o outro, Balbina e Fabián Linares, com uma filha pequena, Cecília, à qual Ofélia era muito devotada.

A história se passa em Mar del Plata, renomado balneário argentino, em uma segunda-feira de carnaval.

Hacían desfilan todo el *highlife* balneario, volviéndose la pelota sin hacer caso del silencio y encogimiento de los demás. Aquel año señaló el apogeo de Mar del Plata en su primera y más sana época. Los hoteles, chalets y fondas de menor cuantía rebotaban de gente conocida; y, ¡síntoma elocuente de envidiable prosperidad!, hasta asomaron la cabeza llamativa algunas dudosas parejas de forasteros que, según las señoras escandalizadas, trascendían a “medio mundo” internacional⁴⁴³ [grifos meus].

A história se inicia com uma densa descrição de ambos os casais protagonistas, que almoçam juntos na casa dos Linares. O casal Moral, sempre visto junto e em harmonia, era conhecido como o casal de pinguins, uma brincadeira em referência à característica monogâmica dessas aves:

Saturnino Moral era hijo de un estanciero del sud. Célebre desde el aula por sus excelentes prendas físicas (y morales, naturalmente), había cruzado el piélago estudiantil sin un desliz que mereciera reparo. Fué el espejo (redondo) de los practicantes, después de ser el alumno ejemplar: bebía agua,

⁴⁴²GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 243.

⁴⁴³Ibidem, p. 284.

no jugaba ni casi fumaba, y su único recreo pastoril, si bien calamitoso para el vecindario, era estudiar la flauta con una paciencia de cautivo y un aliento de huracán. Descolgó la borla doctoral sin conocer más dispepsia o jaqueca que por el texto de Jaccoud. A poco llegaba la clientela, si atraída al principio por la fama universitaria, consolidada luego por el trato jovial y el efluvio de sanidad que su personilla despedía. Rechoncho y movedizo como una bocha, prestábale aspecto formidable el fenomenal desarrollo de su sistema capilar⁴⁴⁴.

Saturnino Moral se casou aos 27 anos com sua prima de 16 anos, por quem genuinamente se apaixonara. Ao contrário do marido, Ofélia era uma das beldades de Mar del Plata, loira, alta e com especial dom para se vestir com elegância:

Un tanto más alta que su «Saturno», como le llamaba en las circunstancias más graves de la vida, su cabeza rubia y frescas mejillas remedaban una dorada mies matizada de amapolas. Su exuberante y alegre persona había guardado cierto sello infantil: algo de una hermosa muñeca con ojos de turquesa, cuya rosada carne, como la de fragante albaricoque, incitaba al mordisco; al paso que la deslumbrante dentadura, asomando siempre por entre los rojos labios abiertos, daba idea de un teclado de carcajadas⁴⁴⁵.

Apesar da vida feliz, como o casal não tinha filhos, Ofélia dedicava especial atenção à filha dos amigos Linares, sendo muito apegada à menina Cecília, então com sete anos.

Fabián Linares era um especulador, que alcançara considerável riqueza após regressar de uma viagem a Europa durante a crise financeira argentina de 1890⁴⁴⁶,

Gracias a un oportuno paseo a Europa—aconsejado por su prudente mujer— a raíz del desembalaje mundial de la Exposición, Fabián logró dejar a salvo, en el derrumbamiento financiero que siguió, buena parte de su fortuna, improvisada en aquel hervidero de papeles bancarios, acciones, traspasos de terrenos baldíos y demás agios y atropellos que representaron en aquellos años lo más visible de la labor nacional. A su regreso estallaba el *krach*⁴⁴⁷.

A despeito da desgraça de muitos, Fabián conseguira enriquecer adquirindo ações e propriedades por preços muito baixos. Era ainda jovem, 39 anos, formado em Direito, ganhava ainda dinheiro trabalhando em Buenos Aires como advogado. Ao descrever Fabián, Groussac traça também um breve retrato da maioria da classe abastada argentina. Primeiramente, ele afirma que era advogado, como a maioria dos jovens ricos que não eram médicos:

Además, su arco tenía varias cuerdas: era abogado—como casi todos los argentinos que no son médicos—, y, para ciertos asuntos escogidos, de más trastienda que doctrina, volvió a abrir su estudio, cerrado desde la epidemia agiotista.

⁴⁴⁴ Idem, p.271.

⁴⁴⁵ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 271.

⁴⁴⁶ Crise também mencionada por Groussac em “El Número 9090”.

⁴⁴⁷ GROUSSAC, Paul. *Op. Cit.*, p. 276.

Con su inteligencia rápida y asimiladora de placa fotográfica, bastábale a Fabián la lectura de los diarios, con una que otra revista, para alimentar el capital en giro de su información. Joven aún, —treinta y nueve años bien peleados—, sano y rorusto, con buena dentadura, cabello honorable y un resto de elegancia mantenida por su sastre londinense— el genial artista de Regent-street⁴⁴⁸—, él podía lucir todavía por esas veredas su figura algo estereotipada de buen mozo porteño. En lo moral, no era por cierto ningún quirote [...]⁴⁴⁹ [grifos meus].

Fabián era casado com Balbina, outra das beldades locais. Os dois se casaram após terem, na juventude, encontrado-se em uma viagem de volta da Europa para a Argentina. Groussac destaca que o fato de a família da esposa ser muito mais rica do que a dele não pesara em sua decisão, uma vez que a paixão entre ambos fora verdadeira. Após alguns anos de casados, porém, a relação de ambos, embora se mantivesse saudável, não conservava mais o frescor do primeiro ano de casamento. Fabián passava toda a semana em Buenos Aires e ela ficava em sua casa com a filha, tendo os poucos amigos por companhia.

Para Balbina, seguramente el partido no era deslumbrador: el novio no tenía fortuna ni porvenir visible. Pero se amaban y se casaron. El tiempo no se mostró cruel para la corazonada de la muchacha; entre su frívolo marido y la adorable criatura que fué el fruto único del matrimonio, parecía feliz; y lo fuera sin duda si los miramientos personales y las satisfacciones mundanas bastaran a la felicidad.

Pasaron ocho años sin traer cambios profundos en la situación inicial. Los esposos se querían razonablemente, sin excesos ni arrebatos líricos⁴⁵⁰.

Era comum que Balbina comparecesse aos bailes sozinha, visto que seu marido estava sempre ausente em tais ocasiões, não necessariamente por motivos de trabalho. Ele estava em constante deslocamento, o que podemos observar quando o narrador (Groussac) narra a sua familiaridade com os funcionários da estação de trem. Porém, naquela noite, sendo um feriado prolongado, Balbina esperava que seu marido ficasse ao seu lado:

Esta misma noche de carnaval había en el Casino un baile de trajes, al que Balbina asistiría rodeada por un círculo de ardientes admiradores y sola, puesto que, a pesar de haber llegado Fabián la víspera con declarada intención de pasar aquí los tres días de fiesta, manifestaba ahora tener que ausentarse “por caso fortuito y, como él decía, de fuerza mayor”⁴⁵¹.

Toda a história se centra nesta questão: não era adequado que Balbina fosse sozinha nesses bailes, sendo o porquê dessa situação revelado durante uma conversa, na qual Fabián conta a Saturnino que não iria empreender uma viagem de negócios, mas sim que tinha por objetivo regressar a Buenos Aires para uma festividade privada, destinada a proporcionar

⁴⁴⁸ Uma das maiores ruas comerciais de Londres.

⁴⁴⁹ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 277.

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p. 278

⁴⁵¹ *Ibidem*, p.280.

diversão e orgia para os convidados. Mesmo com uma indisposição sofrida pela filha do casal, Fabián decide empreender a viagem, apesar de todas as advertências do amigo: de que ele deveria prezar muito mais por sua família, que a esposa sentia-se sozinha e que muitos a idolatravam em tais bailes e que ele se arriscava a perdê-la.

Já na estação de trem, ao ser advertido mais uma vez por Saturnino, Fabián recorre ao que ele chama de “antropologia”, utilizando-se da velha desculpa de que era uma condição fisiológica do homem buscar certas aventuras e ter casos extraconjugais. Saturnino, incorporando o tom irônico de seu narrador, afirma que, de acordo com o que o amigo compreendia como antropologia, seria da natureza humana buscar conquistar o que o interessa. Sendo assim, o que Fabián compreendia ser característica masculina era também válida para as mulheres, a poligamia e a poliandria, faces da mesma moeda.

- ¡Poliandria! — gruñó Fabián con malhumor — Estás absurdo. ¿Cómo equiparar el desliz momentáneo del hombre con la falta irreparable de la mujer? La sociedad...
- ¡ Ah ! ¡ Ya salimos de la antropología para volver al convencionalismo social I ¡ Mira, Fabián, cómo la lógica te arrastra a pesar tuyo! Es que con demostrar que la ley social o la civilización es mera convención y artificio no damos un paso fuera de esta atmósfera moral que nos contiene y aprisiona. Si no tenemos un sentimiento, alegría o dolor, que no sea del civilizado, perdemos nuestro tiempo con discutir sobre si la herencia presente fué orgánica o adquirida por algún descendiente de los abuelos trogloditas...⁴⁵²

É emblemático que Groussac coloque tais palavras na boca de um médico, ou seja, um homem de ciência. Nesse ponto, podemos traçar paralelos entre *La Rueda Loca* e *La Herencia*, na medida em que também ambos colocam em evidência a discussão acerca do que é ciência e o que convencionalismo social, ou o que Groussac coloca como civilização. Uma civilização que controla e aprisiona o homem em seus padrões aceitos, ao questionar esses aspectos a partir da visão científica, coloca em xeque a justificativa dada por Fabián, que prontamente se retira da discussão, embarcando no trem.

Escucha, Fabián: Balbina es tina noble criatura; pero es mujer, bella y altiva. Tiene diez años menos que tú. La observo hace algún tiempo; se siente abandonada. Su afán reciente por concurrir a las fiestas en ausencia tuya obedece, sin duda, a un deseo natural de distracción..., quizá de olvido. Con todo, su hermosura se vuelve en cualquier reunión el centro de todas las admiraciones, de todas las codicias; no falta quien espere conquistar la joya, al parecer, sin dueño. No te irrites; te hablo como hermano. Esta noche más que nunca la encontré nerviosa, excitada, herida. La mejor brújula se pone

⁴⁵² GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 295.

loca en la tormenta. No te vayas; quédate para borrar en su alma la indignación peligrosa..., tal vez la tentación...
Fabián soltó una carcajada muy ruidosa [...] ⁴⁵³

Tal possibilidade não se mostrou real até o protagonista escutar uma conversa no trem, na qual um desconhecido relatava que uma certa “Balbina” havia abandonado o marido ausente e fugido com outro durante o baile. Tal informação imerge o homem em uma espécie de transe que o faz saltar na primeira estação após Mar del Plata e regressar a galope pelas estradas a fim de surpreender a mulher. O pânico toma conta do personagem que se vê sem rumo a correr em direção à sua casa, à qual chega horas depois, surpreso com as luzes acesas, ignorando os criados que regressavam do baile, tendo em mente apenas a suposta traição da esposa e planejando atirar nela e no amante, quando os encontrasse. Para sua surpresa, as luzes na madrugada e o movimento na casa se desviam ao médico, seu amigo Saturnino, que consultava sua filha, a qual sua esposa velava maternalmente.

O arrependimento toma conta do personagem. A culpa, reconhecida pela mulher, o faz prometer não voltar a deixar o seio familiar para aventuras mundanas. O enredo revela um teor disciplinar por parte do autor. Somente o risco de ser desonrado fez com que o personagem regressasse à sua casa e não a preocupação de perder a família. Assim, a preocupação com a desonra o atingira em cheio, revelando as características machistas da sociedade na qual Groussac viveu, na qual as aventuras extraconjugais do homem eram perdoadas, mas as da mulher deveriam ser punidas. Groussac apresenta indícios dessa sociedade cada vez mais moderna, mas que, ao mesmo tempo, conserva características paternalistas e aristocráticas.

As duas novelas anteriormente discutidas, *El Número 9090* e *El Hogar Desierto*, são as que demonstram mais nitidamente, em minha percepção, o sentimento de Groussac em relação à sua vida na Argentina. Nelas, a meu ver, destacam-se o sentimento do não pertencimento, o debate acerca da necessidade do regresso à França e de como esta funcionou como uma espécie de farol para o qual os olhares desses “pobres náufragos” na América Latina se voltavam. As outras novelas de Groussac também incorporam tais temáticas, mesmo que estas não sejam os temas centrais. Todas são frutos de uma conjuntura do século XIX e nas quais podemos vislumbrar as opiniões de Groussac sobre seu tempo.

Em *La Rueda Loca*, o franco-argentino não discute especificamente sobre o ato de viajar, o sentimento do exílio, o lugar do estrangeiro, mas sim sobre a cultura, os hábitos de Mar del Plata, no final do século XIX e início do XX, e, em especial, sobre a influência da

⁴⁵³GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922. p. 296.

cultura europeia naquela sociedade, sendo esta sinônimo de distinção. Nesse sentido, compreendo que todos os aspectos mencionados, como os mais recorrentes em seus textos, aparecem como plano de fundo para essa sociedade tão europeizada quanto Buenos Aires.

Mar del Plata era, nesse período, um balneário muito frequentado pelas classes abastadas de Buenos Aires e onde imperavam muitos costumes europeus dos quais se orgulhava. Um deles eram as reuniões sociais e bailes noturnos que reuniam essa alta sociedade. Outra característica era a moda nas vestimentas ou na arquitetura, uma vez que os próprios personagens centrais moravam em casas que eram cópias de prédios franceses que haviam visitado ou morado durante sua “gira” europeia.

El *chalet* de la familia Linares se levanta, como dijimos, en el extremo de la loma que domina la playa por el Norte. Era una construcción elegante y sencilla, sin recargo ostentoso. Fabián quiso tomar como modelo la casita que ocupara en Trouville durante la estación de 1889. Se componía el edificio de dos pisos y subsuelo, formando un pabellón central con dos alas salientes; en el piso bajo, el comedor, un gran salón con recibimiento contiguo y a uno y otro lado del peristilo un gabinete de estudio y un billar; arriba, los dormitorios y dependencias⁴⁵⁴.

Groussac nos oferece a dimensão de como a oportunidade de viajar pelo Velho Mundo era importante para os jovens, sobretudo para os homens, mesmo que estes não fossem de famílias abastadas. No caso do protagonista Fabián, este resolvera se casar com uma beleza local após sua viagem pelo velho continente. Dessa maneira, podemos entender a experiência como um rito de passagem nessa sociedade da qual Groussac foi expoente. Pode parecer uma informação ao acaso sobre a vida do protagonista, porém, tal informação revela que o rapaz não era apenas um local, mas que tinha vivência do mundo (condição indispensável na percepção de Groussac e destacada por ele quando, por exemplo, visita Goncourt em Paris durante o ano de 1883). Sendo assim, também nessa novela, mesmo o autor tratando de um personagem argentino e não de um europeu emigrado, a experiência da viagem se torna fundamental, um ponto de transição na vida dele, um rito de passagem.

Em *Relatos argentinos*, como aconteceu em outros trabalhos reeditados após algumas décadas, o autor ressalta que ele descrevia um Mar del Plata de 20 anos antes, ou seja, ele se importa com a fidedignidade do cenário descrito, mesmo que a história seja ficcional. É central, para o autor, o tom realista, que é alcançado concentrando-se nos detalhes do que é contado. Tal detalhamento não é necessariamente do espaço, mas da personalidade dos

⁴⁵⁴ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 309.

personagens, através dos quais podemos observar a sociedade na qual circulam. É interessante ressaltar que Groussac utilizava os mesmos mecanismos para conhecer as sociedades que visitara durante suas viagens. Na maior parte do tempo, interessava-lhe muito mais os homens que encontrava do que o cenário no qual viviam, pois compreendia que tais espaços eram condições fundamentais para se concretizarem os hábitos e culturas dos povos.

Em *La Rueda Loca* fica exposta a classe alta de um balneário argentino, no qual muitos de seus habitantes provinham de Buenos Aires. Groussac não se preocupa em apresentar e discutir todos os valores da sociedade, mas sim os de uma elite, representada por esses dois casais. Os quatro personagens concentram características similares: todos são membros da mesma classe social, abastados, que tiveram desde a juventude numerosas oportunidades de educação. São os valores dessa aristocracia e o cenário no qual ela circula que estão presentes na novela, ficando isso claro na própria trama e reforçado com as constantes referências a vestimentas, casas luxuosas, vestimentas elegantes à moda francesa, viagens ao Velho Mundo e aos padrões culturais representados por referências a personalidades como Sarah Bernhardt, considerada a mais famosa atriz do século XIX, e peças teatrais como *Adriana Lecouver*.

4.4 La Herencia

O quarto texto que analiso aqui foi escrito por Groussac nos Estados Unidos em 1893, posteriormente publicado em uma revista norte-americana e traduzido para o espanhol. *La Herencia* narra a história de um jovem nobre, membro de uma antiga família austríaca, na qual estranhamente, em algum momento da vida, os homens sucumbiam ao assassinato ou ao suicídio.

Karoli é o último descendente dessa família. Quando tinha dez anos, seu pai suicidara e a mãe enlouquecera. O tutor do garoto, orientado por um médico, doutor Broda, especialista em patologia mental, estudioso das heranças hereditárias, tentou afastá-lo da sina familiar:

Sin negar la tremenda influencia nativa, sin desconocer que las anomalías cerebrales son en muchísimos casos la lúgubre herencia de los antepasados, él había levantado, enfrente de esa fuerza ciega de la fatalidad, el arma defensiva de la “autodinamia”, resultante de la educación, de las costumbres y del tratamiento científico. En una palabra, había enseñado al hombre relativamente libre y capaz, con la propia energía, de reaccionar contra la pendiente atávica, labrándose con el tiempo su propio destino⁴⁵⁵.

⁴⁵⁵ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 327.

O pressuposto do médico era o de que, para crescer longe das interferências externas, o menino deveria ser criado longe do lar paterno, fora de seu país. Para desvinculá-lo da família, até mesmo seu sobrenome fora trocado. E assim foi feito, o menino cresceu na Inglaterra, sem saber nada de sua fatídica herança. O médico o via periodicamente ou recebia correspondências de seus tutores. Na adolescência, tendo sido consultado sobre qual seria a melhor carreira para o rapaz, decidiu-se pela Marinha, uma vez que seria a oportunidade perfeita para que travasse conhecimento com os mais diversos ambientes e povos.

Os anos passaram-se tranquilamente, até que, aos 27 anos, Karóli decidiu-se por regressar ao país natal. Querendo recuperar sua posição no país, chegou a se apaixonar, aproximou-se da jovem e estava decidido a se casar até que, em um dia, a noiva o informou do cancelamento dos planos. Em um arrebato de paixão, ele a segurou pelo braço, o que lhe gerou um horror tão grande que ele não compreendeu. Sem saber o motivo de sua nova desilusão, o rapaz procura o médico, buscando entender o que causara tanto horror àquela família. Mais uma vez, o médico o convence a se afastar dos ares da terra natal, aconselhando-o a viajar por mais alguns anos, já que infalivelmente nenhum de seus antepassados havia sobrevivido à casa dos 30 anos. E assim aconteceu.

Passados mais alguns anos, o médico recebeu mais uma vez notícias do rapaz: ele estava nos Estados Unidos, bem e saudável, havia ingressado na carreira diplomática e, após conhecer uma jovem brasileira, decidira mudar-se para o Brasil.

La noticia me llenó de júbilo, pues, además de ver así realizado mi deseo de una larga ausencia del conde, yo consideraba como un factor de primordial importancia, en mi lucha empeñada contra el mal hereditario, el hecho de un casamiento con una mujer de raza diferente. Por otra parte, parecíame que había pasado ya la hora más crítica⁴⁵⁶.

O médico, finalmente estava certo de que havia descoberto a forma de vencer a terrível herança familiar. Pouco tempo depois, recebeu um jornal carioca com uma notícia lastimável. Em um terrível acidente, Karoli e a noiva haviam caído do navio, sendo encontrados, no outro dia, abraçados. Uma testemunha afirmava ter visto o rapaz tentar salvar a moça que havia se debruçado ao, emocionada, avistar a terra natal. O médico lê tal notícia para um auditório lotado de acadêmicos, durante uma palestra, com seus apontamentos e explicando que tivera a oportunidade de estudar cinco membros da família e de que finalmente havia descoberto a maneira de vencer o mal hereditário.

⁴⁵⁶ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 338.

—«Sí; para mí todo esto es muy triste; quería yo a este noble joven ; y, a pesar de estar acostumbrado a la muerte, siento conmovido mi viejo corazón... Pero alcemos nuestro pensamiento muy arriba del accidente personal; contemplemos la ciencia eterna y fecunda. Y bien, señores: la ciencia ha ganado una victoria decisiva. El conde Károli había destruido el funesto legado de sus ascendientes. Había salvado hace más de un año el término fatal de la ley hereditaria. La prueba más evidente de su rehabilitación orgánica, la encuentro en el rasgo sublime de su última hora⁴⁵⁷.

Ao acreditar ter vencido os problemas hereditários e ser aclamado por seu auditório na universidade de Praga, o velho médico retornou à sua casa. Para sua surpresa, em sua mesa, estava uma carta enviada dias antes por Karóli na qual contava ao médico que havia descoberto o mal de sua família após beijar sua noiva. Ao tocá-la, o personagem tivera ímpeto de lançá-la ao mar, entrando em uma espécie de transe. Afirmava na carta ainda não saber o que teria dito em seu delírio que fizera a noiva soltar um grito de terror. Assim, contava que pediria para saltar no primeiro porto ou para ser trancado em uma cela, pois sentia o ímpeto incontrolável de matar a mulher amada, avisando que, se o médico não recebesse mais notícias, uma tragédia deveria ter ocorrido. Não restavam dúvidas, o médico não havia conseguido vencer a condição hereditária: “La herencia es la ley”⁴⁵⁸.

Algumas influências podem ser notadas no pequeno conto. Primeiramente, a influência das discussões científicas acerca das heranças genéticas, da hereditariedade, se esta era apenas física ou também psicológica. No conto de Groussac, não se trata de uma doença biológica, mas psicológica que, inadvertidamente, assolava os membros masculinos de certa família, herança que se confirmava mesmo após mudarem o nome, o país, a cultura, mergulhando a criança em um ambiente no qual ignorava sua real condição. Também Emile Zola publicou, em 1893, *Doutor Pascal* no qual o médico protagonista acompanha as várias gerações de sua própria família, que tendia à loucura. Groussac afirmou, sobre a sua viagem a Paris no ano de 1894, sua decepção em relação à geração de intelectuais que o cercava. Embora, em 1883, já revelasse sua antipatia por Zola, nesse quesito a temática de ambos dialogava, em consonância com o cientificismo de finais do século XIX. Groussac coloca em uma fala de Karoli ao médico a seguinte frase: “a ciência é misericordiosa porque é clarividente”⁴⁵⁹. Assim como em Zola, a ciência e a religião são departamentos separados, porém, conflituosos.

⁴⁵⁷ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 341.

⁴⁵⁸ Ibidem, p. 346.

⁴⁵⁹ Ibidem, p. 343. Tradução livre de “La ciencia es misericordiosa porque es clarividente”.

Em segundo lugar, pode-se perceber a importância que Groussac imputava ao ato de viajar. Estar em constante movimento, em contato com diferentes culturas e sociedades é o caminho adotado cientificamente em busca de uma cura em sua história. Em seus muitos relatos de viagens, que busquei analisar nesta tese, este é um ponto central, a importância do conhecimento *in locu*, a distinção ofertada a quem se aventura a jornadas, por muitas vezes inóspitas. A viagem em alto-mar é, em quase todos os seus textos ficcionais, um ponto fundamental, o lugar do desenlace. Dessa forma, não é um acaso que seu protagonista se decida pela Marinha. O espaço do navio, o confinamento de um grupo de pessoas em um espaço limitado, limita também os personagens, inserindo-os em um microuniverso onde, mesmo que as relações sejam efêmeras, são importantes de se cultivar. Assim como, durante a vida de Groussac, este foi um espaço central e decisivo, também o é em suas tramas ficcionais.

La herencia abre ainda espaço para que nos questionemos acerca da tradução. Dentre todos os textos selecionados, é o único que Groussac revela ter escrito em inglês, em 1893, com o título de *A hero*. Ao notarmos a diferença de títulos, podemos conjecturar que o conteúdo dos textos também foi diferente, de “a herança” para “um herói”, a mudança é substancial. Por que Groussac teria alterado tão acentuadamente o título? Não há evidências de que o autor tenha escrito o texto em francês ou espanhol e, posteriormente, durante sua viagem aos Estados Unidos, tenha-o traduzido para o inglês, uma língua não dominada plenamente pelo autor e na qual ele se aventurava pela primeira vez.

Em minha opinião, Groussac modificou o título sem alterar substancialmente o enredo. Károli, no texto em inglês, ganha o título de herói, pois os jornais o noticiam como o noivo que teria sucumbido tentando salvar a amada que caía ao mar. Dessa maneira, podemos notar a dubiedade do título, com a ironia característica de Groussac, já que, até o último momento da leitura do texto, não temos a certeza de que, finalmente, o jovem se dobraria à sua herança familiar e efetivamente teria sido o responsável pela morte de ambos. Andrea Castro corrobora com tal interpretação, ao afirmar que,

Con este cruce, podemos volver la mirada a los títulos de los cuentos y proponer que no sólo "A Hero" tiene una carga irónica, en el hecho de que aquél a quien los medios de comunicación califican de héroe no lo es tal, en cambio, sigue siendo doble, ahora víctima y victimario. "La herencia" también alberga una ironía: el remedio puede ser causante del mal. La ironía se construye con los dobleces de la lengua, esa capacidad polisémica de la lengua por la cual una oración o frase puede representar enunciados diferentes y, a veces, hasta opuestos entre sí. Esto aporta a una visión del

texto de Groussac como un texto que tematiza sus propios dobleces y vericuetos⁴⁶⁰.

Castro abre outra via de interpretação tomando o texto em castelhano como uma versão estendida do trabalho em inglês, uma vez que, na versão destinada ao leitor latino, existem referências específicas a esse público. Primeiramente, o próprio Groussac dirige-se diretamente ao leitor como "meu caro público latino", fazendo, posteriormente, referências a personalidades que poderiam somente ser conhecidas por tal público. Dessa forma, o Groussac narrador se torna visível de uma maneira que não foi possível no texto em inglês. Como Paul Groussac não era sequer conhecido por tal público, é possível que seu nome fosse tratado como pseudônimo.

O mais importante, porém, apontado por Castro, é o fato de que, sendo nítida a inserção do Groussac narrador no texto, torna-se também possível perceber reminiscências de sua própria percepção de exílio englobadas na construção de seu protagonista. Para Castro, Groussac, ao salientar que o jovem Karóli havia sido arrancado de suas origens e mesmo assim sucumbido à doença familiar, levanta a questão de que o exílio, ao invés de funcionar como remédio fora, na realidade, uma oportunidade para que a loucura se instaurasse:

En el cuento en castellano, traducción/ampliación del publicado en Nueva York, se abre entonces una posibilidad de lectura que luego puede volver sobre "A Hero": no es la ley de la herencia la única posible culpable de la locura de Károli. El desarraigo también puede plantearse como causa, no sólo de sufrimientos, sino de perturbaciones orgánicas profundas. ¿Es así como se debe entender la afirmación de Groussac sobre su propio desarraigo? No unívocamente.

Si cruzamos la relación entre personaje original en su versión húngara y el personaje en su versión traducida -nuevo nombre, nueva lengua- con las dos versiones del cuento que nos ocupa, podemos plantear otra lectura tanto del cuento como de las palabras de Groussac. El desarraigo no se entenderá entonces necesariamente como causa, sino también como aquello que abre la posibilidad de visualizar las perturbaciones orgánicas acarreadas por todo ser humano -en este sentido 'profundas'-⁴⁶¹.

Concordo com Castro quando esta afirma, recorrendo a Derrida, que o texto traduzido é um texto novo, visto que, ao se destinar a um novo público, sendo escrito em uma nova língua, que não a original, absorve elementos que propiciam que esse público melhor o compreenda. No caso de Groussac, o texto traduzido engloba elementos inteligíveis apenas

⁴⁶⁰ CASTRO, Andrea. Buenos Aires - Nueva York: Paul Groussac y los dobleces de una traducción. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, p. 7, 2011. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero48/groussac.html> Acesso em: 03 out, 2018.

⁴⁶¹ Idem.

para seu público argentino, sendo clara a voz do narrador Groussac, no que Castro define como função metanarrativa.

4.5 La Monja

La Monja, que consiste em uma peça teatral, é o texto mais antigo agrupado em *Relatos argentinos*, 1886. Mais uma vez o cenário é a França. Recordemos que o autor já havia regressado à pátria em 1883 e possivelmente estava ainda marcado pela impressão desse regresso. A história se passa no Vale do Loire, entre Chinón e Tours, em um castelo fictício de propriedade do personagem, um capitão da marinha francesa, conde Pedro de Laroche.

A história, escrita em uma noite de verão de 1886, segundo Groussac, passa-se no decorrer de um dia. Além de Pedro de Laroche, os personagens centrais são: Clara Bresson, a monja, Gastón de Laroche, o irmão aventureiro e viajante de Pedro, e dois serviçais, Germán e Tony. Em um cenário bucólico e rural vivia o grupo. Clara, com 27 anos, havia decidido, a pedido da família, abandonar o convento. Porém, ainda assim se dedicava fervorosamente aos serviços da Igreja, optando pelo celibato. Embora seja a figura feminina central da casa e do próprio enredo da peça, Clara era cunhada do conde Pedro de Laroche, por quem nutria grande carinho.

A volta de Gastón, irmão caçula do conde, com 35 anos, após dez anos de permanência nas Américas, muitos deles na capital peruana, Lima, dá início aos acontecimentos daquele dia. Assim como o fará em seus outros textos fictícios, Groussac apresenta algumas características comuns: a história se passa na França, porém, vivamente influenciada pelas reminiscências do Novo Mundo. Até mesmo o conde De Laroche era um marinheiro. Assim como em suas outras histórias, aqui discutidas, a viagem por mar é algo importantíssimo, somado a ela o conhecimento de outras terras e culturas.

A trama se inicia em uma tarde na sala do palacete, onde Clara e o duque conversam, Clara, ao piano, convence seu cunhado a ir à missa no domingo. Embora haja o respeito com as crenças religiosas da cunhada, não existe entusiasmo por parte do conde. Naquele momento, a chegada de um telegrama coloca o conde de sobreaviso, pois aguardava a notícia da chegada do irmão. No entanto, tal telegrama era apenas de sua esposa, que avisava a sua hora de chegada. A interrupção, porém, mergulha o personagem em lembranças da juventude, dos anos em que ele e o irmão serviam juntos lado a lado na guerra, dos atos de bravura de ambos, ocorrendo logo após o final do conflito a separação:

Junto con la guerra concluyó mi tutela: entregué a Gastón su parte de herencia y volví a embarcarme. Estuve ausente dos o tres años; cuando regresé supe su triste historia. Arruinado, sin carrera abierta, pero recto y altivo siempre, prefirió arrojarse a lo desconocido antes que sufrir la decadencia social y moral en París. Se embarcó para América. Supe que hizo un viaje a Francia por el año 79, después de la Exposición. Tampoco pude verle entonces: yo estaba navegando para recuperar el tiempo perdido, y también porque amaba el mar como una patria⁴⁶² [grifos meus].

O conde nos apresenta, então, as características centrais de seu irmão, que, arruinado por más escolhas, preferira arriscar-se no continente americano a sofrer sua decadência em Paris. Dessa maneira, assim como o fora para Groussac, a alternativa de abandonar a França em favor do desconhecido na América se mostrou mais aceitável moralmente do que sofrer a decadência entre os seus. O irmão Gastón, vindo do Peru, chega de surpresa naquela mesma tarde, quando tanto Clara quanto o conde estão ausentes. Ele se encontra primeiramente com o empregado Germán, que não o via desde criança. Germán o apresenta a Clara e logo uma discussão acerca dos propósitos da religião católica é travada entre ambos.

Gastón não é fã da religião, fazendo fortes críticas à Igreja Católica, que Clara defende. Podemos perceber em Gastón críticas que foram feitas por Groussac, que também não fora religioso, sendo um dos maiores defensores da necessidade de uma educação laica na Argentina.

...En esa religión establecida y dominadora, que se ha tornado, permitidme decirlo sin ofensa, para algunos un simple rito externo y para otros una mera elegancia social; en ese culto que miro petrificado por fuera y vacío por dentro, como representado fielmente por sus grandes templos imponentes, sólo concurridos durante los oficios, es donde encuentro más evidente la falta de convicción que deploráis como nota del mundo moderno⁴⁶³.

Mesmo que a pessoa de Clara lhe agradasse, os anseios religiosos não eram para ele. Durante a conversa de ambos, ao saber que o jovem vinha da capital peruana e que a colônia de franceses na cidade era muito pequena e próxima, apenas para puxar conversa, Clara conta ao homem que uma de suas irmãs no convento se correspondia com um jovem chamado Johel. Gastón, surpreendido, afirma conhecer o rapaz. Surpresa maior cai sobre Clara, que sabia muito bem que nenhuma de suas irmãs de convento se correspondia com tal pessoa, mas, sim, sua irmã de sangue e atual esposa do conde.

Clara perguntara por perguntar, após Gastón afirmar que a colônia de franceses em Lima era muito pequena e que todos se conheciam. O susto, porém, de ouvir a familiaridade com aquele nome a faz ficar escutando a conversa de Gastón com o irmão atrás da porta e

⁴⁶² GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 356.

⁴⁶³ *Ibidem*, p. 378.

seus temores acabam por se concretizar. Gastón revela ao irmão que também havia regressado à França para rever uma mulher, com a qual vivera uma aventura em 1880, quando fora, como enviado peruano, buscar recursos para a Marinha, que havia perdido o encouraçado Huáscar durante a Guerra do Pacífico. Os detalhes da aventura de Gastón também atingem o conde, que desconfia conhecer a mulher descrita por seu irmão. A senhora, que sua futura esposa acompanhava, havia falecido na mesma época do que a da moça descrita por Gastón, na mesma cidade e nas mesmas condições, o que desperta a desconfiança. Gastón, mesmo apaixonado, passava por uma crise financeira na América e, ignorando quando poderia regressar à terra natal, havia liberado a mulher da promessa de casamento. Para sua surpresa, ela se casara logo em seguida ao fim de seu compromisso. Tal fato assemelha-se ao ocorrido em outra história do autor, a da loteria.

Será que el hogar paterno ejerce en mí su sedante y tónica influencia? Desde allá sólo me impelía el deseo de volver a ver a una mujer; el llamado de su última carta fulguraba en mi soledad con letras de fuego... ¡Al cabo iba a ser del todo mía! Me tendía sus brazos abiertos; me enseñaba la felicidad conquistada, tanto más duradera cuanto más furtiva, en el tumulto encubridor de este inmenso París... ¡Pobre sacrificada! Me espera, sin duda; me habrá escrito indicándome ya el día y la hora del anhelado encuentro; nunca sospechará que, al pisar la tierra en que vive, mi primer impulso no me llevó a sus pies!... ¡Extraña aventura en mi pasado!... Nos amamos unos meses; la vida nos separó. Años después me anunció que se casaba, haciéndome jurar que nunca le preguntaría su nuevo nombre. Ella tampoco me conoce sino por mi seudónimo de Juhel, mi apellido californiano...⁴⁶⁴

Clara, ao ouvir o relato, sinaliza para que o jovem não revele o nome da mulher. Porém, quando o conde se ausenta, ela lhe mostra uma pintura do rosto da condessa. Seus temores se concretizam, a condessa fora a prometida de Gastón. Clara, então, lhe implora para que deixe o palacete imediatamente, para que o irmão nunca saiba de tal aventura e para que a vida da irmã não se veja arruinada. Gastón chegara a contar ao irmão, em sua conversa particular, que a moça sabia de seu regresso e que aceitara se encontrar com ele. Gastón abandona o antigo lar de sua família decidido a regressar a América, deixa um bilhete de desculpas para o irmão e parte imediatamente. O conde culpa a religiosidade exacerbada de Clara por sua partida e ela, entristecida, decide regressar ao convento.

Esta é a trama principal, a do irmão pródigo que regressa da América, após anos de aventura no Novo Mundo, em busca de acolhimento na terra natal francesa. Mais uma vez, porém, o personagem central não consegue se estabelecer novamente em seu país.

⁴⁶⁴ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 382.

Regressando da América, não se encaixa naquele universo, dessa vez, por uma coincidência amorosa imprevisível.

Um leque de outras questões, no entanto, também pode ser retirado de tal peça. Primeiramente, a paixão do conde por arqueologia:

¿Tony? Que entre... ¿qué noticias me traerá de las excavaciones?... Siempre que no sean como las últimas, cuando hizo pedazos un admirable jarrón merovingio para saber lo que había dentro... Ya se ve; de primer gaviero a director de cáteos arqueológicos I.. (Dirigiéndose a Clara.) La cerámica antigua, muchacha: no puedes imaginarte cuánta poesía se encuentra amalgamada a esos roídos y descartados cacharros. Pensar que se tiene en la mano un objeto que recibió la forma, la impresión de seres desaparecidos mil años ha! Te aseguro que por poco que se le alcance a uno de historia, de filología, de antropología y una media docena de ciencias conexas, se convence de que realmente la arqueología es la mejor historia de la humanidad...⁴⁶⁵

Como podemos perceber em seus relatos de viagem, Groussac, assim como seu conde, nutria interesse por peças arqueológicas. Como demonstrara em sua visita ao Museu Nacional no México, manifestara descontentamento com sua organização e preservação, revelando que, segundo sua opinião, o acervo estaria muito melhor se em mãos de europeus e em grandes museus no velho continente.

Outra questão que podemos apontar é o constante apelo à Argentina. Não por um acaso, Germán questiona ao marinheiro se este conhece os pampas argentinos e Buenos Aires:

Voy a aprovechar el rato leyendo mi interesante folletín... ¡Ahí Helo aquí: «Los Piratas de la Pampa». (A Tony, que se alejaba hacia el vestíbulo,) A propósito, Tony: vos que habéis navegado tanto, ¿estuvisteis alguna vez en las Pampas? TONY, reflexionando. ¿Las Pampas?... Nunca crucé por esas aguas... Ha de ser por el Polo Norte...GERMÁN, desdeñoso. Entonces ¿no conocéis el Brasil, Buenos Aires?... TONY '¿Buenos Aires? Mucho que sí... Recuerdo perfectamente... Estuve diez meses en estación⁴⁶⁶.

Parece importante para Groussac, de alguma forma, inserir a Argentina e seus pampas em sua história. Germán lê um folhetim no jornal, que se revela muito mais acessível para se conhecer Buenos Aires do que a experiência de conhecê-la pessoalmente. Dessa maneira, Groussac aponta mais uma forma de viajar: a literária, através da leitura e da imaginação, o que, muitas vezes, mostra-se mais interessante e produtivo do que a viagem daquele que se desloca, permanece dez meses na costa, mas que não tem a coragem de saltar no porto. Da mesma maneira, podemos pensar na importância dos folhetins para seu público consumidor

⁴⁶⁵ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 360.

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 362.

no século XIX. O próprio Groussac publicara textos nesse formato. Suas novelas foram publicadas até mesmo, como já apontei, em revistas que ele próprio dirigia. Os folhetins, nascidos junto com o surgimento da imprensa, tornaram-se uma maneira de uma maior gama de pessoas terem acesso a textos literários, despertando grande interesse. Na Argentina, um público voraz devorava esses trabalhos, mesmo durante o rosismo na década de 1840.

Outra questão apontada em uma fala de Gastón sinaliza para o nacionalismo, que permanecia, mesmo no exílio. Gastón, como Groussac, havia preferido consolidar sua fortuna na América a amargar uma condição de inferioridade na França. Ao mesmo tempo, permaneceu em Gastón o sentimento de ser francês e de alguma maneira servir a essa pátria no estrangeiro, justificando-se da seguinte forma:

Otros muchos han hecho más que yo, sin duda; pero he procurado cumplir con mi deber y acaso hacer amar un poco más en mi persona el nombre francés... Ignoro lo que me hubiera tocado hacer en mi país; pero te aseguro que algunos de nosotros, aventureros o pioneers del Nuevo Mundo, hemos sido más útiles que tantos ociosos como arrastran por los bulevares su enervado escepticismo...⁴⁶⁷ [grifos meus].

Nesse texto de 1886, podemos perceber o que permanecerá como uma espécie de sombra em toda a produção groussaquiana: o que teria sido de sua carreira, se ele tivesse permanecido na França? Ele teria se tornado a personalidade polêmica e central que fora na Argentina? Essas perguntas, que muitos responderam, afirmando que nunca um jovem como Groussac teria ascendido aos altos círculos intelectuais franceses, se lá tivesse permanecido, entra no meio espinhoso do “se” na história e, mesmo que consigamos traçar possíveis rotas de atuação para o indivíduo, se este tivesse optado por permanecer em Paris quando decidiu pela América, chegar a uma resposta que não passe de conjectura mostra-se inviável.

O que todos os trabalhos aqui analisados permitem perceber é a permanência no intelectual transplantado da tensão entre o ser francês e o ser argentino, uma questão intrincada que perpassa a maior parte de seus personagens. Dessa forma, espero ter conseguido demonstrar como esses textos ficcionais, em muitos momentos, entrelaçam a biografia de Groussac em seus enredos, permitindo que ele exponha questões que o assombraram durante toda a vida. Da mesma maneira, esses trabalhos trazem características do século XIX argentino e ajudam a melhor compreender o lugar do intelectual francês no meio no qual atuou, em um período de não profissionalização dos saberes. Em linhas gerais, posso afirmar que as obras literárias de Groussac e, em especial, nas novelas e na peça aqui pensada,

⁴⁶⁷ GROUSSAC, Paul. *Relatos argentinos*. Segunda edição. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922, p. 386.

transparecem, de forma inegável, suas experiências de vida, bem como as influências intelectuais sofridas pelo personagem em determinado período de sua produção, como foi o caso do cientificismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Paul Groussac é muito vasta e permanece ainda pouco explorada. Groussac atuou em um período no qual as balizas entre as disciplinas não estavam definidas, o que facilitou que transitasse entre diversos campos do saber. Trabalhou no campo como peão em seus primeiros meses no país adotivo, posteriormente como professor, inspetor de educação, jornalista, escritor e diretor da Biblioteca Nacional Argentina. Sua obra revela então as características de um personagem que se envolveu em diversos setores da intelectualidade argentina na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Minha maior preocupação neste trabalho foi analisar suas obras de viagem, que são, possivelmente, seus trabalhos de maior destaque. O objetivo central foi compreender como o autor franco-argentino vivenciou suas viagens pelo continente americano, entendendo sua dupla esfera de pertencimento, a francesa e a argentina, como chave essencial para as leituras que ofereceu dos países visitados. Ao analisar suas leituras sobre o Chile, Peru, Panamá e México, podemos ainda perceber os valores essenciais para o projeto de país que idealizou para a Argentina.

Para alcançar meus objetivos, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro, de caráter mais geral, buscou funcionar como um pano de fundo para que o personagem Groussac fosse apresentado. Ao mesmo tempo em que busquei, através da análise de sua primeira viagem de regresso à França em 1883, demonstrar como esta foi um experiência fundamental para que o autor se decidisse por permanecer definitivamente no país adotivo. Mostrei também que a viagem à França deixou claro ao autor que, no país adotivo, os degraus para sua carreira e seu reconhecimento como intelectual de primeira categoria já estavam construídos. Em contrapartida, no país natal, seria necessário galgar uma série de obstáculos para que conseguisse adentrar os círculos intelectuais que visitou como expectador passivo. Na ocasião, o personagem, que contava com seus 35 anos, já havia traçado as condições que lhe permitiriam ascender na carreira na Argentina, mas não na França.

Porém, para ser, em definitivo, reconhecido tanto na Argentina quanto no exterior, viver em uma província interiorana como Tucumán não era favorável. Portanto, ao regressar à Argentina, abandonou o interior e se mudou para a maior cidade do país, Buenos Aires. Em Buenos Aires, junto com amigos, fundou e dirigiu o periódico *SudAmérica*, o qual abandonou por desacordos políticos. Logo, em 1885, conseguiu seu principal cargo público, a cadeira de diretor da Biblioteca Nacional, ocupação que lhe permitiu dedicar-se inteiramente ao trabalho intelectual, ao contrário da maioria de seus pares, que deveriam exercer outras funções para se

sustentar. Tal atividade lhe permitiu interferir de forma direta e contundente no meio intelectual no qual viveu: fundou periódicos, travou debates públicos, buscando com que sua voz fosse também um elemento de autoridade.

Tendo em vista a posição que Groussac ocupou nesse cenário histórico, parti para a análise de seus textos de viagem. Durante um simpósio, em 2011, tive a oportunidade de ouvir a apresentação da professora Kátia Baggio. Em tal ocasião, seu tema foi a viagem de Manoel de Oliveira Lima à Argentina. A pesquisadora, então, salientava a carência de análises sobre obras de viagens de autores latino-americanos visitando países latino-americanos, ao mesmo tempo em que ressaltava o grande número de trabalhos que tinham como principais objetos de pesquisa a produção de viajantes europeus pelo continente. Em tal evento, ainda foram apresentados trabalhos que tinham em Humboldt e suas análises sobre o Brasil seu foco central. Tais apresentações me despertaram grande interesse, uma vez que, no mesmo período, eu tivera meu primeiro contato com *Del Plata al Niágara*. Na ocasião, o tema de meu mestrado não focava necessariamente nessa questão, mas a afirmação e a própria carência de análises acerca da fonte sobre a qual eu me debruçava, despertaram grandemente minha atenção.

Dessa maneira, esta tese propôs-se a colaborar para que tal desconhecimento mútuo entre países latino-americanos também diminuísse e para que fosse também claro para nós, como latino-americanos, perceber outros latino-americanos em uma conjuntura específica, o fim do século XIX e o início do XX. A eleição de Groussac e de sua obra como temas que ajudassem a sanar tal questão foi ainda mais complicada pelo fato de o personagem não ser um nativo americano, mas um imigrante. Compreendi, então, que o autor escolhido como objeto de pesquisa abarcava os dois universos em questão em sua formação, era europeu por nascimento e na França vivera até os 17 anos, e americano por conta dos longos anos que viveu na Argentina, de 1866 a 1929. Suas observações traziam, assim, características do clássico viajante europeu que atravessava o “exótico” continente e do americano, familiarizado com as complexas culturas que encontrava.

O capítulo 2 dedicou-se, então, a pensar suas viagens pelas Américas do Sul e Central. Groussac vivenciou um continente de complexas características, em um momento no qual buscavam as jovens nações a consolidação e o reconhecimento de suas identidades nacionais. Sua percepção sobre os países visitados revela essa complexidade, que se mostra também nas considerações paradoxais que o autor fez durante seu deslocamento. É claro que muito das linhas escritas pelo autor estavam ainda marcadas pelo cientificismo do século XIX, o que se mostrou em suas considerações racistas e de determinismo geográfico, sobretudo na América

do Sul. Por outro lado, suas notas nos mostram um personagem que ainda não havia cedido completamente ao ceticismo e conservava certo olhar positivo sobre o que havia visto.

A grandeza natural americana, no entanto, não era o suficiente para que essas terras fossem países bem sucedidos. Durante sua travessia pela América Latina, o que o autor percebeu como civilização compreendia a forma pela qual esses estados incorporaram e fizeram uso das inovações e pensamentos europeus. Os países mais aptos ao desenvolvimento eram, portanto, aqueles que melhor incorporaram e deglutiram o conhecimento e a cultura que vinham da Europa.

Todas essas questões ficaram especialmente claras quando de sua passagem pelo Chile, Peru, Panamá e México, contribuindo para que ficasse mais nítida a sua impressão de que a Argentina seria o país mais apto para alcançar seu desenvolvimento porque era a que possuía maiores características incorporadas da Europa, sendo o fator determinante a imigração. Em contrapartida, Chile, Peru e México conservaram suas populações predominantemente indígenas, o que seria um dos fatores do seu atraso, em comparação ao *boom* de imigrantes que chegaram à Argentina no fim do século XIX, o que fora decisivo para a história do país. Na perspectiva groussaquiana, tal imigração foi fundamental para a superioridade argentina em relação a seus vizinhos.

Outra questão fundamental em seus relatos foi a originalidade. Foi uma preocupação contínua do autor a originalidade que deveria ser inerente aos países, à sua cultura, às suas artes, intelectualidade e tecnologia. Quando atravessou o continente americano, a falta de originalidade que percebia foi um dos aspectos que mais salientou. No Chile, o envio de artistas e intelectuais à Europa os fazia indivíduos apenas copistas. E mesmo que, na Argentina, a capacidade de questionamento fosse considerada pelo autor, como maior, o forte apelo à cópia foi algo que o incomodava. Embora fosse crítico dos modelos existentes e crente na superioridade da arte europeia e na inferioridade da cultura indígena, Groussac não conseguiu criar um modelo a ser seguido por esse continente para se tornar original. Em sua percepção, não existia a possibilidade de originalidade na absorção de estilos diversos.

Ao adentrar os Estados Unidos em 1893, saindo do México, tal questão o acompanhou como fator fundamental. Crítico da sociedade estadunidense, encarada como modelo por diversos viajantes argentinos que o antecederam, Groussac viu no país um exemplo da falta de originalidade que vinha assinalando durante toda a sua travessia pelo continente. Se homens como Sarmiento viram nos EUA uma potência que deveria servir de modelo para os demais países, Groussac assinalou vigorosamente a sua mediocridade. Tal tendência se revelava em suas construções, na Exposição Universal, na educação pública e na arte. Para

Groussac, as cidades norte-americanas refletiam a tendência a ser cópia de construções europeias, ao mesmo tempo em que buscavam se destacar pelo gigantismo. Dessa forma, a beleza de um edifício seria equivalente ao valor gasto em sua construção.

Suas viagens pela América Latina e a oportunidade de vivenciar as consequências de governos ditatoriais, como o de Porfírio Díaz no México, fizeram com que o autor mudasse de opinião quanto à possibilidade de defender o aparecimento de uma figura forte que conseguisse liderar o confuso mundo político desses estados. Nada justificava para ele a tirania, a ditadura e o silenciamento da oposição. O silêncio sepulcral que o sufocou no México deu-lhe a certeza de que aquela forma de governo levava os países à ruína. A democracia norte-americana não se mostrou, para ele, como algo mais proveitoso, mesmo salientando os aspectos positivos da Constituição estadunidense. Porém, devido a sua maleabilidade e a sua capacidade de unir todos os estados norte-americanos, tal Constituição nunca poderia ser imitada pelos países latino-americanos, sobretudo pela Argentina. Somava-se a isso o fato de que percebia o sistema como falho, tendente à corrupção e ao nepotismo, como pôde constatar quando de sua passagem por Washington. O sistema democrático era, ainda, o que levava o país à mediocridade: na educação, por exemplo, o nivelamento dos alunos dificultava o aparecimento dos gênios. Ao mesmo tempo, o nivelamento democrático impedia que uma elite aristocrática guiasse o povo, o que se refletiria, em sua opinião, na ditadura da maioria.

Ao chegar à Europa em 1894, profundamente marcado por suas viagens americanas, decepcionou-se também com o que encontrou. Na França, as tendências norte-americanas desembarcavam. Seus amados pensadores da adolescência desapareciam e nas novas gerações o autor não localizou nomes que pudessem substituir seu talento. A viagem de 1898 intensificou tal percepção, uma vez que a especialização dos saberes se fazia mais presente, ao mesmo tempo em que uma sociedade cada vez mais globalizada se tornava, na perspectiva de Groussac, cada vez mais materialista. Nesse contexto, seu papel como intelectual de destaque na Argentina já havia se consolidado. As viagens de regresso a Paris funcionavam como elemento de autoridade e distinção. Suas narrativas acerca de suas viagens parisienses revelam como suas expectativas em relação à terra natal também foram se modificando ao longo de sua vida.

Suas experiências de viagem, bem como a experiência do próprio exílio transparecem também em seus trabalhos de literatura. O último capítulo desta tese buscou, assim, analisar alguns desses textos, os quais o próprio autor considerou emblemáticos, reunindo-os em *Relatos Argentinos* (1922). No geral, seus personagens invariavelmente remetem à Europa, ao

ato de viajar, ao abandonar a casa para se lançar ao desconhecido. Em *El Número 9090*, o personagem central é um jovem francês que tenta a sorte na Argentina, onde chega sem capital e sem conhecidos. As aventuras de Daniel revelam, em muitos momentos, as aflições que acometeram o próprio Groussac: as dificuldades para se estabelecer no país, os golpes de má sorte, o trabalho como professor e o anseio de regressar à terra natal como um literato de sucesso.

El Hogar desierto revela mesmo o estranhamento que acometia um velho desterrado como Dom Martín quando, após décadas de permanência nos pampas argentinos, onde fez fortuna, tenta regressar com a família à França.

Somadas a essas questões, a Argentina do século XIX é retratada nessas “novelitas”, sobretudo Buenos Aires. Podemos apreender como o autor vivenciou a Buenos Aires de finais do século XIX, suas ruas e centros comerciais, funcionando como pano de fundo para as aventuras de seus personagens a própria história do país, o que envolveu enriquecimentos e crises econômicas, conflitos armados, chegada de imigrantes, debates intelectuais e a construção da própria identidade do país.

Por fim, cabe salientar mais uma vez que a obra de Groussac, por muito tempo, foi relegada a um segundo plano da literatura argentina, o que independe de sua qualidade. O autor foi um escritor reconhecido por seu estilo por homens de renome como Rubén Darío, Alfonso Reyes e Jorge Luis Borges, cuja obra muitas vezes remete a Groussac. Com a profissionalização do meio intelectual argentino e a crescente especialização dos saberes, Groussac, já no início do século XX, figurava em um segundo plano nesse novo cenário, somando-se a tal condição o fato de nunca ter assumido a cidadania argentina. Quando da morte de Groussac, em 1929, Borges afirmou que o fato de ele ser um escritor quase invisível na Europa faria também com que fosse desprestigiado na República Argentina, sendo impossível, porém, que Groussac não “quedase”.

Penso que, com esta tese, consegui demonstrar que Borges estava certo, para os que se aventuram a compreender a formação do meio intelectual argentino, sua historiografia e literatura é impossível não esbarrar com o nome e a obra de Paul Groussac.

FONTES

CAPELO, Joaquín. *Sociología de Lima*. 3 Volumes. Lima: Imprenta Masias, 1895.

GROUSSAC, Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

_____. Discurso. In: *España y Estados Unidos*. Conferencias de los señores Dr. Roque Sáenz Peña, Paul Groussac y Dr. José Tarnassi. Compañía Sud-America de Billetes de Banco. Buenos Aires, 1898.

_____. *Noticia sobre la Biblioteca de Buenos Aires (1810-1901)*: Edición conmemorativa de su instalación en el nuevo edificio inaugurado el 27 de diciembre de 1901. Buenos Aires: Imprenta Tipografica de la Biblioteca Nacional, 1901.

_____. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Primera serie. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1904.

_____. *El viaje intelectual: impresiones de naturaleza y arte*. Segunda serie. Buenos Aires: Jesús Menéndez editor, 1920.

_____. *Roque Sáenz Peña: Presidente de la República*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1909.

_____. *Los que pasaban*. Buenos Aires: Jesús Menéndez Librero Editor, 1918.

_____. *Relatos argentinos*. Segunda edición. Madrid: Talleres Poligráficos, 1922.

_____. *La Diviza Punzó: época de Rosas*. Buenos Aires: Jesús Menéndez e Hijo, librerías editores, 1923.

_____. *Crítica Literaria*. Buenos Aires: Jesús Menéndez e hijo Librerías Editores, 1924.

Revistas publicadas sob sua supervisão:

La Biblioteca, 8 volumes, 1896-1898.

Anales de la Biblioteca, 10 volumes, 1900-1915.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. El relato de Viajes: hitos y formas en la evolución del género. IN: *Revista de Literatura*. Vol.73, n.145, pag. 15-34, 2011. Disponível em: <http://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/viewArticle/250> Acesso em: 13 jan. 2017.

ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAGGIO, Kátia Gerab. As viagens, seus relatos e os intercâmbios intelectuais entre brasileiros e hispano-americanos. In: FERNANDES, Luis Estevam de Oliveira (org.). *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

BENARÓS, León. *Paul Groussac en el archivo general de la Nación*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: Da Independência a 1870*. Vol. III. Tradução de Maria Clara Cescato. 1.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

BIASI, Susana. Los intelectuales y sus opciones en la década de 1920. In: *Épocas - Revista de Historia - usal - núm. 3, dic. 2010*.

BORGES, Jorge Luis. Paul Groussac. *OCC Tomo I (1923-1949)*. Buenos Aires: Emecé, 1996. Disponível em: <http://borgestodoelanio.blogspot.com.br/2016/03/jorge-luis-borges-paul-groussac.html> Acesso em: 8 set. 2016.

_____. *El hacedor*. In: *Jorge Luis Borges: obras completas*. Vol.2. Barcelona: Emecé Editores S.A, 1989.

BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005.

_____. *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2011.

_____. Estados Unidos como caleidoscopio. Ensayo sobre las observaciones de viajeros y diplomáticos argentinos del fin de siglo. IN: *Revista Complutense de Historia de América*. vol. 39, p. 23-38, 2013.

_____. Entre el ideal mundo letrado francés y la gran aldea argentina. Paul Groussac y su obra. In: *Los lugares del saber*. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno. Rosário, 2007.

_____. La vida letrada porteña entre 1860 y el fin-de-siglo. coordinadas para un mapa de la elite intelectual. In: *Anuario IEHS* 24. 2009.p. 339-368. Disponível em: <http://www.unicen.edu.ar/iehs/files/> Acesso em: 10 ago. 2015.

CÁMPORA, Magdalena. El modelo Rastignac. In: *El matadero*, nº.8, 2014.

CAPELATO, Maria Helena. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História*. V. 22. nº. 2. Franca. 2003.

CLASES, Manuel de. *Argentina e Chile: 200 años de relaciones bilaterales: actores estatales y no estatales*. Versión preliminar, Santiago de Chile, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/4083336/Argentina_y_Chile_200_a%C3%B1os_de_relaciones_bilaterales._Actores_estatales_y_no_estatales Acesso em: 13 mar. 2017.

COLOMBI, Beatriz. *Viajes y desplazamientos en el fin de siglo*. 2002. 301 p. Tese (Doutorado em Letras). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2002.

_____. *Viaje Intelectual: migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2004. p. 72.

_____. El Viaje, de la práctica al género. In:___ MARINOTE, Mónica y TINEO, Gabriela (Editoras). *Viaje y relato en Latinoamérica*, Buenos Aires: Katatay, 2010, pp. 287-308.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de (org). *Relatos de Viagem como Fontes à História*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

DARÍO, Rubén. Edgar Allan Poe. In: *Rubén Darío Obras Completas*. Tomo I, II, III. Madrid: Afrodisio Aguado, 1950.

DARWIN, Charles. *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*. Trad. J. Hubert. Buenos Aires: Librería el Ateneo, 1942.

_____. *A origem das espécies: a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2014.

DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter (org.). *O código Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. O México na “Polêmica do Novo Mundo”: humanismo, catolicismo, história natural e ilustração. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº 5, 2006. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1368/1239> Acesso em: 22 fev. 2019.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O Crocodilo e Notas de Inverno sobre impressões de Verão*. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DUNCAN, Tim. La Prensa Política: Sud-América, 1884-1892. In: FERRARI, Gustavo y GALLO, Ezequiel (org.). *La Argentina del Ochenta al Centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980. pp. 761-783.

ELGUETA, Elena Duplancic de. Literatura argentina. El viaje como posibilidad de autodescubrimiento. *Revista de Literaturas Modernas*, Mendoza, n. 26, p. 189-199, 1993. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcb9b5> Acesso em: 20 jun. 2016.

ESPÓSITO, Fabio. Los folletines del diario Sud-América. Las novelas de los patricios en la prensa política de 1880. *Anclajes*, vol. IX, n. 9, dezembro de 2005, pp. 39-51. Universidad Nacional de La Pampa: Santa Rosa, Argentina. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=22435819002> Acesso em: 19 abr. 2019.

ESTRADA, Ezequiel Martínez. *Radiografía de la Pampa*. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA, 1996.

EUJANIAN, Alejandro. “Paul Groussac y la crítica historiográfica en el proceso de profesionalización de la disciplina histórica en la Argentina a través de dos debates finiseculares”. In: *Estudios Sociales*, n.9, Santa Fe, segundo semestre de 1995.

EVELING, Daniel. *Pelo prisma de Stendhal: um olhar do literato sobre si, Napoleão, a Corte e a Aliança trono altar*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, 2016.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERNANDES, Luis Estevam de Oliveira. *História da América historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

FIRBAS, Paul. “Gallardas damas”: Lima colonial como ciudad-mujer. In: *Hostos Review: An International Journal of culture*. nº. 3, p. 255-266, 2005.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2008.

____. Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez. *História da historiografia*. Ouro Preto, nº 7, p. 157-172, nov./dez. 2011.

GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIMENES, Gabriela Xabay. A Exposição Universal de Chicago (1893): reflexões sobre o lugar dos Estados Unidos no mundo na virada do século XIX para o XX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, nº. 22, p. 147-181, Jan./Jun., 2017. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

____. *O queijo e os vermes*. Companhia das Letras: São Paulo, 1987.

GRUS, Viviane Inés Oteiza. *Le Courier de la Plata: Un diario republicano francés en el Río de la Plata*. Buenos Aires: Editorial Académica Española, 2012.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freyre Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: *Cadernos de Seminários de Pesquisa*[S.l: s.n.], 2011.

LACAPRA, Dominick. Repensar la História Intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Jose Elias. *Giro Lingüístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1986.

LENZ, Maria Heloisa. A crise argentina de 1890: dívida e instabilidade externa. In: *Análise econômica*, Porto Alegre, ano 28, n.54, p. 225-248, set. 2010.

LOSADA, Leandro. La alta sociedad, el mundo de la cultura y la modernización en la Buenos Aires del cambio del siglo XIX al XX. *Anuario de Estudios Americanos*, n 63, vol. 2, Sevilla julio-diciembre, 2006.

_____. *Historia de las elites en la Argentina: Desde la conquista hasta el surgimento del peronismo*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 6. nº. 24, Rio de Janeiro, p. 389-411, janeiro de 1845.

MITRE, Antonio. *O Dilema do Centauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MYERS, Jorge. Língua, história e política na identidade argentina, 1840-1880. In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (org.) *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.

MORSE, Richard. Latin American Intellectuals and the City, 1860-1940. *Journal of Latin American Studies* v. 10, nº 2, p. 9-238, 1978.

MORSE, Richard. Cities as Peoples. In: MORSE, Richard M.& HARDOY, Jorge E. (org). *Rethinking Latin American City*. Washington DC/Baltimore and London: The Wilson Center Press/The John Hopkins University Press, 1992, p. 3-19.

MORSE, Richard M. *Cidades e cultura política nas Américas*. Organização Beatriz Helena Domingues. Trad. Maria Bitarello. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017.

NETO, Daiana Pereira. *De Paul Groussac a Richard Morse: Apropriações e releituras de A Tempestade de Shakespeare*. Dissertação de mestrado, 2013, 129 p. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013..

NETO, Mauro Franco. *Ciência, evolução e experiência do tempo no fim de siècle: estudos e revisões sobre letrados brasileiros e argentinos*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2015.

_____. *Official Views of the World's Columbia exposition issued by the department of photography*. C. D. Arnold; H. D. Higinbotham, official photographers. Press Chicago photogravure, 1893.

Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t4dn51681;view=1up;seq=5> Acesso em: 12 jan. 2019.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e posts scriptum*. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

POSTERNACK, Laura. *Los relatos de viaje de Groussac y Sarmiento a Estados Unidos como construcciones ideológicas*. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v18/posternak.html>> Acesso em: 18 fev. 2019.

POZZI, Pablo A. Los Estados Unidos y Sarmiento: Una visión para el desarrollo nacional. Disponível em: <https://www.academia.edu/7009201/LOS_ESTADOS_UNIDOS_Y_SARMIENTO_UNA_VISI%C3%93N_PARA_EL_DESARROLLO_NACIONAL> Acesso em: 19 fev. 2019.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. Arca: Montevideo, 1998.

RITTER, Luis Pulido. *Modernidad en movimiento: transitismo, cosmopolitismo y transnacionalidad en la ciudad letrada panameña*. s/e: s/d. Disponível em: http://istmo.denison.edu/n21/articulos/4-pulido_ritter_luis_modernidad_form.pdf Acesso em: 24 mai. 2017.

RODRÍGUEZ, Carlos Aquino. Acerca de los estudios sobre China en el Peru. *Pensamiento Crítico*. Vol.18, n. 2, 2013, p. 7-18. Disponível em <revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/econo/.../7579> Acesso em: 10 out. 2016.

ROJAS, Ricardo. *El profeta de la pampa: vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Editora Guillermo Kraft Limitada, 1962.

ROMERO, José Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Editora A_Z, 1998.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.46-60.

_____. *Fora do lugar: memórias*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução Julio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes por Europa, África i América*. In: *Obras de Domingo F. Sarmiento*. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1886.

STORTINI, Julio. Teoría, método y práctica historiográfica en Paul Groussac. In: *Estudios de historiografía I*. Buenos Aires: Biblos, 1997.

TIO, Gabriela Vallejo. Entre la confianza en el progreso y el fantasma del determinismo: el viaje de Groussac y los diagnósticos sobre América Latina. In: *X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional del Rosario. Departamento de Historia de la Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad Nacional del Litoral, Rosario. 2005. Disponível em: <http://www.academica.org> Acesso em: 21 fev. 2017.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático*. Tradução Eduardo Brandão; prefácio, bibliografia e cronologia Francois Furet. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. *Nosotros y los otros: reflexión sobre a diversidad humana*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

VIÑAS, David. *La Mirada a Europa: del viaje colonial al viaje estética*. Biblioteca Virtual Universal, 2010. Disponível em: www.biblioteca.org.ar/libros/155371.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

_____. *De Sarmiento a Dios: Viajeros argentino a USA*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

_____. Groussac, las ironías y los privilegios. In: *Caravelle*, n°70, 1998. P.288-298. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1998_num_70_1_2795 Acesso em: 02 abr. 2017.

ZEA, Leopoldo; MAGALLÓN, Mario. *1898 ¿Desastre o Reconciliación?*. México DF: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 2000.

ANEXO 1



Plano da cidade de Santiago, por Nicanor Boloña, 1895.